UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Marília

William Albano Rocha

ASSENTAMENTO DE EMPRESA TRANSNACIONAL NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM OLÍMPIA E REGIÃO: progresso para quem?

Marília
2023

William Albano Rocha

ASSENTAMENTO DE EMPRESA TRANSNACIONAL NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM OLÍMPIA E REGIÃO: progresso para quem?

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de concentração: Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Relações Internacionais e Desenvolvimento.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela de Lima Vieira

Marília
2023

R672a

Rocha, William Albano
Assentamento de empresa transnacional no setor sucroalcooleiro em Olímpia e região : progresso para quem? / William Albano Rocha. -- Marília, 2023
205 p. : il., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Rosângela de Lima Vieira

1. Cana-de-açúcar. 2. Empresa transnacional. 3. Ex-cortadores de cana. 4. Progresso. 5. Setor sucroalcooleiro. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Nome: William Albano Rocha
Título: Assentamento de empresa transnacional no setor sucroalcooleiro em Olímpia e região: progresso para quem?

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus de Marília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, linha de pesquisa Relações Internacionais e desenvolvimento.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela de Lima Vieira
Instituição: UNESP – Marília-SP

Profa. Dra. Silvia Aparecida de Sousa Fernandes
Instituição: UNESP – Marília-SP

Prof. Dr. Francisco Luiz Corsi
Instituição: UNESP– Marília-SP

Prof. Dr. Daniel Damásio Borges
Instituição: UNESP– Franca-SP

Profa. Dra. Joana Tereza Vaz de Moura
Instituição: UFRN – Natal-RN

Marília – SP, 27 de setembro de 2023

Dedico este trabalho à minha mãe Solange e ao
meu pai David, por sempre apoiarem os meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Dedico esta tese aos meus pais, Solange e David. Gratidão a vocês pelo carinho, respeito e parceria durante esses mais de quatro anos de curso. Amo vocês!

Agradeço aos meus familiares (Valéria, Claudete e José) por estarem sempre ao meu lado, em especial à minha vó, Anézia, e ao meu avô, Euclides.

Agradeço a todos os meus amigos, bem como aqueles que sempre fizeram e fazem parte da minha trajetória, em especial, Abdiel, Aléxia, Larissa, José, Fernando e João. Obrigado por todo o suporte e incentivo que me deram durante todo o processo de doutorado.

Agradeço a todos os docentes que tive o prazer de conhecer, pois, sem dúvidas, contribuíram para o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Agradeço a todos os funcionários da Unesp/Marília que me auxiliaram durante o doutorado.

Gratidão a todos os meus amigos especiais que conheci durante o doutorado e compartilharam comigo esta jornada acadêmica. Em especial, Andréia, Guilherme e Luiz, obrigado por todo o incentivo e por estarem presentes em todos os momentos dessa trajetória.

Ao meu amigo de mestrado, Adriano Pires, por todo o apoio que me deu durante os últimos anos. À minha amiga de mestrado e doutorado, Bruna Morato, pois sem o seu incentivo, hoje não estaria realizando este grande sonho.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Rosângela de Lima Vieira, por todo ensinamento, empatia e parceria. Digo que Deus escolhe certo as pessoas que cruzam os nossos caminhos e tenho a plena convicção que você foi uma dessas pessoas. Gratidão por tudo o que você fez por mim, pelo caminhar, pelo companheirismo, pelas orientações e pela força ímpar para que eu conseguisse chegar até esta defesa.

Gratidão meu Deus por sempre me sustentar.

“[...] o mundo era grande. Mas tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada, a narração dos outros, de volta de viagens. ”

João Guimarães Rosa (1972, p. 124)

Rocha, William Albano. Assentamento de empresa transnacional no setor sucroalcooleiro em Olímpia e região: progresso para quem? 2023. 205 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília/SP, 2023.

RESUMO

A presente pesquisa apresenta um estudo sobre os impactos do assentamento da empresa transnacional Tereos, em Olímpia – SP, e em Severínia – SP. Objetivou-se, a partir de um estudo de caso, de caráter qualitativo, analisar a experiência de dez ex-cortadores de cana no setor sucroalcooleiro dessa região, a fim de verificar quais são, nas perspectivas deles, os impactos ocorridos com a utilização da mecanização pela empresa no setor. O trabalho, portanto, teve como tese analisar o assentamento de empresa transnacional, buscando identificar, de acordo com as entrevistas e o referencial teórico, os impactos desse novo modelo de produção, via mecanização, pela agroindústria canavieira e como esse novo modelo se relaciona com as novas tecnologias de produção, identificando quais foram os impactos causados por esse processo industrial na vida desses ex-cortadores de cana, a fim de comprovar que a definição de industrialização não é sinônimo de desenvolvimento nessa região, e que os impactos dessa atuação favorecem países de núcleo orgânico, enquanto países semiperiféricos absorvem o mínimo desses benefícios. A metodologia é qualitativa, através de um estudo de caso, sendo tanto baseada na coleta de dados quanto na análise de dados. Justifica-se a pesquisa pelo tema ser de suma relevância no mundo atual e pelo grande avanço da implantação da mecanização na produção de cana-de-açúcar em Olímpia e Severínia. Concluímos, portanto, que o uso da mecanização pela empresa analisada não mudou, nas perspectivas da maioria dos entrevistados, a vida desses ex-cortadores de cana. A redução de postos de trabalho, o aumento da produção e da lucratividade dessa nova fase industrial pela empresa impactou negativamente os trabalhadores, vez que as promessas de políticas públicas compensatórias nessa transição não aconteceram. A falta de novas oportunidades no setor pela empresa, como qualificação profissional, recolocação em setores de maior especialização, bem como novas condições salariais e laborais, não foram efetivadas na prática. À vista disso, o progresso nessas localidades não pode ser equiparado à industrialização, pois como define Arrighi (1997), ela é um meio de se chegar ao desenvolvimento, mas não um fim. Ainda, o desenvolvimento econômico, em nossa perspectiva, ultrapassa a ideia de industrialização, indo além, atrelando-se, inclusive, ao bem-estar e a qualidade de vida desses sujeitos, nos quais os ganhos sociais façam parte do progresso nessas localidades e principalmente para a vida desses trabalhadores, o que de fato não aconteceu. O impacto desse assentamento arraigado de inovações tecnológicas, exploram ainda mais essa região, excluindo condições mais benéficas aos trabalhadores, em que pese a paralisação da unidade de Severínia, que impactou diretamente na arrecadação do município, o que incidiu na diminuição de investimentos em pilares fundamentais e essenciais à prestação de serviços públicos. Portanto, é ilusório afirmarmos que o desenvolvimento econômico é sinônimo de industrialização, pois o assentamento de empresas transnacionais, atrelado a incentivos de maiores inovações tecnológicas pelo governo brasileiro, via mecanização, só aumentam o poder de capital e lucratividade dessas empresas em

detrimento aos direitos dos trabalhadores, inviabilizando os ganhos sociais nessas localidades exploradas.

Palavras–chave: cana-de-açúcar; empresa transnacional; ex-cortadores de cana; progresso; setor sucroalcooleiro.

Rocha, William Albano. Assentamento de empresa transnacional no setor sucroalcooleiro em Olímpia e região: progresso para quem? 2023. 205 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília/SP, 2023.

ABSTRACT

This research presents a study on the impacts of the settlement of the transnational company Tereos, in Olímpia – SP, and in Severínia – SP. The objective, from a case study, of a qualitative nature, was to analyze the experience of ten former sugarcane cutters in the sugar and alcohol sector in this region, in order to verify what, from their perspectives, are the impacts that occurred with the use of mechanization by the company in the sector. The work, therefore, had as its thesis to analyze the establishment of a transnational company, seeking to identify, according to the interviews and the theoretical framework, the impacts of this new production model, via mechanization, by the sugarcane agroindustry and how this new model relates to new production technologies, identifying the impacts caused by this industrial process on the lives of these former sugarcane cutters, in order to prove that the definition of industrialization is not synonymous with development in this region, and that the impacts of this action favor countries of organic core, while semi-peripheral countries absorb the minimum of these benefits. The methodology is qualitative, through a case study, being based both on data collection and data analysis. The research is justified because the topic is extremely relevant in today's world and because of the great advances in the implementation of mechanization in sugarcane production in Olímpia and Severínia. We conclude, therefore, that the use of mechanization by the company analyzed did not change, from the perspectives of most of those interviewed, the lives of these former sugarcane cutters. The reduction of jobs, the increase in production and profitability of this new industrial phase by the company had a negative impact on workers, as the promises of compensatory public policies in this transition did not happen. The company's lack of new opportunities in the sector, such as professional qualification, relocation to more specialized sectors, as well as new salary and working conditions, were not implemented in practice. In view of this, progress in these locations cannot be equated with industrialization, because as Arrighi (1997) defines, it is a means of achieving development, but not an end. Furthermore, economic development, from our perspective, goes beyond the idea of industrialization, going further, even linking itself to the well-being and quality of life of these subjects, in which social gains are part of progress in these locations and especially for the lives of these workers, which in fact did not happen. The impact of this deep-rooted settlement of technological innovations further exploits this region, excluding more beneficial conditions for workers, despite the shutdown of the Severínia unit, which directly impacted the municipality's revenue, which resulted in a decrease in investments in fundamental pillars. and essential to the provision of public services. Therefore, it is illusory to assert that economic development is synonymous with industrialization, as the establishment of transnational companies, linked to incentives for greater technological innovations by the Brazilian government, via mechanization, only

increase the capital power and profitability of these companies to the detriment of the rights of workers, making social gains in these exploited locations unfeasible.

Keywords: sugar cane; transnational company; former sugarcane cutters; progress; sugar and alcohol sector.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tabela a ser observada de acordo com a Lei nº 11.241/2002 para a redução de queimadas.....65
Figura 2 - Mapa da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no Brasil..... 68
Figura 3 - Gráfico da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no Brasil..... 68
Figura 4 - Mapa da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no estado de São Paulo.....69
Figura 5 - Gráfico da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no estado de São Paulo.....69
Figura 6 - Região metropolitana de São José do Rio Preto (RMSJRP).....70
Figura 7 - Mapa do estado de São Paulo, tendo em destaque o município de Olímpia-SP.....71
Figura 8 - Maria Olímpia.....73
Figura 9 - Registro da Estação de Olímpia no ano de 1941. 76
Figura 10 - Registro da Estação de Olímpia no ano de 2000. 77
Figura 11 - Registro da Estação de Olímpia reformada e reaberta em 2021..... 77
Figura 12 - Mapa detalhado de Olímpia.....77
Figura 13 - Série histórica da quantidade de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Olímpia.....82
Figura 14 - Série histórica do valor de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Olímpia.....82
Figura 15 - Mapa do estado de São Paulo com destaque para a localização de Severínia-SP.....85
Figura 16 - José Severíno de Almeida (Fundador de Severínia).....86
Figura 17 - Inauguração da estação ferroviária do município com a placa indicativa da localidade.....86
Figura 18 - Usina de açúcar e aguardente Guarani.....87
Figura 19 - Série histórica da quantidade de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Severínia.....88
Figura 20 - Série histórica do valor de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Severínia.....88
Figura 21 - Tabela da estimativa da mecanização no estado de São Paulo.....94

Figura 22 - Divisão Político-Administrativa – Regiões administrativas, regiões de governo e regiões metropolitanas.....95
Figura 23 - Vendas, em bilhões, de etanol hidratado no país.....105
Figura 24 - Relatório 2020/2021 (Política de sustentabilidade – Tereos).....108
Figura 25 - Mapa do Brasil.....125
Figura 26 - Remessas de lucros e dividendos por macrossetor. 155

Quadro 1 - Quadro disponibilizado pelo site oficial da Prefeitura Municipal de Olímpia, no qual informa o município em números..... 78
Quadro 2 - Olímpia: distribuição do PIB Municipal em 2020..... 83
Quadro 3 - Olímpia: produção agropecuária em 2021..... 83
Quadro 4 - Olímpia: rebanho em 2021..... 84
Quadro 5 - Distribuição do emprego formal em Olímpia por divisão da CNAE em 2021.....84
Quadro 6 - Severínia: distribuição do PIB Municipal em 2020..... 89
Quadro 7 - Severínia: produção agropecuária em 2021.....89
Quadro 8 - Severínia: rebanho em 2021..... 90
Quadro 9 - Distribuição do emprego formal em Severínia por divisão da CNAE em 2021.....90
Quadro 10 - Atuação Global do Grupo Tereos.....106
Quadro 11 - Perfil dos sujeitos entrevistados..... 122
Quadro 12 - Comparativo: corte manual x corte mecanizado.....161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANP	Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis
Cap.	Capítulo
CFSPG	Companhia Ferroviária São Paulo-Goiaz
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CNH	Carteira Nacional de Habilitação
CRFB/88	Constituição da República Federativa do Brasil 1988
DIT	Divisão Mundial do Trabalho
Ed.	Edição
EDR	Distribuição dos municípios por escritório de desenvolvimento rural
ETNs	Empresas Transnacionais
EUA	Estados Unidos
F&A	Fusões e Aquisições
Feraesp	Federação dos Empregados Rurais Assalariados do estado de SP
Html	HyperText Markup Language
Http	Hype Text Tranfer Protocol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEA	Instituto de Economia Agrícola
Nº	Número
NAFTA	Acordo Geral de Livre Comércio da América do Norte

OMC	Organização Mundial de Comércio
Org.	Organização
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
P.	Página
PIB	Produto Interno Bruto
PNB	Produto Nacional Bruto
PNBs	Produtos Nacionais Brutos
RA	Região Administrativa
S/A	Sociedade Anônima
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural
SP	São Paulo
TEA	Themed Entertainment Association
Vol.	Volume
www	World Wide Web

LISTA DE SÍMBOLOS

XXI	Vinte e um
XX	Vinte
XVIII	Dezoito
XIX	Dezenove
KM²	Quilômetro Quadrado
ha	Hectare
ºC	Celsius
Km	Quilômetro
R$	Real
Kg/ha	Quilograma/hora
%	Porcentagem
d-h	Dias-homens

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17
1 INDUSTRIALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO GLOBAL À LUZ DE GIOVANNI ARRIGHI: ILUSÃO OU REALIDADE? 29
2 PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E INOVAÇÕES TECONOLÓGICAS AO SETOR SUCROALCOOLEIRO NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM ESPECIAL OLÍMPIA E REGIÃO: ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS 57
2.1 Da história à atualidade da agroindústria no estado paulista e na região olimpiense: cultivo de café, de laranja e de cana-de-açúcar 58
2.2 Movimentos históricos em Olímpia – SP 71
2.3 Síntese histórica sobre o município de Severínia – SP 84
2.4 Os cortadores de cana-de-açúcar: a realidade precária do trabalho no setor sucroalcooleiro no estado de São Paulo 90
2.4.1 Breves relatos sobre a política energética do governo brasileiro e os impactos ao setor sucroalcooleiro 99
2.5 A atuação do Grupo Tereos em Olímpia e região 105
2.5.1 Incorporação da empresa Guarani S/A pelo Grupo Tereos 109
2.5.2 Paralisação da unidade de Severínia pelo Grupo Tereos no ano de 2022 115
3 PESQUISA DE CAMPO: PERSPECTIVAS DOS EX-CORTADORES DE CANA-DE-AÇÚCAR NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM OLÍMPIA 120
3.1 Dos sujeitos da pesquisa de campo 121
3.2 Políticas de acesso à qualificação profissional aos ex-cortadores de cana-de-açúcar durante e após o processo de mecanização pela empresa 126
3.3 O trabalho desempenhado por ex-cortadores de cana-de-açúcar antes e depois da mecanização no setor sucroalcooleiro 130
3.4 Recolocação profissional em setores de maior especialização após a implantação da mecanização 138
3.5 Perspectivas profissionais e salariais dos ex-cortadores de cana 143
3.6 Expectativas futuras dos sujeitos entrevistados 147
3.7 Análise de resultados da pesquisa 150

CONSIDERAÇÕES FINAIS 153
REFERÊNCIAS 164
APÊNDICE A 175
APÊNDICE B 176
APÊNDICE C 178

INTRODUÇÃO

O estudo sobre os impactos da mecanização no município de Olímpia – SP e arredores tem sua relevância a fim de verificarmos, de acordo com os dados obtidos nas entrevistas e os referenciais teóricos, primário e secundário, as medidas tomadas pela empresa transnacional Tereos frente ao trabalhador com a nova fase tecnológica.

Nesse sentido, verifica-se, ainda, quem foi alcançado pelo processo de industrialização via mecanização, ou seja, como esse novo modelo tecnológico de produção industrial, implantado pela agroindústria canavieira, se relaciona ou não aos ganhos sociais e como ele impactou a vida desses trabalhadores, utilizando como referencial teórico primário a obra de Giovanni Arrighi (1997), intitulada *A ilusão do desenvolvimento*, bem como autores secundários que possibilitaram afunilar ainda mais essa análise.

Desse modo, o estudo teve como análise o assentamento de empresa transnacional no setor sucroalcooleiro. O ponto de partida foi verificar, de acordo com as perspectivas de ex-cortadores de cana-de-açúcar, os impactos desse assentamento na cidade de Olímpia, no que tange à utilização da automação/mecanização após a promulgação da Lei nº 11.241/2002 pelo governo do estado de São Paulo. Ainda, buscou verificar a situação atual do município de Severínia com a paralisação da unidade de Severínia pela empresa Tereos.

O intuito do trabalho, por outras palavras, é o de buscar identificar, de acordo com as entrevistas e o referencial teórico, os impactos causados pela mecanização na agroindústria canavieira e como esse modelo se relaciona com as novas tecnologias de produção, e quais foram as consequências desse processo tecnológico na vida dos ex-cortadores de cana, objetivando, por fim, comprovar que a definição de industrialização não é sinônimo de desenvolvimento na região.

Nesse sentido, a vinda desse novo modelo de produção industrial, ainda mais tecnológico e industrializado, ocasionou impactos negativos, de acordo com as análises das entrevistas, no que tange aos ganhos sociais e à ausência de políticas públicas compensatórias na vida desses trabalhadores; como a falta de qualificação profissional, de recolocação em setores de maior especialização, de diminuição salarial, fazendo com que esses trabalhadores ocupassem postos de trabalho ainda precários.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram o levantamento bibliográfico, o de dados secundários e o trabalho de campo.

No que concerne às entrevistas, foram divididas em duas fases, a primeira com perguntas visando identificar o perfil dos entrevistados: nome, idade, gênero, escolaridade, profissão, cidade de origem, filhos, anos/meses trabalhados na empresa; e a segunda buscando compreender, através de um questionário, suas perspectivas em relação ao trabalho que desempenharam na empresa transnacional antes, durante e depois da vinda da mecanização no setor sucroalcooleiro, a fim de verificar quais impactos foram observados nessa transição tecnológica.

Para o recorte desta tese, foram entrevistados dez ex-cortadores de cana que mantiveram vínculo, direto ou indireto, com a empresa analisada, em que acompanharam ao longo de suas vidas o processo de mecanização, novo modelo de produção da agroindústria canavieira, no corte de cana, entre os anos de 2002 a 2023.

Insta observar que a pesquisa deste trabalho foi submetida ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), pois trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que os participantes foram abordados por indicação e conhecimento deste pesquisador, no que tange ao local de investigação. Não seguindo um método de definição de critérios de inclusão e exclusão claramente definidos. Ressalta-se que a inclusão na pesquisa correspondeu ao um grupo específico: ex-cortadores de cana-de-açúcar da empresa Tereos, mais especificamente da usina Cruz Alta, localizada no município de Olímpia.

À vista disso, este trabalho surge através de um olhar mais humano, buscando ouvir aqueles que raras vezes são ouvidos, comprovando na prática os sentimentos desses sujeitos entrevistados com o trabalho desempenhado no setor sucroalcooleiro e os olhares desses, no que tange a esse processo de industrialização e inovações tecnológicas ocorridas no setor.

Cabe observar que, a empresa transnacional Tereos possui uma grande liderança acerca da produção de açúcar, amido e álcool no Brasil, principalmente na região noroeste paulista, possuindo unidades instaladas em diversos municípios.

O movimento de globalização nos últimos tempos tornou-se um “fenômeno conhecido pelas crescentes relações de troca em nível mundial de relações, informações e mercadorias, que geralmente transpassam fronteiras” (MARCHETTO; ROCHA, 2018, p.122).

Nesse sentido, segundo Sufia (2006, p.156) “a globalização se define como um “termo usado principalmente para discutir essa nova economia mundial, governança

global e mídia, mas a globalização também afeta as culturas locais de várias maneiras.”

Conforme lição de Martinelle Júnior (1999),

> A globalização tem promovido importantes transformações econômicas e sociais, que afetam as formas concorrenciais e as estruturas produtivas de grande parte das atividades econômicas, bem como, no plano dos valores subjacentes às decisões de consumo, a própria dinâmica dos mercados consumidores finais. No plano econômico stricto sensu, a emergência de uma arena competitiva mundial induz as empresas a promoverem uma reestruturação produtiva, que pode ser observada pelas profundas mudanças tecnológicas, organizacionais e comerciais, bem como pelos movimentos de centralização industrial e de internacionalização produtiva e comercial de suas atividades. No plano sócio-cultural, observam-se também importantes mudanças, destacando-se o movimento significativo de desterritorialização dos padrões de consumo, que difunde valores de consumo ocidentais para as várias regiões do mundo e, ao mesmo tempo, permite o surgimento de mercados diferenciados em função de estilos de vida e de aspectos culturais. (MARTINELLE JUNIOR,1999, p. 1).

A facilidade de transposição de barreiras via Estados-nação no âmbito comercial, bem como a lógica de mercado, possibilita uma grande e nova ferramenta para o movimento transnacional: a possibilidade de se expandir a fim de buscar maior mercado competitivo, lucratividade e menores custos de produção a nível mundial (MARCHETTO; ROCHA, 2018).

No que tange ao processo de escala global do setor sucroalcooleiro, as relações de mercado do Brasil estão ligadas através de um processo de dependência e dominação com o mercado transnacional. Segundo Thomaz Junior (2017),

> Outro aspecto importante, consoante aos principais eixos fundantes do agrohidronegócio, base para o entendimento da degradação sistêmica do trabalho e que revela os sinais de sintonia desse processo em escala global, é que o tradicional caráter exportador da agropecuária, no Brasil, está sujeito aos comandos dos processos internacionalizados da reestruturação produtiva do capital, os quais subordinam o circuito agroindustrial como um todo, na produção, na circulação, na distribuição e no consumo de mercadorias agrícolas, de insumos químico-biológico-mecânico--informacionais. Essa rede de relações torna ainda mais complexas as escalas de dependência e de dominação, porque se sustenta e se redefine, em grande medida, guiada pelos referenciais dos conglomerados transnacionais, trustes, fixados na ciranda financeira ou no capital fictício, e nas estratégias e interesses do sistema manipulatório (THOMAZ JUNIOR, 2017, p.3).

O corte de custos tem por finalidade tornar a produção mais barata e mais vantajosa, a fim de reduzir e "[...] transferir gastos com a força de trabalho para países e territórios amplamente reconhecidos por ofertar mão de obra a preços extremamente baixos [...]" (MARCHETTO; ROCHA, 2018, p.122).

De acordo com Arrighi (1997),

> A corrida ao corte de custos das décadas de 70 e 80 tem suas raízes mais profundas nessa situação de superpopulação – isto é, uma situação na qual havia estruturas corporativas demais em "busca" de localidades de menos que ofereciam oportunidades rentáveis de expansão. Na década de 70, tentativas por parte de Estados e corporações de sustentar a expansão de unidades produtivas e de acomodar o crescente poder social do operariado que acompanhava simplesmente resultaram numa acentuação de pressões inflacionárias. Essas pressões, por sua vez, aumentaram a rentabilidade do corte de custos e o poder de atração de atividades especulativas que, na década de 80, consequentemente atraíram para si fontes monetárias e energias empresariais cada vez maiores (ARRIGHI, 1997, p. 329-330).

Segundo Halliday (1999), o processo histórico de uma nação não é puro, haja vista que todas as nações ou Estados sofreram ou ainda sofrem os impactos da esfera internacional. Desta forma, as relações e interações entre os âmbitos interno e externo sempre existiram, desde os tempos mais antigos.

Observa-se que, após a Segunda Guerra Mundial, as empresas transnacionais, principalmente as grandes corporações americanas e europeias, começaram a se movimentar, a fim de competir na exportação através da implantação de unidades industriais (BRESSER PEREIRA,1978).

Arrighi (1997) esclarece que a busca pelo desenvolvimento econômico teve um grande auxílio da iniciativa privada, esta, complementando ou substituindo ações dos governantes, nas quais foram importantes para esse movimento de assentamento de empresas transnacionais para fora de suas fronteiras nacionais, conforme o entendimento a seguir explica,

> Importantes também como complemento ou como substituto de ações governamentais foram as iniciativas de organizações privadas e de indivíduos – mais notadamente a migração de mão de obra, de capital e de recursos empresariais através de fronteiras nacionais (ARRIGHI, 1997, p.254).

Empresas transnacionais (ETNs) são, portanto, entidades mercantis que buscam a expansão de suas atividades além das fronteiras onde estão sediadas.

Observa-se que os avanços tecnológicos e o fenômeno da globalização impulsionaram sua expansão e atuação pelo mundo.

Empresas transnacionais podem ser definidas, conforme Cretella Neto (2012) descreve, como sendo uma

> [...] sociedade mercantil, cuja matriz é constituída segundo as leis de determinado Estado, na qual a propriedade é distinta da gestão, que exerce controle, acionário ou contratual, sobre uma ou mais organizações, todas atuando de forma concertada, sendo a finalidade de lucro perseguida mediante atividade fabril e/ou comercial em dois ou mais países, adotando estratégia de negócios centralmente elaborada e supervisionada, voltada para a otimização das oportunidades oferecidas pelos respectivos mercados internos (CRETELLA NETO , 2012, p.765).

Ainda, Giachin e Oliveira (2016) frisam que

> A expressão “empresas transnacionais”, dessa forma, encobre um conjunto de situações e fatores, como a fuga de controles internacionais. Tornando-se juridicamente desnacionalizadas e tendo unidades de produção em vários países de todos os continentes, têm elas os montantes de seus ativos e seus resultados também descentralizados no exterior. Logo, escapam da ótica normativa nacional, cujas operações igualmente não se encontram ao alcance das políticas nacionais de seus países hospedeiros. Na verdade, determinam suas próprias regras, regimes e princípios (GIACHIN; OLIVEIRA, 2016, p.185).

Cabe observar que atualmente não há um reconhecimento jurídico-político das ETNs, mas elas possuem como uma de suas principais características a atuação através de uma estratégia global em face ao controle central unificado em diferentes localidades do globo (WINTER; BOTELHO, 2016 apud BAPTISTA, 1987).

Nesse sentido, o autor Greider (1997, p.39) destaca que “a produção muda para novos locais [...] ainda não-desenvolvidos (e mais barato) [...] livre de antigas restrições como legislação vigente e os compromissos sociais, inclusive os de impostos e salários.”

O autor ainda ressalta que “os negócios e as finanças mobilizam-se para fazer um tipo agressivo de política [...] Ou o comércio convence uma determinada sociedade a modificar suas leis e obrigações sociais ou muda para outra sociedade” (GREIDER, 1997, p.31-32). Quando há essa transferência de uma localidade à outra, “surge uma segunda grande tarefa política: convencer os territórios em desenvolvimento a adotar

novas regras, leis para proteger os livres fluxos de comércio, e acima de tudo, para proteger os direitos de propriedade do capital" (GREIDER, 1997, p.31-32).

A atuação das empresas transnacionais possui várias particularidades que indagam o desenvolvimento econômico e social dos países semiperiféricos em que possuem assentamento através do avanço industrial nessas localidades. O que se questiona são os impactos que tais empresas geram à qualidade de vida, ao bem-estar social dos trabalhadores e cidadãos em geral; ao meio ambiente e a econômica dos países subordinados, em especial aos semiperiféricos.

Cabe observar que o assentamento dessas empresas nesses países se dá, na maioria das vezes, pela própria autorização do país explorado que receberá a aplicação do capital e, nesse sentido acabam se sujeitando às exigências das empresas transnacionais limitando o seu próprio desenvolvimento, tendo em vista que tais entidades conseguem ditar regras com o objetivo exclusivamente econômico, lucrativo, em seu benefício. Frisa-se que tanto no Brasil, como em outros países semiperiféricos, as subvenções são mínimas, mantendo-se, a circulação desse lucro, em regra no país-sede, tornando esse movimento de lucratividade negativo para os países e regiões onde possuem o assentamento.

O autor Morgenthau (2003) nos alerta quanto às consequências no que tange as escolhas de uma nação:

> Tudo o que uma nação faz ou deixa de fazer pode ser levado em conta, a seu favor ou contra, como um reflexo de sua filosofia política, de seu sistema de governo ou do seu modo de vida. Uma realização no campo interno de uma nação que possa ser apreendida por outras, em termos de suas respectivas aspirações, só poderá acrescentar poder a essa nação. Um fracasso interno, desde que igualmente percebido por outras nações, tenderá a reduzir seu poder. (MORGENTHAU, 2003, p.293).

Como mencionado, mesmo com um singelo crescimento de classes inferiores e o acesso razoável aos produtos de consumo, a atuação das empresas transnacionais nos países semiperiféricos ocasionam diversos reflexos negativos, pois essas empresas gozam dos recursos naturais e de outras vantagens nessas localidades e posteriormente os lucros obtidos serão transferidos para os países desenvolvidos nas quais estão sediadas (WINTER; BOTELHO, 2016).

Nesse contexto, as usurpações destes recursos por estas empresas afetam e entravam ainda mais o crescimento econômico desses países semiperiféricos na

economia global, ao passo que o crescimento dos seus países desenvolvidos está em constante crescimento.

Uma das grandes consequências sociais e econômicas que estão inseridas neste contexto está relacionada com as inovações tecnológicas, ou seja, a capacidade que ela possui de aumentar o intelecto e não os músculos do homem (GREIDER, 1997).

Nesse sentido, Arrighi (1997) define que as inovações tecnológicas resultam numa diminuição do poder social do proletariado, na qual há uma

> [...] transferência do controle sobre a qualidade e quantidade da produção dos trabalhadores remunerados, subordinados para os gerentes, intelectuais e cientistas, esse tipo de substituição transfere poder social de trabalhadores substantivamente proletarizados apenas no sentido formal de trabalhar por um ordenado ou salário. Entretanto, quanto mais forte essa tendência e maior o tamanho da força do trabalho gerencial e cientifica na economia global dos processos produtivos, mais forte também é a tendência do capital a sujeitar essa força de trabalho ao seu domínio e, portanto, a tornar sua proletarização mais substantiva do que tem sido. Nesse caso, portanto, há uma transferência de poder social das mãos do proletariado industrial, mas somente como um preludio para um futuro crescimento de seu tamanho e poder (ARRIGHI, 1997, p. 331-332).

Para Greider (1997)

> O aspecto mais alarmante da degradação das leis pela globalização está nas condições de trabalho. A nova tecnologia da informação vem sendo descrita como a aurora da “era pós-industrial”, mas essa visão idílica ignora o que está realmente acontecendo com os trabalhadores na indústria (GREIDER, 1997, p.39).

Observa-se, de acordo com Furtado (1983), que o desenvolvimento econômico de um país só ocorrerá caso haja um progresso econômico diretamente relacionado aos ganhos sociais, ou seja, em melhores oportunidades de postos de trabalho, bem como de salários. Nas palavras do próprio autor:

> [...] o crescimento é o aumento da produção, ou seja, do fluxo de renda, ao nível de um subconjunto econômico especializado, e, que o desenvolvimento é o mesmo fenômeno quando observado do ponto de vista de suas repercussões no conjunto econômico de estrutura complexa que inclui o referido setor especializado (FURTADO, 1983, p.79).

Arrighi (1997) observa que o processo de industrialização não pode ser sinônimo de desenvolvimento econômico[1], pois a industrialização é uma ferramenta, um meio, para alcançar a riqueza, e não o fim, e que a busca pela industrialização com um meio finalístico a fim de se obter o desenvolvimento e o nível de riqueza da hierarquia global fracassou. O autor aborda essa ideia da seguinte maneira:

> Ao trazer para dentro de suas fronteiras algumas das características dos países mais ricos, como a industrialização e a urbanização, os governos esperavam capturar o segredo de seu sucesso e, dessa maneira, atingir o nível de sua riqueza e poder [...] A industrialização ou, mais geralmente, a modernização, não conseguiu cumprir suas promessas e esse fracasso está na raiz dos sérios problemas enfrentados pela maior parte dos países não conseguiu cumprir suas promessas [...] Esses sérios problemas não são locais nem conjunturais, mas sistêmicos e estruturais (ARRIGHI, 1997, p.254-256).

Outro efeito questionável das empresas transnacionais é a sua mobilidade de capital, em que se criam inúmeras instabilidades econômicas; o imenso volume de capital transferido de uma localidade para outra deixa visíveis os impactos econômicos e sociais na sociedade.

Costa (2005) relata que a atividade das empresas transnacionais no mundo atual pode ser denominada como uma “flexibilidade externa”. Nos seguintes termos,

> [...] verifica-se uma grande mudança no sistema de relações de trabalho no padrão de produção capitalista atual. Se no padrão anterior era possível observar uma certa rigidez no relacionamento entre trabalhadores e empregados, no padrão atual, essa rigidez é substituída pelo que se pode denominar de uma flexibilidade externa. As empresas em rede não mais estão presas a um padrão de relações de trabalho. Uma vez que a produção pode ser orientada em todo o globo, aos marcos regulatórios macro, meso e micro são acrescidos um novo âmbito no relacionamento entre o capital e o trabalho: o supranacional. Sendo que as empresas em redes mundiais de produção passam a ser detentoras de um grande poder de influenciar as relações de produção nacionais, obviamente, no sentido de flexibilizar a rigidez do padrão de produção anterior e permitir uma valorização ampliada do capital (COSTA, 2005, p.126).

Ficam evidentes os impactos que tais condutas geram ao desenvolvimento econômico de países semiperiféricos, pois quando essas empresas transnacionais perdem o interesse nos países onde possuem as suas instalações (ou seja, não mais

[1] “[...] não presumirei, como muitos, que “industrialização” e “desenvolvimento” sejam a mesma coisa” (ARRIGHI, 1997, p.255).

geram lucros), elas se deslocam com muita facilidade para outros países e regiões que viabilizem maiores margens de lucros.

Conforme Galvão e Pereira (2017) ensinam:

> As empresas transnacionais tornam-se maiores e mais poderosas, tão poderosas que vêm o mundo como um espaço único de aplicação de suas operações de investimento e produção. Em sua luta por melhores e mais lucrativas iniciativas de investimentos incorporam áreas de países pobres apenas enquanto não existirem oportunidades alternativas de exploração em outros países, assim esses investimentos se transferem de país a país, territorializando e desterritorializando (GALVÃO; PEREIRA, 2017 p.41).

O que resta para os países excluídos e explorados, através desse investimento de capital, resultado do processo de industrialização via inovações tecnológicas, por exemplo, são situações extremamente maléficas na economia, ao meio ambiente, à saúde dos trabalhadores e da sociedade, malefícios estes que perdurarão por muitos anos, décadas, ou até mesmo gerando danos irreversíveis para aquelas localidades. De acordo com Bozza (2012):

> A lógica do capital não recua seu poder em prol de uma ética social. As grandes empresas que comandam o processo de globalização econômica atuam negativamente nos países em desenvolvimento, pois retiram deles seus recursos naturais e mão-de-obra barata, e, quando se deslocam para outros países, deixam para a população local apenas a poluição e o lixo gerado ao longo de sua estadia (BOZZA, 2012, p.102-103).

Com a criação de órgãos internacionais, como a Organização Mundial de Comércio (OMC), que surgiu na rodada do Uruguai em 1994 (WINTER; BOTELHO, 2016), o mercado se tornou ainda mais liberal, o que desencadeou inúmeras justificativas dessas empresas transnacionais frente às questões de regulamentações trabalhistas nos locais em que estão instaladas – a nova ordem do livre comércio.

Há muitos casos globais que apresentam os impactos da falta de regulamentação trabalhista, como por exemplo, o avanço do processo de industrialização e modernização de empresas transnacionais em detrimento dos direitos dos trabalhadores (precarização). Insta observar que mesmo quando há regulamentação dessas normas, muitas vezes acontece o deslocamento da empresa transnacional para outras localidades ou acabam por ignorar a sua normatização.

No período contemporâneo, há três alicerces estruturais importantes em relação à divisão internacional do trabalho. Segundo as reflexões do autor Samir Amin (1973) citado por Cabral (1976),

> 1) A constituição de firmas transnacionais gigantes [...] 2) A afirmação de uma revolução tecnológica que transfere o centro da gravidade das indústrias de futuro para novos ramos (átomo, espaço, eletrônica) e torna caducos os modos clássicos de acumulação [...] A "matéria cinzenta" torna-se o fator principal do crescimento [...]. 3) A concentração dos conhecimentos tecnológicos nessas firmas transnacionais (CABRAL, 1976, p.377).

A fim de verificar esses impactos da empresa transacional no país, optou-se por analisar o processo de industrialização do setor sucroalcooleiro, via inovações tecnológicas, em Olímpia e Severínia, analisando, na perspectiva de ex-cortadores de cana, quais os impactos que eles perceberam com o processo de industrialização.

Para Bento e Thomaz Junior (2022),

> [...] as personificações do capital ao mesmo tempo em que empreendem a inovação tecnológica no campo, restauram formas de trabalho regressivas, à exemplo da colheita manual cana-de-açúcar, trabalho avulso, com registro precário etc., que resultam não em aprimoramento das condições de vida e trabalho, porém o oposto disso, resultam na inclusão marginal e desvalimento, ocorrendo assim, a coexistência de formas espectrais, pautadas pelo avanço tecnológico (trabalho part time, pejotizado, uberizado, intermitente, sem direitos) e regressivas, haja vista o controle (exploração/subordinação) do trabalho nos canaviais, como resultante dos novos territórios da degradação sistêmica do trabalho, que não são tão 'novos' (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2022, p.88).

Desse modo, o presente trabalho analisou a atuação da Empresa Transnacional do Grupo Tereos no Brasil, mais precisamente no noroeste paulista, onde se localiza a cidade de Olímpia e Severínia. Os principais objetivos de referida empresa são a otimização de preços e serviços, bem como o aumento e expansão de lucros via mecanização.

O período analisado foi 2002 a 2023, a fim de compreender a transição do plantio e corte manual para o mecanizado, que se sucedeu com a promulgação da Lei nº 11.241/2002 pelo governo do estado de São Paulo, proibindo gradativamente as queimas das palhas da cana-de-açúcar, incentivando novos meios, através da mecanização, para cessar tais ações no setor sucroalcooleiro. Nesse contexto, foi analisado se houve a implantação de políticas públicas compensatórias pela empresa

após o processo de mecanização aos cortadores de cana, que foram os mais impactados pela vinda da automação.

A metodologia é qualitativa, sendo baseada tanto na coleta de dados, quanto na análise de dados. Em vista disso, para o desenvolvimento desta tese adotou-se o estudo de caso. A metodologia de coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e a metodologia de análise de dados pela análise de conteúdo.

Com essa definição em mente, a presente pesquisa se divide em três capítulos, além da introdução e das considerações finais.

Após a apresentação da introdução, será abordado no primeiro capítulo, intitulado "**Industrialização como instrumento para o desenvolvimento econômico global à luz de Giovanni Arrighi: ilusão ou realidade?**", o referencial teórico primário, em que se analisa a obra "A ilusão do desenvolvimento", de Giovanni Arrighi, publicada em 1997, tem como objetivo descrever a implantação do processo de industrialização nos países semiperiféricos e os impactos decorrentes; além de esclarecermos os motivos do assentamento de empresas transnacionais em países semiperiféricos, que acontece através de um processo de exclusão e exploração, ocasionados pela nova onda de desindustrialização de países do núcleo orgânico (países centrais).

No segundo capítulo, denominado "**Processo de industrialização e inovações tecnológicas ao setor sucroalcooleiro no estado de São Paulo, em especial Olímpia e região: aspectos econômicos e sociais**" é retratada a história dos municípios de Olímpia e Severínia. Ressalta-se que retratar a história de Severínia é trazer à baila a importância do município para a indústria canavieira, vez que o referido município serviu de local para a implantação da primeira unidade da empresa Tereos, antiga Guarani S/A, buscando apresentar, a partir disso, a vulnerabilidade em que a cidade se encontra após a desativação da unidade do Grupo Tereos. Ainda, no subitem 2.1, é retratada a história até a atualidade da agroindústria no estado paulista e na região olimpiense: cultivo de café, de laranja e de cana-de-açúcar; já no subitem 2.2, contam-se os movimentos históricos de Olímpia – SP; no subitem 2.3, aborda-se, de forma sintetizada, a história do município de Severínia – SP; no subitem 2.4, são retratados os cortadores de cana-de-açúcar no setor sucroalcooleiro no estado de São Paulo; o subitem 2.4 conta com o sub-sub-capítulo 2.4.1, no qual aborda breves relatos sobre a política energética do governo brasileiro e os impactos ao setor sucroalcooleiro; no subitem 2.5, descreve-se a atuação da

empresa transnacional Tereos Brasil no setor sucroalcooleiro em Olímpia e região; ainda nesse subitem, há dois sub-sub-capítulos, 2.5.1 e 2.5.2, em que esse retrata a fusão e transição da empresa Guarani S/A pela empresa Tereos, e este, analisa a paralisação da unidade de Severínia em 2022.

No terceiro capítulo, nomeado "**Pesquisa de campo: perspectivas dos ex-cortadores de cana-de-açúcar no setor sucroalcooleiro em Olímpia – SP**" serão apresentadas as conclusões da pesquisa empírica realizada junto aos ex-cortadores de cana-de-açúcar em Olímpia. São apresentadas a metodologia e as informações coletadas no campo e, após, são analisados os dados qualitativos encontrados, a fim de se poder, sob as perspectivas dos entrevistados, verificar os impactos sentidos por esses trabalhadores após a implantação da mecanização pela empresa. No subitem 3.1, é demonstrado o perfil dos sujeitos entrevistados; abordam-se, no subitem 3.2, as políticas de acesso à qualificação profissional aos ex-cortadores de cana-de-açúcar durante e após o processo de mecanização pela empresa; já no subitem 3.3 retrata-se o trabalho desempenhado por ex-cortadores de cana-de-açúcar antes e depois da mecanização no setor sucroalcooleiro; no subitem 3.4 aborda-se a recolocação profissional desses ex-cortadores de cana em setores de maior especialização após a implantação da mecanização; no subitem 3.5, demonstram-se as perspectivas profissionais e salariais dos ex-cortadores de cana; no subitem 3.6, apresentam-se as expectativas futuras dos sujeitos entrevistados, e finalmente, no subitem 3.7, é apresentada a análise de resultados da pesquisa.

Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

1 INDUSTRIALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO GLOBAL À LUZ DE GIOVANNI ARRIGHI: ILUSÃO OU REALIDADE?

Este capítulo tem como principal objetivo, à luz da obra de Giovanni Arrighi (1997): A ilusão do desenvolvimento[2], analisar a relação de desenvolvimento econômico com industrialização em países semiperiféricos.

Desta forma, partimos dos objetivos centrais da referida obra, quais sejam,

> [...]fazer uma releitura sistêmica e global da natureza e resultados do projeto desenvolvimentista que sustentou – entre os anos 1950 e 1980 – a possibilidade de reduzir o fosso entre este nível de riqueza do núcleo orgânico capitalista e o resto do mundo, com base em políticas de modernização e industrialização nacionais induzidas e apoiadas pela política externa norte-americana e legitimada pela ilusão de que o pequeno grupo de nações que estabelece o padrão de riqueza da economia mundial é um clube aberto (ARRIGHI, 1997, s/n).

Utilizando-se de grandes teóricos, Arrighi (1997) elucida em sua obra a teoria social e econômica presente nos séculos XIX e XX, usando como parâmetro nomes de cunho relevante como Braudel, Marx, Shumpeter.

O autor compactua com a abordagem de Fernand Braudel, sobre a qual entende que a economia do capitalismo é estruturada em três andares "o da produção material, o da circulação ou do mercado e os das altas finanças" (ARRIGHI,1997, p. 7). A concepção braudeliana define que esses três andares se encontram diretamente ligados ao poder político e não à força exercida pelo trabalho.

Usando como analogia ao conceito de Braudel, Arrighi (1997) divide a sua obra em *"Andar Superior", "Andar Intermediário"* e *"Andar Inferior"*.

No "Andar Superior", liderado por países do núcleo orgânico[3], o autor discute, principalmente, a estrutura desenvolvimentista do sistema capitalista, a ascensão do milagre econômico ocasionado pelo Japão e observa a "disjunção entre as relações

---

[2] A obra de Giovanni Arrighi denominada "A ilusão do desenvolvimento", possui uma coletânea de ensaios organizada pela Editora Vozes, sendo inspirada na publicação original no ano de 1996, século XX, em que essa leva um nome diferente do original, a ser: Workers of the World at Century's End, de mesma autoria. A obra clarifica a sua busca em "descer os andares inferiores" da economia global, objetivando realizar divisões sistêmicas entre, como ele define, países de núcleo orgânico (países centrais), países semiperiféricos e países periféricos.

[3]"Núcleo orgânico é formado por todos os países que, ao longo do último meio século aproximadamente, ocuparam de modo consistente as primeiras posições do ranking de PNBs per capita e que, em virtude daquela posição, estabeleceram (individual e coletivamente) os padrões de riqueza que todos os seus governos procuraram manter e todos os outros governos procuraram atingir" (ARRIGHI, 1997, p.93).

de poder no sistema inter-Estados e as relações de liderança econômica nos sistemas interempresas" (ARRIGHI,1997, p. 8).

Já no "Andar Intermediário" busca analisar a estratificação da economia a nível global, buscando protagonizar o papel de países semiperiféricos na economia mundial. Nesse sentido, entende-se como zona semiperiférica

> O conjunto de todos os Estados que, devido à combinação mais ou menos igual de atividades de núcleo orgânico e de periferia sobre a qual têm jurisdição, exercem o poder de evitar o rebaixamento de sua combinação, mas têm pouco poder para promover sua melhoria. (ARRIGHI,1997, p. 160).

Descendo ao último andar, do elevador dos três pilares de Arrighi (1997), temos o "Andar Inferior", em que traz à baila a análise marxista, principalmente, no que tange ao proletariado, analisando a situação dos trabalhadores no âmbito global frisando a necessidade de novas estratégias e estruturas do movimento operário para o século XXI.

O "Andar Superior" retrata o sistema econômico mundial e suas contradições necessárias e benéficas ao sistema capitalista, bem como elucida as exceções globais, no que concerne as posições econômicas positivas de países que conseguiram mudanças importantes que os elevaram ao ranking global sendo considerados "milagres econômicos" do Leste Asiático, que surgiu com grande propulsão no final da década de 1960 e começo da década de 1970 com a crise de superacumulação global, sendo o principal deles o Japão (subindo de país semiperiférico para núcleo orgânico) e ao Grupo dos Quatro (Coréia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong-Kong).

A economia capitalista possui em suas raízes a competição, variável no tempo e no espaço, como centro de seu sistema econômico, buscando seu equilíbrio através de costumes e forças da inovação. A ordem costumeira para esse processo está relacionada com os fatores políticos, econômicos e sociais, vez que se adaptam às variações de tempo e assumem um papel objetivo, no que tange normas e regras, a fim de garantirem a circulação do fluxo da vida econômica dessas competições. Observa-se que "o capitalismo tende a gerar inovações que rompem qualquer ordem costumeira que tenha sido, ou esteja sendo estabelecida em momento dado" (ARRIGHI,1997, p. 19).

A inovação, então, torna-se motivadora das pressões competitivas, fazendo com que novas formas de costumes sejam criadas para atender as novas demandas de mercado, visando à saúde econômica e aos anseios pela corrida desenfreada em busca de segurança.

Importante ressaltar que a segurança que o autor retrata está diretamente ligada ao fluxo circular da vida econômica do capitalismo, tanto o Estado e os domicílios, quanto as empresas possuem um papel relevante para a segurança que é almejada.

> Os Estados se especializam em fornecer proteção aos domicílios e empresas; os domicílios se especializaram em fornecer força de trabalho aos Estados e empresas; e as empresas fornecem, umas às outras, os meios necessários para produzir meios de proteção e meios de subsistência (ARRIGHI,1997, p. 20).

As atividades, seja na área de insumos ou de produção, possuem interdependência entre os três atores dessa segurança econômica. Para a garantia da segurança da vida econômica, os atores dessa relação, Estado, domicílios e empresas, realizam acordos costumeiros de cooperação na qual “restringem a competição e se apoiam em considerações de racionalidade econômica substantiva para garantir a cooperação necessária para reproduzir subsistência e proteção” (ARRIGHI,1997, p. 21).

O objetivo de uma empresa capitalista está estritamente ligado ao seu nível relativo de acumulação e não absoluto, e a fim de buscar a proteção de sua lucratividade e de suas rendas empresariais, as empresas acabam por sensibilizar a sua própria segurança econômica em meio às lutas competitivas, sendo as inovações um meio ofensivo e defensivo, a fim de buscarem novas fontes de insumos-produtos para que sua competitividade e posição permaneçam presentes no sistema interempresas.

A inovação utilizada pelas empresas capitalistas acaba por oscilar a segurança econômica delas; tanto as novas combinações, inovações, quanto a competitividade dessas empresas a fim de se garantir a lucratividade e estabilidade da vida econômica passam por duas fases de investiduras, denominadas como fase A e fase B. Essas fases são tidas como as “ondas longas” do processo de competição da economia capitalista global. Nas palavras de Arrighi (1997):

> As fases A e B das ondas longas são fases de lutas competitivas no sistema interempresas: enquanto, nas fases A, as empresas capitalistas tendem a aferrar-se a acordos costumeiros que sustentam relações de cooperação e complementariedade, nas fases B elas se envolvem em lutas que escancaram relações de competição e substituição (ARRIGHI,1997, p. 22).

Durante as fases de lutas competitivas as empresas procuram racionalizar de forma generalizada as rendas, buscando fazer “tudo o que podem para trocar os nichos superlotados do sistema interempresas por outros mais vazios e para “economizar” tanto quanto possível” (ARRIGHI,1997, p. 23-24).

Empresas capitalistas menos preparadas em economizarem rendas e conseguirem substituições dentro desses instrumentos inovadores durante essa luta competitiva, a fim de garantir o fluxo da vida econômica, acabam por se enfraquecer durante essas rodadas, ficando sujeitas ao seu fim ou dominadas por empresas capazes de atuarem nessas ações inovadoras (economizar e substituir).

Dessa forma, após as lutas competitivas intensas, que ocorrem predominantemente na fase B dessas rodadas, no qual vencem as empresas que possuem capacidade para incluírem suas inovações, o processo volta novamente para a fase A, em que são criados novos acordos que garantam maior estabilidade econômica e cooperação entre as empresas. A competição, então, torna-se mais comedida durante essa nova fase A, porém nascem com ela novos acordos costumeiros, o que enseja novas rodadas de lutas competitivas ao longo do espaço-tempo.

A competição, característica principal da economia capitalista, durante essas rodadas, faz nascer uma seletividade impulsionada pela pressão dessas lutas competitivas que se dá através da arma da inovação, visto que empresas enfraquecidas durante a fase mais abrupta dessa luta competitiva, fase B, são forçadas a cederem e se subordinarem àquelas capazes de se manterem durante as rodadas, ou ainda, forçadas pela insuficiência de incluírem essa inovação, a se deteriorarem totalmente.

De acordo com Arrighi (1997),

> [...] quando aumentam as pressões para “economizar” e de “substituir”, os benefícios são apropriados pelas empresas que têm a maior capacidade de economizar e de substituir e o fazem imediatamente – empresas que podem ou não incluir os inovadores (ARRIGHI,1997, p. 24).

Nesse sentido, a competição pela procura de segurança e estabilidade econômica, ou seja, buscando a preservação da vida econômica das empresas capitalistas, torna-se uma predadora com instintos seletivos, pois a sobrevivência pelos seus objetivos é capaz de corroer empresas capitalistas ao longo do processo.

O autor relata que há uma relação hegemônica das empresas capitalistas enraizada nas estruturas do sistema mundial, onde coexistem através de relações interempresariais e interestados, que nascem via acordos costumeiros.

Há, portanto, uma relação temporal/espacial formada por ciclos desse desenvolvimento capitalista, que se constroem durante o movimento histórico dessas rodadas competitivas econômicas, através de uma sucessão de criação e desmantelamento a nível interempresarial dentro desses Estados, instigando o próprio processo de desenvolvimento econômico.[4]

O desenvolvimento capitalista teve, e tem, várias fases de altos e baixos durante todo o movimento histórico mundial.

Conforme Arrighi (1997, p.33) a primeira grande problemática nessa construção desenvolvimentista surgiu com a “acumulação primária e foi no final suplantada pela Revolução Industrial e pelo estabelecimento da hegemonia mundial britânica”, visando racionalizar empresas e isolando-as dos domicílios e Estados. Desse modo, Arrighi (1997) explica que:

> Um problema de acumulação primária surge quando a competição entre Estados e domicílios no fornecimento de insumos primários é restringida pela sua auto-suficiência na produção de meios de proteção e de meios de subsistência. Por causa dessa auto-suficiência, os preços a que os domicílios e Estados estão preparados para fornecer mão-de-obra, terra e proteção em troca de produtos finais, deixam pouco ou nenhum espaço para a expansão do comando efetivo das empresas capitalistas sobre os insumos primários. Numa situação desse tipo, a luta competitiva induz as empresas capitalistas a realizar funções, e a usar meios, típicos de Estados e domicílios. A distinção entre as empresas lucrativas e produtoras de mercadorias, por um lado, e as empresas que produzem proteção e usam violência (isto é, os Estados), por outro, se borra ou fica difícil de ser feita. (ARRIGHI,1997, p. 33).

[4] “As relações entre empresas capitalistas são elas próprias incrustadas em estruturas hegemônicas mundiais, isto é, em acordos costumeiros no nível do sistema inter-Estados que garantem a continuidade do fluxo circular da vida econômica através das fronteiras dos Estados. Essas estruturas (como os acordos costumeiros do sistema interempresas) estão sujeitas a padrões geralmente cíclicos de construção/destruição, mas esse ciclo do sistema inter-Estados não tem uma relação simples com os ciclos de competição do sistema interempresas” (ARRIGHI,1997, p. 25).

O segundo obstáculo desse desenvolvimento capitalista econômico está alinhado ao capitalismo pleno, em que possui reveses em relação à “comodificação”, sendo essa barreira “suplantada pela Revolução Organizacional”[5] e pelo estabelecimento da hegemonia mundial norte-americana” (ARRIGHI,1997, p.33).

> O impasse do capitalismo pleno, em contrapartida, teve origem em tendências engendradas pela própria especialização das empresas capitalistas como produtoras de mercadorias para a obtenção de lucro e dos Estados e domicílios como fornecedores de insumos primários. [...] A maior divisão do trabalho e especialização aumentaram a produtividade das empresas capitalistas, mas também as sujeitaram a pressões competitivas muito mais fortes do que as que foram, ou jamais poderiam ser aplicadas sobre fornecedores de insumos primários. O crescimento da produtividade se combinou, portanto, a uma capacidade cada vez menor do Sistema Interempresas como um todo de reter, enquanto rendas empresariais, os ganhos desse crescimento. [...] A intensificação das pressões competitivas sobre os Estados e domicílios não abaixou os preços dos insumos primários para combinar com a pronunciada queda dos preços do produto final [...] a intensificação das pressões competitivas foi forte o suficiente para suscitar tendências compensadoras sob a forma de fortes movimentos sociais de resistência a uma maior comodificação do trabalho. [...] surgiram [nessa época] movimentos de trabalhadores de âmbito nacional (e internacionalmente relacionados), orientados para a preservação ou fortalecimento (principalmente através de uma forma ou outra de sindicalismo) dos acordos costumeiros que tinham tradicionalmente restringindo a competição entre fornecedores de insumos de mão-de-obra (ARRIGHI,1997, p. 36-37).

O autor finaliza a terceira etapa problemática desse desenvolvimento, que ainda reflete nos tempos contemporâneos, citando a “superacumulação” capitalista, e na análise de Arrighi (1997) é quase improvável que esse obstáculo seja vencido ou suplantado, caso não nasça uma nova fórmula de reorganização mundial da economia em termos não capitalistas. Nas palavras do próprio Arrighi (1997):

> O novo impasse pode ser designado como um impasse de “superacumulação” no sentido, e apenas nesse sentido, de que a acumulação capitalista do final do século XX começou a ir longe demais. A principal consideração aqui é a relação entre acumulação capitalista e suas bases sociais. Os impasses da metade do século XVIII e do final do século XIX foram devidos ao fato de o

[5] “A revolução organizacional forneceu uma saída para esse impasse, através de um salto de qualidade na divisão de trabalho no interior (mais do que através) do território organizacional da empresa capitalista [...] A Revolução Organizacional, portanto, deu às empresas capitalistas a oportunidade de matar dois coelhos com uma cajadada: isolar-se das pressões competitivas do Sistema Inter-empresas (como se argumentou na seção II) e transferir pressões competitivas para os fornecedores de insumos primários. Não obstante, essa oportunidade estava condicionada às circunstâncias que, a muito longo prazo, o desenrolar da Revolução Organizacional certamente minaria” (ARRIGHI, 1997, p.37-39).

> desenvolvimento da economia capitalista mundial ainda se assentar sobre bases sociais pré-capitalistas. O impasse atual, em contraste, se deve ao fato de a acumulação capitalista ter destruído em larga medida essas bases e ter começado a transformar suas próprias instituições numa direção que é essencialmente pós-capitalista. (ARRIGHI,1997, p. 45).

Os impasses desse processo histórico do capitalismo, portanto, trouxeram à baila três etapas de enfrentamento que, ao longo do movimento capitalista, foram inseridas a fim de solucionar os problemas do desenvolvimento econômico. Contudo, ainda que em dois momentos da história do capitalismo tenham sido contornados por ações que se deram através de Revoluções (Revolução Industrial-britânica, primeira etapa, e Revolução Organizacional – norte-americana, segunda etapa), o autor relata que o remédio para a terceira e última etapa ainda não foi desenvolvido para sanar os obstáculos atuais da superacumulação.

Arrighi (1997, p.47) observa que “cada revolução levou a racionalização capitalista das estruturas sociais um passo adiante, mas, ao fazê-lo, também minou as bases sociais de revoluções econômicas futuras”, dessa forma, a acumulação capitalista acabou por destruir essas bases sociais pré-capitalistas e conduziu as instituições a se tornarem substancialmente pós-capitalistas.

Esse novo impasse do capitalismo atual, ocasionado pelo processo de derrocada dos Estados Unidos no século XX, tendo como principal fato o acúmulo de capital, forçando empresas capitalistas dos países centrais a cederem rendas empresariais e remunerações, visto a diminuição de lucratividade ocasionada pela ampliação da Revolução Industrial, trouxe ao autor questionamentos do que poderá ser executado como alternativa efetiva para superar a crise de superacumulação.

A revolução organizacional, que de fato procurou se aprofundar nas estruturas e divisões de trabalho das empresas capitalistas, impactou de forma complexa o desenvolvimento capitalista em torno do globo, tendo em vista que minou em decorrência da superacumulação, trazendo à luz a necessidade de buscar uma saída, pouco provável, através de um novo modelo econômico, que busque reverter esse cenário econômico atual, mediante estruturas e bases pós-capitalistas.

Uma nova revolução econômica, explica o autor, se dará para além das fronteiras do núcleo orgânico, ou seja, através de regiões semiperiféricas e periféricas. Contudo, esclarece alguns empecilhos desse capitalismo que atrasam esse movimento revolucionário. Por um lado, se deve ao fato de que as lutas competitivas

atuais possam estar no seu ápice mais excessivo “fase B” ocasionando ausências de acordos econômicos capazes de sustentar um novo movimento de revolução, porém, o mais provável, e talvez mais lógico, deve-se ao fato de que “[...] o capitalismo, na era da Revolução Organizacional, ter produzido, nas zonas periférica e semiperiférica da economia mundial, um ambiente hostil” (ARRIGHI,1997, p. 49).

Esse ambiente hostil, condicionado pela Revolução Organizacional, possui uma desigualdade discrepante entre as zonas de núcleo orgânico e as zonas periféricas e semiperiféricas, principalmente com o aumento das remunerações dessa primeira, fazendo com que o acúmulo de capital beire os limites mais profundos da história do capitalismo.[6]

As barreiras entre o núcleo orgânico e zonas semiperiféricas e periféricas, no que tange às desigualdades econômicas predominantes ao longo do desenvolvimento capitalista, se mantiveram por um longo tempo equilibradas no âmbito global.

Poucas mudanças de posições relativas à riqueza mundial aconteceram, porém, Arrighi (1997) destaca essas poucas mudanças como milagres econômicos no processo desenvolvimentista global.

O milagre econômico japonês e de alguns países do Leste Asiático deriva, principalmente, da ascensão de acumulação de capital em detrimento da crise econômica norte-americana de acumulação a nível global, pela atipicidade dessas mudanças dentro do sólido sistema capitalista mundial, onde a tendência desse processo é de que países semiperiféricos e periféricos tendem a mais perder do que ganhar, e o inverso a essa regra, que se entende como uma excepcionalidade desse sistema capitalista, é aludido durante o movimento histórico da economia desenvolvimentista como um milagre econômico (ARRIGHI,1997).

Nesse sentido, “Na década de 70, ‘muitos foram chamados’. Na década de 80, entretanto, ‘apenas alguns foram escolhidos’, e esses poucos foram principalmente países leste-asiáticos” (ARRIGHI,1997, p. 64).

O indicador utilizado por Arrighi (1997) para analisar o milagre econômico japonês e de alguns países do Leste Asiático (também conhecido como Grupo dos Quatro), como Taiwan, Coréia do Sul, Cingapura e Hong-Kong; foi o coeficiente do

[6] “Um ambiente hostil ao desenvolvimento capitalista não envolve necessariamente ideologias e políticas hostis. Elites em contenda, empobrecimento extremo e autoproteção da sociedade, podem criar problemas ainda maiores para o desenvolvimento capitalista do que regimes ideologicamente hostis[..] ” (ARRIGHI, 1997, p.49).

PNB (Produto Nacional Bruto) de uma determinada jurisdição relacionando-o com o PNB do núcleo orgânico da economia mundial, “um agregado definido aqui como consistindo de todos os Estados que, aproximadamente no último meio século, ocuparam as posições mais altas na hierarquia de riqueza [...]”(ARRIGHI,1997, p. 54). Nesse contexto, as rendas proporcionais extraídas entre ambos os PNBs definem aquelas jurisdições que conseguiram tocar o nível de riqueza mais alto, no qual todos os Estados em torno do globo almejam.

Os países que atingem esse nível de hierarquia de riqueza, aqui entendidos como grandes exceções, são considerados como milagres econômicos e de acordo com o autor, o Japão conseguiu, durante a crise de acumulação do final da década de 1960 e início da década de 1970, a fomentação de seu capital e a expansão transnacionalmente através do sistema de subcontratação de múltiplas camadas, o que o retirou da posição de semiperiferia e o promoveu a núcleo orgânico, consolidando-o principalmente na década de 1980.[7]

Ainda que o Grupo dos Quatro tenha tido uma ascensão, principalmente na década de 1970, e por isso também são considerados milagres econômicos, esses países não conseguiram atingir o patamar de hierarquia de riqueza a nível global para comporem os padrões de riqueza do núcleo orgânico da economia mundial.

As ascensões desses milagres econômicos derivam de um “colapso da oferta de crédito barato” (ARRIGHI,1997, p. 78-79), e por consequência, o colapso do investimento estrangeiro. De acordo com Arrighi:

> Foi a eclosão da crise, no final da década de 60, que levou o capital japonês a se expandir transnacionalmente de modo a impulsionar a vitalidade do sistema de subcontratação de múltiplas camadas sobre o qual se baseou sua vantagem competitiva distintiva nos mercados mundiais. (ARRIGHI,1997, p. 79).

O sistema japonês de subcontratação de múltiplas camadas foi um avanço para o seu desenvolvimento capitalista, que possui sua estratificação em camadas múltiplas de contratações motivada por uma estratégia que vise diminuir as lutas competitivas excessivas dentro do mercado de trabalho entre empresas de grande,

[7] “Em resumo, o milagre econômico leste-asiático é um fenômeno altamente concentrado. Ele consiste, principalmente, do “grande salto à frente” japonês, de uma posição intermediária (“semiperiferia”) na hierarquia de riqueza da economia mundial para a primeira posição. Consiste, em segundo lugar, de um “salto à frente” menor - isto é, menor em termos da distância coberta e da massa demográfica envolvida do chamado Grupo dos Quatro ou Quatro Pequenos Dragões” (ARRIGHI, 1997, p.60).

médio e pequeno portes, via um processo de colaboração interempresas. Dividem-se em subcontratantes primários, “que subcontratam o serviço diretamente do comprador final, tal como montadores ou distribuidores do produto final” (ARRIGHI,1997, p.68), subcontratantes secundários, “que obtêm o serviço dos subcontratantes primários” (ARRIGHI,1997, p.68), e os subcontratantes terciários, “que obtêm o serviço dos subcontratantes secundários” (ARRIGHI,1997, p.68). Essa estrutura é formada por uma base de domicílios que formam uma grande rede de operações simples e dependentes, o que encorpa a crescente e duradoura onda desenvolvimentista japonesa no fim da década de 1960 e começo da década de 1970, e em seu auge na década de 1980.

Com a expansão transnacional das empresas capitalistas japonesas muitas empresas com força industrial denominadas como companhias “mães”[8] desbravaram suas atividades além das fronteiras japonesas e alguns membros dessas companhias (subcontratantes secundários e terciários) acompanharam essa mudança; parte dessa logística, transfronteiras, é motivada pela rede de apoio e segurança que essas empresas “mães” proporcionam aos seus membros.

Arrighi (1997) finaliza sua explicação justificando que a expansão e aumento industrial, até então vista como fonte primária do desenvolvimento econômico, não foi o motivo da ascensão do milagre econômico japonês e leste asiático. A ascensão milagrosa ocorreu pela “unidade e integridade fundamentais do esforço regional nesse século” (ARRIGHI,1997, p. 96).

O autor ainda justifica que “[...] contrariamente à opinião geral, a expansão industrial enquanto tal é um indicador extremamente falível dos reais avanços de hierarquia de valor agregado da economia capitalista mundial” (ARRIGHI,1997, p. 96).

A expansão da indústria, mesmo sendo um fator importante no sistema desenvolvimentista capitalista, não a faz determinante para suprir a ilusão de que a industrialização é um fator primordial na busca desse desenvolvimento econômico. Arrighi (1997) analisa a industrialização da seguinte maneira:

> Repetindo, essa não foi uma questão de industrialização enquanto tal. Na década de 80, outros Estados na região experimentaram industrialização rápida, mas não mobilidade ascendente na hierarquia

[8] “Esses acordos de cooperação de cooperação entre companhias-mães e subcontratantes são sustentados por acordos de cooperação entre as próprias companhias-mães, na forma de acordos comerciais semipermanentes e ações intergrupos, que permitem à administração concentrar-se no desempenho a longo prazo, em vez de lucratividade a curto prazo” (Arrighi, 1997, p.111).

> de valor agregado da economia capitalista mundial[...] Em resumo a "excepcionalidade" japonesa e leste-asiático em meio à crise econômica mundial das décadas de 70 e 80 não é adequada nem confiavelmente medida pela expansão industrial contínua e sustentada da região. O sinal mais importante da ascensão do Leste Asiático a novo epicentro dos processos sistêmicos de acumulação do capital é que diversas jurisdições fizeram importantes avanços nas hierarquias de valor agregado e financeiras da economia capitalista mundial (ARRIGHI,1997, p. 99).

O autor frisa que o maior fator desse desenvolvimento não está ligado à expansão industrial, mas aos avanços dessas jurisdições em relação aos valores agregado e financeiro do sistema capitalista global. Em suas palavras, Arrighi (1997) explica que:

> Essas jurisdições constituem um 'arquipélago capitalista' – um conjunto de 'ilhas' de capitalismo que se elevam acima de um 'mar' de trocas horizontais, entre mercados locais e mundiais, através da centralização, dentro de seus territórios, de lucros de larga escala e atividades de alto valor agregado (ARRIGHI,1997, p. 101).

Contudo, a expansão industrial regional ainda é dependente do acesso ao poder de compra dos antigos mercados ricos, e o modelo de integração regional e a expansão do sistema econômico capitalista permanecem sendo o abastecimento desses mercados através de produtos que são incorporados, via mão de obra barata, proporcionados por países empobrecidos economicamente.[9]

É nesse sentido, tendencioso, que países do núcleo orgânico usufruem e se enraízam nesses países semiperiféricos e periféricos, desfrutando de sua industrialização e de sua mão de obra barata, num processo de exploração e exclusão, para buscarem sua lucratividade e estabilidade de seu valor agregado na economia mundial, a fim de manterem o nível hierárquico de riqueza capitalista; em resumo, possibilitam os meios para a exploração da massa trabalhadora, contudo, não disponibilizam os fins para o desenvolvimento econômico desses países.

Portanto, países de núcleo orgânico priorizam o equilíbrio das desigualdades econômicas, e mesmo que sua desindustrialização esteja acontecendo e a transportando para países periféricos e semiperiféricos, o acúmulo de riqueza do

[9] "Abaixo desse mar, ficam as gigantescas massas trabalhadoras extremamente industriosas e de baixo custo de todas as regiões do nordeste e sudeste asiático, nas quais as "ilhas" capitalistas fincam suas raízes, porém sem fornece-lhes os meios necessários para se elevarem ao "nível do mar" ou acima dele. cf. Cumings, 1993: 25-6" (Arrighi, 1997, p.101).

núcleo orgânico se mantém intacto frente ao desenvolvimento econômico capitalista mundial. Esse processo demonstra que há uma grande ilusão em afirmar que a industrialização é tida como mecanismo fundamental para o desenvolvimento econômico capitalista.

Arrighi (1997), então, segue descendo o elevador do sistema capitalista mundial, chegando ao “Andar Intermediário”, composto por essas desigualdades econômicas globais. O intuito desse andar se faz em explicar as divisões sociais do trabalho em escala global, realçando as desigualdades econômicas mundiais entre países do núcleo orgânico, semiperiféricos e periféricos.

As semiperiferias, de acordo com o autor (Arrighi, 1997), permanecem paralisadas entre a “maturidade” e o “atraso”, termos estes defendidos pelos teóricos da modernização, ou entre o “centro” e “periferia”, termos que se fazem presentes nas definições dos teóricos da teoria da dependência. As semiperiferias “exercem o poder de evitar o rebaixamento de sua combinação, mas têm pouco poder para promover a sua melhoria” (ARRIGHI,1997, p. 160).

É importante ressaltar que Arrighi (1997) desconsidera o uso do termo “semiperiferia” em relação ao sistema interestados, mantendo-se somente a sua relação com a divisão mundial do trabalho.[10]

Podemos dizer que a zona semiperiférica é sustentada pela força positiva em relação aos países periféricos e a força negativa em relação aos países de núcleo orgânico, na qual não possuem força econômica suficiente, e por isso negativa, capaz de alcançar os níveis de hierarquia de riqueza a nível global em relação aos países do núcleo orgânico, todavia usufruem de benefícios marginais e garantem a sua posição econômica, força positiva, em relação aos países periféricos.

A teoria da modernização justifica a posição intermediária no sistema capitalista mundial como um processo de mudança do atraso à modernidade, ou seja, países semiperiféricos estariam num processo de desenvolvimento rumo à modernidade, através de sua ascensão e posição mais próxima, ou igual, aos parâmetros de hierarquia de riqueza global; ou estariam perdendo força econômica a ponto de declinarem ao nível de pobreza das zonas periféricas, causando um atraso desenvolvimentista para esses países intermediários.

---

[10] “Para evitar essas ambiguidades, usaremos o termo “semiperiferia” exclusivamente para nos referirmos a uma posição em relação à divisão mundial do trabalho e nunca para nos referirmos a uma posição no sistema inter-Estados. ” (ARRIGHI, 1997, p. 144).

Contrapondo à teoria da modernização, a teoria da dependência, por outro lado, está ligada diretamente a posições temporárias no sistema capitalista mundial, visto a sua residualidade, pois, “as tendências polarizadoras da economia mundial acabarão por empurrar os Estados que ocupam posições intermediárias em direção ao centro ou em direção à periferia” (ARRIGHI,1997, p. 138). Nesse sentido, a teoria da dependência busca defender que a zona intermediária é algo temporário, em determinados momentos da história econômica capitalista mundial, vez que ela pode ser milagrosamente benéfica ou destruidora, a depender de um dado momento histórico. Essa ascensão ou declínio são basicamente temporários e não tão longe voltariam a sua posição de início.

Arrighi (1997) relata que entre essas divergências de ambas as teorias há um ponto em comum: a instabilidade das posições dessas zonas intermediárias.[11]

Com a finalidade de contestar essas duas teorias, Arrighi (1997) se propõe a explicar outras teorias que possam melhor definir e trazer à baila a relevância do sistema intermediário desses Estados em torno do globo. O autor cita Marini (1969) e sua teoria de que as posições intermediárias entre o centro, bem como a periferia podem ser definidas como “países subimperiais” ou, como define Galtung (1972), “nações mediadoras”. Ainda, ele explica outras teorias como a de Cardoso & Faletto (1979) no qual “[...] reconheceram a possibilidade de que o desenvolvimento, em geral, e a industrialização, em particular, poderiam ocorrer no interior dos Estados ao mesmo tempo que ainda reproduziam uma estrutura de dependência” (ARRIGHI,1997, p. 139).

O entendimento sobre a posição estrutural dos Estados intermediários é considerado pelo autor como ponto diferente em relação à economia mundial, ou seja, a semiperiferia tende a ser o centro dessa divisão entre o núcleo orgânico e periferia, nos seguintes termos:

> A legitimidade e estabilidade desse sistema altamente desigual e polarizador são reforçadas pela existência de países semiperiféricos, definidos como aqueles que incluem, dentro de suas fronteiras, uma combinação mais ou menos igual de atividades de núcleo orgânico e periféricas. [...] Estados semiperiféricos têm o poder de resistir à periferização, embora não tenham poder suficiente de superá-la

[11] “Essas tendências ainda são evidentes em estudos mais recentes. Dessa maneira, Rostow (1978:561, et passim), por um lado, enfatiza a singularidade nacional de casos de crescimento econômico estagnado. Por outro, Amin (1982: 168,196, et passim) argumenta que a polarização é imutável, e que os países semi-industrializados têm um futuro econômico pouco promissor pela frente” (ARRIGHI, 1997, p.138).

> completamente e passar a fazer parte do núcleo orgânico (ARRIGHI,1997, p. 140).

Enquanto a semiperiferia se encontra como um ponto de equilíbrio desse sistema capitalista mundial, nos extremos desse sistema, núcleo orgânico e periferia, a relação entre ambas está ligada ao poder de acumulação do primeiro, e exploração e fraqueza econômica do segundo. Ressalta-se que as atividades do núcleo orgânico, assim como da periferia, possuem influências de um para o outro, ou seja, podem até exercer algumas atividades em comum, contudo, não são comumente, visto que as atividades de países do núcleo orgânico são altamente industriais e financeirizadas, enquanto países periféricos têm a sua principal atividade a exportação de matérias-primas.

A relação de ambos, portanto, encontra-se nessa troca de atividades a qual se dá pela influência de um sobre o outro, realizada, nitidamente, através de um processo de exploração e exclusão pelos países de núcleo orgânico em detrimento dos países periféricos.

Para identificar um país semiperiférico, Arrighi (1997) usa as análises de Immanuel Wallerstein, baseadas em duas características principais, a primeira está num contexto de sistema de troca desigual, nos quais os Estados intermediários exportam produtos com margens de lucratividade condicionadas pela concorrência e pelo custo dos salários. A segunda característica está vinculada ao Estado semiperiférico e o seu interesse sob o poder político de controle de mercado, tanto nacional quanto transnacional, sobrelevando esse interesse em relação ao núcleo orgânico e zonas periféricas.

Contudo, Arrighi (1997) explica que há uma ambiguidade nessas duas características de Wallerstein, pois ao relatar diversos países que são considerados por ele semiperiféricos, sua análise acaba por se basear apenas do ponto de vista de renda ou do sistema interestados, o que acaba por não trazer de forma efetiva a operacionalidade do conceito de semiperiferia.

Frisando Evans (1979), Arrighi (1997) esclarece que, o que torna um país semiperiférico não é apenas a sua posição aparentemente intermediária do sistema capitalista mundial, tudo dependerá de especificação teórica e operacionalização do conceito, e como já exposto a análise para chegar a esse conceito de semiperiferia se baseia na DIT (divisão mundial do trabalho), excluindo a interferência da posição interestados.

Nesse sentido, o autor explica que grande parte dos teóricos definem o sistema intermediário, presente entre o núcleo orgânico e a periferia, através de uma teia de trocas desiguais, nos quais “Estados (frequentemente identificados como “industriais” ou “industrializados”) se apropriam de uma parcela desproporcional dos benefícios da divisão internacional do trabalho” (ARRIGHI,1997, p. 207), e o restante dos outros Estados, por sua vez, “colhe apenas os benefícios que são necessários para conservá-los na relação de troca desigual” (ARRIGHI,1997, p. 207).

Seguindo esse raciocínio, países semiperiféricos possuem uma relação, nessas trocas desiguais, de segregação dos benefícios em relação ao núcleo orgânico, força negativa, e contemplação dos benefícios, força positiva, ocasionadas pelas teias das trocas desiguais frente às relações realizadas através da periferia.[12]

Há dois grandes questionamentos sobre essas teias de trocas desiguais, o primeiro se fundamenta no argumento de que industrialização é sinônimo de desenvolvimento, ou seja, pela lógica, países industrializados seriam considerados países de núcleo orgânico, países semi-industrializados seriam considerados países semiperiféricos e países desindustrializados seriam considerados países periféricos, ou seja, quanto mais poder industrial, maior é o nível de desenvolvimento econômico do país (ARRIGHI,1997).

> Essa visão está tão entranhada que ela não permanece sem contestação, não obstante a recente onda de desindustrialização entre os Estados mais ricos da economia capitalista mundial. A rápida industrialização correspondente dos Estados comparativamente pobres, foi, em geral, considerada em seu valor nominal como o equivalente de “desenvolvimento”. Ao que me consta, ninguém dessas escolas levantou a questão de se esses processos conjuntos de desindustrialização e industrialização foram combinados ou não a um correspondente estreitamento da distância entre riqueza, poder e bem-estar, de um lado, dos grupos de Estados ricos, mas em processo de desindustrialização e do grupo de Estados não tão ricos, mas em processo de industrialização geralmente é buscada não com um fim em si mesmo, mas como um meio na busca da riqueza [...] para que se possa levantar a questão, é necessário abandonar o postulado de que industrialização é o equivalente de desenvolvimento. (ARRIGHI,1997, p. 208-209).

[12] “Estados semiperiféricos (frequentemente referidos como “semi-industriais” ou “semi-industrializados”) são, por tanto, definidos como os Estados que ocupam uma posição intermediária nessa rede de troca desigual: eles colhem apenas benefícios marginais quando estabelecem relações de troca com os Estados do núcleo orgânico, mas colhem a maioria dos benefícios líquidos quando estabelecem relações com os Estados periféricos” (Arrighi, 1997, p.208).

O segundo ponto importante desse questionamento está ligado às trocas desiguais nas relações núcleo orgânico e periferia, bem como nas suas estruturas nas quais consistem em uma rede de trocas, voltada exclusivamente para uma relação de comércio. Ambas as relações, portanto, se definem numa rede de trocas altamente impulsionadas pela relação comercial internacional. Arrighi (1997) entende que:

> Admitido tudo isso, não se segue daí que a troca desigual foi o único ou mesmo o principal mecanismo de polarização núcleo orgânico-periferia ou que a polarização núcleo orgânico-periferia é necessariamente seu resultado. A troca desigual é apenas um dos diversos mecanismos da polarização núcleo orgânico-periferia. Igualmente importantes foram dois outros mecanismos, que podemos designar como transferências unilaterais de mão-de-obra, por um lado, e de capital, do outro (ARRIGHI,1997, p. 210).

Como já exposto em algumas passagens do texto, a troca desigual é um dos vários mecanismos que contribuíram para a estrutura, construção e expansão do núcleo orgânico-periferia, porém, não pode ser considerado como um mecanismo decisivo nessas relações.

À vista disso, outro mecanismo nessa base de construção de polarização núcleo orgânico-periferia da economia capitalista mundial, pode ser analisado pelas transferências unilaterais de capital e trabalho, que tiveram como alvo a transferência derivada pela força e pela voluntariedade. A transferência forçada remete ao uso violento de ameaça pelo Estado que o recebe, bem como pelos seus agentes. A fim de exemplificar essas transferências de força violenta ou de ameaça, temos o tráfico negreiro, o uso de trabalho forçado através de prisioneiros de guerra, nas quais demonstram essas forças unilaterais como meios de mão de obra barata; “ao passo que a extorsão de instrumentos monetários das colônias ou de reparações de guerra de inimigos derrotados é um exemplo de transferências forçadas de recursos de capital” (ARRIGHI,1997, p. 210-211).

No que concerne às transferências voluntárias, “[...] são transferências baseadas exclusivamente no autointeresse dos donos dos recursos que estão sendo transferidos, sendo os exemplos mais proeminentes a emigração de trabalhadores e a ‘fuga do capital’ ” (ARRIGHI,1997, p. 211). As transferências forçadas e voluntárias, explica Arrighi, obtiveram grandes relevâncias no processo de construção do núcleo orgânico-periférico, porém, moralmente mais aceita, as transferências voluntárias conseguiram gerar incentivo e segurança mais consolidados nas transferências de

recursos. Para o autor (Arrighi,1997), esses mecanismos forçados e voluntários de transferências unilaterais são mais relevantes do que a troca desigual no que diz respeito ao sistema de expansão do núcleo orgânico a nível mundial. Nas palavras de Arrighi (1997):

> Se as relações núcleo orgânico-periferia dizem respeito, como penso que ocorre, a alguma desigualdade fundamental e auto-reprodutiva na distribuição de riqueza entre os Estados e povos da economia capitalista mundial, então a troca desigual e as transferências unilaterais dos recursos do capital e do trabalho são atributos puramente contingentes dessas relações, exatamente como a industrialização e a desindustrialização. Elas podem ou não coincidir com as relações núcleo orgânico-periferia, dependendo das circunstâncias especificas de tempo e lugar sob exame. Em si e por si mesmas, elas não podem jamais dizer quem está e quem não está se beneficiando com as desigualdades estruturais da economia capitalista mundial (ARRIGHI,1997, p. 213).

Assim como a troca desigual, as transferências unilaterais forçadas e voluntárias de recursos do capital e do trabalho obtiveram uma parcela, ainda que superficial, na construção da estrutura mundial que permeia o núcleo orgânico-periferia.

Desse modo, Arrighi (1997), analisando a semiperiferia e a estrutura desse sistema mundial econômico desigual, nos fornece uma solução para esse embaraço teórico que permeia a relação de redes de trocas e industrialização. Citando Marx e Schumpeter, o autor analisa os sistemas mundiais via um processo de autossuficiência de benefícios dos Estados em posições superiores na hierarquia de riqueza mundial frente à DIT.

O sistema mundial, portanto, auxilia o capitalismo através de um movimento de estabilidade e não estabilidade, nos quais os benefícios da divisão mundial do trabalho passam por ondas longas, por meio de lutas competitivas, pressionadas pelas relações de inovações.

Constata-se, por fim, que as relações do núcleo orgânico-periferia são movimentos resultantes de lutas competitivas, instrumentalizadas pelas inovações, em busca de benefícios da divisão mundial do trabalho. Essas relações fazem parte de todo o processo sistêmico dos sistemas mundiais, em que “a capacidade de um Estado de se apropriar dos benefícios da divisão mundial do trabalho é determinada principalmente por sua posição, não numa rede de trocas, mas numa hierarquia de riqueza” (ARRIGHI,1997, p. 214-215). Como Arrighi (1997) ensina:

> Quanto mais alto na hierarquia de riqueza está um Estado, melhor posicionados estão seus dirigentes e cidadãos na disputa por benefícios. Suas oportunidades de iniciar e controlar processos de inovação ou proteger-se dos efeitos negativos dos processos de inovação iniciados e controlados por outros são distintamente melhores do que as oportunidades dos dirigentes e cidadãos posicionados mais abaixo na hierarquia de riqueza (ARRIGHI,1997, p. 215).

Portanto, há um afastamento da teoria da troca desigual, ou seja, não se torna elo principal desse processo sistêmico. No entanto, o que compõe efetivamente esse processo sistêmico mundial são as formas desiguais de como esses benefícios são distribuídos em relação às três posições globais (núcleo orgânico, semiperiferia e periferia). Essas distribuições acabam por posicionar e fortalecer aqueles com maiores níveis de riqueza, trazendo meios mais estáveis no que diz respeito aos efeitos positivos e/ou negativos impelidos pelas inovações.

Os sistemas mundiais são divididos em três pilares que os colocam em posições de superioridade, compostos por Estados do núcleo orgânico; intermediários, compostos por Estados semiperiféricos; e inferiores, compostos por Estados periféricos.

O primeiro é definido como aqueles que possuem a concentração de maior nível de hierarquia de riqueza, da qual se apropriam de uma parcela superior dos benefícios da DIT. O segundo é composto por aqueles que “se apropriam dos benefícios que excedem os custos a longo prazo da participação na divisão mundial do trabalho, mas menos do que é necessário para manter o padrão de riqueza” (ARRIGHI,1997, p. 214-215), ocasionados pelos padrões do núcleo orgânico. E o terceiro cobre apenas os seus gastos por um longo prazo em relação à DIT e permanecem na posição mais periférica do sistema desenvolvimentista econômico.

Essas divisões são comparadas como posições oligárquicas e democráticas, a depender do nível de riqueza. A riqueza oligárquica é definida como uma riqueza não disponível para todos, apenas para uma pequena parcela, independentemente dos esforços que são empenhados; enquanto a riqueza democrática está disponível para todos, possuindo relação direta com os esforços que são empenhados.[13]

[13] “Análise de sistemas mundiais sustenta que os Estados em busca de riqueza nacional numa economia capitalista mundial enfrentam um problema de “adição” semelhante, e de muitas maneiras mais sério do que, àquele enfrentado pelos indivíduos quando buscam riqueza pessoal numa economia mundial. As oportunidades equivalentes de avanço econômico para todos os Estados. Como insiste

O nível de riqueza acumulada desses países do núcleo orgânico, os quais possuem uma relação oligárquica frente às riquezas a nível mundial, passam por um processo de exploração e exclusão dos Estados que não estão nessa posição de hierarquia de riqueza do sistema capitalista mundial.

O “seu uso ou gozo, portanto, pressupõe a exclusão ou desaglomeração de outros, seja através de um sistema de correção de preços ou de racionamento e leva à formação de lucros ou quase-lucros” (ARRIGHI,1997, p. 216). Esse entendimento se faz ilusório em relação aos países semiperiféricos e periféricos, que frequentemente tentam buscar essa riqueza oligárquica, tendo em vista a desproporcionalidade das oportunidades para o avanço econômico dessas regiões.

De acordo com Arrighi (1997), ambos os processos de exploração e exclusão são relevantes a fim de compreender as relações desiguais dessas desigualdades de riqueza e oportunidades, nas quais são limitadas à bolha dos Estados que compõem o núcleo orgânico. Os processos de exploração,

> [...] se referem ao fato de a pobreza absoluta ou relativa dos Estados periféricos ou semiperiféricos induzir continuamente seus dirigentes e cidadãos a participar da divisão mundial do trabalho por recompensas marginais que deixem o grosso dos benefícios para os dirigentes e cidadãos dos Estados do núcleo orgânico (ARRIGHI,1997, p. 217).

Enquanto os processos de exclusão,

> [...] se referem ao fato de que a riqueza oligárquica dos Estados do núcleo orgânico fornece aos seus dirigentes e cidadãos os meios necessários para excluir os dirigentes e cidadãos dos Estados periféricos ou semiperiféricos do uso ou gozo de recursos que são escassos ou estão sujeitos a acumulação anormal (ARRIGHI,1997, p. 217).

Tanto os processos de exploração quanto os processos de exclusão visam à garantia desse sistema oligárquico, extremamente desigual e desproporcional das oportunidades do capitalismo. Ambos os processos são distintos, contudo, se culminam num processo de garantir a pobreza de países não-orgânicos a fim de que possam buscar constantemente, e ilusoriamente, sua reentrada na DIT, o que contribui para manter o equilíbrio desigual do sistema econômico capitalista mundial, beneficiando notoriamente os Estados pertencentes ao núcleo orgânico.

Wallerstein (1988), desenvolvimento nesse sentido é uma ilusão. A riqueza dos Estados do núcleo orgânico é análoga à riqueza oligárquica de Harrod” (ARRIGHI, 1997, p. 217).

À vista disso, destaca-se que “[...] o traço mais essencial da economia capitalista mundial é a recompensa desigual por esforços humanos iguais e oportunidades desiguais de uso de recursos escassos” (ARRIGHI,1997, p. 218). O autor ressalta que, se todos os esforços humanos pudessem ser distribuídos de forma igualitária, no qual estes pudessem ter as mesmas oportunidades frente aos benefícios (recursos escassos) do sistema capitalista mundial, o equilíbrio entre os países, talvez, pudesse ser equiparado nas posições intermediárias.

Porém, essa suposição é meramente ilusória, as lutas competitivas a fim de se manterem ou alcançarem frente ao que é estipulado pelo nível de hierarquia de riqueza dos que já se encontram no núcleo orgânico, possuem diversas barreiras de exploração e exclusão que fazem com que esse equilíbrio desigual permaneça.[14]

Há nesse processo uma cadeia seletiva de posições, em que para os Estados semiperiféricos, por exemplo, tanto a exclusão quanto a exploração dos países periféricos geram um requisito de sucesso para esses, “[...]uma piora das condições dos Estados periféricos, enquanto grupo, é um requisito do sucesso dos Estados semiperiféricos em obter riqueza democrática” (ARRIGHI,1997, p. 220), o autor ainda explica que as distribuições de rendas por longos períodos podem demonstrar que

> [...] a grande maioria dos Estados tem sido incapaz de transpor os golfos que separam a pobreza dos Estados periféricos da riqueza modesta dos Estados semiperiféricos, e a riqueza modesta dos Estados semiperiféricos da riqueza oligárquica dos Estados do núcleo orgânico (ARRIGHI,1997, p. 221).

É possível que haja mudanças nessas posições em torno do globo? Sim, de forma individual, todavia não obterão as mesmas oportunidades de avanço econômico e dependerão da sua estabilidade ao menos por meio século para efetivamente

[14] “Como observa Wallerstein (1979:76), a ideologia do desenvolvimento é meramente a versão global da filosofia do girino de R.H. Tawney: “É possível que girinos inteligentes se resignem com a inconveniência de sua posição, ao refletir que, embora a maioria vá viver e morrer como girinos e nada mais, os mais afortunados da espécie um dia perderão seu rabo, distenderão sua boca e estômago, pularão lepidamente para a terra seca e coaxarão discursos para seus ex-amigos sobre as virtudes pelas quais girinos de caráter e capacidade podem ascender à condição de sapos. Essa concepção de sociedade pode ser descrita, talvez, como a Filosofia do Girino, uma vez que o consolo que oferece para os males sociais consiste na declaração de que indivíduos excepcionais podem conseguir escapar deles...E que a visão da vida humana essa atitude sugere! Como se as oportunidades para a ascensão de talentos pudessem ser igualadas numa sociedade em que são desiguais as circunstancias que os cercam desde o nascimento! Como se fosse natural e adequado que a posição da massa da humanidade pudesse ser permanentemente tal que lhe permitisse atingir a civilização escapando dela! Como se o uso mais nobre dos poderes excepcionais fosse bracejar até a praia, sem se deixar deter pelo pensamento nos companheiros que se afogam (Tawney, como citado por Wallerstein 1979:101) ” (ARRIGHI, 1997, p.220).

alcançarem esse patamar de hierarquia de riqueza mundial do núcleo orgânico. Todavia, essas progressões são extremamente excepcionais, visto os grandes entraves do sistema capitalista econômico e suas diversas teias de dependência, bem como o seu impetuoso desequilíbrio de oportunidades, escassez de recursos, disponíveis para todos em torno do globo.

A semiperiferia, portanto, tem sido um terreno fértil de investimento e possibilidades de lucratividade. Para Arrighi (1997), conforme trecho a seguir transcrito, ela é considerada primordial a fim de se manter o equilíbrio e estabilidade do sistema capitalista mundial, que separa os perímetros mais extremos desse sistema, núcleo orgânico-periferia.

> Politicamente, um sistema polarizado num setor pequeno e distinto de alto status e renda, de um lado, e um setor relativamente autônomo, de baixo status e renda, de outro, levaria bastante rapidamente a lutas profundas e desintegradoras (ARRIGHI,1997, p. 242).

Arrighi (1997), consentindo com Wallerstein, busca esclarecer que os Estados semiperiféricos trazem um ponto de equilíbrio para essas possíveis lutas competitivas mais profundas, nos quais tais setores denominados como “médios” acabam por se equilibrar entre os extremos dessas regiões, núcleo orgânico-periferia, em que conseguem se concentrar em sua posição mais benéfica frente aos países em situação de maior pobreza, de um lado, e na afirmativa de não estarem numa situação de extrema inferioridade em relação àqueles que se encontram em posições de maior prestigio econômico, de outro; cumprindo, portanto, o papel no que concerne à estrutura do sistema mundial.

Países do núcleo orgânico e empresas capitalistas vêm se desvinculando dos países semiperiféricos, ora altamente explorados, com o objetivo de cortar seus gastos a fim de enfrentarem as lutas competitivas excessivas, fortalecendo, dessa forma, seus laços com países periféricos, o que agrava os problemas encontrados na semiperiferia.

Podemos notar que a industrialização como força de desenvolvimento nos países intermediários e periféricos fracassou, as referências almejadas por esses países, industrialização e urbanização, que são estruturadas por países superiores, não passou de um mero detalhe e um grande sonho a fim de atingir a riqueza mundial.

Exemplos notáveis dessa busca aconteceu nos anos 1980 no Leste europeu e no Sul global, regiões de pouco privilégio, as quais “internalizaram elementos da

estrutura social dos países mais ricos através da “modernização”, mas não conseguiram internalizar sua riqueza” (ARRIGHI,1997, p. 254-255). De acordo com entendimento de Arrighi (1997):

> Essas nações continuam a ser identificadas como ‘industriais’ ou ‘industrializadas’, enquanto que a rápida industrialização correspondente de países comparativamente pobres é considerada como o equivalente de ‘desenvolvimento’. Essa visão obscurece o fato de que a industrialização foi perseguida, não como fim em si mesmo, mas como um meio de buscar a riqueza. Se a industrialização significou ou não ‘desenvolvimento’, isso depende de ela ter sido um meio eficaz ou não de alcançar seu objetivo. Como mostramos em outra parte, a eficácia da industrialização em distribuir riqueza na economia mundial como um todo declinou sua expansão geral até que, na média, seus retornos se tornaram negativos. [...] A industrialização ou, mais geralmente, a modernização, não conseguiu cumprir suas promessas e esse fracasso está na raiz dos sérios problemas enfrentados atualmente pela maior parte dos países do Leste e do Sul. Esses sérios problemas não são locais nem conjunturais, mas sistêmicos e estruturais (ARRIGHI,1997, p. 255-256).

Apesar dos avanços, a industrialização não pode ser considerada como um movimento em ascensão para o desenvolvimento econômico; a crescente onda de industrialização dos países não pertencentes ao núcleo orgânico não os colocou em ascensão a nível de riqueza mundial e nem mesmo o processo de desindustrialização dos países desenvolvidos os tornou mais desfavorecidos na luta competitiva e no nível de riqueza a que pertencem. Ao contrário do que se imaginou, as tendências de desenvolvimento econômico se mantiveram ilesas e inalteradas, com algumas exceções milagrosas como o Japão e China. Sendo assim, a riqueza da economia mundial não é um clube aberto, ao menos que esses Estados se provem merecedores de pertencimento via “políticas e esforços adequados de desenvolvimento” (ARRIGHI,1997, p. 261), porém está mais para um milagre do que uma realidade que isso aconteça.

A fim de explicar soluções para a crise autoritária nos países semiperiféricos, Arrighi (1997) esclarece que:

> Incapazes de satisfazer ou de reprimir as exigências populares de subsistência e democracia, um número cada vez maior de regimes da semiperiferia pode ficar tentados a buscar uma saída desse impasse político, satisfazendo essas exigências seletivamente com base em discriminações raciais, étnicas e religiosas entre seus cidadãos (ARRIGHI,1997, p. 249).

Dessa forma, a intensificação dessas lutas discriminatórias, ainda que leve um longo tempo (ondas longas), pode constituir um caos sistêmico em que sucederá novas formas democráticas para a formação do sistema mundial. Nesse aspecto, formas menos exploratórias e excludentes, e talvez mais igualitárias desse sistema desigual, possam ser efetivadas em torno do globo, contudo, isso ainda é uma especulação.

Descendo o elevador do último “Andar Inferior”, Arrighi (1997) busca, através das teorias marxistas, analisar o movimento do proletariado[15] e suas conjunturas no mundo.

A burguesia, para o autor (ARRIGHI, 1997), passa por um movimento de derrocada intensificada pelo aumento do poder social do operariado e a pobreza intensa desse, em decorrência da competição dos próprios operários no mercado de trabalho, portanto, o desenvolvimento industrial atual está sendo capaz de desestruturar a produção e apropriação, em que são estruturadas a própria burguesia, criando um movimento ascendente revolucionário.

As bases prognósticas para essa ascensão revolucionária, portanto, se constituiria em três grandes pilares. O primeiro se daria pela polarização entre a burguesia e o proletariado, movido pela demanda de trabalho. O segundo reflete a ambivalência da acumulação de capital, causando um fortalecimento do operariado no aspecto de produção de riqueza social, por um lado, e o empobrecimento na força de trabalho através da comodificação, subordinadas pelas vicissitudes das concorrências, por outro. O terceiro se relaciona com a validação da insuficiência e decesso da ordem burguesa, o que geraria uma suplantação de uma nova ordem global, voltada para um movimento em sua essência socialista, ou seja, sem competição de mercado e sem atos de exploração e exclusão.[16]

---

[15] Proletariado é definido, em termos econômicos, como uma classe de trabalhadores que sobrevivem em função da demanda de capital como resultado do seu incansável trabalho, sendo utilizados, e condicionados, como produtos de mercadorias descartáveis (ARRIGHI,1997).

[16] “1. A sociedade burguesa tende a se polarizar em duas classes, a própria burguesia e o proletariado, entendido como uma classe de trabalhadores que vivem apenas se encontram trabalho, e que encontram trabalho apenas na medida em que seu trabalho aumenta o capital.2. A acumulação capitalista tende a empobrecer e, simultaneamente, a fortalecer o proletariado no interior da sociedade burguesa. O fortalecimento se vincula ao papel do proletariado como produtor de riqueza social, o empobrecimento se vincula ao seu papel como força de trabalho mais ou menos comodificada, sujeita a todas as vicissitudes da concorrência. 3. As leis de competição pelo mercado, social e politicamente cegas, tendem a fundir essas duas tendências numa perda geral de legitimidade da ordem burguesa, que provoca sua suplantação por uma ordem mundial não competitiva e não exploradora” (ARRIGHI, 1997, p. 302).

Outro ponto importante a constar se refere ao esgotamento da revolução organizacional norte-americana, o que ocasionou um corte de custos derivado das lutas competitivas do sistema interempresas, no qual, as duas primeiras, aumentaram a penúria maciça do núcleo orgânico, possibilitando uma nova distribuição do poder social dessa massa trabalhadora a regiões semiperiféricas e periféricas. Nesse contexto os cortes de custos tiveram três características:

> a) uma substituição de fontes de mão-de-obra remunerada mais caras por outras mais baratas no interior de todos os Estados do núcleo orgânico – a feminização da força de trabalho remunerado, sendo o aspecto mais importante, e o uso de mão-de-obra imigrante de primeira geração, frequentemente ilegal, sendo seu aspecto secundário; b) uma substituição de fontes de mão-de-obra mais caras por outras mais baratas através de fronteiras de Estado, particularmente entre regiões do núcleo orgânico e mais periféricas- a relocalização de fabricas e a substituição de produção doméstica por importados, sendo aqui os aspectos mais importantes; c) substituição de força de trabalho proletária por força de trabalho intelectual e cientifica em processos de produção – a automação e o uso de tecnologias com base cientifica, sendo os seus aspectos mais importantes (ARRIGHI,1997, p. 330-331).

Ressalta-se que nos dois primeiros aspectos apenas houve a transferência desse poder social do proletariado, ou internamente, como no caso dos países desenvolvidos, ou externamente, de um país para outro. Ao contrário desses dois aspectos, tanto a automação quanto as tecnologias aumentaram o poder social da classe cientifica e tecnológica em detrimento da redução da classe operária. Todavia, Arrighi (1997) explica que “há uma transferência de poder social das mãos do proletariado industrial, mas somente como um prelúdio para um futuro crescimento de seu tamanho e poder” (ARRIGHI,1997, p. 331-332).

As penúrias maciças da classe operária inseridas tanto nos países de núcleo orgânico quanto nos países semiperiféricos e periféricos têm intensificado a criação de um movimento mais próximo das bases prognósticas do Manifesto de Marx e Engels, “um cenário no qual o poder social e a penúria maciça do proletariado afetam o mesmo material humano em vez de segmentos separados e diferentes do proletariado mundial” (ARRIGHI,1997, p. 332). Arrighi (1997) aponta que:

> Como sempre, a anulação dessas práticas, e das ideologias e organizações em que foram institucionalizadas, só pode ser o resultado das lutas daqueles que são oprimidos por elas. O poder social que a corrida ao corte de custos está colocando nas mãos de

> setores tradicionalmente fracos do proletariado mundial é apenas um preludio dessas lutas. Na medida em que essas lutas forem bem sucedidas, o palco está montado para a transformação socialista do mundo (ARRIGHI,1997, p. 350).

É importante frisar que os movimentos da classe trabalhadora são resultados da indiferença que recebem dentro do capitalismo industrial, sendo colocados à amostra apenas como massa de aumento de capital.

As lutas pelo combate ao racismo, ao sistema patriarcal e à intolerância religiosa, por exemplo, aumentam as pressões desses movimentos dentro do operariado, possibilitando o fortalecimento das organizações e reinvindicações ideológicas. Essas ações, portanto, desenham as trajetórias pelas quais o processo da nova classe operária busca se alinhar para que uma nova ordem mundial mais inclusiva possa se tornar realidade.

O processo de suplantação, para dar fim à crise instaurada, sob a hegemonia britânica, foi cometido pela Revolução Industrial através do qual estabeleceu-se o movimento operário mundial. Arrighi (1997) então questiona quais serão as mudanças para a nova classe trabalhadora que surgiu através da atual estrutura organizacional (Revolução Organizacional sob a hegemonia americana), poderão desenvolver para a criação de uma nova ordem mundial revolucionária para findar essa crise, que por ora, passa por um impasse, a fim de se chegar numa solução. Seria necessária uma nova Revolução Industrial? Isso dependerá da constância e da energia dessa classe trabalhadora a fim de ser resistente a atual e conseguir se fortalecer tanto quanto a sua descendente.[17]

Para fins de conclusão, é possível definir que a obra de Giovanni Arrighi (1997) traz à baila duas grandes percepções, sendo a primeira e mais importante, a concepção de que industrialização não pode ser sinônimo de desenvolvimento, e que a industrialização possui sua essência através de um sistema capitalista que se originou na Revolução Industrial através da hegemonia britânica, bem como pela Revolução Organizacional, sob a hegemonia norte-americana. Nesse diapasão, a expansão transnacional da industrialização como ferramenta para o desenvolvimento econômico de países periféricos e semiperiféricos não passa de um ato ilusório, ao

[17] “Se o sopro de internaciolismo, agora mais fraco, vai finalmente prevalecer sobre o sopro do tribalismo, é uma questão que em última análise está nas mãos dos próprios trabalhadores do mundo” (ARRIGHI, 1997, p. 371).

passo que esse processo industrial não mudou, e não muda, as posições de hierarquia de riqueza em torno do globo, com exceção dos milagres econômicos, como Japão e, atualmente, China.

Ao que pese essa afirmação, o processo de industrialização de países intermediários e pobres, e a desindustrialização dos países desenvolvidos (núcleo orgânico), não trouxe alterações para o sistema capitalista mundial, longe disso, se manteve intacto na promoção do equilíbrio desse sistema desigual e na sua contínua estabilidade frente à hierarquia de riqueza mundial.

A industrialização desses países semiperiféricos e periféricos não consegue alcançar posições desenvolvimentistas, visto as grandes desigualdades de oportunidades em relação aos recursos cada vez mais limitados e escassos que são absorvidos por países do núcleo orgânico, detentores da riqueza oligárquica, através de um processo de exploração e exclusão desses países não pertencentes ao núcleo orgânico, que buscam continuamente, através de lutas competitivas, usufruírem dos benefícios da elite desenvolvimentista.

Portanto, o sistema capitalista mundial é fruto de um sistema onde as desigualdades são observadas como necessárias para se manter o equilíbrio das tensões mundiais e garantir as posições do núcleo orgânico, pois enquanto um país ganha, outro, necessariamente, deve perder; o ponto de equilíbrio dessas tensões capitalistas, núcleo orgânico-periferia, se consagra através das semiperiferias, que usufruem dos benefícios marginais do núcleo orgânico, mas não possuem força o suficiente para alcançar os mesmos níveis dessa riqueza hierárquica pertencentes aos países do “Andar Superior”.

A segunda percepção se engata à primeira, pois o processo de expansão transnacional via industrialização não ofereceu os meios necessários para que o processo desenvolvimentista desses países semiperiféricos e periféricos ocorressem.

A percepção desse processo aprofundou ainda mais as desigualdades, ocasionando lutas competitivas ainda mais intensas a fim de atenderem ao mercado econômico mundial, aos processos de inovação, modernização, do atual cenário econômico. Dessa forma, a exploração se intensifica no operariado, vistos como massa de acumulação de capital, causando tensões severas que auxiliam o processo de mobilização da classe trabalhadora mundial, que sofrem com o descaso das desigualdades e diferenças sociais.

Coadunando com essa perspectiva, as desigualdades existentes no sistema capitalista mundial não instrumentalizam mecanismos de igualdade, pelo contrário, atuam num processo explorador e excludente, onde os padrões de riqueza estabelecidos à luz da hierarquia mundial não possam estar disponíveis a todos os Estados que os desejam; é ilusória, portanto, a concepção de que esses países desenvolvimentistas sejam um “clube aberto” e que estejam dispostos a disponibilizarem ou possibilitarem aos países semiperiféricos e periféricos os mesmos benefícios que os consagram no topo do nível de hierarquia de riqueza mundial.

Nesse contexto, o estudo aqui realizado analisa a obra de Giovanni Arrighi (1997), *A Ilusão do Desenvolvimento*, a fim de observar elementos do processo de industrialização via empresas capitalistas transnacionais por um lado, bem como as vulnerabilidades da classe trabalhadora, por outro.

A obra traz parâmetros que fortalecem a ideia de que as flexibilizações dessas empresas transnacionais, que possuem sua sede em países centrais, permitem uma forte autonomia no assentamento e “desassentamento” em países semiperiféricos, visando grandes oportunidades e lucratividades através de um processo de exploração e exclusão.

A atuação dessas empresas, portanto, acentua a desigualdade e o desiquilíbrio desses processos de oportunidades e progresso para os países semiperiféricos, em especial em regiões como a de Olímpia.

Além dessa flexibilização, outro ponto importante está relacionado à vulnerabilidade da classe trabalhadora que atende a esse objetivo transnacional de acumulação de riqueza e que ficam à mercê das condições dessas empresas transnacionais até o momento em que essa massa operária se torne descartável pelo excesso e esgotamento de benefícios usufruídos naquela localidade.

Nesse sentido, esse pode ser um dos vários motivos a fim de justificarem o seu desassentamento daquela localidade, tendo em vista que outras regiões podem ser mais lucrativas ou, ainda, as pressões por mais direitos trabalhistas podem gerar mais custos e com isso encarecer e diminuir a taxa de lucratividade dessas empresas transnacionais.

Portanto, a exploração dessas empresas capitalistas, com suas sedes em países centrais, faz do restante dos países não pertencentes ao núcleo orgânico um ambiente temporário de exploração no qual usufruem o máximo dos benefícios até o seu total esgotamento.

É nessa conjuntura que se analisa, a partir das contribuições de Arrighi (1997), o assentamento dessa empresa transnacional em Olímpia e em Severínia, e a vulnerabilidade da classe trabalhadora no setor sucroalcooleiro dessas localidades, com o intuito de contrapor à ideia aceita quase universalmente do valor do progresso econômico como consequência natural de um processo industrial nesse setor. Estamos interessados em observar os impactos que a implantação dessa empresa e dessas unidades acarretaram na região.

2 PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E INOVAÇÕES TECONOLÓGICAS AO SETOR SUCROALCOOLEIRO NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM ESPECIAL OLÍMPIA E REGIÃO: ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

A cidade de Olímpia – SP, assim como a de Severínia – SP, possui grande importância no setor sucroalcooleiro, em que ambas têm como principal atividade no âmbito da agroindústria, a produção de cana-de-açúcar. Olímpia é um dos polos centrais dessa produção, e ocupa a nona posição em quantidade produzida de cana no estado paulista (IBGE, 2022).

Para chegarmos às conclusões deste trabalho, foram entrevistados dez ex-cortadores de cana que mantiveram vínculo com a empresa analisada na unidade de Cruz Alta, em Olímpia.

No que concerne à cidade de Severínia, que está localizada aproximadamente a 17km de Olímpia, o município possui um desempenho importante de produção da monocultura canavieira, além de ser a primeira unidade instalada pela antiga usina Guarani S/A para a produção de cana, contudo, cabe ressaltar que a análise do município de Severínia está diretamente ligada à paralisação da unidade de Severínia. Portanto, além da pesquisa de campo, realizada com dez ex-cortadores de cana da unidade de Cruz Alta, em Olímpia, foi analisada a paralisação atual da unidade de Severínia, em que aproximadamente 70 funcionários perderam seus empregos e uma significativa parcela desses trabalhadores não foram realocados para outras unidades da empresa (DIÁRIO DA REGIÃO, 2022).

Com a internacionalização do setor, a vinda da empresa transnacional e a acelerada produção e expansão canavieira para a produção de açúcar e etanol na região acabaram por impulsionar ainda mais as atividades de ambas as usinas. A pequena distância entre os municípios torna-se atrativa, ou seja, de fácil mobilidade para a produção e distribuição de cana.

O que une as duas cidades para este trabalho é a relação das usinas de ambos os municípios pertencerem ao Grupo Tereos, antiga usina Guarani S/A, (TEREOS BRASIL), e os impactos negativos gerados aos trabalhadores pela empresa de ambas as usinas analisadas.

Desse modo, a atuação das usinas de Olímpia, unidade Cruz Alta, e de Severínia, unidade de Severínia, serão analisadas neste trabalho, a fim de verificar os impactos desse novo modelo de produção, via mecanização, pela agroindústria

canavieira a partir de 2002, com a promulgação da Lei nº 11.241/2002, e como esse modelo se relaciona com as novas tecnologias de produção, identificando quais foram os impactos negativos causados por esse processo industrial na vida desses ex-cortadores de cana.

2.1 Da história à atualidade da agroindústria no estado paulista e na região olimpiense: cultivo de café, de laranja e de cana-de-açúcar

A produção agrícola é bastante característica da região de Olímpia, que passou por três grandes fases de plantio e colheita, visto que a fertilidade do solo é atrativa para diversos cultivos.

A primeira se deu através do plantio e cultivo do café, muito presente no interior do estado de São Paulo, onde “o plantio de café em Olímpia e adjacências teve início no ano de 1910, por conta da enorme produção cafeeira, capitaneada pela rápida expansão pelo Oeste Paulista” (GALLÃO, 2020, p.26). Referido autor ainda observa que:

> Durante essas duas primeiras décadas do século XX é que a expansão dos cafezais pelo Oeste Paulista atingiu a área de Olímpia, apesar de, como notamos, as primeiras plantações já datarem dos primeiros anos do século. A própria área ao sul de Olímpia apresentava, no entanto, características de fertilidades distintas daquelas que permitiram as grandes plantações das duas últimas décadas do século XIX (GALLÃO, 2020, p.26).

Nessa época a chamada “terra roxa” era restrita aos espigões, faixas estreitas férteis para o cultivo. Conforme se esclarece a seguir:

> O avanço além da terra roxa levava o pioneiro a instalar-se em estreitas faixas de terras boas, nos espigões, mas que eram envolvidas por solos medíocres, apropriados para a criação de gado. A penetração estava diante de campos em que a criação havia tomado pé no passado, com criadores vindos de Minas Gerais (MONBEIG, 1998, p.182).

Nesse sentido, as áreas inférteis ao plantio dos cafeeiros, ou seja, que não eram consideradas “terras roxas”, abriram espaço para a criação de gado, e muitos

fazendeiros locais passaram a investir na criação de engorda de gado para comercializar junto ao frigorífico de Barretos – SP.[18]

Com a crise do café em 1930 ocasionada pelo grande acúmulo cafeeiro e, consequentemente, a desvalorização do produto, à vista da queda da bolsa norte americana, mais especificadamente em Nova York, a cidade de Olímpia e região foi impactada diretamente vez que o café era uma de suas principais atividades.

Entre algumas consequências dessa crise diversos fazendeiros da região que tinham como sustento e trabalho a produção de café abriram falência, o que aumentou o número de trabalhadores rurais desempregados. Tendo em vista o problema, foi proposta a solução a seguir:

> A produção excedia em muito o consumo mundial, culminando na grande crise de 1904-1905. Como resposta ao problema, representantes do Vale do Paraíba e do Oeste mais velho próximo a Campinas propuseram a proibição de novos plantios, o que, em tese, além de evitar o aumento ininterrupto do estoque brasileiro, acarretaria um incentivo aos colonos de se mantivessem naquelas áreas já decadentes, deixando de migrar para as plantações mais novas onde obtinham vantagens no plantio intercafeeiro de alimentos (cf Stolcke, 1996) (BOECHAT, 2009, p.100-101).

Um dos grandes empecilhos para a produção de café, segundo Boechat (2009), tinha relação com o percurso longo até a ferrovia, levando-se em conta a dimensão das propriedades, bem como a distância da ferrovia; “verifica-se, antes de tudo, uma parcela relativamente pequena de grandes propriedades cafeeiras no universo restrito do município: trinta para um total de mais de 500 propriedades cafeeiras” (BOECHAT, 2009, p.119). A localização das áreas mais produtivas ficava ao sul do município, próxima à ferrovia de Olímpia, enquanto a região norte não tinha uma parcela significativa dessa produção.

O trajeto da ferrovia fazia um percurso importante não só para Olímpia, mas para outras regiões, em que “cinco daquelas maiores propriedades estavam próximas à estação de Álvora, entre Severínia e Olímpia, onde se evidenciava uma

[18] “Houve, portanto, a feliz coincidência da abertura de um grande mercado consumidor e da chegada do movimento pioneiro até as zonas propícias à criação de gado ou até as vizinhanças dos tradicionais criatórios de Mato Grosso, de Goiás e do Triangulo Mineiro. Assistiu-se à inauguração da atividade frigorífica em Barretos e ao equipamento dos portos no rio Grande, como Porto Antônio Prato e Porto Cemitério (municípios de Barretos e de Olímpia), locais que correspondem à penetração dos criadores na margem esquerda do grande rio” (MONBEIG, 1998, p.182-183).

concentração da propriedade fundiária ainda maior do que a estação anterior" (BOECHAT, 2009, p.120).

Após a crise de 1904 a 1905, o Estado atuou diretamente na política de valorização cafeeira, porém, com a Primeira Guerra Mundial a produção de café sofreu um impacto direto e, em 1918, a geada brusca acabou com mais de 400 milhões de cafeeiros, causando um impacto ainda maior ao setor (BOECHAT, 2009).

De acordo com Camargo, (2007, p. 18), o aumento da produção agrícola no estado de São Paulo a partir de 1950 "ocorreu fundamentalmente através da intensificação da produção nas áreas já ocupadas, pelo aumento das áreas trabalhadas, em relação à área total dos estabelecimentos e da área total explorada [...]."

A partir da década de 1960 "a citricultura começa a despontar e, a cidade de Olímpia, conhecida como 'Menina Moça' ou 'Capital Nacional do Folclore', é renomeada como: 'A Capital Nacional da Laranja' " (GALLÃO, 2020, p.33).

Portanto, a produção de laranja tornara-se atividade principal na região de Olímpia em detrimento do declínio da cafeicultura com a crise da bolsa de Nova York. Dessa forma, a produção de laranja teve algumas características importantes, principalmente na década de 1980. O primeiro fator foi o aumento da demanda e da produção do suco de laranja pelo mercado norte-americano, o segundo, pelo consumo excessivo de suco na Europa. Tanto o primeiro fator quanto o segundo expandiram as exportações estimulando o crescimento do mercado interno e do setor citrícola paulista (VIEIRA, 2003).

Ao contrário da vantajosa demanda advinda da década de 1980[19], a produção citrícola teve um significativo declínio em que fez minar as rentabilidades do setor. Entre alguns fatores principais tem-se

> Significativa evolução da oferta nacional de citrus ao longo da década, batendo recorde de produção na safra 97/98, com 405 milhões de caixas. - Recuperação dos pomares da Flórida, acarretando uma menor necessidade de importação pelos EUA do suco concentrado brasileiro (de 50% no início da década para 17% no final). - Queda dos preços internacionais do suco de laranja e solidificação dos blocos comerciais continentais, especialmente União Europeia e NAFTA (Acordo Geral de Livre Comércio da América do Norte), estabelecendo

[19] "Na escala do estado de São Paulo verificou-se que, a partir de 1980, as indústrias que se localizavam na metrópole paulistana, a princípio, deslocaram-se para as cidades da região metropolitana, num raio de cento e cinquenta quilômetros de distância e posteriormente, a dispersão de unidades produtivas se deu para as cidades cada vez mais distantes da metrópole. " (BOMTEMPO, 2011, p.75).

> barreiras comerciais (tarifárias e não tarifárias) para os produtos citrícolas brasileiros. - Expansão da estratégia de verticalização das empresas plantando laranja em pomares próprios. - Avanço da terceirização pelas agroindústrias, com o objetivo de redução de custos. - Perda de representação dos produtores agrícolas, dado pelo enfraquecimento de suas associações representativas na segunda metade da década. - Extinção do contrato padrão e mudanças nas negociações entre indústrias e produtores. - Mudanças na forma de contratação de mão-de-obra dos apanhadores de laranja. - Atuação das empresas processadoras brasileiras no mercado americano através de compra de unidades industriais naquele território. - Aumento da capacidade de estocagem de suco de laranja congelado (VIEIRA, 2003, p.61-62).

Nessa conjuntura, a agroindústria citrícola começou a declinar, assim como o café, caindo consideravelmente o ritmo de produção, tornando-se uma atividade menos explorada pela ausência de recursos, o que ocasionou uma grande pressão econômica que desencadeou um rompimento de diversos produtores do segmento. O que antes era uma produção em larga escala, tornou-se uma produção mais concentrada e discreta (VIEIRA, 2003).

O autor Gallão (2020, p.33) explica que a partir do século XX, nos anos 2000, a produção citrícola foi substituída pelo plantio e colheita de cana-de-açúcar. “No último censo realizado pela Secretaria de agricultura e abastecimento, no ano de 2007/08, a cana-de-açúcar ultrapassou a laranja, decretando o fim do ciclo econômico da citricultura.”

O monocultivo de cana-de-açúcar fecha o último ciclo desses três momentos históricos da agroindústria de Olímpia e região. A cana-de-açúcar, portanto, tornou-se a atividade mais relevante e se expandiu para além das localidades olimpienses, como, por exemplo, a cidade de Severínia. Às margens de toda extensão, diversos alqueires de terra compõem a vasta produção de cana-de-açúcar na região.[20]

> Em 1987, o grupo sucroalcooleiro Guarani construiu uma unidade produtora de açúcar no município (usina Guarani, unidade Cruz Alta) que, em 2003, teve sua capacidade de moagem de cana-de-açúcar dobrada e, em 2004, passou a produzir também etanol. Esta usina é a maior empresa industrial do município, com 3.039 funcionários (julho/2014) (BELLINGIERI, 2014, p.134).

[20] “[...] A monocultura da cana-de-açúcar, que ocupa 45.000 hectares dos 52.952 hectares de área plantada, e 450 km² da área do município que possui 803km² [...]. ” (GALLÃO, 2020, p.123).

Num contexto histórico, a monocultura de cana-de-açúcar no estado de São Paulo teve duas relevantes características, o que gerou forte expansão e produção no setor sucroalcooleiro. A primeira característica se deu através da expansão do consumo internacional de açúcar e, a segunda, pelo crescimento da demanda do etanol, ambos efeitos ocorreram entre os anos de 1995 e 2010 (FERNANDES, 2020). Fernandes (2020) assim complementa seu pensamento:

> O mercado brasileiro de etanol para uso como combustível automotivo surgiu na década de 1970. Na década de 1990, o declínio dos preços internacionais do Petróleo e o fim dos incentivos fiscais para a compra de carros a álcool desestimularam a venda de álcool hidratado, neste período (FERNANDES, 2020, p.3-4).

A monocultura de cana-de-açúcar paulista é hoje o epicentro da produção brasileira, na qual ações constantes de incentivo a essa atividade via políticas públicas tornou o estado de São Paulo o maior produtor neste segmento, deixando para trás a Região Nordeste (FERNANDES, 2020).

A expansão do setor sucroalcooleiro avançou, explica Fernandes (2020, p.2), após a exclusão de regulamentos que norteavam o setor no Brasil, e adveio com “a liberalização dos preços em todos os elos da cadeia produtiva e o fim das quotas de exportação.”

Observa-se, ainda, que a expansão no setor sucroalcooleiro também abriu espaço para que capitais estrangeiros pudessem participar, conforme denotam os autores Bento e Thomaz Junior (2021):

> A expansão do agrohidronegócio canavieiro tem aberto também espaço para a participação de capitais estrangeiros, que passaram a adquirir não apenas terras como também a controlar ou instalar plantas agroindustriais no país, encimados no discurso da produção de agroenergia limpa e renovável e no aporte de recursos financeiros destinados pelo Estado brasileiro às frações do capital agroindustrial canavieiro e que têm permitido a expansão territorial. Em consideração ao capital estrangeiro, merecem destaque os investimentos empreendidos por grupos como ADM, Bunge, Cargill, Louis Dreyfus, UMOE AS, Shree Renuka e Shell por meio de joint venture com a Cosan, que criou a Raízen, além de outros grupos como o Tereos que adquiriu a fatia da Guarani Açúcar e Álcool, em Olímpia-SP (Thomaz Junior 2010), anteriormente pertencente à Petrobras, etc. (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2021, p. 146).

Importante salientar que, segundo Moraes (1999), é preciso a intervenção do Estado, a fim de se adotar políticas com o objetivo de impedir o poder de monopólio

de determinadas empresas. Empresas transnacionais, por exemplo, são altamente competitivas e possuem um grande poder econômico, inviabilizando que empresas nacionais estejam em constante competição, a exemplo disso, temos a antiga empresa nacional Guarani S/A que acabou sendo incorporada pela empresa transnacional Tereos. Moraes (1999) esclarece que:

> Com a evolução da teoria da organização industrial e da maior abertura do comercio internacional (ampliando os mercados relevantes a serem analisados e impondo novas escalas de produção), outras questões passaram a ser consideradas, enfraquecendo a causalidade inversa entre concentração e desempenho econômico. [...] as inovações surgem não somente porque as firmas estão atrás dos lucros monopólicos, como também porque é através dos monopólios ou oligopólios que as firmas podem ser grandes o suficiente para investir os excedentes em pesquisa e desenvolvimento, já que diluem seus custos entre os diversos projetos de pesquisa em andamento (MORAES, 1999, p.148).

Desse modo, Arrighi (1997) esclarece que quanto mais alto é o nível de riqueza de um Estado, mais alta é a sua atuação em controlar e oportunizar inovações; ainda destaca que aqueles países abaixo dessa hierarquia de riqueza não possuem as mesmas condições, e por consequência, não possuem às mesmas oportunidades para competirem pelos mesmos benefícios.

Conforme Arrighi (1997, p.24), no que concerne às lutas competitivas capitalistas, as “[...] empresas que são estrutural ou comportamentalmente menos capazes de substituir e economizar, ou são eliminadas da disputa ou são subordinadas às empresas que são mais capazes de substituir e economizar.”

Assim, as empresas transnacionais que possuem um alto poder de capital econômico, advindo desses países de maior riqueza e oportunidades de investimento em inovação, conseguem absorver empresas menos competitivas e expandirem o seu controle em localidades, países, mais vulneráveis economicamente, em busca de benefícios da divisão mundial do trabalho (Arrighi, 1997).

A ação desregulamentadora, da década de 1990, foi propícia para a expansão do monocultivo de cana-de-açúcar no estado de São Paulo, principalmente na produção de etanol e açúcar. As políticas públicas para incentivo da atividade “[...]foram a sua maior produtividade e possibilidade de crescimento da produção, proximidade com o crescente mercado consumidor urbano da região Sudeste brasileira e a possibilidade de exportação através do Porto de Santos” (FERNANDES, 2020, p.2). Fernandes (2020) apresenta os seguintes dados:

> Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), a produção de cana-de-açúcar para uso industrial passou de aproximadamente 175 milhões de toneladas em 1995 para 450 milhões de toneladas em 2017, um crescimento de aproximadamente 157%. O crescimento da produção canavieira no estado de São Paulo foi muito mais em decorrência da expansão da área do que da expansão da produtividade, pois a área cultivada passou de aproximadamente 2,2 milhões de hectares plantados no estado de São Paulo em 1995 para 5,6 milhões de hectares em 2017, um crescimento de aproximadamente 151%. A produtividade passou de 77,4 toneladas por hectare em 1995 para aproximadamente 79,2 toneladas por hectare em 2017, um crescimento de 2%. O crescimento mais intenso da produtividade ocorreu entre 1995 e 2010, sendo que, neste último ano, a produtividade atingiu 85,5 toneladas por hectare, um crescimento de aproximadamente 10% (FERNANDES, 2020, p.2).

Entre alguns pontos importantes da colheita da cana-de-açúcar, ressalta-se a promulgação da lei estadual paulista em 2002 a fim de criar mecanismos para dirimir gradativamente a queima da cana-de-açúcar, fixando prazos para acabar com essa ação nociva realizada pelas indústrias (SÃO PAULO. Lei nº 11.241, 2002).[21]

A referida lei aponta, através de uma tabela, os objetivos a serem traçados a fim de cessar as queimadas ao longo dos anos, diminuindo gradativamente o percentual dessa queima em áreas mecanizáveis e não mecanizáveis.

De acordo com a tabela presente no artigo 2º da Lei nº 11.241/2002, são traçadas as metas que devem ser observadas pelos usineiros para utilizarem um método despalhador e que facilite o corte de cana, com o objetivo de reduzir, até chagar a sua eliminação total, as práticas da queima da palha da cana no setor sucroalcooleiro.

Entre alguns pontos a serem observados pela Lei, o parágrafo primeiro do artigo 2º define a diferença entre as duas áreas, mecanizável e não mecanizável, no qual a primeira, *área mecanizável onde não se pode efetuar a queima*[22], a meta elaborada teve como objetivo cessar as queimas em vinte anos, com início em 2002 e término em 2021, e na *área não mecanizável, com declividade superior a 12% e/ou menor de 150 hectares, onde não se pode efetuar a queima*[23], o objetivo é eliminar as

[21] A lei nº 11.241 de 2002 “Dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar e dá providências correlatas” (SÃO PAULO. Lei nº 11.241, 2002).

[22] “1 - áreas mecanizáveis: as plantações em terrenos acima de 150 ha (cento e cinquenta hectares), com declividade igual ou inferior a 12% (doze por cento), em solos com estruturas que permitam a adoção de técnicas usuais de mecanização da atividade de corte de cana. ” (SÃO PAULO. Lei nº 11.241, 2002, art. 2º, §1º).

[23] “2 - áreas não mecanizáveis: as plantações em terrenos com declividade superior a 12% (doze por cento), em demais áreas com estrutura de solo que inviabilizem a adoção de técnicas usuais de mecanização da atividade de corte de cana” (SÃO PAULO. Lei nº 11.241, 2002, art. 2º, §1º).

queimas em trinta anos, dez anos a partir de 2011, com término de trinta anos em 2031. Seguem as informações de acordo com a tabela do referido artigo:

Figura 1 - Tabela a ser observada de acordo com a Lei nº 11.241/2002 para a redução de queimadas.

ANO	ÁREA MECANIZÁVEL ONDE NÃO SE PODE EFETUAR A QUEIMA	PERCENTAGEM DE ELIMINAÇÃO DA QUEIMA
1º ano (2002)	20% da área cortada	20% da queima eliminada
5º ano (2006)	30% da área cortada	30% da queima eliminada
10º ano (2011)	50% da área cortada	50% da queima eliminada
15º ano (2016)	80% da área cortada	80% da queima eliminada
20º ano (2021)	100% da área cortada	Eliminação total da queima

ANO	ÁREA NÃO MECANIZÁVEL, COM DECLIVIDADE SUPERIOR A 12% E/OU MENOR DE 150há (cento e cinqüenta hectares), ONDE NÃO SE PODE EFETUAR A QUEIMA	PERCENTAGEM DE ELIMINAÇÃO DA QUEIMA
10º ano (2011)	10% da área cortada	10% da queima eliminada
15º ano (2016)	20% da área cortada	20% da queima eliminada
20º ano (2021)	30% da área cortada	30% da queima eliminada
25º ano (2026)	50% da área cortada	50% da queima eliminada
30º ano (2031)	100% da área cortada	100% da queima eliminada

Fonte: SÃO PAULO. Lei nº 11.241, 2002, art. 2º. [24]

Coadunando com essa ação, com o objetivo de cessar a queima da palha da cana no setor sucroalcooleiro, em 2007 foi instituído o Protocolo Agroambiental, a fim de diminuir ainda mais o prazo estabelecido pela Lei nº 11.241/2002, promulgada pelo governo de São Paulo, que através de um acordo firmou-se os objetivos de cessação da queima entre 2014 e 2017, em áreas mecanizáveis e não mecanizáveis (FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022). Nas palavras dos autores:

> Em 2007, visando à proteção ambiental, a Secretaria de Meio Ambiente, a Secretaria da Agricultura e Abastecimento e a União da Indústria da Cana-de-Açúcar (UNICA) firmaram o Protocolo Agroambiental, que reduziu ainda mais os prazos para a eliminação da queima. Foi acordado, para 2014 e 2017, o término da queima para áreas mecanizáveis e não mecanizáveis, respectivamente (FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022, 2022, Online).

[24] "Artigo 2.º - Os plantadores de cana-de-açúcar que utilizem como método de pré-colheita a queima da palha são obrigados a tomar as providências necessárias para reduzir a prática, observadas as seguintes tabelas: " (SÃO PAULO. Lei nº 11.241, 2002, art. 2º).

A partir de 2008, foram apresentados os primeiros índices de utilização de máquinas no setor, em que quase 41% das colheitas já tinham sido realizadas com uso de maquinário (FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022), e

> Essa inovação nos levantamentos estatísticos das instituições supriu lacunas existentes no setor sucroenergético, pois até então não existia uma estimativa para essa questão. Outra contribuição deste índice foi estimar um total de 163.098 cortadores de cana-de-açúcar ainda absorvidos na colheita, bem como o número de trabalhadores dispensados dessa etapa de produção decorrente da mecanização, à época, 2.700 trabalhadores a cada 1% de avanço mecanizado (FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022, Online).

O novo modelo de produção, via mecanização, foi uma exigência da legislação ambiental, que buscou excluir o método já arcaico do corte manual, pois além de precarizar a saúde dos trabalhadores, também incidia de forma agressiva ao meio ambiente.

Nesse sentido, as condições de emergências climáticas, bem como as péssimas condições a que eram submetidos os cortadores de cana, foram primordiais a fim de se criar um novo método de produção que possibilitasse melhores condições trabalhistas, sociais e ambientais:

> A mecanização do corte de cana foi intensificada nos anos 80, num contexto de emergentes reivindicações sociais pela conquista de direitos trabalhistas, movimentos ecológicos e mudanças na legislação em defesa do meio ambiente, principalmente contra a prática de queimadas (ROCHA, 2007, p.21).

Observa-se que o corte manual, além de desgastante, era também recordista em números de acidentes durante o trabalho desses cortadores de cana. O autor Rocha (2007) assim explica:

> Os trabalhadores apontaram os riscos de ocorrência de acidentes de trabalho e o risco de desenvolvimento de problemas respiratórios em decorrência do corte manual da cana. Consideram que os acidentes de trabalho podem ser decorrentes do manuseio do facão e da exposição a animais peçonhentos. Os problemas respiratórios foram relacionados à exposição constante à poeira proveniente do solo e a fuligem da cana queimada (ROCHA, 2007, p.116).

A reestruturação de produção no setor canavieiro, principalmente a partir da década de 1990, buscou suplantar o velho corte manual via investimentos

tecnológicos que possibilitassem suprir as exigências da legislação ambiental, da sociedade e dos trabalhadores do setor. Conforme Camargo (2007):

> O avanço da produção e da tecnificação da agricultura paulista nas décadas de 80 e 90, mesmo em um cenário adverso, incluindo o fim da política de subsídio ao crédito, pode ser avaliado também como resultado não só de um processo de ajustamento do setor a uma nova realidade, mas também a modificações de caráter estrutural por que passou a agricultura (CAMARGO, 2007, p. 30).

A ascensão do monocultivo da cana-de-açúcar no estado de São Paulo, bem como no interior paulista, passa por uma trajetória de três pilares relevantes que impactaram diretamente a agroindústria brasileira, de forma que tanto o café quanto a laranja e a cana alcançaram (ou deixaram) marcos nessa história.

A expansão da cana-de-açúcar no estado[25] se deve ao fato da substituição de áreas de pastagens, principalmente no interior paulista, pelo plantio e colheita da cana, tendo em vista a oferta do produto a nível mundial. Fernandes (2020) ensina que:

> Camara & Caldarelli (2016), utilizando o modelo de efeito shift-share para se analisar a expansão da área cultivada com cana-de-açúcar no estado de São Paulo, entre 1995 e 2013, ressaltam também a substituição da área ocupada com pastagens para a pecuária bovina pela área plantada com cana-de-açúcar no estado de São Paulo. Segundo a pesquisa, a expansão da área plantada com cana-de-açúcar substituindo outras culturas plantadas anteriormente foi de 2,3 milhões de hectares, sendo 1,6 milhão de hectares, aproximadamente 66%, oriundo de áreas ocupadas anteriormente com pastagens para a pecuária bovina (FERNANDES, 2020, p. 5).

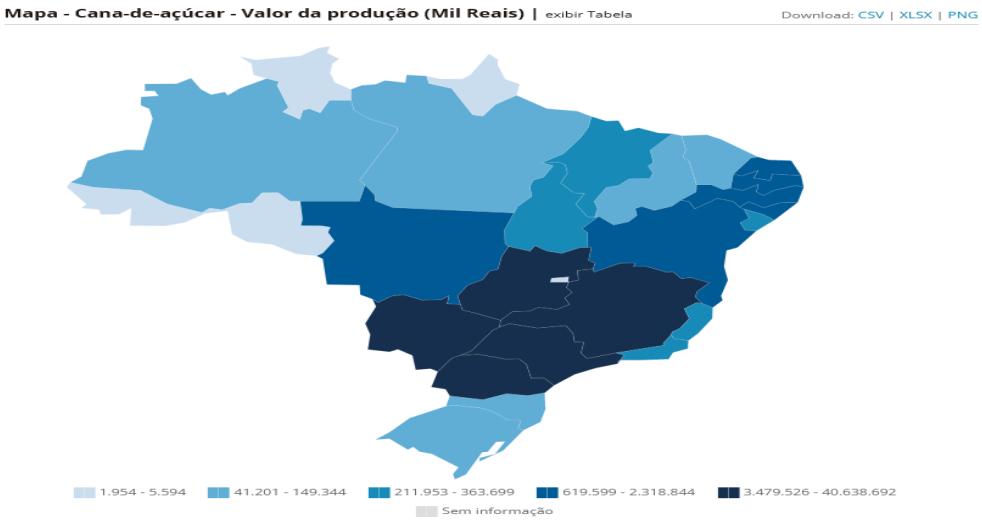
A cana-de-açúcar alastra-se a todas as fronteiras do interior paulista, ressaltando-se a região oeste e noroeste paulista, com alto desenvolvimento de mecanização para o manejo do produto, e que possui destaque nacional na produção de etanol e açúcar. Carvalho (2009) observa que:

> [...] pode-se observar a tendência de expansão da cultura da cana-de-açúcar para o Oeste do Estado de São Paulo, processo que aliou a busca, substituindo, principalmente, áreas de pastagens degradadas e de baixa produtividade (CARVALHO, 2009, p.76).

[25] "Atualmente, a produção de cana-de-açúcar se expande de forma expressiva nas Regiões Sudeste, Centro-Oeste e parte do Sul do País. Contudo, o Estado de São Paulo responde sozinho por cerca 60% da produção brasileira de cana-de-açúcar" (TORQUATO, 2009, p.92).

A expansão pelo interior paulista, em especial nas regiões oeste e noroeste, foi um atrativo para a agroindústria canavieira, tendo em vista seu potencial de produção no cultivo e colheita, onde esse “processo continuou entre 2003 e 2006, movido pela demanda de álcool no mercado interno, provocando aumento de preços nas terras das regiões oeste e noroeste de São Paulo (FNP, 2005)” (CARVALHO, 2009, p.77).

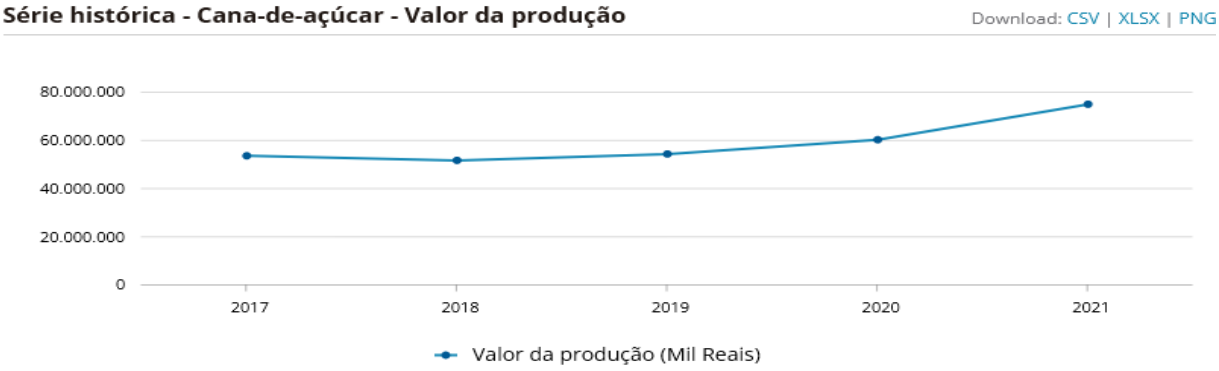
Figura 2 - Mapa da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no Brasil.



Fonte: IBGE, 2022, Online.

Em relação ao valor de produção, o estado de São Paulo fica isolado, consagrando-se o maior produtor de monocultura de cana-de-açúcar (IBGE, 2022). Conforme gráfico a seguir, observa-se aumento no valor de produção em 2021 no país.

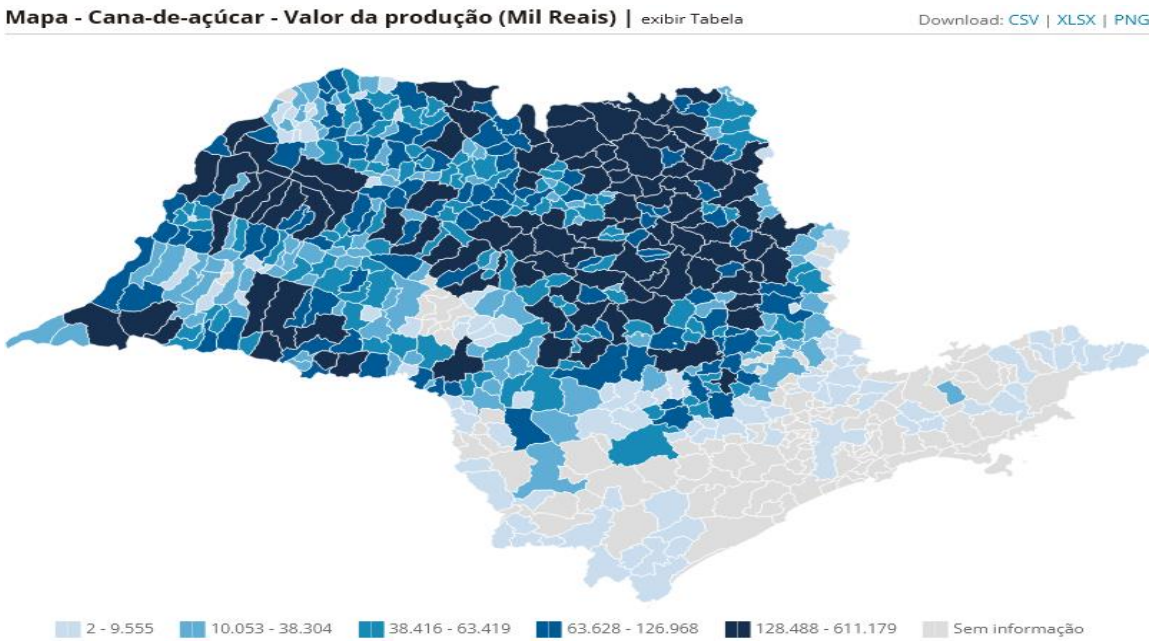
Figura 3 – Gráfico da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no Brasil.



Fonte: IBGE, 2022, Online.

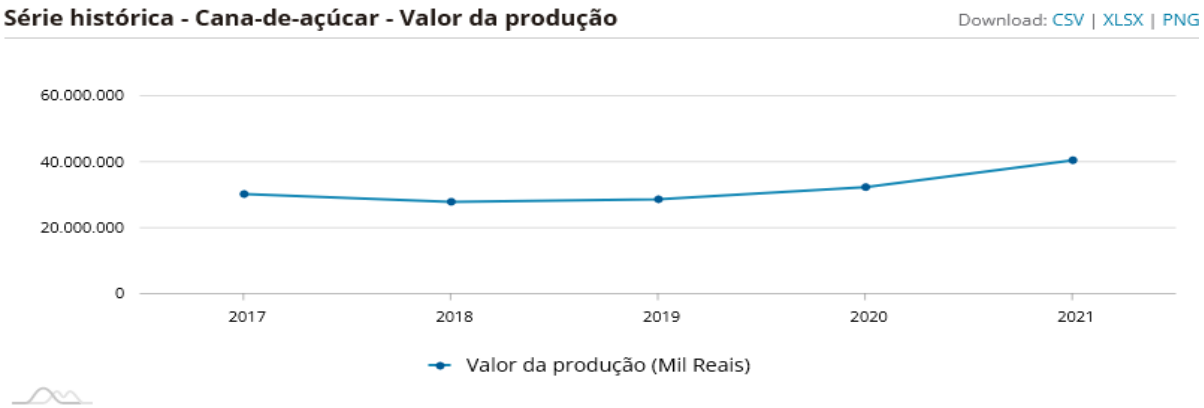
Abaixo seguem os valores de produção canavieira no estado paulista, onde se nota uma concentração de valor de produção na região noroeste paulista, região esta que possui o assentamento majoritário da empresa transnacional Tereos.

Figura 4 - Mapa da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no estado de São Paulo.



Fonte: IBGE, 2022, Online.

Figura 5 - Gráfico da cana-de-açúcar – valor de produção (mil reais) no estado de São Paulo.

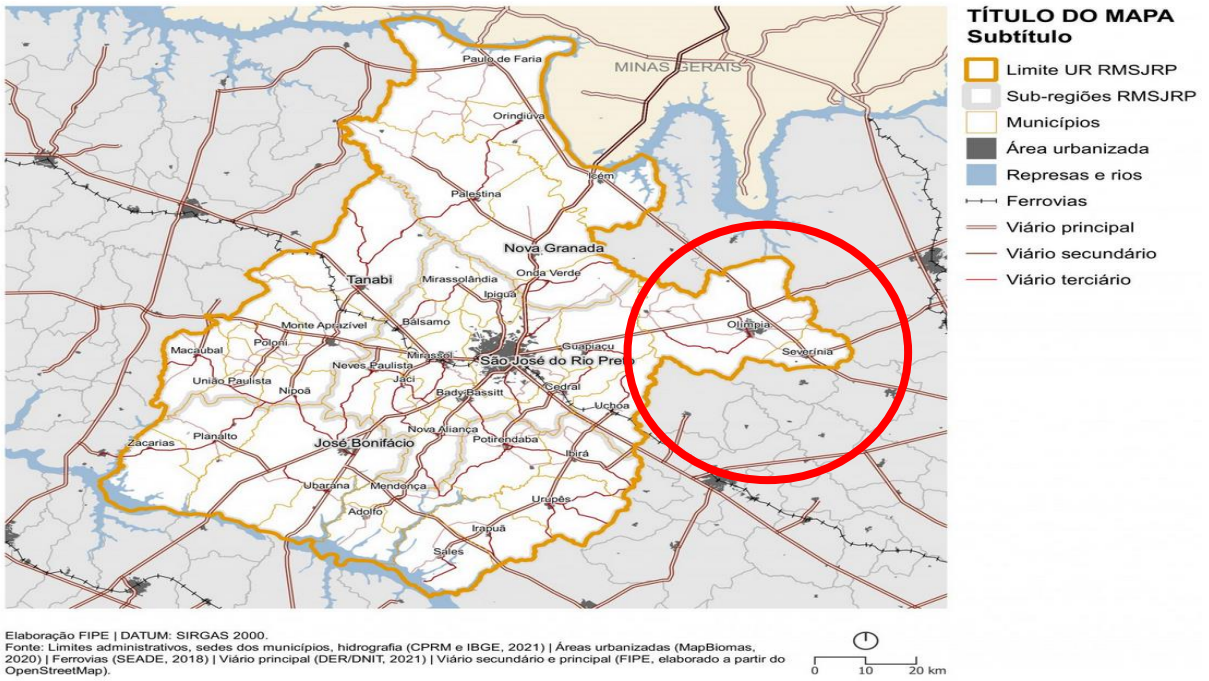


Fonte: IBGE, 2022, Online.

Atualmente, o município de Olímpia e o município de Severínia possuem como principal centro de sua atividade agrícola a produção voltada para o setor sucroalcooleiro. Referidos municípios fazem parte da região metropolitana de São

José do Rio Preto-SP, cuja criação ocorreu através da Lei nº 1.359 de agosto de 2021 (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, [2022?]).

Figura 6 - Região metropolitana de São José do Rio Preto (RMSJRP).



Fonte: GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, [2022?], Online.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Olímpia tem, no que tange a expansão da produção de cana, quase trinta e nove mil hectares de área colhida com um valor de produção de quase duzentos e oito mil reais, ficando à frente da produção de laranja que também continua sendo destaque na região (IBGE, 2017).

De acordo com dados do IBGE (2017), o município de Severínia-SP contém aproximadamente sete mil hectares de área colhida de cana-de-açúcar, sendo quase quarenta e quatro mil reais de valor de produção no que concerne a atividade canavieira no município. A empresa Guarani S/A, hoje absorvida pela empresa transnacional Tereos, assenta-se em Olímpia, unidade Cruz Alta, e em Severínia, através da unidade de Severínia.

Referidos municípios possuem como principal atividade agropecuária a cana-de-açúcar e, por isso, o assentamento de empresas a fim de explorar essa atividade torna-se mais frequentes nessas regiões. A exemplo disso, cita-se a unidade de

Severínia, localizada no município de Severínia-SP, sendo a unidade mais antiga do Grupo Tereos, antiga usina Guarani S/A.

2.2 Movimentos históricos em Olímpia – SP

De acordo com o site oficial da prefeitura do município, Olímpia fica a 430 quilômetros da capital do estado de São Paulo e se encontra sobre o Aquífero Guarani, na região noroeste paulista, perto de grandes cidades interioranas como São José do Rio Preto – SP e Barretos – SP. (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023).

Figura 7- Mapa do estado de São Paulo, tendo em destaque o município de Olímpia – SP.

Fonte: WIKIPEDIA, 2006, Online.

Na ausência de referências históricas, em 09 de março de 1978, a Câmara Municipal de Olímpia, constituiu a primeira reunião da comissão especial nos termos do requerimento número 44/78, de fevereiro de 1978, a fim de discutir e apurar fatos históricos em relação ao legítimo fundador de Olímpia. O documento começa com o seguinte texto:

> Trabalho realizado no ano de 1978, pela Câmara Municipal de Olímpia, junto aos antigos moradores da cidade, homens que viveram a nossa história, e documentos oficiais para identificar o legítimo

> fundador de Olímpia. (CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA, 1978 - 1982, p.1).

A comissão especial foi presidida pelo Vereador Wanderley Dario Forti, que buscou junto a moradores acima dos setenta anos de idade informações contundentes que pudessem declarar o fundador do município. No documento público constam declarações de diversos munícipes e, em vinte e quatro de junho de 1982, o vereador Dr. Américo Battaus assinou o documento, que transcreve relatos que declaram oficialmente o fundador da cidade como sendo Joaquim Miguel dos Santos.

O que se apurou foi que o município de Olímpia passou por várias mudanças no que concerne a seu nome e a sua constituição; num primeiro ato, a cidade iria se chamar São João Baptista dos Olhos D'Água. Esse nome foi sugerido pelo fato de a Fazenda Olhos D'Água[26] pertencer ao Sr. Antônio Joaquim dos Santos, fazendeiro que tinha um grande sonho: fazer de suas terras uma cidade para abrigar diversos moradores e visitantes que passavam por aqueles locais em meados do século XIX. O tempo passou e Antônio Joaquim dos Santos faleceu, e os herdeiros ficaram com a responsabilidade de dividir as terras da fazenda, das quais doariam cem alqueires a fim de constituírem o Patrimônio de São João Baptista dos Olhos D'Água.

A data da separação das terras começou a tomar forma em 1º de novembro de 1897, e somente em 2 de março de 1903, no 1º cartório de notas do município de Barretos – SP, livro de número 37, folhas de número 66, de acordo com o número 2.702, que foi realizada a doação dos cem alqueires para a construção da Constituição do Patrimônio de São João Baptista dos Olhos D'Água.

As terras doadas pertenciam ao herdeiro Joaquim Miguel dos Santos que tomou a frente nessa empreitada e, atendendo a vontade de seus pais e avós, abriu mão dessas terras a fim de constituir o município que já havia sido povoado. Marangoni (2011) esclarece que:

> Empregou o engenheiro Robert John Reid toda a força de persuasão de que era capaz para convencer os condôminos da fazenda Olhos D'Água da conveniência e vantagens da criação de um povoado. O primeiro a fornecer parte de suas terras para a formação do novo patrimônio foi Joaquim Miguel dos Santos, amigo do Engenheiro Reid, (com sua interferência, facilitou para fazer com que os demais

[26] "O desbravador Antônio Joaquim dos Santos batizou-as de Sertão dos Olhos-d´Água devido ao grande número de nascentes aqui encontradas. O local era cortado pelo Rio Turvo, pelo Rio da Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários" (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023, Online).

> condôminos, quase todos doassem, igualmente, algumas nesgas de suas glebas (MARANGONI, 2011, p.25-26).

Após a doação dos cem alqueires junto ao Cartório da Cidade Barretos – SP, no ano de 1906, o político do município de Barretos, Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, auxiliou e incentivou a criação da Lei Estadual nº 1.035, conseguindo criar o distrito das terras doadas, alterando o nome para Vila Olímpia, em homenagem a sua filha Maria Olímpia.

Figura 8 - Maria Olímpia.

Fonte: Olímpia Estância Turística, 2023, Online.

No ano de 1924, Maria Olímpia contraiu uma doença que a tornou paraplégica e, anos depois, ela se mudou para o sítio com seu esposo, onde viviam da agricultura, e após anos, conseguiu, com muita dificuldade, voltar a andar (GALLÃO, 2020).

A Ata da Comissão Especial datada entre os anos de 1978 e 1982, de acordo com o documento disponibilizado pelo museu histórico de Olímpia, esclarece que o

> Patrimônio de São João Baptista dos Olhos D'Água, agora VILA OLÍMPIA, se desenvolveu rapidamente e a Família Santos, constituída de gente humilde, quase todos semialfabetizados, foram perdendo a liderança para os novatos que aqui aportavam, letrados [...] vendo sua família sendo despojada de toda aquela fortuna, pelos espertos, como dizia ele, mudou-se para Ponta Grossa, no Estado do Paraná, onde faleceu (CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA, 1978 -1982, p.3-4).

A primeira igreja foi construída no município em meados de outubro de 1904:

> Os membros da comissão, abaixo assinados, encarregados da construção da " IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA" neste lugar, vêm por meio desta lista de petição, impetrar de todos os fiéis devotos do mesmo padroeiro, as suas assinaturas e esportular em benefício da mesma igreja, já em adiantada construção, esperando-se a sua inauguração em fins de outubro, em cujo tempo temos que entrar com o derradeiro pagamento, por isso pedimos a proteção de todos os

> devotos desse padroeiro (RÁPIDO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA, 1960, p.2).

A inauguração, bem como o batismo de “São João Batista”, Padroeiro do município, aconteceram tempos depois, no dia 29 de junho de 1905.

É importante salientar, de acordo com as informações constantes nos documentos, que um dos primeiros atos realizado em Olímpia, se deu através da ação de moradores, católicos, com a construção da “Igreja de São João Batista”, e apenas no ano de 1910 foi criada a “Paróquia de São João Batista de Olímpia”, que teve como primeiro Vigário o Reverendo Padre Luiz Maria Desseta (RÁPIDO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA, 1960).

Através da Lei Estadual nº 1571, de 7 de dezembro de 1917, Olímpia, que até então ainda era considerada uma Vila, foi elevada para a categoria de Município, e tal instalação ocorreu em 7 de abril de 1918. “Na divisão administrativa do Brasil, referente ao ano de 1.933, Olímpia compõe-se dos Distritos de Olímpia, Baguaçu, Icém, Luiz Barretos e Patos” (RÁPIDO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA, 1960, p.2) e, posteriormente, foram também incluídos os distritos de Oriundiúva e Veadinho.

Após a promulgação do Decreto-Lei número 9.775, de 30 de novembro de 1938, Olímpia teve desmembrado os distritos de Paulo de Faria, Veadinho e Oriundiúva, pois o primeiro foi elevado à categoria de Município.

> [...] passando no quinquênio de 1939-1943, a constituir-se dos distritos de Olímpia, Altair, Guarací, Icem, Ribeiro dos Santos (ex-Baguaçú) e Severínea (Ex-Luiz Barretos), tendo o de Altair sido criado com território desmembrado dos de Guarací e Icém (RÁPIDO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA, 1960, p.2).

Dessa forma, Olímpia teve sua fundação oficial no dia 2 de março de 1903. A atuação do Doutor Roberto Reid, engenheiro atuante na região, foi importante para a fundação do município, pois no desempenho de sua função notou grandes dificuldades para que moradores pudessem obter produtos básicos e necessários para a sua subsistência, vez que os moradores dependiam apenas da cidade de Barretos como local mais próximo.

Assim, o engenheiro conseguiu auxiliar na fundação do patrimônio em parceria com os doares de terras, tendo participação bastante ativa para que a fundação da cidade fosse realizada.

Após diversos desmembramentos, atualmente o município é constituído por Olímpia e os distritos de Baguaçu e Ribeiro dos Santos. No que tange a sua formação jurídica, a comarca da cidade de Olímpia foi constituída através da Lei Estadual nº 1.689, de 19 de dezembro de 1.919, tornando-se foro para demandas conflituosas dos municípios de Altair, Cajobi, Icém e Severínia.

Entre as primeiras autoridades do município, temos o Senhor Mário Vieira Marcondes como primeiro prefeito municipal; o senhor Coronel José Soares de Medeiros como primeiro presidente da Câmara Municipal de Olímpia; o Senhor João Elias como o primeiro delegado do município, o Senhor Jaime Soares do Nascimento como primeiro Juiz de Direito; e o Senhor Antônio Carlos de Abreu Sodré como o primeiro Promotor Público da cidade (RÁPIDO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA, 1960).

Dentre algumas informações constantes dos registros de atas, projetos de leis e deliberações, sobre pontos relevantes para o desenvolvimento de Olímpia entre 1918 a 1952, aponta-se,

> 1905 - Inaugura-se, em 29 de junho, a primeira capela, que viria a ser destruída por um incêndio em 4 de Agosto de 1910.1906 - No dia 18 de dezembro, o povoado é elevado à categoria de distrito do município de Barretos e recebe o nome de Vila Olímpia, em homenagem a Maria Olímpia Rodrigues Vieira, afilhada do engenheiro Reid, nascida em 2 de Fevereiro de 1897.1907 - É inaugurado o primeiro cinema, Cine São João, de Miguel Haidar e Guilherme Costa.1910 - Cap. Narciso Bertolino funda a primeira escola do povoado. O primeiro grupo escolar viria em 1919 e o Anita Costa em 1940.1914 - É inaugurado o cemitério São José e a estrada de ferro São Paulo-Goiás chega a Olímpia.1918 - Surge o jornal A cidade de Olympia, de Fidelcino Pinheiro, tendo como editor Mário Vieira Marcondes (marido de Maria Olímpia), que viria se tornar o primeiro prefeito do município. No jornal atuava também Nino do Amaral, a quem se atribui a autoria do cognome “Cidade Menina-Moça”, dado a Olímpia.1919 - Data da criação da Comarca de Olímpia, instalada em 10 de fevereiro do ano seguinte (ENCONTRA OLÍMPIA, [entre 2010 e 2023], Online).

A linha ferroviária do município de Olímpia foi constituída através da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Goiaz, a qual teve sua ascensão e operação entre os anos de 1910 e 1911, objetivando levar os trilhos até a cidade de Goiás. Contudo, em 1914, a empresa entrou em falência e assumindo a operação, através da massa falida, a Companhia Ferroviária São Paulo-Goiaz teve grande importância para o transporte que passava pela Vila Olímpia (Olímpia), pela cidade de Bebedouro – SP e pelo trajeto que era realizado de Ibitiúva até Terra Roxa.

No ano de 1927 “a Paulista comprou todo o trecho entre Passagem e Bebedouro, incluindo o pequeno ramal; a CFSPG passou a operar apenas o trecho Bebedouro-Olímpia, que em 1931 foi esticado até Nova Granada” (GIESBRESHT, 2021, Online).

> A ferrovia, de bitola métrica, que deveria cruzar a fronteira próximo a Icem, na Cachoeira do Marimbondo, nunca passou de Nova Granada nem chegou a Goiás. Em 1950, a Cia. Paulista a adquiriu e a transformou no ramal de Nova Granada. Este, depois de receber pesados investimentos durante os dez anos seguintes, acabou por ter o trecho final (Olímpia-Nova Granada) suprimido pela Paulista já estatal, em 1966, e em 2/1/1969, todo a linha restante também foi extinta. Os trilhos e as propriedades foram arrancados e vendidas pouco tempo depois. Dela pouca coisa restou, tendo a grande maioria das estações sido demolida (GIESBRESHT, 2021, Online).

Ressalta-se que “houve duas estações com o nome da cidade em Olímpia: uma, de 1914 aos anos 1930 e a outra, dos anos 1930 ao início de 1969. As duas ainda estão de pé” (GIESBRESHT, 2021, online).

Nota-se a importância da ferrovia para a cidade, principalmente nas décadas em que a produção cafeeira estava em grande ascensão no município e região. As figuras abaixo demonstram os registros em décadas diferentes da estação ferroviária do município de Olímpia.

Os registros retratam, sequencialmente, a Estação de Olímpia no ano de 1941, no ano de 2000, e o mais recente, após uma reforma expressiva para preservar a história do local, no ano de 2021, século XXI.

Figura 9 - Registro da Estação de Olímpia no ano de 1941.

Fonte: GIESBRESHT, 2021, Online.

Figura 10 - Registro da Estação de Olímpia no ano de 2000.

Fonte: GIESBRESHT, 2021, Online.

Figura 11 - Registro da Estação de Olímpia reformada e reaberta em 2021.

Fonte: GIESBRESHT, 2021, Online.

Chegando na atualidade, no censo de 2010, realizado pelo IBGE, foi constatado que o município é constituído, em sua maioria, por mulheres, e que a religião predominante é a católica, liderando significativamente em comparação com a segunda colocada (evangélica).

Figura 12 - Mapa detalhado de Olímpia.

Fonte: OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023, Online.

O município “possui população estimada em 55.477 habitantes (Estimativa IBGE – 2021) e tem se destacado como um dos mais importantes polos turísticos do Estado de São Paulo, tendo conquistado o título de Estância Turística em 2014” (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023, Online).

Ressalta-se que a cidade de Olímpia, a partir de 2021, foi integrada à região metropolitana de São José do Rio Preto.[27] De acordo com o gráfico, a densidade demográfica da cidade é de 67 habitantes por quilômetro quadrado.

A cidade possui uma área de 802 km²; destaque para o produto interno bruto (PIB) com aproximadamente um milhão e seiscentos mil reais. O município possui dois distritos, Baguaçu e Ribeiro dos Santos.

Quadro 1 - Quadro disponibilizado pelo site oficial da Prefeitura Municipal de Olímpia, no qual informa o município em números.

A ESTÂNCIA TURÍSTICA DE OLÍMPIA EM NÚMEROS:	
População estimada	**55.477**
Densidade demográfica	**67,31 habitantes por km²**
Área da unidade territorial	**802,555 km²**
Latitude	**-20º 44' 13,20' '**
Longitude	**-48º 54' 54,00' '**
Produto Interno Bruto	**1.692.186 (Em milhões de reais correntes)**
Número de Distritos	**02 - Baguaçu e Ribeiro dos Santos**
Código do Município no IBGE	**3533908**
Hierarquia Urbana	**Centro de Zona A**

Fonte: OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023, Online.

[27] “Sancionada a lei complementar n. 1.359, de 24 de agosto de 2021, no qual cria a região metropolitana de São José do Rio Preto. No artigo terceiro da Lei Complementar consta os nomes dos municípios que integram a região metropolitana de São José do Rio Preto: “Artigo 3º - Integram a Região Metropolitana de São José do Rio Preto os Municípios de Adolfo, Bady Bassit, Bálsamo, Cedral, Guapiaçu, Ibirá, Icém, Ipiguá, Irapuã, Jaci, José Bonifácio, Macaubal, Mendonça, Mirassol, Mirassolândia, Monte Aprazível, Neves Paulista, Nipoã, Nova Aliança, Nova Granada, Olímpia, Onda Verde, Orindiúva, Palestina, Paulo de Faria, Planalto, Poloni, Potirendaba, Sales, São José do Rio Preto, Severínia, Tanabi, Ubarana, Uchoa, União Paulista, Urupês e Zacarias.” (SÃO PAULO. Lei Complementar n. 1.359, 2021, art. 3º).

Olímpia foi a primeira cidade regulamentada no país através da Lei 17.374/2021 como Distrito Turístico do Brasil. Cerca de 3 milhões de turistas visitam o município anualmente a fim de usufruírem dos parques aquáticos e temáticos que a cidade oferece (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023).

O município tem um PIB *per capita*, de acordo com análise de 2020, de R$ 38.556,17, tendo como região de influência[28] e imediata a cidade de Barretos. O salário médio da população olimpiense, segundo o IBGE (2021), é de 2,3 salários mínimos para trabalhadores formais.

O município abriga dois parques aquáticos, a saber, o Parque Aquático Thermas dos Laranjais e o Hot Beach Olímpia.

O Parque Aquático Thermas dos Laranjais é um dos parques mais visitados do mundo, e o Hot Beach Olímpia, inaugurado há alguns anos, tornou-se um dos mais visitados da América Latina (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023). De acordo com o Relatório da TEA – *Themed Entertainment Association*, ambos os parques aquáticos, que ajudam a movimentar a economia do município, estão no topo 10 dez dos parques aquáticos mais visitados da América Latina. O Parque Aquático Thermas dos Laranjais ocupa a posição de número um, enquanto o Hot Beach Olímpia ocupa o nono lugar de acordo com relatório divulgado (INVESTSP apud DIÁRIO DA REGIÃO, 2023).

Foi no ano de 1950 que a empresa Petrobras, buscando encontrar petróleo no município, teve o seu objetivo frustrado quando começaram as perfurações; durante as tentativas, a empresa acabou encontrando fontes de águas termais nas quais atingiam temperaturas de 26ºC a 38ºC (RODRIGUES, 2017). No ano de 1987, empresários e fazendeiros encontraram nessa oportunidade um meio de abrir um grande negócio no município e fundaram um clube para que os cidadãos olimpienses pudessem usufruir dessas águas termais.

Após três décadas, o clube virou atração principal da região, com os frequentadores não apenas locais, mas, também, de outras regiões e de outros países, o que ocasionou a fundação do maior parque daquela localidade e, posteriormente, da América Latina e do mundo. O parque aquático Thermas dos

[28] “Cada Cidade se vincula diretamente à região de influência de pelo menos uma outra Cidade, vínculo que sintetiza a relação interurbana mais relevante da Cidade de origem, tanto para acessar bens e serviços quanto por relações de gestão de empresas e órgãos públicos. ” (IBGE, 2018, Online).

Laranjais movimenta uma parcela significativa da economia do município, no que concerne ao setor de serviços.

Cabe ressaltar que “O parque, que começou as suas atividades com 30 funcionários, hoje conta com 492. A direção não revela o investimento inicial, o faturamento nem o lucro do negócio” (RODRIGUES, 2017, Online). Atualmente o parque possui diversas atrações, sendo um dos mais visitados do mundo.

Cabe ressaltar também que,

> O parque ocupa uma área de 300 mil metros quadrados e é abastecido pelas águas quentes do Aquífero Guarani – com temperaturas que variam de 26ºC a 38ºC. O parque funciona 365 dias por ano e tem capacidade para receber até 20 mil pessoas por dia – média facilmente alcançada em dias de feriados nacionais e alta temporada. (THERMAS DOS LARANJAIS, [2021 ou 2022], Online).

Ressalta-se ainda que a

> Sua infraestrutura conta com 32 lanchonetes e restaurantes, vestiários e armários. Todas as atrações têm o suporte de monitores e salva-vidas. E, para ajudar no cuidado das crianças, o Thermas conta com o Centro de Atendimento à Criança (CAC) e o ambulatório. Além disso, a limpeza e manutenção das piscinas, atrações e áreas comuns do parque são feitas diariamente (THERMAS DOS LARANJAIS, [2021 ou 2022], Online).

Fica evidente o tamanho da importância do município no que tange ao setor turístico. Além dos parques aquáticos, que são visitados por milhares de pessoas anualmente, outro ponto importante está relacionado com os eventos do folclore, realizados todos os anos, com o intuito de manter viva essa tradição na região noroeste do estado.

Olímpia recebeu o título oficial de Capital Nacional do Folclore por meio da Lei nº 13.566/2017, tendo em vista a realização do Festival do Folclore que ocorre há 60 anos. O festival realiza diversas apresentações culturais, seja de danças e de músicas, para preservar na memória dos munícipes e visitantes de outras cidades a essência da cultura popular brasileira, além de manter viva a memória do Professor José Sant’anna, que faleceu em 1999. Foi dele a iniciativa para a realização desse evento que preserva e promove as raízes culturais do Brasil (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023).

Após os movimentos históricos do município, é importante, por fim, realçar à produção de cana-de-açúcar em Olímpia; a cana-de-açúcar é a principal fonte de

plantio e cultivo da cidade abrangendo uma extensa ocupação do solo.[29] O monocultivo canavieiro nas terras olimpienses e região se deve, principalmente, ao fato de possuírem grande geração de rentabilidade, tornando um fator atrativo ao interesse do mercado interno e internacional, no qual convencem os produtores locais de que terão maior lucro, apostando as suas terras na atividade canavieira.

Marx (1986) explica esse atrativo para a produção capitalista nessas localidades pelo viés da fertilidade e localização, com as seguintes palavras:

> Já que essa produção capitalista no início só entra esporadicamente, não se pode alegar absolutamente nada contra a suposição de que ela, de início, só se apossa de conjuntos de terrenos tais que, devido à sua fertilidade específica ou sua localização especialmente favorável, podem no todo, pagar uma renda diferencial (MARX, 1986, p.258).

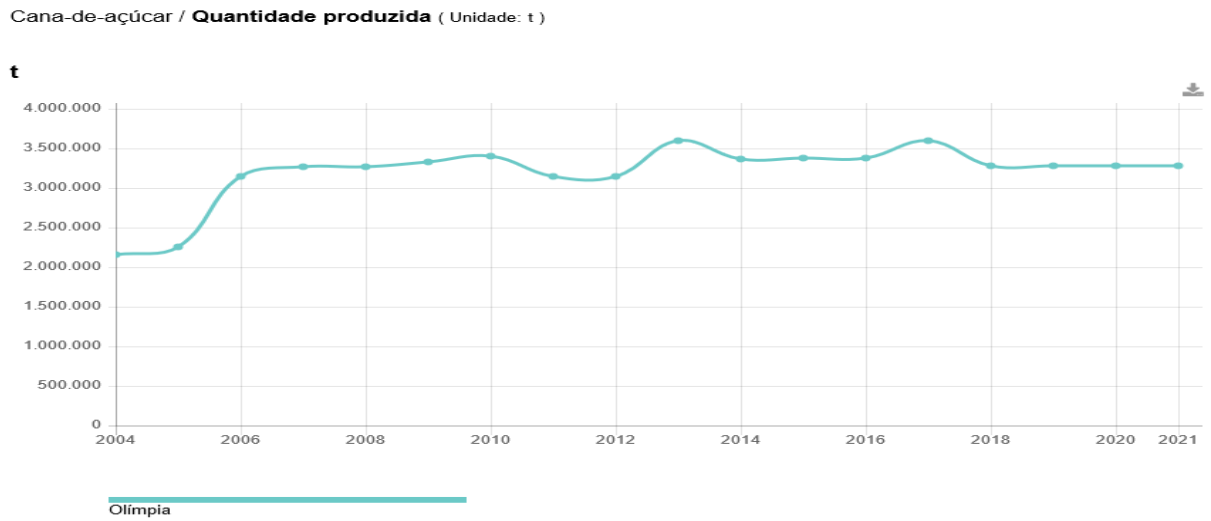
Desse modo, a expansão da cana-de-açúcar em Olímpia e arredores cresce em detrimento de outras áreas, inclusive de alimentos, como a produção de laranja, devido ao fator atrativo de lucratividade que ela proporciona. Além disso, a localização dessa região é benéfica pela proximidade com grandes municípios como Barretos e São José do Rio Preto. A autora Silvia (2016) aponta que:

> É de se destacar a expressão da cultura de cana frente às demais principais culturas de Olímpia. Ressalta-se também a baixa participação de Pastagens na área total agrícola, mostrando que esta não está em disputa com a agricultura e não é ela que está perdendo território frente ao aumento de cana. A cultura que vem reduzindo seu território é a laranja, perdendo 78,5% de sua área plantada (SILVIA, 2016. p.76).

Ainda, é evidente a atuação no que se refere ao cultivo e produção de cana-de-açúcar na cidade através da unidade de Cruz Alta, uma das mais importantes unidades sucroalcooleiras da região noroeste paulista. Dessa forma, além do impacto turístico que a cidade possui, há uma grande demanda e atuação junto ao setor sucroalcooleiro.

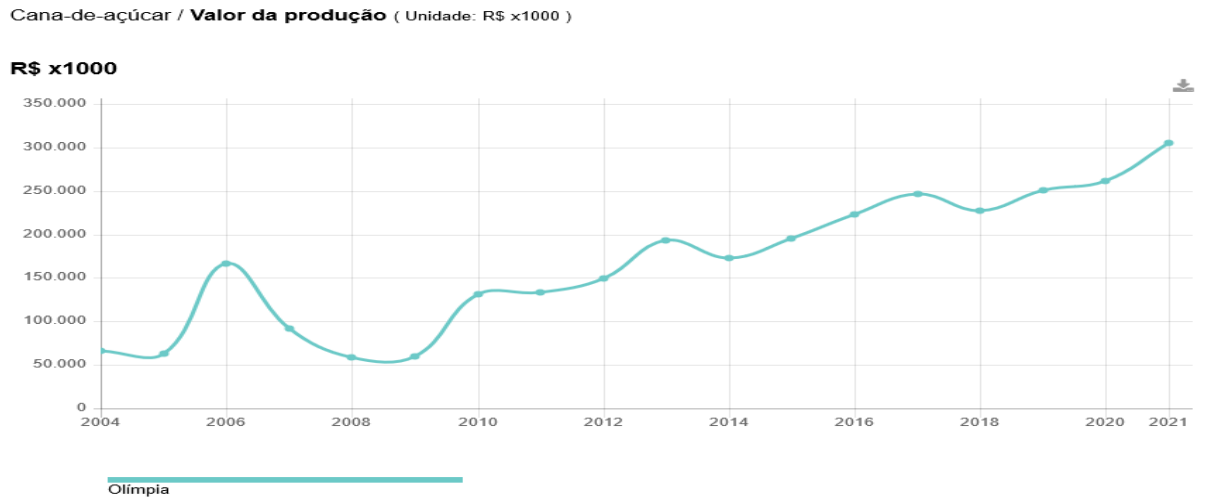
[29] "O cultivo de cana-de-açúcar é o principal uso e ocupação do solo no município de Olímpia, cobrindo 45.000ha ou 450 Km², mais da metade da área do município, segundo dados divulgados pelo IBGE no ano de 2017 (www.cidades.ibge.gov.br, consultado em 25/05/2019). A área plantada em Olímpia corresponde 52.942 hectares (www.olimpia.sp.gov, consultado em 25/05/2019) (Figura 1) " (GALLÃO, 2020, p.17).

Figura 13 - Série histórica da quantidade de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Olímpia.



Fonte: IBGE, 2023, Online.

Figura 14 - Série histórica do valor de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Olímpia.



Fonte: IBGE, 2023, Online.

A geração de empregos na área da agroindústria do município está relacionada diretamente com a produção de cana-de-açúcar (IBGE, 2023). Ressalta-se que os números em relação ao valor de produção de cana-de-açúcar chegam aos R$ 304.749,00, com 43.800 hectares de área plantada e colhida, em 2021.

O rendimento médio no setor é de 75.000 Kg/ha (IBGE, 2023). Em relação ao ranking de produção de cana-de-açúcar do estado de São Paulo, o município de Olímpia ocupa a 9º posição no que tange à quantidade de cana produzida, a 14º

posição em relação ao valor de produção; ocupando a 14º posição no que concerne à área plantada e a 13º posição no que tange à área colhida, e por fim, a posição 202º sobre o rendimento médio (IBGE, 2023).

A distribuição do PIB municipal de Olímpia em 2020, segundo Seade (2020), possui como setores econômicos mais relevantes da cidade os setores de serviços, indústria, impostos líquidos de subsídios e a agropecuária.

Quadro 2 – Olímpia: distribuição do PIB Municipal em 2020.

Serviços	62,7%	R$1.331.785.039	1ª posição
Indústria	22,4%	R$476.187.668	2ª posição
Impostos líquidos de subsídios	9,22%	R$195.876.478	3ª posição
Agropecuária	5,73%	R$121.752.267	4ª posição

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2020, Online.

Ressalta-se que, em relação ao setor de serviços, o qual representa cerca de 63% da economia local, de acordo com os dados, esse índice está relacionado, principalmente, a atividade turística da cidade, em que aponta uma estimativa de oito mil empregos, diretos e indiretos, ligados ao setor (OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA, 2023).

Ainda, em relação à produção agropecuária, os dados disponibilizados pelo Seade (2021) demonstram os principais produtos agrícolas:

Quadro 3 – Olímpia: produção agropecuária em 2021.

Cana-de-açúcar	75,43%	R$ 304.749.000	1ª posição
Laranja	12,5%	R$50.467.000	2ª posição
Borracha (látex coagulado)	7.9%	R$31.764.000	3ª posição
Amendoim (em casca)	1,27%	R$5.126.000	4ª posição

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2021, Online.

Cabe ressaltar que estamos interessados em analisar a economia do município em relação ao setor agropecuário, em que a cana-de-açúcar representa cerca de 75% da produção no setor, ou seja, a mais relevante no que diz respeito à produção agrícola local.

Em relação à pecuária local, as principais criações e reproduções de animais são de galináceos, bovinos, equinos e ovinos.

Quadro 4 – Olímpia: rebanho em 2021.

Galináceos	91,32%	Quantidade (cabeça): 201.000	1ª posição
Bovino	7,84%	Quantidade (cabeça): 17.249	2ª posição
Equino	0,37%	Quantidade (cabeça): 811	3ª posição
Ovino	0,22%	Quantidade (cabeça): 481	4ª posição

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2021, Online.

Por fim, a pesquisa também aponta a distribuição do emprego formal por divisão da CNAE (Classificação Nacional de Atividades Econômicas). Vejamos aqui algumas das mais relevantes:

Quadro 5 – Distribuição do emprego formal em Olímpia por divisão da CNAE em 2021.

Comércio Varejista	17,3%
Fabricação de produtos alimentícios	15,7%
Administração pública, defesa e seguridade social	8,8%
Alimentação	5,2%
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	5,1%
Atividades esportivas e de recreação e lazer	4,3%
Agricultura, pecuária e serviços relacionados	3,1%

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2021, Online.

Insta observar que a produção de cana é, isoladamente, o maior destaque no que se refere ao setor agrícola e, nesse sentido, verifica-se que o percentual de empregos formais do setor representa apenas 3,1% do valor total de distribuição de empregos formais no município.

Com a vinda da mecanização, fica evidente a diminuição de postos de trabalho e um número inferior de empregos formais, 3,1%, em comparação à produção de cana que ocorre no município, em que representa 75,43% da produção agrícola local, totalizando quase trezentos e cinco milhões de reais por ano.

2.3 Síntese histórica sobre o município de Severínia – SP

O município de Severínia fica próximo de “Barretos, Olímpia, Cajobi, Monte Azul Paulista e Colina. A cidade fica próxima a cidades como São José do Rio Preto, Bebedouro, Catanduva” (PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023], Online). O

município pertence à região metropolitana[30] de São José do Rio Preto e fica a aproximadamente 430 quilômetros da cidade de São Paulo.

Figura 15 - Mapa do estado de São Paulo com destaque para a localização de Severínia-SP.

Fonte: WIKIPEDIA, 2006, Online.

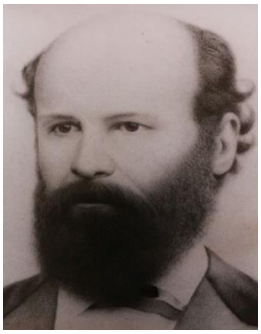
O município tem como fundador José Severíno de Almeida, agricultor, que veio para região a fim de investir no plantio e cultivo de café. Ele doou cinquenta alqueires de terra para a criação do município (PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023]).

> Com o desbravamento do sertão paulista, a região passou a ser servida pela Estrada de Ferro São Paulo-Goiás, que levava o progresso, até, onde hoje se encontra a cidade de Nova Granada. No trecho entre Bebedouro e Olímpia, inaugurou-se em 1913 a estação de Monte Verde Paulista, cabendo apenas uma pequena parada nas terras da fazenda bagagem (PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023], Online).

A cidade recebeu o nome de Severínia para prestar homenagem ao seu fundador que, além de ter dado início à criação da cidade, participou de todo o processo, inclusive, na parte financeira.

[30]Sancionada a Lei Complementar n. 1.359, de 24 de agosto de 2021, no qual cria a região metropolitana de São José do Rio Preto. No artigo terceiro da Lei Complementar consta os nomes dos municípios que integram a região metropolitana de São José do Rio Preto: “Artigo 3º - Integram a Região Metropolitana de São José do Rio Preto os Municípios de Adolfo, Bady Bassit, Bálsamo, Cedral, Guapiaçu, Ibirá, Icém, Ipiguá, Irapuã, Jaci, José Bonifácio, Macaubal, Mendonça, Mirassol, Mirassolândia, Monte Aprazível, Neves Paulista, Nipoã, Nova Aliança, Nova Granada, Olímpia, Onda Verde, Orindiúva, Palestina, Paulo de Faria, Planalto, Poloni, Potirendaba, Sales, São José do Rio Preto, Severínia, Tanabi, Ubarana, Uchoa, União Paulista, Urupês e Zacarias.” (SÃO PAULO. Lei Complementar n. 1.359, 2021, art. 3º).

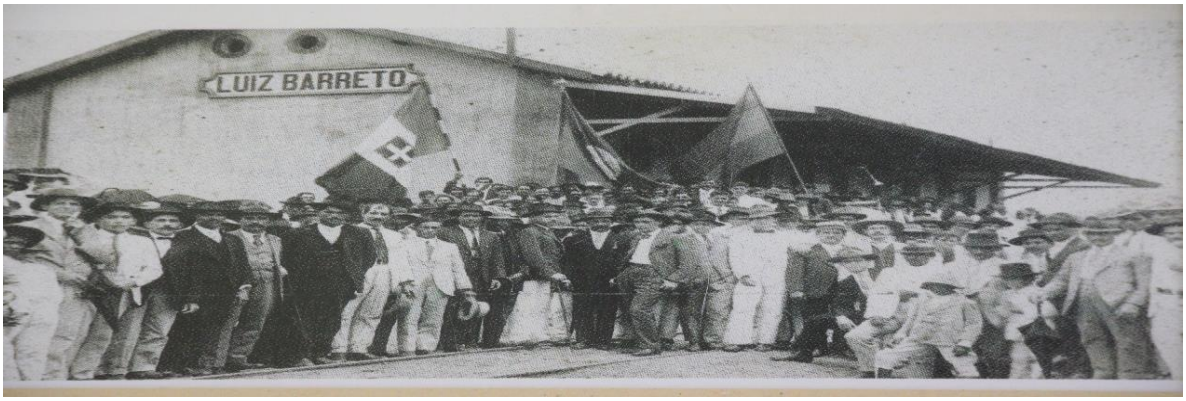
Figura 16 - José Severíno de Almeida (Fundador de Severínia).



Fonte: Prefeitura de Severínia, [2012 e 2023], Online.

Porém até a denominação oficial, houve diversos entraves para que a cidade pudesse, de fato, receber o nome de Severínia. Foi criada uma comissão comandada pelos fazendeiros da região para pleitearem junto à companhia ferroviária uma estação própria naquela parada, que foi custeada pelo fundador José Severíno de Almeida. Contudo, durante a inauguração da placa que indicava a localidade da cidade houve uma mudança de nome, passando a ser chamada de Luís Barreto, sendo este um médico bastante famoso na localidade.

Figura 17 - Inauguração da estação ferroviária do município com a placa indicativa da localidade.



Fonte: PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023], Online.

A cidade obteve posicionamentos que eram favoráveis à denominação da placa inaugurada à época, bem como contrárias, tendo em vista todos os esforços do fundador para que a construção da cidade fosse concretizada. Houve grandes rivalidades entre familiares de Luís Pereira Barreto e José Severínio de Almeida.

A prefeitura de Severínia esclarece que:

> Em 1921, através da Lei nº 1.806, de 1 de dezembro, o Patrimônio de São José (nome adquirido após José Severíno fazer a doação das terras para a Igreja Católica) foi elevado à categoria de Vila, sede de distrito de paz, com território desmembrado dos distritos de Cajobi e Olímpia, com a denominação de Severínia. No mesmo ano foi criado o distrito policial e paróquia (PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023], Online).

Após uma década, Severínia daria espaço para a nova denominação: Luís Barreto, de acordo com o decreto promulgado. Contudo, o ato foi revogado após oito anos. No ano de 1939, o nome de Severínia foi estabelecido como o nome oficial do município, até aquela era distrito do município de Olímpia, e foi “elevado à categoria de Município pela Lei nº 2.456, de 30 de dezembro de 1953, sendo assim, desmembrado de Olímpia” (IBGE, [2005 e 2023], Online). A emancipação política da cidade ocorreu somente quinze anos depois, em 1954. Entre as primeiras autoridades do município temos o primeiro prefeito eleito José Marcelino de Almeida, neto do fundador da cidade.

Salienta-se que uma grande parcela da arrecadação do município se dá através da produção e corte da cana-de-açúcar, além da geração de emprego e renda que são pilares dependentes desse setor.

Figura 18 - Usina de açúcar e aguardente Guarani.

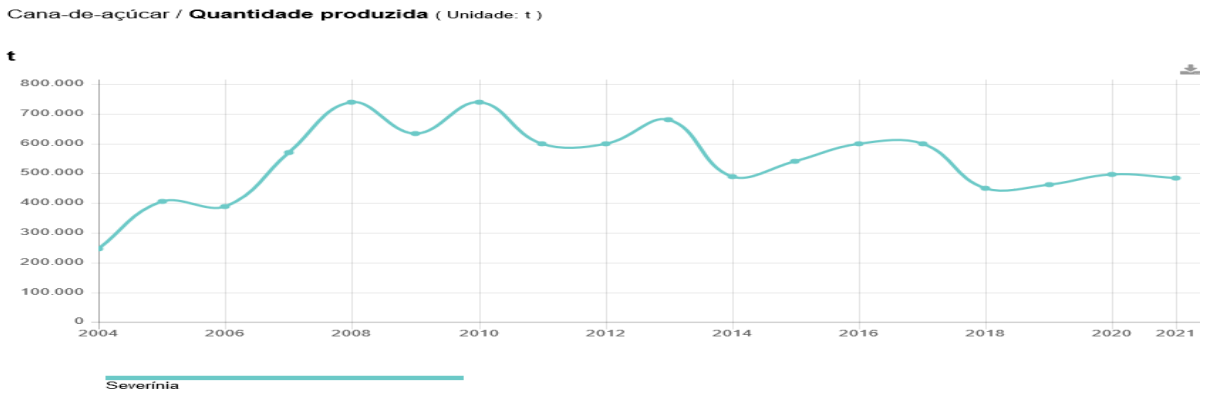
Fonte: PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023], Online.

A cidade é voltada para a agroindústria e principalmente ao corte de cana-de-açúcar, entre as mais importantes instalações empresariais da cidade, temos a usina mais antiga da Tereos, antiga usina Guarani S/A, o local foi construído na década de 1940 (antigo engenho de pinga).

A atividade citrícola, voltada para o plantio e cultivo de laranja, ocupa a segunda posição em número de postos de trabalho gerados, atrás apenas do setor sucroalcooleiro, e à frente do comércio (PREFEITURA DE SEVERÍNIA, [2012 e 2023]).

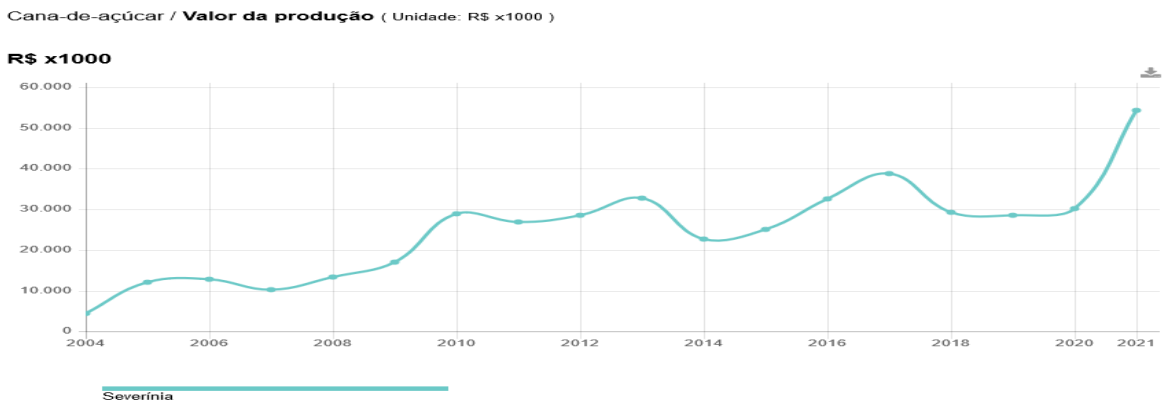
De acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE em 2021, o município de Severínia conta com 17.820 habitantes, possuindo um PIB *per capita*, conforme análise de 2020, de R$ 14.326,81. O salário médio da população severinense, segundo o IBGE (2021), é de um pouco mais de dois salários mínimos para trabalhadores formais. A cidade possui densidade demográfica de 110.38 habitantes por quilômetro quadrado, com uma área territorial de 140.460 quilômetros quadrados.

Figura 19 - Série histórica da quantidade de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Severínia.



Fonte: IBGE, 2023, Online.

Figura 20 - Série histórica do valor de produção de cana-de-açúcar 2004-2021 em Severínia.



Fonte: IBGE, 2023, Online.

Ressalta-se que os números em relação ao valor de produção de cana-de-açúcar chegam aos R$ 54.400,00 em 2021, com cerca de quase sete mil hectares de área plantada e colhida (IBGE, 2023).

No que tange ao ranking de cana-de-açúcar do estado de São Paulo, o município de Severínia ocupa a posição 265º em relação à quantidade de cana produzida, a posição 242º acerca do valor de produção; ocupando a posição 258º no que concerne à área plantada e área colhida, e por fim, a posição 286º sobre o rendimento médio (IBGE, 2023).

A distribuição do PIB municipal de Severínia, em 2020, de acordo com o Seade (2020), apresenta como setores econômicos mais relevantes da cidade os de serviços, agropecuária, impostos líquidos de subsídios e indústria.

Quadro 6 – Severínia: distribuição do PIB Municipal em 2020.

Serviços	84,6%	R$214.055.559	1ª posição
Agropecuária	6,2%	R$15.697.273	2ª posição
Impostos líquidos de subsídios	5,51%	R$13.949.385	3ª posição
Indústria	3,68%	R$9.323.622	4ª posição

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2020, Online.

Evidencia-se a relevância do setor de serviços no município, e em seguida a agropecuária, com 6,2%, ocupando a segunda posição no ranking de setores mais relevantes da cidade. Ainda, em relação à produção agropecuária, os dados disponibilizados pelo Seade (2021) demonstram os principais produtos agrícolas, conforme quadro a seguir:

Quadro 7 – Severínia: produção agropecuária em 2021.

Cana-de-açúcar	67,34%	R$54.400.000	1ª posição
Laranja	23,18%	R$18.722.000	2ª posição
Milho (em grão)	2,21%	R$1.783.000	3ª posição
Soja (em grão)	1,93%	R$1.556.000	4ª posição

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2021, Online.

Cabe ressaltar que estamos interessados em analisar a economia do município no tocante ao setor agropecuário, onde a cana-de-açúcar representa cerca de 67% da produção no setor, ou seja, a mais relevante no tocante à produção agrícola local.

No que se refere à pecuária do município, as principais criações e reproduções de animais são de bovinos, galináceos, equinos e suínos, de acordo com o quadro a seguir.

Quadro 8 – Severínia: rebanho em 2021**.**

Bovino	53.97%	Quantidade (cabeça): 1.800	1ª posição
Galináceos	35,20%	Quantidade (cabeça): 2.760	2ª posição
Equino	7,35%	Quantidade (cabeça): 376	3ª posição
Suíno	1,96%	Quantidade (cabeça): 100	4ª posição

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2021, Online.

Por fim, a pesquisa também aponta a distribuição do emprego formal por divisão da CNAE. Vejamos aqui algumas das mais relevantes:

Quadro 9 – Distribuição do emprego formal em Severínia por divisão da CNAE em 2021.

Administração pública, defesa e seguridade social	24,39%
Agricultura, pecuária e serviços relacionados	17,50%
Comércio Varejista	17,05%
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	13,69%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	11,03%
Transporte terrestre	5,06%
Serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas	2,32%

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as informações de SEADE, 2021, Online.

Insta observar que a produção de cana é isoladamente destaque, no que toca ao setor agrícola local. A agropecuária no município também é o segundo maior setor, no que diz respeito ao PIB do município, de acordo com as informações do Seade em 2020. Ainda é importante destacar que o setor agropecuário ocupa a segunda maior porcentagem em relação à distribuição de empregos formais do município.

Ressalta-se que o subitem buscou apresentar informações importantes sobre o município, buscando descrever a história da cidade e realçar a importância do município junto ao setor sucroalcooleiro, a fim de analisarmos no sub-sub-capítulo 2.5.2 a paralisação atual da unidade de Severínia no município e como isso vem sendo discutido pela empresa e pela sociedade local.

2.4 Os cortadores de cana-de-açúcar: a realidade precária do trabalho no setor sucroalcooleiro no estado de São Paulo

O acúmulo do plantio de cana no estado paulista é explicado pela fertilidade do solo, pelo clima e pelo incentivo a políticas públicas no setor sucroalcooleiro que o

estado realizou, o que facilitou a expansão do monocultivo de cana-de-açúcar na região, principalmente no interior, tendo em vista a grande demanda de mercado voltada para a produção de etanol e açúcar. Bomtempo (2011) observa que:

> Hoje verificamos que, apesar dessas atividades (indústrias, construção civil, serviços e agropecuárias) terem se dispersado pelo território, São Paulo ainda é o estado que concentra e centraliza o emprego formal e capital gerado pelos grandes setores da economia, inclusive do agropecuário (BOMTEMPO, 2011, p.81).

De acordo com Petrone (1955), os fatores que levaram o estado de São Paulo a se tornar um grande polo de concentração industrial se dá devido:

> 1. A facilidade de obtenção de energia elétrica; 2. A existência de um mercado consumidor interno; 3. O afluxo de capitais, tanto estrangeiros como nacionais, possibilitando o aparecimento de grandes indústrias; 4. facilidade de mão de obra operária; 5. A existência de um mercado fornecedor de matérias-primas dentro do próprio Estado; 6. Importante rede de transportes, que tem na cidade de São Paulo o seu fulcro (PETRONE, 1955, p.128).

Outro ponto importante foi a promulgação da Lei nº 11.241/2002, que visou a erradicação gradual da queima da palha da cana-de-açúcar, criando mecanismos para que os usineiros pudessem diminuir essa prática nociva ao meio ambiente, à sociedade e à saúde dos trabalhadores (cortadores de cana-de-açúcar). A legislação estabeleceu prazos para essa redução no tocante às áreas não mecanizáveis e mecanizáveis.

A partir do protocolo agroambiental e do acordo estabelecido em 2017 entre os empregadores da área rural e a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp) buscou-se acelerar mecanismos de aperfeiçoamento das condições de trabalho aos cortadores de cana-de-açúcar (HIGUCHI, 2013).

A questão que se colocou à baila é que nesse compromisso acordado não havia a identificação do número de trabalhadores que iria ter o acesso às melhorias dessa nova onda mecanizável dentro do sistema de produção canavieira e, nesse sentido, uma consequência para essa questão, incerta, estava relacionada com a possibilidade do desemprego em massa para diversos cortadores de cana que não seriam reaproveitados pela mecanização (HIGUCHI, 2013).

> Contudo, é importante lembrar que existe um balanço entre a redução das queimadas e o número de empregados envolvidos com a colheita

> manual da cana-de-açúcar: a proibição da queima induz à mecanização, processo que tende a se acelerar a partir de agora, com a antecipação dos prazos para eliminação da queima (MORAES, 2007, p. 609).

Com o crescimento da atividade canavieira no estado de São Paulo, houve um aumento significativo da mão de obra. “Em 1976, o estado de São Paulo ocupou 4,0 milhões de dias-homens (d-h). Em 1979, a ocupação foi de 5,7 milhões d-h4, chegando ao final da década de 1980 a 6,1 milhões d-h5” (FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022, Online).

A busca desenfreada para atender ao mercado do setor sucroalcooleiro fez com que, nos anos 1990, a agroindústria atuasse numa tendência de mecanização dessas safras enfraquecendo e absorvendo o trabalho que antes era basicamente realizado por cortadores de cana. Fredo, Baptistella e Caser (2022) ainda detalham que

> Embora a cana-de-açúcar ainda fosse a mais importante no uso do trabalho temporário, com a intensificação da colheita motomecanizada, tanto na cana-de-açúcar quanto nas culturas anuais, alterou-se a demanda de força do trabalho rural. Nos anos 2000, a modernização nos processos produtivos por um lado reduziu o trabalho penoso aumentando a capacidade de produzir com menos pessoas, e por outro ocasionou queda na ocupação, como ocorreu na cana-de-açúcar (FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022, Online).

O uso da automação é intensificado safra após safra, demonstrando o desmonte da atuação dos trabalhadores no setor no estado de São Paulo.

É nesse aspecto, sem proporcionar uma melhora na qualificação desses trabalhadores e facilmente desligá-los a fim de buscar celeridade para a colheita e plantio, que a vulnerabilidade dos cortadores se torna presente e o uso da mão de obra vai rapidamente perdendo seu espaço para a mecanização durante esses processos.

Segundo Arrighi (1997), a automação e as inovações tecnológicas acabam por aumentar o poder social da classe científica e tecnológica, reduzindo o poder social da classe operária, complementando seu pensamento da seguinte forma:

> A automação e as tecnologias com base na ciência, ao contrário, implicam uma redução do poder social do proletariado tal como constituído atualmente. Através da transferência do controle sobre a qualidade e quantidade da produção dos trabalhadores remunerados, subordinados para os gerentes, intelectuais e cientistas, esse tipo de substituição transfere poder social de trabalhadores substantivamente

> proletarizados apenas no sentido formal de trabalhar por um ordenado ou salário (ARRIGHI,1997, p. 331).

A tendência é que as inovações tecnológicas vão caminhando para suprirem as demandas de produção; em contrapartida mais empregos são consumidos nesse tempo, um processo sem volta e sem grandes possibilidades de mudança. Nesse contexto,

> Aos desempregados, a inclusão social se torna mais difícil justamente pela inexistência do emprego, do trabalho estável, dos benefícios sociais auferidos pelo trabalho e da renda mínima que facilitaria o acesso à alimentação, saúde, educação (FREDO; SALLES-FILHO, 2012, p. 7).

A superação das condições precárias em que vivem esses cortadores de cana depende de políticas públicas compensatórias do poder público, assim como do setor privado, para que possam ser qualificados com a finalidade de desempenharem novos papéis dentro do setor.

A falta de incentivo à qualificação profissional permeia e permeará resultados impactantes aos que vivem em condições vulneráveis no setor, gerando impactos negativos tanto na vida desses trabalhadores, como na circulação de renda nos comércios locais e na arrecadação de impostos ao município, ou seja, com os impactos aos trabalhadores, há uma diminuição do poder de compra, o que ocasiona menor circulação de renda nos comércios e, consequentemente, uma diminuição na arrecadação de impostos pelo município, o que inviabiliza uma melhor garantia na qualidade da prestação de serviços públicos, por exemplo.

Figura 21 - Tabela da estimativa da mecanização no estado de São Paulo.

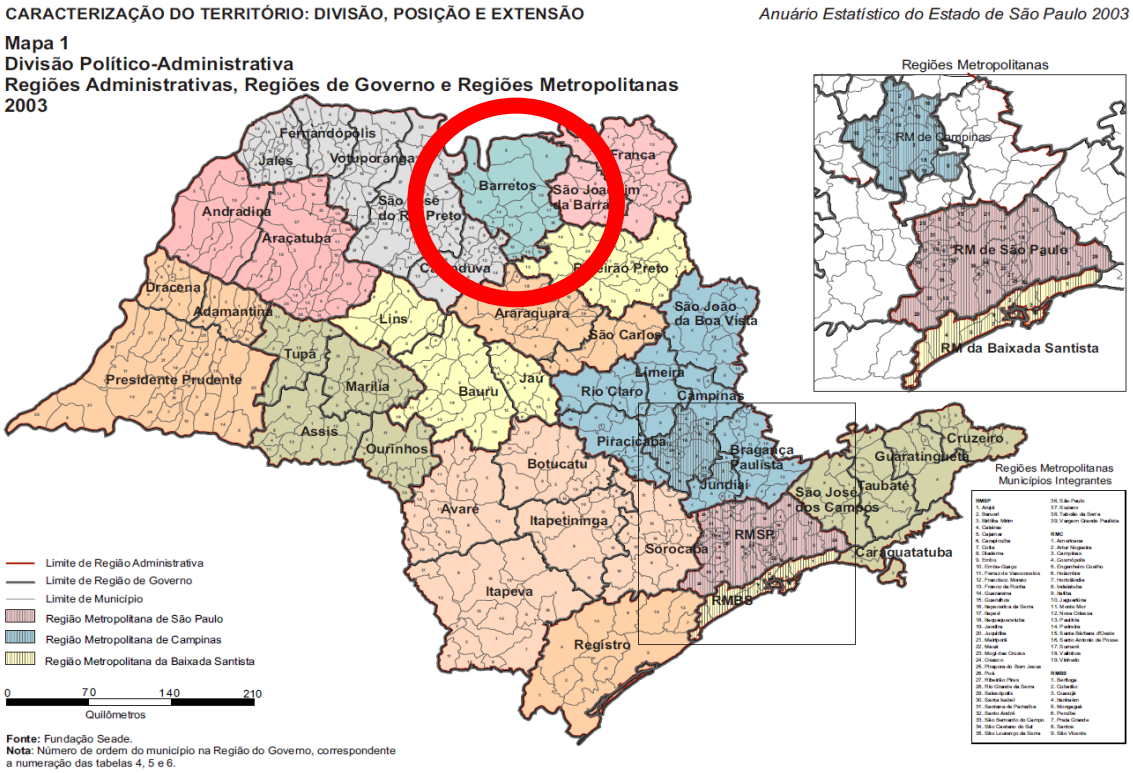
Tabela 2 - Estimativas da mecanização na colheita da cana-de-açúcar, CATI Regionais, Estado de São Paulo, 2020/21

CATI Regional	Área para corte (ha)	Produção (t)	Índice de mecanização (%)	Cortadores de cana (n.)
Andradina	319.231	22.064.416	100	-
Araçatuba	232.785	16.672.665	99,53	72
Araraquara	299.875	23.093.250	97,41	711
Assis	209.057	15.337.400	97,08	402
Avaré	47.398	3.860.628	95,57	94
Barretos	466.848	33.671.734	96,63	1.094
Bauru	90.881	7.200.727	95,05	227
Botucatu	98.996	8.269.278	96,37	254
Bragança Paulista	1.958	143.950	53,73	110
Campinas	18.506	1.432.600	86,43	191
Catanduva	251.587	19.729.054	97,64	492
Dracena	140.805	9.601.180	95,3	432
Fernandópolis	81.599	5.871.456	100	-
Franca	147.834	11.839.335	98,88	123
General Salgado	163.228	11.742.543	96,64	308
Guaratinguetá	122	10.250	0	22
Itapetininga	36.150	3.188.500	98,64	39
Itapeva	2.580	246.600	80,81	32
Jaboticabal	270.368	20.107.550	96,65	612
Jales	55.378	4.440.460	99,68	11
Jaú	252.599	18.374.450	94,51	1.478
Limeira	150.362	12.167.030	86,99	1.349
Lins	163.557	11.907.836	98,56	127
Marília	26.082	2.057.580	96,93	88
Mogi das Cruzes	100	5.000	0	11
Mogi-Mirim	40.035	3.307.000	97,25	167
Orlândia	376.135	27.566.950	97,13	759
Ourinhos	87.680	6.871.100	97,27	140
Pindamonhangaba	1.607	156.550	0	237
Piracicaba	167.934	11.925.619	93,1	642
Presidente Prudente	257.119	19.540.962	97,02	545
Presidente Venceslau	100.607	6.755.750	98,38	200
Registro	99	3.338	0	7
Ribeirão Preto	331.519	22.762.711	95,83	820
São João da Boa Vista	107.342	9.077.052	97,64	141
São José do Rio Preto	283.193	20.385.132	94,94	963
São Paulo	20	1.505	72,82	1
Sorocaba	27.610	2.167.900	91,6	260
Tupã	62.636	4.102.650	94,94	194
Votuporanga	136.169	10.699.978	99,47	47
Total	**5.507.593**	**408.359.668**	**96,64**	**13.404**

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados IEA/CATI.

Fonte: FREDO; BAPTISTELLA; CASER, 2022, Online.

Figura 22 - Divisão Político-Administrativa – Regiões administrativas, regiões de governo e regiões metropolitanas.



Fonte: SEADE, 2003, Online.

A região de Barretos, de que Olímpia e Severínia fazem parte (IEA, 2022), conforme as figuras acima, possui um índice elevado de automação e, consequentemente, avança para outras regiões de acordo com a pesquisa realizada pela base de dados do IEA/CATI.

A utilização da mecanização, conforme explica Moraes (2007, p.609), tem três causas principais: “em meados da década de 1980, pela escassez de mão de obra ocorrida durante o Plano Cruzado e, mais recentemente, pela redução de custos e pela pressão ambiental para que a colheita da cana seja feita sem queimar.”

Segundo Camargo (2007):

> Em resumo, pode-se concluir que a agricultura paulista continuou a se expandir nos anos 80 e 90, mas com um menor dinamismo. O processo de tecnificação continuou a avançar, sobretudo nas atividades de colheita, porém num ritmo mais lento, com a utilização de máquinas e insumos modernos sendo usados principalmente pelos grupos de produtores mais capitalizados e ligados às agroindústrias (CAMARGO, 2007, p.36).

Na medida que a mecanização se expande em detrimento da mão de obra dos cortadores de cana, um reflexo inverso acontece com o trabalho especializado no plantio e na colheita da cana-de-açúcar. O melhor exemplo dessa nova realidade, de acordo com Fredo e Salles-Filho, são os tratoristas (FREDO; SALLES-FILHO, 2012).

É partindo dessa situação que muitos cortadores de cana com pouco nível de escolaridade, com necessidades básicas precárias e com falta de instrução, acabam ficando em estado de abandono frente aos setores públicos e privados que devem propiciar, por intermédio de políticas públicas, condições efetivas para a reintegração desses cortadores ao mercado de trabalho e ao setor sucroalcooleiro, e tão somente assim poderá ser assegurada a esses trabalhadores a efetiva garantia fundamental constituída pelo Estado de Direito.

O aumento da mecanização resulta num processo de exploração e exclusão[31] que atinge os trabalhadores rurais. Com relação às regiões impactadas por esse processo, Arrighi (19997) ressalta que o processo de exploração, bem como o processo de exclusão, visa à garantia do sistema oligárquico e à permanência das desigualdades entre os Estados frente à DIT.

> Processos de exploração proporcionam aos Estados ricos e a seus agentes os meios de iniciar e sustentar processos de exclusão. Processos de exclusão geram a pobreza necessária para induzir os governantes e cidadãos de Estados comparativamente pobres a buscar continuamente a reentrada na divisão mundial do trabalho em condições favoráveis aos Estados ricos (ARRIGHI, 1997, p, 282-283).

Com o aumento do desemprego e a vulnerabilidade das legislações trabalhistas, muitos trabalhadores que continuaram atuando no campo tiveram uma sobrecarga de trabalho, menores salários, maior exploração física e psicológica e menos proteção à saúde, bem como à saúde e à segurança causadas pela ausência de cumprimento de regulamentos em relação à saúde do trabalhador (DIAS, 2006).

> Além da exposição aos fatores de risco relacionados à violência os trabalhadores rurais estão expostos a agressores mecânicos pelo uso de ferramentas diversas e manuseio de máquinas, tratores, serras elétricas, foices, facões, entre outros, agentes de natureza física como

[31]"Desenvolveu-se nova cisão no polo "moderno" do mercado de trabalho: por um lado, operários "sobreviventes" da nova ordem do capital, os mais qualificados (e os mais organizados), tornam-se alvos prioritários de vários mecanismos de consentimento à nova lógica de parceria com o capital; por outro lado, os demais – a massa de operários menos qualificados, instáveis, temporários e subcontratados na borda da cadeia produtiva – são excluídos da Produção Enxuta e compõem uma nova exclusão social no Brasil." (ALVES, 2000, p. 231).

> a radiação solar, descargas elétricas; temperaturas extremas, frio e calor e o ruído; agentes químicos para correção e adubação do solo, agrotóxicos, medicamentos para uso veterinário, e biológicos, como a picada por animais peçonhentos, vírus e bactérias no cuidado de animais e fatores próprios da organização do trabalho, com longas jornadas, ciclos de trabalho intensivo, relacionados às distintas fases de produção, relações que se perpetuam desde os tempos da escravatura, entre outras (DIAS, 2006, p.10).

As inovações tecnológicas e a mecanização ainda não são capazes de evitar as tragédias no interior das áreas canavieiras. Dias (2006) explica que durante a sua análise, em 2006, constatou várias mortes súbitas de cortadores de cana, visto o acúmulo excessivo realizado durante seus turnos de trabalho.[32]

Nesse sentido, a exploração desses trabalhadores pode ser definida pelo processo de acumulação do capital, estando relacionada à exploração nessas regiões, a fim de lucrarem cada vez mais em detrimento aos direitos do trabalhador.[33]

> A taxa mais baixa e unicamente necessária para o salário é a subsistência do trabalhador durante o trabalho, e ainda (o bastante) para que ele possa sustentar uma família e (para que) a raça dos trabalhadores não se extinga. O salário habitual é, segundo Smith, o mais baixo que é compatível com a simples humanidade (simple humanité), isto é, com uma existência animal (MARX, 2004, p.24).

De acordo com Marx (2004), quanto maior a pobreza do trabalhador, maior a riqueza do produtor, tornando o primeiro uma mercadoria de baixíssimo valor. As oportunidades são meramente abstratas, pois em sua mais pura realidade o torna prisioneiro da sua própria existência.

A desvalorização desses cortadores de cana-de-açúcar chega muito próximo das definições de Marx (2004), pois retrata as desigualdades entre os mais ricos, aqui entendidos como detentores do acúmulo de riqueza, empresa transnacional, e os mais pobres, cortadores de cana, que, por sua vez, ficam marginalizados, vulneráveis e expostos a todas as vicissitudes desse processo de exclusão.

---

[32] “Nos últimos seis meses a ocorrência de uma série de mortes súbitas, em trabalhadores envolvidos no corte de cana, teve destaque na mídia e foram atribuídos ao excesso de trabalho” (DIAS, 2006, p.8).

[33] “Capital, terra, trabalho! Mas o capital não é uma coisa, mas determinada relação de produto, social, pertencente a determinada formação sócio-histórica que se representa numa coisa e dá um caráter especificamente social a essa coisa. O capital não é a soma dos meios de produção materiais e produzidos. O capital são os meios de produção transformados em capital, que, em si, são tão pouco capital como ouro e prata são, em si, dinheiro. São os meios de produção monopolizados por determinada parte da sociedade, os produtos autonomizados em relação à força de trabalho viva e às condições de atividade exatamente dessa força de trabalho, que são personificados no capital por meio dessa oposição” (MARX, 1986, p.269).

> A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre o trabalhador (o trabalho) e a produção. Sem dúvida. O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação ao trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador (MARX, 2004, p.82).

De acordo com Arrighi (1997), o processo de inovações, que usufruem da mão de obra especializada, intelectual, em detrimento a mão de obra menos especializada, braçal, estes tornam-se excluídos para a sociedade e os eleva a um nível ainda maior de vulnerabilidade econômica e social. Arrighi (1997) explica que:

> [...]O primeiro cenário é de desamparo proletário. A concorrência impede o proletariado de compartilhar os benefícios do progresso industrial e leva-o a um tal estado de pobreza que ele se torna um peso morto para a sociedade, ao invés de força produtiva (ARRIGHI, 1997, p.296).

O efeito salarial para esses trabalhadores com o uso da mecanização modifica todo o sistema de atividade no setor, pois com a redução desses cortadores de cana, com baixa escolaridade, a automação faz surgir um novo perfil de mão de obra mais especializada, o que exclui ainda mais os trabalhadores menos especializados no setor sucroalcooleiro (MORAES, 2007).

Dessa forma, a necessidade de qualificar cortadores de cana é um objetivo fundamental a fim de proporcionar maior acesso às profissões que dependem de maior especialização. Muitas vezes a falta de incentivo dessas indústrias para qualificar os trabalhadores com menos escolarização e especialização os isolam ainda mais para a inserção em outras atividades do setor sucroalcooleiro.

O artigo 457, § 1º da Consolidação das Leis do Trabalho (BRASIL. Lei nº 5.452, 1943, art. 457, §1º) e o grupo de apoio e proteção aos cortadores de cana (“Grupo Cana”) têm como objetivo assegurar a remuneração por produção, criar acordos e convenções que busquem garantir reajustes salariais e melhores condições no setor sucroalcooleiro, por exemplo. Mesmo com esses avanços da legislação, acordos e convenções, ainda há uma parcela considerável de cortadores de cana que sofrem com os impactos desse novo modelo de produção da agroindústria canavieira.

A remuneração por produção, conforme explicação complementar no trecho a seguir transcrito, impacta diretamente a vida desses trabalhadores e são as maiores causas de mortes no setor canavieiro.

> Como os trabalhadores são remunerados por produção, aqueles que se dispõem a acompanhar as 4 etapas perdem, no mínimo, meio dia de trabalho, e se não trabalham, não ganham. Além disso, aqueles que se dispõem a participar se sentem marcados pelos gatos, fiscais, e pelas usinas e temem perder seus empregos (ALVES, 2006, p. 96).

A única forma de diminuir os índices de mortes de trabalhadores no corte de cana é a extinção por completa desse sistema de produção; contudo, há uma grande pressão contrária a essa solução pelos empresários capitalistas (usineiros) (ALVES, 2006).

A eliminação desse sistema, evidentemente, gera a remoção dessa parcela vulnerável de mão de obra, ocasionada pela suplantação por máquinas. Todavia, é necessária uma mobilização social para que a nova onda de mecanização "[...] passem a ser ocupadas por programas públicos de reforma agrária, que, através do assentamento de trabalhadores, ex-cortadores de cana, produzam produtos destinados à segurança alimentar local/regional" (ALVES, 2006, p.97). De acordo com Arrighi (1997), o processo de mudanças também depende das lutas dos oprimidos por melhores condições de trabalho, pois

> [...] para o capital, todos os membros do proletariado são instrumentos de trabalho, mais ou menos caros de usar [...] sempre que enfrentaram a predisposição do capital de tratar o operariado como massa indiferenciada, sem qualquer individualidade, além da capacidade diferencial de aumentar o valor do capital, os proletariados se rebelaram [...] a anulação dessas práticas, e das ideologias e organizações em que foram institucionalizadas, só pode ser o resultado das lutas daqueles que são oprimidos por elas (ARRIGHI, 1997, 350).

2.4.1 Breves relatos sobre a política energética do governo brasileiro e os impactos ao setor sucroalcooleiro

A partir da década de 1970, o Brasil buscou impulsionar a produção de etanol[34] através de políticas de incentivo, a fim de obter expansão e competitividade mais

[34] "As principais matérias-primas utilizadas para produzir etanol são cana-de-açúcar, milho, aveia, arroz, cevada, trigo e sorgo. O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de etanol proveniente da cana-

avançada no setor sucroalcooleiro[35], também chamado de setor sucroenergético (CAMPOS, 2015). De acordo com o trecho a seguir, o impulso ocorreu da seguinte forma:

> O desenvolvimento de aparatos técnicos possibilitou, desde meados do século XX a organização da empresa num esquema de rede, ou seja, os processos de gestão, produção e distribuição puderam se dispersar de maneira articulada pelos territórios de interesse do capital, na escala global (BOMTEMPO, 2011, p. 92).

No âmbito global, é importante frisar que Arrighi (1997) busca distinguir esse sistema capitalista através da expansão industrial entre os Estados, além de suas fronteiras, em que as distinções relevantes das organizações corporativas transnacionais, estão nas "[...] atividades que envolvam tomadas de decisões estratégicas, controle e administração, pesquisa e desenvolvimento, por um lado, e atividades de pura execução, por outro" (ARRIGHI, 1997, p.187). Por outras palavras, enquanto países desenvolvidos executam atividades técnicas e especializadas, as quais o autor define como "cerebrais", países semiperiféricos e periféricos possuem como função a execução braçal dessas atividades.

Segundo Arrighi (1997), Estados de núcleo orgânico possuem facilidade de barganhar com países semiperiféricos e periféricos a fim de obter vantagens de custo com esses países. Além disso, países desenvolvidos possuem um sistema capitalista organizado e bem estruturado, além de um sistema político que favorece as empresas, enquanto países semiperiféricos são caracterizados por "mercados fragmentados e descontínuos, infraestrutura e serviços ineficientes e um clima político frequentemente desfavorável à capacidade empresarial capitalista" (ARRIGHI, 1997, p. 156).

Ressalta-se, ainda, que,

> A partir da década de 1970, muitos municípios paulistas adotaram políticas de incentivos para a atração de empresas, por meio de isenções de impostos, doações de terrenos e criação de distritos industriais, em um contexto de políticas nacionais e estaduais para a interiorização da indústria. Estas empresas novas, uma vez instaladas

---

de-açúcar, mas pesquisas recentes vêm buscando novas fontes (bagaço de cana-de-açúcar, milho e mandioca) e processos (alcoolquímica) para a produção de etanol" (BARROS, 2021, Online).

[35] "[...] na década de 1970, a indústria de base, pesada e leve e indústrias de transformação estavam consolidadas. Todavia sua distribuição não ocorreu de maneira homogênea no território brasileiro; pelo contrário, as empresas até meados da década de 1980 estavam centralizadas e concentradas no estado de São Paulo, sobretudo na metrópole e no seu entorno" (BOMTEMPO, 2011, p.73).

> no município, trariam o crescimento econômico e, consequentemente, o desenvolvimento (BELLINGIERI; SOUZA; MIRANDA, 2018, p.287).

Segundo os autores Bellingieri, Souza e Miranda (2018), a ideia de expansão industrial, com políticas de isenção de impostos, doações de terrenos pelos municípios, orientadas de acordo com políticas nacionais e/ou estaduais, com o objetivo de atrair novas empresas para novas localidades, buscando desenfreadamente o progresso dessas regiões, é meramente um equívoco, pois é "comum confundir desenvolvimento com a expansão e a crescente complexidade do tecido urbano, na esteira do crescimento econômico e da modernização tecnológica"(BELLINGIERI; SOUZA; MIRANDA, 2018, p.287).

De acordo com Arrighi (1997, p. 231), a "expansão da industrialização aparece não como desenvolvimento da semiperiferia, mas como periferização de atividades industriais". Por isso, não se pode dizer que a modernização nessas localidades, por meio da inovação tecnológica, seja sinônimo de desenvolvimento.

O autor ainda esclarece que,

> A análise de sistemas mundiais sustenta que os Estados em busca de riqueza nacional numa economia capitalista mundial enfrentam um problema de "adição" semelhante, e de muitas maneiras mais sério que, àquele enfrentado pelos indivíduos quando buscam riqueza pessoal numa economia nacional. As oportunidades de avanço econômico, tal como se apresentam serialmente para um Estado de cada vez, não constituem oportunidades equivalentes de avanço econômico para todos os Estados [...] desenvolvimento nesse sentido é uma ilusão (ARRIGHI, 1997, p. 217).

Cabe observar, ainda, durante a década de 1950, foi implantado o programa de desenvolvimento denominado Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), "com o objetivo de subsidiar a agropecuária a partir de investimentos em insumos agrícolas e mecanização na década de 1960" (CAMPOS, 2015, p. 304-305).

Com a falta de êxito em mecanizar a região nordeste entre as décadas de 1970 e 1980, seja pelas frequentes secas da região e/ou a falta de interesse dos produtores, a expansão, portanto, começou a ganhar força na região Centro-Sul, em especial nos estados de São Paulo e Paraná, tornando-se os maiores produtores de álcool e açúcar do Brasil (CAMPOS, 2015). Campos (2015) pontua que:

> No Brasil a produção se dá pela cana-de-açúcar por ser mais rentável e fácil de produzir, no qual é produzido o álcool anidro e o hidratado. O anidro é utilizado como aditivo em combustíveis, composto por

> 99,5% de álcool puro e 0,5% de água. Sua concentração na gasolina é de 25% de acordo com a EMBRAPA (CAMPOS, 2015, p. 311).

Insta observar que a expansão no setor sucroalcooleiro também foi motivada pela criação do Programa Nacional do Álcool, PRÓALCOOL, que viabilizou, após a sua segunda fase, entre o fim da década 1970 e início da década de 1980, grande expansão da atividade canavieira. Porém, foi no ano 2000 que o setor sucroalcooleiro obteve um segundo grande marco com a criação dos automóveis *flexfuel*, o qual propiciou o uso de gasolina e etanol como combustíveis em automóveis (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2022), possibilitando investimentos expressivos com apoio do governo através de estatais. Os autores ensinam que:

> Tal expansão deve-se a um novo panorama do comércio interno e externo, elevação dos preços internacionais do petróleo, crescimento da reivindicação interna pelo álcool hidratado, graças ao sucesso dos novos modelos flex fuel, “movidos a etanol e gasolina” e os efeitos do Protocolo de Kyoto, que impõe a redução por parte dos países signatários, das emissões de CO2 (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2022, p.90).

Com os mercados desregulamentados desde o fim dos anos 1990, os impactos no setor sucroalcooleiro, principalmente na produção de álcool, açúcar, bem como da cana-de-açúcar, acabaram por afetar o comércio e os preços finais dessas produções (MELO; SAMPAIO, 2016).

De acordo com Viegas (2011), o processo inflacionário, haja visto o aumento dos valores das commodities, e “a ampliação da liquidez internacional ao longo da maior parte dos anos 2000 teria iniciado essa trajetória” (VIEGAS, 2011, Online). Viegas (2011), ainda observa que:

> O problema é que a história brasileira conformou uma cultura inflacionária que disseminou entre os agentes o hábito de remarcar preços para se defender e para garantir melhores margens de lucro. O resultado foi o estabelecimento de uma guerra por rendas entre os diferentes agentes econômicos que culminaria num processo hiperinflacionário e perduraria até meados dos anos 1990. A memória desse contexto recente ainda está impregnada nos agentes. Frente à ameaça de aumento de custos e após uma compressão de lucros (como aquela experimentada pelas usinas durante a crise financeira mundial), os formadores de preço buscam elevar sua margem na cadeia produtiva em relação aos outros elos e frente ao consumidor final (VIEGAS, 2011, Online).

O controle do processo inflacionário, segundo Viegas (2011), baseia-se nos protestos do povo brasileiro que visam pressionar o governo a fim de diminuir os aumentos de preços, e do próprio governo que, objetivando atender a essas reivindicações, busca controlar os aumentos constantes da inflação. No entanto, o Brasil não dispõe de mecanismos efetivos que possam estabilizar e atender o processo de deflação, mantendo constantemente uma instabilidade de preços, a exemplo a gasolina (VIEGAS, 2011). Na questão dos impostos, Viegas (2011) entende que

> O tema envolvendo os impostos é o mais delicado no país e dificilmente serão atendidas todas as expectativas no curto prazo. Ademais, há o risco de eventuais quedas de impostos não se traduzirem em redução de preços. No que tange às linhas especiais de financiamento, é preciso salientar o papel estratégico do setor para o Brasil. O problema é que a prática de juros abaixo da taxa básica do país é qualificada como uma forma de subsídio quando se pensa no mercado interno. Todavia, o Brasil possui os juros mais altos do mundo, o que constitui um fator que deprime a competitividade da indústria. Para que a competitividade internacional do etanol seja promovida é razoável equalizar as condições de acesso a crédito. Essa prática é muito diferente da subvenção que era dada pelo governo americano ao etanol de milho (VIEGAS, 2011, Online).

Viegas (2011) observa que

> É preciso permitir que o mercado cresça. A frustração a respeito das vantagens do carro flexfuel, da produção e utilização do etanol pode gerar prejuízos muito maiores para o setor. Ela pode reforçar a aposta de que o etanol é um combustível de transição. Útil até que os carros que usam eletricidade se consolidem. Assim, é razoável que se utilize todos os instrumentos disponíveis para estabilizar esse mercado caso o Brasil acredite que o etanol é um combustível viável do ponto de vista econômico, tecnológico e ambiental (VIEGAS, 2011, Online).

A respeito disso, no ano de 2022, o governo federal propôs reduzir ou zerar as alíquotas do ICMS da gasolina, aprovado em maio, a fim de barrar os altos preços dos combustíveis devido às fortes pressões inflacionárias, o que resultaria negativamente em diminuição das receitas de setores fundamentais, como educação, saúde (FILGUEIRAS, 2022).

Ante a proposta, o setor sucroalcooleiro criou um embate contrário, alegando impacto negativo, pois viu diminuída a competitividade do etanol pelas novas propostas do governo federal:

> O secretário explica que, 25% da arrecadação do ICMS, são destinados à Educação, 12% à Saúde e 25%, aos municípios. Para ele a medida é ineficiente, porque a política da Petrobras é de sempre parear os preços dos combustíveis ao mercado internacional. Os impostos federais já foram zerados para o diesel e ainda assim o produto seguiu com aumento (FILGUEIRAS, 2022, Online).

Buscando frear o processo inflacionário, a diminuição de programas impacta positiva e temporariamente na redução dos aumentos inflacionários, contudo, não soluciona a peleja, pois ainda há uma "[...]trajetória [de alta] das principais commodities[...]" (FILGUEIRAS, 2022, Online).

De acordo com a Folha de São Paulo, a desoneração de impostos pelo governo Jair Bolsonaro resultou negativamente nos resultados das usinas de cana, cujas empresas foram pressionadas a competir para o barateamento da gasolina, diminuindo os incentivos de investimento na transição de energia (PAMPLONA, 2023).

O setor sucroalcooleiro busca impedir que haja uma prorrogação dessa redução, destacando que os impactos sociais, econômicos e ambientais resultam numa menor competição do país no que tange à energia renovável.

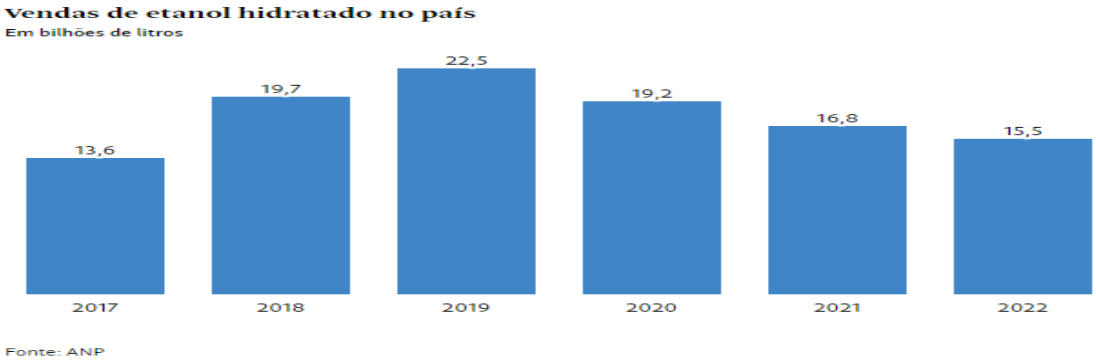
O setor também sustenta que a redução nos valores da gasolina em detrimento ao etanol diminui a competitividade, bem como a lucratividade do setor de produção de etanol (PAMPLONA, 2023).

Assim como no governo Jair Bolsonaro, os anseios do setor sucroalcooleiro pela não prorrogação da desoneração de impostos se manteve no governo Lula, também objetivando barrar pressões inflacionárias, tentando preservar "a imagem do governo logo no início do mandato" (PAMPLONA, 2023, Online).

Portanto, há uma convergência explícita em governos, seja de direita ou de esquerda, sobre o barateamento de combustível fóssil, gasolina, ao fomentarem políticas de redução e/ou isenção de impostos por pressões políticas e inflacionárias, em detrimento dos impactos econômicos, sociais e ambientais, gerando impactos negativos e instabilidades no setor sucroalcooleiro, no que toca aos resultados das empresas usineiras produtoras de cana-de-açúcar (PAMPLONA, 2023).

De acordo com os dados da pesquisa abaixo, a desoneração de impostos pelo governo Jair Bolsonaro e a prorrogação pelo governo Lula gera reduções significativas nos preços do etanol, impactando negativamente o setor sucroalcooleiro.

Figura 23 - Vendas, em bilhões, de etanol hidratado no país.



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO/ANP (PAMPLONA, 2023, Online).

Nesse sentido, fica evidente que as tentativas de barateamento da gasolina pelo governo, seja de direita ou esquerda, constantemente pressionados pela inflação, pelos aumentos dos preços e pelo próprio sistema político, buscam, por meio de subsídios, combater esse processo inflacionário, o que ocasiona uma atuação errática dos governantes, refletindo, impactando e desestabilizando diretamente o setor sucroalcooleiro.

2.5 A atuação do Grupo Tereos em Olímpia e região

Além do setor turístico, muito presente na cidade de Olímpia, outros dois grandes impulsionadores do desenvolvimento possuem relação com a agropecuária e o agronegócio. O segundo está muito presente junto ao setor sucroalcooleiro na região noroeste paulista. O Grupo Tereos foi fundado em 1932, através de uma cooperativa de destilarias geridas por agricultores de Origny, situada na região de Aisne, localizada na região norte da França (TEREOS BRASIL, [2022?]).

Naquela época “a fábrica processava 400 toneladas de beterraba-açucareira por dia e, 87 anos depois, o Grupo se tornou o terceiro maior produtor mundial de açúcar” (TEREOS BRASIL, [2022?],Online). De forma mais detalhada:

> No Brasil, a história da Tereos começa em 1967. Então conhecida como Guarani, em uma época de crescimento econômico no País, a empresa abre suas portas oferecendo álcool, aguardente e coprodutos na região de Severínia, interior de São Paulo. Em 1976, a unidade de Severínia da Guarani é adquirida pelo Grupo Gafisa. Em 1987, uma mudança tecnológica marca a Guarani. A empresa constrói sua segunda unidade industrial, a Cruz Alta, no município de Olímpia, próximo à Severínia, interior de São Paulo. A fábrica, pioneira no

> Brasil, traz o que há de mais moderno no setor, utilizando um difusor de cana-de-açúcar, no lugar da tradicional moenda (ORIGENS DAS MARCAS, 2011, Online).

De acordo com dados presentes no site da empresa, a atuação da Tereos é global e está presente em quatro continentes, possuindo assentamento no Brasil, Europa, Ásia e África Oriental. Grande destaque em sua atuação no Brasil se dá através do setor sucroalcooleiro, principalmente na região noroeste paulista, onde está localizada a maioria das suas instalações industriais.

Abaixo temos um quadro da atuação da multinacional, que apresenta a estruturação de suas instalações/assentamentos no âmbito global a fim de exemplificar como funciona a produção da empresa no âmbito industrial e agrícola.

Quadro 10 - Atuação Global do Grupo Tereos.

África e Oceano Índico	**Ásia**	**Europa**	**América Latina**
4 Instalações industriais	1 Instalação industrial	31 Instalações industriais	8 Instalações industriais
1 Centro de P&D	1 Centro de P&D	2 Centros de P&D	1 Centro de P&D
2 Departamentos Comerciais	2 Departamentos Comerciais	2 Departamentos Comerciais	1Departamento Comercial
Países: Quênia, Ilha da Reunião (França), Tanzânia	Países: Índia, Indonésia e Singapura	Países: Alemanha, França, Bélgica, Espanha, República Tcheca, Itália e Reino Unido	País: Brasil

Fonte: Quadro adaptado pelo autor através de informações do site oficial do Grupo Tereos (TEREOS BRASIL, [2022?], Online).

Em relação ao quadro, considera-se importante destacar a sua atividade na Europa, devido ao fato de ter iniciado suas atividades naquele continente. São trinta e uma instalações industriais na Europa, no qual abrange sete países importantes para o continente, como Alemanha, França, Itália, Reino Unido, Espanha, Bélgica e

República Tcheca. Ainda, é o único continente, entre os quatro, que conta com dois centros de pesquisa e desenvolvimento (P&D).

Acerca da atividade e assentamento na América Latina, cabe destacar que o Brasil é o único país que possui instalação da empresa. Outro destaque importante está relacionado com as suas instalações industriais, sendo oito no total; a segunda do quadro comparativo com mais instalações industriais dos quatro continentes em que a Tereos opera.

Além desses continentes, Europa e América Latina, a atuação no continente Africano e Oceano Índico, bem como na Ásia, possui parcela extremamente significativa para o desenvolvimento econômico e geração de lucros da empresa, pois estão presentes em diversos países, totalizando cinco instalações industriais, dois centros de pesquisa e desenvolvimento e quatro departamentos comerciais.

Fica evidente a atuação expansiva da empresa Tereos nos mercados agrícola, industrial e comercial a nível global, com sua presença sólida em treze países e um total de dezenove mil e oitocentos colaboradores pelo globo (TEREOS BRASIL, [2022?]).

A empresa atua junto “aos mercados de alimentos, nutrição animal, química verde, produtos farmacêuticos e cosméticos, papel e papelão e energia” (TEREOS BRASIL, [2022?], Online). No que tange ao assentamento da empresa no Brasil, bem como na região da cidade de Olímpia,

> The Company is a privately held corporation, fully controlled by the Tereos Group through Tereos Internacional S.A. in Brazil with a 57% stake and Tereos Participations S.A.S. also a shareholder, the two companies being subsidiaries of the Tereos Group based in France, one of the largest producers of sugar and ethanol in Brazil and in the world. The Company has seven industrial units located in the northwest of the state of São Paulo, namely: Cruz Alta (in Olímpia), Severínia (in Severínia), Tanabi (in Tanabi), Mandú (in Guaíra), São José (in Colina), Andrade (in Pitangueiras) and Vertente (in Guaraci) – unit in which Tereos owns the control with a 50% interest, in partnership with Grupo Humus[36] (TEREOS BRASIL, 2022, p.8).

[36] Relatório 2022 - Consolidated Financial Statements. Tradução: A Companhia é uma sociedade anônima de capital fechado, integralmente controlada pelo Grupo Tereos por meio da Tereos Internacional S.A. no Brasil com 57% de participação e da Tereos Participations S.A.S. também acionista, sendo as duas empresas subsidiárias do Grupo Tereos com sede na França, um dos maiores produtores de açúcar e etanol do Brasil e do mundo. A Companhia possui sete unidades industriais localizadas no noroeste do estado de São Paulo, a saber: Cruz Alta (em Olímpia), Severínia (em Severínia), Tanabi (em Tanabi), Mandú (em Guaíra), São José (em Colina), Andrade (em Pitangueiras) e Vertente (em Guaraci) – unidade na qual a Tereos detém o controle com 50% de participação, em parceria com o Grupo Humus (TEREOS BRASIL, 2022, p.8, tradução nossa).

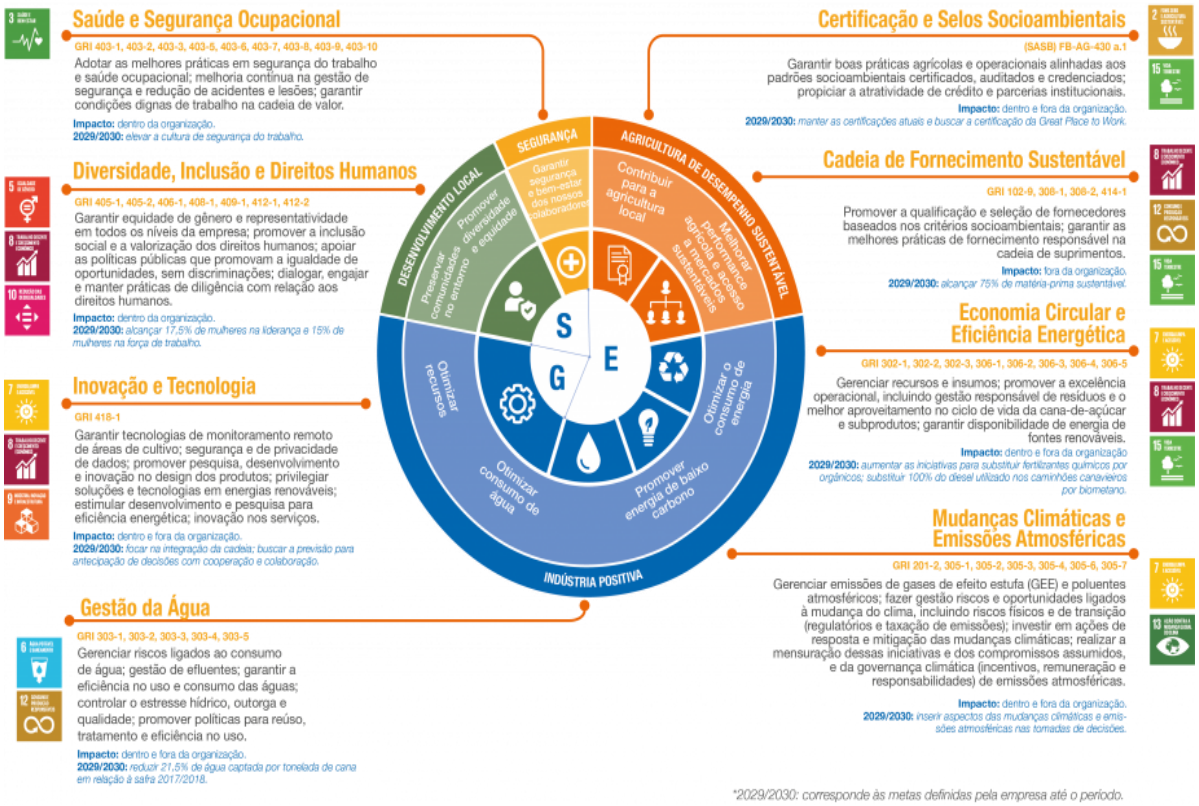
Entre a sua diversidade de produção, a Tereos é líder no mercado quando se trata de açúcar, amido e álcool, possuindo destaque por ser o quarto maior grupo de produção de açúcar do mundo (TEREOS BRASIL, [2022?]).

De acordo com o relatório de finanças da Tereos Brasil em 2022, a empresa conseguiu firmar contratos a fim de aumentar o número de produção de cana-de-açúcar com fazendas de terceiros (TEREOS BRASIL, 2022).

A companhia ressalta uma estimativa de quase cinco milhões de toneladas que serão entregues através das safras entre 2022 a 2027 (TEREOS BRASIL, 2021).

Abaixo segue um gráfico disponível no site da Tereos Brasil sobre os itens e objetivos da empresa, em relação a política de sustentabilidade.

Figura 24 - Relatório 2020/2021 (Política de sustentabilidade – Tereos).



Fonte: TEREOS BRASIL, 2021, Online.

De acordo com a empresa, os objetivos específicos de sua atividade visam priorizar a agricultura de desempenho sustentável, a indústria positiva, a nutrição, o desenvolvimento local e a segurança. Cabe ressaltar que o Grupo Tereos, a partir de 2018, expandiu seus investimentos através de um acordo de logística para transportar

açúcar do interior paulista para o porto de Santos – SP, aumentando as vendas de açúcar em outras regiões do país, conforme exemplificado a seguir:

> Em 27 de junho de 2018, a Tereos firma acordo com a VLI, empresa ferroviária e concessionária de logística de portos, para o transporte de açúcar do interior de São Paulo para o porto de Santos. O acordo envolve investimento de cerca de R$ 200 milhões, a ser dividido entre as empresas. Em outubro de 2018, a Tereos começou a distribuir no Sul e no Sudeste do Brasil seus novos pacotes de açúcar da marca Guarani com estévia, que têm 50% menos calorias que o açúcar refinado e adoça duas vezes mais (ORIGENS DAS MARCAS, 2011, Online).

A empresa conta com sete unidades no Brasil, quais sejam, a unidade Andrade, localizada em Pitangueiras, a unidade São José, localizada em Colina, a unidade Mandu, localizada em Guaíra, a unidade Tanabi, localizada em Tanabi, a unidade de Severínia, localizada em Severínia, e a unidade Cruz Alta, localizada em Olímpia, todas localizadas na região noroeste do Estado de São Paulo (TEREOS BRASIL, [2022?]).

2.5.1 Incorporação da empresa Guarani S/A pelo Grupo Tereos

O ponto de partida para o setor sucroalcooleiro em Olímpia e Severínia se dá através da fundação da usina Guarani (antecessora do Grupo Tereos) criada na década de 1960, “[...] em uma época de crescimento econômico no País, a empresa abre suas portas oferecendo álcool, aguardente e coprodutos na região de Severínia, interior de São Paulo” (ORIGENS DAS MARCAS, 2011, Online).

Uma das empresas de maior destaque até o começo dos anos 2000 era a usina Guarani S/A, que atuava diretamente na região metropolitana de São José do Rio Preto-SP com o plantio, cultivo e colheita da cana-de-açúcar, conforme a seguir explicado:

> A história da Guarani começa na segunda metade da década de 1960, com uma pequena empresa de álcool e aguardente no município de Severínia, no Estado de São Paulo. Em menos de cinco décadas, a Guarani conquistou o mercado nacional e hoje é a 3ª maior produtora de açúcar do setor sucroenergético brasileiro (FERRACINI, 2018, p.44).

A produção da empresa tinha sua atuação diretamente ligada na transformação de cana-de-açúcar em etanol, açúcar e energia elétrica.

Destaque importante para a venda do açúcar Guarani, uma das principais marcas disponíveis no comércio nacional, e uma das mais importantes na comercialização de açúcar do Brasil (WIKIPEDIA, 2020).

A empresa atuava diretamente no ramo de produção de açúcar e álcool, e sua principal distribuição era voltada para dentro do país.

Com a aquisição, em 1976, da unidade de Severínia pelo Grupo Gafisa, onze anos mais tarde, a empresa Guarani promoveu mudanças tecnológicas no monocultivo da cana-de-açúcar, construindo uma nova unidade no município de Olímpia. A unidade Cruz Alta, localizada próximo ao município de Severínia, em que trouxe novos mecanismos de produção da cana-de-açúcar, substituindo a moenda pelo difusor (ORIGENS DAS MARCAS, 2011, Online).

A partir do ano 2000, a empresa Tereos Brasil começou a investir diretamente no país junto ao processamento da cana-de-açúcar, através de um acordo que prezava a parceria com o Grupo Cosan.

Porém, apenas em 2002 a multinacional atingiu o seu ápice no Brasil com a compra da empresa nacional Guarani S/A, que até então mantinha sua produção em destaque, ficando entre as primeiras e mais importantes do setor no país. A partir da aquisição da usina Guarani S/A, a Tereos dobrou a capacidade de instalações na região.

Além da aquisição da empresa Guarani S/A, outro ponto importante desse assentamento na região se deu através do acordo de parceria estratégica com a Petrobrás, que atua de forma “subsidiária de processamento de cana-de-açúcar da Tereos no Brasil, na época chamada de Guarani S/A” (TEREOS BRASIL, [2022?], Online).

No ano de 2016, a empresa adquiriu a participação acionária da Guarani S/A na Petrobrás, o que possibilitou que a empresa se tornasse a única acionista, elevando a sua atuação e participação no mercado interno, no que concerne à produção de cana-de-açúcar, tornando-se a segunda maior produtora brasileira (TEREOS BRASIL, [2022?]).

A empresa processa milhões de toneladas de cana em suas setes unidades industriais:

> A Tereos Açúcar & Energia Brasil processou ao longo da safra de 21/22 um volume de 15,6 milhões de toneladas de cana em suas sete unidades. A empresa finalizou o ciclo com um mix de 62% para açúcar

> e 38% para etanol. Foram produzidos 531 milhões de litros de etanol e 1,4 milhão de toneladas de açúcar. Além disso, registrou produção de 1.210 GWh de energia (TEREOS BRASIL, [2022?], Online).

Nesse sentido, “A presença dos grupos internacionais tem ocorrido na região Sudeste, principalmente pela compra total ou parcial de unidades locais [...]” (CHAGAS, 2014, p.28). Um dos pontos importantes a se destacar está ligado aos rendimentos crescentes da empresa transnacional na região de Olímpia, tendo em vista o forte desenvolvimento da produção, bem como a aceleração da produção de cana-de-açúcar através da automação. Como a Tereos aponta:

> Contando com seu know-how agronômico e industrial, a Tereos tem investido no desenvolvimento da produção e melhorado a produtividade da cana-de-açúcar, graças ao plantio e colheita mecanizados no Brasil. No país, a Tereos atua em uma área agrícola de 300 mil hectares. O Grupo é pioneiro na introdução de novas tecnologias, seja em agricultura de precisão ou no uso de data analytics, com dados capturados por tablets e drones. As variedades de cana recebem atenção especial, com o objetivo de combinar bom rendimento com adequação aos solos e climas específicos (TEREOS BRASIL, [2022?], Online).

A empresa vem se destacando pelo seu elevado desempenho na produção de cana-de-açúcar, sendo a segunda maior produtora de açúcar do mundo (ORIGENS DAS MARCAS, 2011), bem como investindo milhões de reais para a dominação da sua produção a nível local, nacional e global.

Entre tais investimentos, ressalta-se aquele de mais de vinte milhões de reais com o objetivo de aumentar a sua utilização de vinhaça,

> A Tereos, uma das empresas líderes na produção de açúcar, etanol e energia do país, está investindo cerca de R$ 23,5 milhões em um projeto para ampliar a utilização da vinhaça para fertilização de seus canaviais, aumentando em cerca de 40 mil hectares de aplicação nas áreas da empresa (TEREOS BRASIL, 2022, p.1).[37]

O objetivo é ampliar para quarenta mil hectares e fazer com que a empresa possa ter mais autonomia junto ao mercado. A empresa participa de ações sociais e incentivos ao esporte, demonstrando estar presente não somente na linha de

[37] Tereos Açúcar & Energia: Nossas notícias. Documento datado em 7 de novembro de 2022 (TEREOS BRASIL, 2022).

produção, mas em outros setores da sociedade, aumentando ainda mais a sua visibilidade comercial.

É notável o desenvolvimento e liderança da empresa frente à produção de cana-de-açúcar, em que a automação está ligada à aceleração de produção dessa matéria-prima, bem como à competição junto ao comércio local, nacional e global.

A aquisição da empresa Guarani S/A pelo Grupo Tereos centraliza ainda mais o acúmulo de capital para uma parcela extremamente seletiva de grupos de porte elevado a nível global. Marx (1980) define esse tipo de acumulação de capital como sendo

> [...] o progresso da acumulação aumenta a matéria que pode ser centralizada, isto é, os capitais individuais, enquanto a expansão da produção capitalista cria a necessidade social e os meios técnicos dessas gigantescas empresas industriais cuja viabilidade depende de uma prévia centralização do capital. Hoje em dia, portanto, é muito mais forte do que antes a atração recíproca dos capitais individuais e a tendência para a centralização (MARX, 1980, p.728).

Ainda, de acordo com Silveira (2010)

> [...] a tendência às fusões empresariais reduz o número de polos decisórios, concentra ainda mais os vetores de mando e torna mais rígidas as relações entre áreas polarizadoras e áreas polarizadas. Dessa forma, como a fusão de empresas tende a ampliar a presença de capitais e de firmas globais no território, aumentam ao mesmo tempo os desequilíbrios e as novas formas de manifestação do setor externo da economia, em detrimento do setor interno (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p.79).

Com a internacionalização da indústria do etanol, a fim de obter vantagens competitivas, bem como aumentar o nível de exploração e expansão nessas áreas, de acordo com Ladu (2009), as empresas acabam sendo “[..]atraídas pelo mercado desregulamentado, a disponibilidade de terras para a expansão do cultivo da cana, a mão de obra barata, a eficiência da econômica da produção em termos de baixo custo” (LADU, 2009, p.100), além de constituírem “[...] as menores obrigações ambientais e sociais, e o mercado interno onde se coloca acerca de 75% da produção” (LADU, 2009, p.100).

Desse modo, os impactos sociais e ambientais para essas localidades são perceptíveis, no entendimento de Arrighi (1997, p. 256), pois “a expansão da industrialização não cumpriu o que prometia. Houve muita industrialização (e ainda

mais urbanização) com incalculáveis custos humanos e ecológicos para a maioria das pessoas envolvidas".

De acordo com Gallão (2020), essa imensa extensão de produção de cana-de-açúcar implica um elevado aumento de problemas ambientais diretamente ao solo, rios e águas subterrâneas, bem como na utilização excessiva de agrotóxicos e num maior empobrecimento da biodiversidade existente nessas localidades. Conforme o excerto a seguir destaca:

> Estudos realizados pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas, observa-se que, o município de Olímpia, localiza-se sobre terrenos na qual a suscetibilidade a erosão é de alta a muito alta e que, em decorrência do uso e da presença de muitos dos fatores que desencadeiam os processos erosivo, como o cultivo da cana-de-açúcar, é um município classificado como muito crítico quanto ao processo erosivo (GALLÃO, 2020, p.122).

No que tange à internalização de elementos estruturais, sociais e econômicos pertencentes aos Estados mais ricos em localidades mais semiperiféricas, resulta num projeto falível de ascensão de progresso econômico para estes, dado que os países menos desenvolvidos não conseguiram internalizar e usufruir das mesmas riquezas dos países desenvolvidos (Arrighi, 1997), já que "[...] A industrialização ou, mais geralmente, a modernização, não conseguiu cumprir suas promessas e esse fracasso está na raiz dos sérios problemas enfrentados atualmente (ARRIGHI,1997, p. 255-256).

Arrighi (1997) define que essa expansão, polarizada da economia capitalista mundial, está ligada às transferências unilaterais, particularmente às voluntárias, as quais se baseiam exclusivamente nos interesses dos detentores desses recursos que estão sendo transferidos nessas localidades semiperiféricas ou periféricas, a fim de buscarem mão de obra mais barata, bem como a fuga do capital. Conforme Arrighi (1997) explica:

> O fato de as transferências voluntárias serem consideradas moralmente menos objetáveis do que as transferências forçadas não significa que sejam menos enquanto mecanismos de polarização núcleo orgânico-periferia. Ao contrário, as transferências voluntarias são muito mais eficazes do que as transferências forçadas quando e onde os diferenciais entre as localidades, no nível e na segurança das recompensas, tornaram-se suficientemente grandes para criar um incentivo forte e generalizado para que os donos dos recursos do capital e do trabalho transfiram esses recursos para locais nos quais os retornos são os maiores e mais seguros (ARRIGHI, 1997, p.211).

Além desse movimento centralizado nas mãos de uma minoria de empresas de grande porte, a atuação dessas empresas transnacionais possui uma grande flexibilização em seus assentamentos, como veremos no item abaixo, no que concerne ao fechamento ou paralisação de unidades pouco produtivas para a empresa[38]:

> A internacionalização de uma atividade ou setor econômico é inclusive um dos fatores que podem levar à concentração e centralização do capital. No caso do setor sucroenergético, várias transnacionais do ramo do agronegócio, petróleo, química, financeiro, etc., realizaram F&A com várias empresas brasileiras do setor, sobretudo com àquelas fragilizadas após a crise 2007-2008, resultando em forte concentração de capital (SANTOS, 2018, p.118).

À vista disso, a flexibilização desse assentamento, sempre pela busca desenfreada por acúmulo de capital pelas transnacionais, em localidades mais precárias, resultam em impactos negativos aos trabalhadores que muitas vezes não possuem incentivos à qualificação profissional a fim de atuarem em setores mais especializados da agroindústria canavieira; e quando ocorre o desassentamento ou paralisação dessas unidades, ficam extremamente vulneráveis e expostos ao desemprego, atingindo diretamente a vida dessas famílias, do comércio local e da prestação de serviços públicos essenciais aos municípios onde essas empresas estão assentadas.

Como explica Arrighi (1997) assim que ocorre a capacidade expansiva de produção de países semiperiféricos, por exemplo, que experimentaram os investimentos estrangeiros e a industrialização, advindas de países desenvolvidos, acontece um deslocamento desses investimentos e dessa exploração para “localidades de baixa renda, ainda não exploradas, das quais há uma “reserva” vasta e crescente” (ARRIGHI, 1997, p.91). Portanto, a renda que separa esses países explorados e menos desenvolvidos de países desenvolvidos não se equipara, perpetuando-se o processo de exclusão e exploração com a finalidade de manter as

[38]“Com isso, é notória a ocorrência de oligopolização tanto da produção quanto da comercialização/distribuição do açúcar e etanol no mercado, o que incide em ganho de poder dos grandes grupos para manipular a oferta e os preços desses produtos conforme interesses puramente financeiros dos mesmos, podendo acarretar em prejuízos ao consumidor final (haja vista os sucessivos aumentos após 2015 nos preços dos combustíveis, atendendo de forma particular as empresas do setor)” (SANTOS, 2018, p.130).

desigualdades do sistema capitalista mundial e principalmente, o nível de hierarquia de riqueza dos países desenvolvidos frente à divisão mundial do trabalho.

2.5.2 Paralisação da unidade de Severínia pelo Grupo Tereos no ano de 2022

A usina da empresa Tereos, unidade de Severínia, voltada para a produção e corte de cana-de-açúcar, uma das principais fontes de renda e geração de empregos da cidade, é responsável por aproximadamente sessenta por cento da arrecadação de impostos no município, o que proporciona uma elevada segurança à economia da cidade. [39]

A notícia sobre a paralisação da unidade de Severínia foi oficializada pela empresa, causando grande preocupação para os trabalhadores, para o comércio e para o Poder Executivo.

A paralisação temporária da unidade aconteceu no início do ano de 2022, e foi justificada pela empresa que devido à seca houve uma afetação direta no volume de cana-de-açúcar, o que gerou falta da matéria-prima para o processamento. De acordo com notícia da época:

> A companhia afirmou ainda que a decisão é estratégica para otimizar a produção e a logística, otimizando o aproveitamento de cana nas demais unidades. Segundo a empresa, a medida não terá impacto sobre o volume de moagem previsto para a atual safra (DIÁRIO DA REGIÃO, 2022, Online).

Ainda cabe ressaltar o posicionamento do grupo Tereos em relação aos funcionários que trabalhavam diretamente no plantio e corte mecanizado ou em outras áreas da unidade. Segue na integra a nota da empresa, de acordo com o Diário de Olímpia (2022),

> A seca histórica que afetou a safra 21/22 de cana-de-açúcar trouxe desafios para todo o setor sucroenergético, impactando o volume de matéria-prima disponível para processamento. Com base nesse cenário, a fim de otimizar sua produção e sua logística, a Tereos Açúcar & Energia Brasil anuncia a paralisação temporária por um ano das operações da unidade Severínia, no noroeste do estado de São Paulo. A decisão, estratégica para os negócios da companhia, visa otimizar o aproveitamento de cana nas demais unidades e não terá impacto sobre o volume de moagem previsto para a atual safra.

[39] “Severínia pode ter que escolher entre prestar serviços à população e pagar funcionários” (IFOLHA, 2022, Online).

> A maior parte dos funcionários de Severínia já foi realocada em outras unidades industriais da Tereos e os demais, cuja recolocação não foi possível, estão recebendo todo o apoio e suporte necessários neste momento de transição. Durante o período de suspensão de atividades operacionais da unidade, a Tereos continuará atuando de forma responsável junto à comunidade do munícipio de Severínia, mantendo seu suporte ao desenvolvimento social e econômico da região. As perspectivas da companhia para o ano se mantêm inalteradas e a Tereos segue com seu compromisso de construir um futuro sustentável pautado pela transparência no relacionamento com seus colaboradores, parceiros, fornecedores, clientes e consumidores (DIÁRIO DE OLÍMPIA, 2022, Online).

A unidade ficará suspensa temporariamente, contudo, é necessário constar que nem todos os trabalhadores foram, em sua totalidade, realocados para outras unidades da empresa, o que desencadeou desemprego e corte nos recursos essenciais (salário/vencimentos) desses trabalhadores, não garantindo, desta forma, a efetivação da dignidade humana prevista na Constituição Federal de 1988[40], pois tais trabalhadores dependiam de suas atividades para levarem sustento à mesa de suas famílias.

Cabe frisar que além desses impactos diretamente ligados ao trabalhador houve corte na arrecadação de impostos junto ao Poder Executivo, o que atinge diretamente a prestação dos serviços públicos da municipalidade, como saúde, educação.

A dependência do município junto à empresa é evidente, pois, sem ela, há uma carência imensurável na geração de emprego, ao comércio e à própria prestação do serviço público, vez que essa empresa possui relação direta com a arrecadação de impostos pelo município. Segundo a Prefeitura de Severínia ([2012 e 2023], Online), a “[...]empresa, tornou-se simplesmente a maior fonte geradora de empregos e impostos no município.”

Partindo do ponto de vista de que as empresas transnacionais têm a sua autonomia inabalável frente às ações de dependência do próprio Estado em que estão assentadas, percebe-se que em um único momento de crise os trabalhadores, e provavelmente aqueles que estão nas pontas da linha de produção, tornam-se, diretamente mais prejudicados com essas paralisações.

---

[40] Art. 1º da CRFB/88: “A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político” (BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988, art. 1º).

Conforme Alves (2018),

> O complexo de reestruturação produtiva do capital possui como traço crucial, a precarização do trabalho vivo. O conjunto das inovações organizacionais e tecnológicas que ocorreram nos locais de trabalho reestruturados, e complexo de inovações socimetabólicas que permearam a totalidade social, como a disseminação voraz das ideologias do empreendimento capitalista e os valores-fetiches, utopias e expectativas de mercado, contribuíram para a degradação da pessoa humana-que trabalha como sujeito de classe (ALVES, 2018, p. 50).

Arrighi (1997, p.153) explica que “A função principal dos Estados não é a acumulação da riqueza, mas sim, a reprodução de seu monopólio do uso legítimo da violência sobre um dado território contra as contestações de outros Estados e de seus próprios cidadãos.”

Não só os trabalhadores, mas também o próprio município que possui dependência direta da geração de empregos e arrecadação de impostos, sofrem os impactos negativos com ações unilaterais de empresas transnacionais.

A população também recebeu com espanto a notícia; “se parte da população tiver que migrar para outras cidades, bairros inteiros podem ficar com casas praticamente abandonadas e virar um bairro fantasma”, salientou um morador que não quis se identificar” (IFOLHA, 2022, Online).

Importante destaque para o pronunciamento da Prefeita do município de Severínia sobre a paralisação da unidade:

> Acompanhada do vereador Ulysses Terceiro, recebemos no Paço municipal o gerente de Relações Institucionais da Tereos, Sr. Douglas Leonardo Souza, na manhã dessa terça-feira, 24 de maio. Na pauta, o comunicado de que a unidade da Tereos em Severínia, a primeira e mais antiga unidade do Grupo, não estará moendo nessa safra 2022. Recebemos a notícia com espanto e muita tristeza, pois o funcionamento da unidade é a principal mola propulsora para o desenvolvimento da cidade de Severínia”, disse a prefeita (IFOLHA, 2022, Online).

Mais uma vez é confirmado que a atuação das empresas transnacionais nessas localidades só é colocada a frente enquanto estiverem gerando lucro para sua matriz, mas a partir do momento em que se deixa de conquistar seus números, lucros, o “desassentamento” ou paralisação é mais relevante do que os impactos gerados para os trabalhadores e para os municípios dependentes dessas unidades industriais;

nesse sentido, o monopólio industrial dessas empresas transnacionais no setor sucroalcooleiro acabam por gerar danos imensuráveis e até mesmo irreversíveis nessas regiões.

Conforme Arrighi (1997), essa relação monopolizada de empresas transnacionais e de Estados pertencentes ao núcleo orgânico (países desenvolvidos), em busca da riqueza oligárquica, ou seja, que não estão disponíveis para todos os Estados independentemente de seus esforços, se faz através de um processo de exploração e exclusão, em que países de núcleo orgânico exploram países semiperiféricos a fim de obter as benesses daquelas localidades em troca de recompensas marginais, excluindo-os com o seu poder de capital de usufruírem dos recursos escassos ou que estejam suscetíveis de acumulação.

Mészáros (2002) didaticamente explica que:

> Em termos simples e gerais, uma crise estrutural afeta a totalidade de um complexo social em todas as relações com suas partes constituintes ou subcomplexos, como também a outros complexos aos quais é articulada. Diferentemente, uma crise não-estrutural afeta apenas algumas partes do complexo em questão, e assim, não importa o grau de severidade em relação às partes afetadas, não pode pôr em risco a sobrevivência contínua da estrutura global (MÉSZÁRIOS, 2002, p. 797).

De acordo com o presidente do sindicato dos trabalhadores na indústria da alimentação e do açúcar de Olímpia e região, “informalmente, a estimativa é de que pelo menos 70 funcionários tenham sido desligados nos últimos dias. “Esta é a primeira vez que a usina para. Tirou o chão do nosso pé” (IFOLHA, 2022, Online).

> Segundo Stringhini, o grupo Tereos ofereceu como parte do acordo o fornecimento de cesta básica por seis meses aos colaboradores, manutenção do plano de saúde desde que o funcionário pague a contrapartida, e o pagamento de “gratificação” em forma de salários escalonados, conforme o tempo de serviço (IFOLHA, 2022, Online).

Cabe aqui uma reflexão sobre o trecho, já citado, da reportagem do Diário da Região (2022, Online): “a companhia afirmou ainda que a decisão é estratégica para otimizar a produção e a logística, otimizando o aproveitamento de cana nas demais unidades.”

É importante ressaltar que a parte mais vulnerável em uma relação trabalhista é o empregado, desse modo, o que se vê, de acordo com a reportagem, é aquilo que

há muito tempo se investiga em relação às empresas transnacionais: a otimização de seus serviços, a produção, a flexibilidade de assentamento e desassentamento, e a lucratividade.

> O globalismo é subordinador, a ponto de exigir que uma estrutura tão complexa[...]- ou seja, o Estado, a sociedade, a cultura, a política externa – seja dirigida como uma empresa. Temos aqui, neste sentido, um imperialismo da economia, no qual as empresas impõem as condições sob as quais ela poderá otimizar suas metas (BECK, 1999, p.258).

Uma decisão de paralisação, em que o que se está em jogo é o desemprego e a diminuição da arrecadação ao município, não pode ser levada por um viés positivo, pois há famílias dependentes, há munícipes dependentes, e os impactos negativos vão desde fatores individuais até os coletivos.

Essa precarização e vulnerabilidade direta do trabalhador que atua, principalmente, na linha de produção, afetam ainda mais as condições de vida desses operários, inclusive de suas famílias.

É importante salientar que uma parte desses funcionários que perderam seus empregos não foi realocada, a empresa pede um ano para que possivelmente volte as atividades na cidade e, por mais que algumas assistências sejam oferecidas, pelo prazo determinado de seis meses, já exauridos, ainda não é suficiente para suprir ou evitar maiores danos sociais e econômicos ao município, bem como aos trabalhadores desligados.

3 PESQUISA DE CAMPO: PERSPECTIVAS DOS EX-CORTADORES DE CANA-DE-AÇÚCAR NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM OLÍMPIA

Foram realizadas entrevistas com ex-cortadores de cana da empresa em estudo para verificar os impactos da mecanização, nas perspectivas deles, no setor sucroalcooleiro, a fim de analisar como foram atingidos pelo advento dessa modernização.

Analisou-se, através da ótica dos próprios ex-cortadores de cana, quais foram as medidas realizadas, ou não, pela empresa transnacional Tereos com o objetivo de criar oportunidades para a qualificação profissional desses trabalhadores, melhores condições salariais e laborais, e quais incentivos que foram assegurados, ou não, para realocá-los em outros setores, em consequência do uso da mecanização pela empresa na unidade de Cruz Alta, em Olímpia.

Nesse contexto, foi questionada a experiência desses trabalhadores no corte de cana; a opinião e o sentimento deles frente à transição do corte manual para o mecanizado; o que esses trabalhadores estão fazendo atualmente após terem deixado ou não o corte de cana, e quais foram as suas perspectivas trabalhistas e sociais após seus desligamentos pela empresa analisada.

Tal abordagem e instrumento de entrevista (BONI; QUARESMA, 2005), viabiliza um melhor aprofundamento dos objetivos buscados pelo entrevistador a fim de verificar a afirmação desta tese: a mecanização do corte de cana na região de Olímpia significou progresso para quem?

Ao todo, foram entrevistados dez ex-cortadores de cana que tiveram vínculo, direto ou indireto, entre 2002 a 2023, com a empresa transnacional.[41] As entrevistas através do gravador foram transcritas buscando fielmente transcrever tudo o que os entrevistados falaram e sentiram durante a entrevista (BONI; QUARESMA, 2005).

É através dos olhares e manifestações dos ex-cortadores de cana-de-açúcar que também se analisa a atuação da empresa transnacional Tereos na atividade canavieira em Olímpia, buscando responder para quem o progresso acontece de fato e qual o impacto dessa industrialização nessa localidade frente à utilização da

[41] Cabe ressaltar que a pesquisa objetiva uma análise qualitativa da fala dos cortadores de cana. Assim, esta mostra não visa um quantitativo de grande porte. E por isso mesmo não acarretará conclusões generalizadoras. O que se pretende é conhecer a fala destes sujeitos através do processo de transformações no setor sucroalcooleiro da região de Olímpia.

mecanização pela empresa transnacional; analisando, ainda, os impactos diretos dessa industrialização na vida desses trabalhadores.

Durante toda a entrevista buscamos ir além dos limites das respostas obtidas, com o objetivo de compreender e interpretar palavras silenciosas e gestos que nos fizessem entender os sentimentos escondidos por trás das respostas dadas pelos entrevistados.

Entre as diversas respostas, algumas contraditórias em determinados momentos, ainda assim pudemos obter respostas objetivas que esclareceram as condições à época, bem como as consequências da utilização da mecanização na vida desses ex-cortadores de cana.

As respostas, muitas vezes simplórias, mas de um teor rico em vivência, preservam a memória de cada entrevistado na sua forma mais íntima e ao mesmo tempo coletiva do trabalho desempenhado no setor sucroalcooleiro.

3.1 Dos sujeitos da pesquisa de campo

Os entrevistados são ex-cortadores de cana-de-açúcar que exerceram em algum momento de suas vidas a atividade canavieira e mantiveram vínculo, à época, com a empresa transnacional Tereos na unidade de Cruz Alta, em Olímpia. As entrevistas buscaram um diálogo simples e ao mesmo tempo rico em informações que pudessem contribuir com a tese deste pesquisador.

As entrevistas foram divididas em duas fases, a primeira com perguntas visando identificar o perfil dos entrevistados: nome, idade, gênero, escolaridade, profissão, cidade de origem, filhos, anos/meses trabalhados na empresa; e a segunda, buscando compreender, através de um questionário contendo perguntas, suas perspectivas em relação ao trabalho que desempenharam na empresa transnacional antes, durante e depois da vinda da mecanização no setor sucroalcooleiro, a fim de verificar, de acordo com as perspectivas desses sujeitos, quais foram os impactos dessa transição tecnológica para esses trabalhadores.

Quadro 11 - Perfil dos sujeitos entrevistados

Entrevistado	Idade	Gênero	Escolaridade	Profissão Atual	Cidade de Origem	Filho (s)	Tempo na Empre-sa Tereos
Entrevistado 1	46	Masculino	Completou o Ensino Médio	Mecânico	Porecatu-PR	1	2 anos
Entrevistado 2	65	Masculino	1º ano Ensino Fundamental	Granjeiro	Juazeiro-BA	10	8 anos
Entrevistado 3	62	Masculino	4º ano Ensino Fundamental	Granjeiro	Guapiaçu-SP	0	6 anos
Entrevistado 4	50	Masculino	3º ano Ensino Fundamental	Granjeiro	Apucarana-PR	0	10 anos
Entrevistado 5	56	Masculino	Completou o Ensino Médio	Líder e Motorista	Janiópolis-PR	3	14 anos
Entrevistada 6	73	Feminino	4º ano Ensino Fundamental	Aposentada	Talhados-SP	3	25 anos
Entrevistado 7	32	Masculino	Completou o Ensino Médio	Cortador de cana	Tavares-PB	0	3 meses
Entrevistada 8	67	Feminino	4º ano Ensino Fundamental	Aposentada	Olímpia-SP	3	19 anos
Entrevistado 9	62	Masculino	4º ano Ensino Fundamental	Prestador de serviços gerais	Cedral-SP	2	17 anos
Entrevistado 10	43	Masculino	Completou o Ensino Fundamental	Agricultor	Itabira-PE	4	4 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

ENTREVISTADO 1 - 46 anos, gênero masculino, trabalha como mecânico, nascido em Porecatu – PR. O entrevistado estudou e concluiu o ensino médio, tem uma filha e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante dois anos. O entrevistado ainda mantém vínculo com a empresa Tereos, no setor da colheitadeira de cana-de-açúcar.

ENTREVISTADO 2 - 65 anos, gênero masculino, trabalha como granjeiro, nascido em Juazeiro – BA. O entrevistado estudou até o 1º ano do Ensino Fundamental. Possui dez filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante oito anos. O entrevistado não possui mais vínculo com a empresa e atua em uma granja no interior da cidade de Guapiaçu-SP. Além de trabalhar na granja, o entrevistado vive uma vida simples na roça e trabalha no plantio de hortaliças.

ENTREVISTADO 3 - 62 anos, gênero masculino, trabalha como granjeiro, nascido em Guapiaçu – SP. O entrevistado estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Não tem filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante seis anos. O entrevistado não possui mais vínculo com a empresa e atua em uma granja no interior da cidade de Guapiaçu-SP.

ENTREVISTADO 4 - 50 anos, gênero masculino, trabalha como granjeiro, nascido em Apucarana – PR. O entrevistado estudou até o 3º ano do Ensino Fundamental. Não tem filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante dez anos. O entrevistado não possui mais vínculo com a empresa e atua em uma granja no interior da cidade de Guapiaçu-SP.

ENTREVISTADO 5 - 56 anos, gênero masculino, trabalha como líder e motorista de máquina agrícola, nascido em Janiópolis – PR. O entrevistado estudou e concluiu o ensino médio. Tem três filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante 14 anos. O entrevistado ainda mantém vínculo com a empresa Tereos e trabalha no setor da rurícola.

ENTREVISTADA 6 - 73 anos, gênero feminino, aposentada, nascida em Talhados – SP. A entrevistada estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Tem três filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante 25 anos. A entrevistada não possui mais vínculo com a empresa e atualmente sua vida é cuidar dos netos. Com uma saúde precária, e cheia de afazeres, ainda mantém as recordações da época em que trabalhava no corte de cana-de-açúcar.

ENTREVISTADO 7 - 32 anos, gênero masculino, trabalha como cortador de cana-de-açúcar, nascido em Tavares – PB. O entrevistado estudou e concluiu o ensino médio. Não tem filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante três meses. O entrevistado não possui mais vínculo com a empresa e continua atuando como cortador de cana-de-açúcar para fazendeiros na cidade de Guapiaçu-SP.

ENTREVISTADA 8 - 67 anos, gênero feminino, aposentada, nascida em Olímpia – SP. A entrevistada estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Tem três filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante 19 anos. A entrevistada não possui mais vínculo com a empresa e atualmente sua vida gira em torno da criação e cuidados com os netos, afirmou que passa muitas dificuldades financeiras.

ENTREVISTADO 9 - 62 anos, gênero masculino, trabalha como prestador de serviços gerais, nascido em Cedral – SP. O entrevistado estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental. Tem dois filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante 17 anos. O entrevistado não possui mais vínculo com a empresa e presta serviços gerais como terceirizado de uma empresa na cidade de Guapiaçu – SP.

ENTREVISTADO 10 - 43 anos, gênero masculino, trabalha como agricultor, nascido em Itabira-PE. O entrevistado concluiu o Ensino Fundamental. Tem quatro filhos e atuou no corte de cana-de-açúcar pela empresa durante quatro anos. O entrevistado não possui mais vínculo com a empresa e trabalha como apanhador de laranja na cidade de Guapiaçu – SP.

Para o recorte desta pesquisa, foram entrevistados dez ex-cortadores de cana que mantiveram vínculo, direto ou indireto, com a empresa analisada, e que acompanharam ao longo de suas vidas o processo de mecanização, novo modelo de produção da agroindústria canavieira, entre os anos de 2002 a 2023.

A pesquisa deste trabalho foi submetida ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa), e se trata de uma pesquisa qualitativa, em que os participantes foram abordados por indicação e conhecimento deste pesquisador, no que tange ao local de investigação. Não foi seguido um método de definição de critérios de inclusão e exclusão claramente definidos.

Ressalta-se que a pesquisa correspondeu ao um grupo específico: ex-cortadores de cana-de-açúcar da empresa Tereos Brasil, mais especificamente da usina Cruz Alta, localizada no município de Olímpia.

O objeto desta pesquisa é analisar o assentamento de empresa transnacional, buscando identificar, de acordo com as entrevistas e o referencial teórico, os impactos desse novo modelo de produção, via mecanização, pela agroindústria canavieira e como esse modelo se relaciona com as novas tecnologias de produção, identificando quais foram os impactos causados por esse processo tecnológico na vida desses ex-cortadores de cana, a fim de comprovar que a definição de industrialização não é sinônimo de desenvolvimento nessa região. Nesse sentido, as categorias de análise que irão auxiliar a dialogar com este objeto, são: qualificação profissional, condições salariais e laborais, e a recolocação profissional em setores de maior especialização.

É notório salientar, numa primeira observação, que o perfil dos entrevistados é em sua maioria, composto por homens acima dos 50 anos de idade. Durante as entrevistas, uma das entrevistadas relata que apenas três mulheres foram remanejadas ao plantio de cana após a utilização da mecanização. Desse modo, é visível que a atividade canavieira pela empresa estudada, tanto antes, no corte manual, quanto após, com a vinda da mecanização, era composta majoritariamente por homens.

De acordo com a figura e legenda abaixo, destacam-se as cidades de origem desses ex-cortadores de cana-de-açúcar.

Figura 25 - Mapa do Brasil. (WIKIPEDIA, 2023, Online).

Legenda

Apucarana - PR	Itabira - PE	Olímpia - SP	Tavares - PB
Cedral - SP	Janiópolis - PR	Porecatu - PR	
Guapiaçu - SP	Juazeiro - BA	Talhados - SP	

Fonte: Legenda elaborada pelo autor (2023).

À vista disso, de acordo com a figura acima, podemos ressaltar que dentre os dez ex-cortadores de cana, seis trabalhadores vieram de outras regiões do país, com o objetivo de buscarem, através do corte de cana-de-açúcar, novas oportunidades.

Dentre os entrevistados percebemos que há uma certa proporcionalidade entre as migrações para o interior do estado de São Paulo, a fim de trabalharem nas

unidades hoje pertencentes ao Grupo Tereos, em especial na região de Olímpia. Conforme acima relatado três dos entrevistados são do Estado do Paraná, um do Estado da Bahia, um do Estado de Pernambuco e um do Estado da Paraíba. Os demais são originariamente do estado de São Paulo.

Um segundo ponto importante de se observar está relacionado com o nível de escolaridade dos entrevistados, em que 60% dos sujeitos entrevistados não conseguiram completar ao menos o ensino fundamental e apenas 30% dos entrevistados conseguiram completar o ensino médio. Em vários relatos, um dos principais empecilhos para subir de posições em outros setores, após o advento da mecanização, vincula-se à falta de conclusão do ensino fundamental ou médio. Ressalta-se que os dois entrevistados que também foram ex-cortadores de cana e que permanecem na empresa possuem o ensino médio completo.

A maioria dos entrevistados revela não ter tido incentivo para sua escolarização e qualificação profissional, o que diminuiu as chances de galgarem novas oportunidades e serem realocados para outros setores de maior especialização da empresa com a vinda da mecanização, em que pudessem propiciar melhores condições de vida a esses ex-cortadores de cana.

Pouco incentivo e com a idade avançada, a vinda da mecanização desajustou ainda mais o trabalho no corte de cana, pois a produção antes mais vantajosa, segundo os entrevistados, transformou-se em diárias, caindo quase que pela metade a renda desses trabalhadores que foram, apenas numa parte, remanejados ao setor de plantio de cana-de-açúcar da empresa.

A falta de formação foi um grande entrave na vida desses ex-cortadores de cana, pois foram perdendo espaço dentro do setor sucroalcooleiro quando cessou o corte de cana manual, mantendo-se reféns de trabalhos parcamente remunerados, o que reduziu as condições econômicas de sustento dos entrevistados e de suas famílias.

3.2 Políticas de acesso à qualificação profissional aos ex-cortadores de cana-de-açúcar durante e após o processo de mecanização pela empresa

O trabalho no corte de cana-de-açúcar nunca foi fácil e por um longo período trouxe perspectivas aos trabalhadores que viam no corte de cana possibilidades mais rápidas e fáceis de obter um trabalho para manter o seu sustento e o de suas famílias.

Muitas vezes reféns de um trabalho árduo, houvesse sol ou chuva, estariam eles atuando para a realização do corte e da colheita dessa matéria-prima.

A falta de estudo e oportunidades levaram esses trabalhadores a atuarem nas safras e nas áreas onde era necessário a realização desse trabalho, cumpriam com êxito a sua função e muitas vezes cansados, não recuavam, visto a necessidade de produzir metros e metros de cana cortada, para aumentarem a sua renda no final do dia.

Desse modo, indagados sobre a qualificação profissional pela empresa, os entrevistados responderam, em sua maioria, que nunca obtiveram incentivos dos usineiros para que houvesse uma oportunidade de melhoria e saída do setor para outros com maior especialização após a utilização da mecanização no corte de cana.

A promessa de qualificação profissional no setor sucroalcooleiro, entre outros fatores, nas perspectivas dos autores Bento e Thomaz Junior (2022), é uma mera ilusão, visto que o retrato é de degradação, bem como de descarte do trabalho manual, em que a vulnerabilidade laboral desses cortadores, foram e são questões, que inviabilizam melhores condições trabalhistas.

Conforme Arrighi (1997, p. 299), citando Marx (1997), a classe trabalhadora, e mais especificadamente, o proletariado, “são obrigados a vender-se um pouco a cada dia, são uma mercadoria, como qualquer artigo de comércio, e são, consequentemente, expostos às vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações do mercado.”

Portanto, o reflexo disso foi a continuação desses ex-cortadores de cana em serviços com poucas perspectivas de especialização e com salários menores, buscando, a partir do cansaço e da desvalorização, outras áreas de atuação; no entanto aqueles com idade mais avançada foram subjugados pelas novas condições tecnológicas da empresa, com poucas oportunidades e com diminuição significativa dos seus salários.

As entrevistadas 6 e 8, embora um pouco confusas em suas respostas, trouxeram informações que refletem a falta de conhecimento sobre o significado de qualificação profissional.

Desse modo, a falta de entendimento sobre o significado de qualificação profissional, era visto, pelas entrevistadas, como sinônimo de premiação pelo trabalho desempenhado, no qual recebiam prêmios, ao final do mês, aqueles que produziam e cortavam mais canas nessas áreas onde desempenhavam as atividades.

> *Eu tive muito incentivo que eu ganhei até premiação de lá da firma né, porque a gente fazia o serviço tudo bem feito e eu cortava bem cana (Entrevistada 6, 2023).*

> *Sim, tive [...] assim, quem cortava mais no fim do mês eles somava né aí dava um prêmio, ganhei muito prêmio, ganhei bicicleta, liquidificador (Entrevistada 8, 2023).*

Reiterando a pergunta e buscando explicar detalhadamente o que é qualificação profissional, as entrevistadas então compreenderam e disseram que não obtiveram nenhum incentivo.

> *[...] não, nunca tive (Entrevistada 6, 2023).*

> *[...] não, capacitação não (Entrevistada 8, 2023).*

Já outros entrevistados defenderam que houve incentivo à qualificação profissional para tratorista ou mecânico.

> *Não, teve, mas nóis não fizemos [...] teve um que fez, mas até ele já faleceu né [...] ele era pra tratorista né, pra trabalhar nas máquina, trator né (Entrevistado 9, 2023).*

> *Sim teve, mas eu não aceitei não, porque meu estudo é pouco né, eu não quis não, acho melhor o corte memo [...] o pessoal que queria fazer o curso de mecânico, dava o nome sabe, se inscrevia e ia pra frente, eu não quis não (Entrevistado 10, 2023).*

> *Sim, tive [...] conheço várias pessoas (Entrevistado 5, 2023).*

Ainda, o Entrevistado 1 ressalta que a empresa o incentivou a adquirir a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), para trabalhar como operador de máquina, mas o que seria qualificação profissional no que concerne ao trabalho como motorista/tratorista? A mera disponibilização pela empresa a fim de adquirir ou alterar a categoria da CNH seria um incentivo aos cortadores de cana à qualificação profissional ou um mero ato para oportunizar outra atividade junto ao setor sucroalcooleiro? É evidente que o segundo questionamento é o mais obvio.

> *Sim, na época eles me incentivaram a adquirir uma habilitação para tá exercendo a operação de máquinas e já saindo do corte da cana (Entrevistado 1, 2023).*

Questionados sobre se obtiveram algum incentivo de qualificação profissional pela empresa após a rescisão trabalhista, 80% dos entrevistados alegam não ter tido nenhum tipo de apoio nesse sentido, tanto aqueles que mudaram de profissão quanto aqueles que se aposentaram pela empresa disseram “não” para a pergunta, ressalta-se a fala do Entrevistado 2 que realça que não teve qualificação devido à falta de estudo,

> *Não...nenhum...ah eu não sei não viu, se é porque não tenho leitura né (Entrevistado 2, 2023).*

Destoando desses ex-cortadores, os Entrevistados 1 e 5 disseram que houve qualificação profissional, no qual os trabalhadores migraram, em torno de 80%, segundo o Entrevistado 1, para outros setores da empresa por consequência da qualificação obtida.

> *Todos nós tivemos, muitos, só quem não quis não foi mesmo, todo mundo lá teve oportunidade, pelo menos 80% mudou de setor (Entrevistado 1, 2023).*

Cabe observar que para o Entrevistado 5, a qualificação para motorista que de fato não se refere à qualificação profissional realizada através de cursos de capacitação e especialização, mas tão somente a mudança do tipo da carteira nacional de habilitação (CNH), foi disponibilizada pela empresa,

> *Sim, teve [...] a mudança de setor meu que eu não tinha qualificação como motorista, não tinha qualificação no coletivo e essas partes aí me deram tudo na época, pra mim foi muito bom (Entrevistado 5, 2023).*

Cabe frisar que, de acordo com alguns entrevistados, a mudança de categoria na CNH era financiada pela empresa.

Nesse sentido, segundo os entrevistados, não houve qualificação profissional para esses trabalhadores, o que os empurrou a manterem-se em situações laborais precárias, sem melhores condições salariais, e em último caso, o desemprego. Arrighi (1997) esclarece que a transferência de quantidade e qualidade de trabalhadores mais proletarizados para trabalhadores cientistas e intelectuais, ou seja, trabalhadores que gerenciam setores de maior especialização técnica, minam substancialmente as condições dos mais proletarizados (ARRIGHI, 1997).

3.3 O trabalho desempenhado por ex-cortadores de cana-de-açúcar antes e depois da mecanização no setor sucroalcooleiro

Indagados como era o desempenho do trabalho na empresa antes da mecanização, os entrevistados puderam descrever quais eram as atividades diárias desse trabalho, bem como as dificuldades e precariedades enfrentadas durante a rotina no corte de cana antes da mecanização:

> *Cortava cana, plantava, arrancava o capim, é...serviço geral, tudo. Até dentro da usina fazia limpeza, tudo isso a gente fazia (Entrevistado 2, 2023).*

> *Era um trabalho diário, de inchada, de carpir [...] fazia serviço geral, onde que mandava a gente ia, tinha que fazer [...] A gente cortava e fazia fileira e o guincho vinha e pegava né, assim, mas aí quando era corte pra trabaia assim era na inchada, a gente carpia o dia que não ia pro corte, era assim (Entrevistada 6, 2023).*

Para alguns entrevistados o desgaste no corte de cana antes da mecanização era intenso, fizesse chuva ou sol, eles precisavam estar desempenhando os seus papéis. Para eles a atividade canavieira, antes da mecanização, era sinônimo de trabalho árduo, pesado, cansativo e atrelado a muitas dores físicas.

> *Então era um serviço braçal, né, manual, onde era árduo, pesado né, sujo, né... era bem sofrido [...] questão de se tá respirando muita fuligem por causa da queima da palha e né... sol árduo no corpo ali o dia inteiro, era bem precário (Entrevistado 1, 2023).*

> *É devagar, não tinha muito desempenho lá não, trabalhava no corte de cana, era muito cansativo e pouco ganho (Entrevistado 4, 2023).*

> *[...] era a base de chuva, de sol, o quanto que eu trabalhei de chuva nas costa que até doía, porque as máquina tava atrás, se cortava um monte, a máquina catava, catava outra as máquina catava [...] levava lá pra usina porque a usina não podia parar (Entrevistada 8, 2023).*

Para os Entrevistados 3 e 10, o salário era melhor com o corte manual. O Entrevistado 3 ainda ressaltou que a vinda da mecanização pela empresa ocasionou o desemprego dos trabalhadores do corte de cana:

> *Era até bom, que a gente ganhava até bem, depois que entrou as máquina daí caiu bastante, né...porque tirou muito emprego né... as máquina tirou muito emprego (Entrevistado 3, 2023).*

> *Eu cortava cana queimada, aí ... 2013 aí acabou a cana né, entrou diária sabe e plantio, acabou cana queimada [...] eu cortava cana né, aí ... cana queimada e era aquilo, ganhava por mês, pagamento ótimo né [...] aí agora a gente fica rancando colonhão na roça sabe, e é isso (Entrevistado 10, 2023).*

Nesse sentido, a Entrevistada 8 explica que antes o corte de cana era vantajoso, tendo em vista que esses ex-cortadores recebiam por produção de metragem de cana cortada. A vinda da mecanização atrapalhou, segundo a Entrevistada, pois a produção se tornou diária, sendo assim, independente da metragem de cana cortada o valor era fixo:

> *[...] podia andar o dia inteiro que nem camelo véio, mas era aquilo que ganhava (Entrevistada 8, 2023).*

De acordo com alguns entrevistados, o percurso até o local dependia de ônibus da empresa que buscava e muitos tinham que acordar de madrugada para esperar no local a fim de irem até o serviço.

> *[..] eu criei meus filhos bem dizer lá, quando eu entrei nessa firma eu anda quatorze quilômetro pra pegar o caminhão de boia fria na rodovia [...] nóis saia de casa quatro hora pra pegar o caminhão seis e meia na rodovia[...] tinha que tá lá até às sete hora e ficava até as quatro e vinte, cinco horas (Entrevistada 6, 2023).*

> *Corte manual né, era no facão [...] eu saia de casa cinco e meia né pra pegar o ônibus, sete hora começava e ia até três e vinte, era o horário normal, mas aí das vez passava, se queria caba porque tinha cana pra puxar a noite e aí nóis ... mas era pago (Entrevistada 8, 2023).*

Durante as suas falas, o Entrevistado 5 frisa a transição do corte manual para o mecanizado:

> *Era cana queimada na época né? Aí não tinha coletora não tinha nada, era... cortava cana queimada depois tinha carregadeira, era uma porção muito gigante entendeu... aí veio a mecanização, veio a proibição da queima, aí a mecânica teve que entrar (Entrevistado 5, 2023).*

Para o Entrevistado 7, houve uma diminuição do número de trabalhadores no setor:

> *Eu não sei te explicar não, sobre isso não, só sei que diminui bastante depois do mecanismo (Entrevistado 7, 2023).*

Abordados sobre as mudanças após a implantação da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar, as respostas variam muito, contudo, alguns aspectos importantes podem ser colocados à baila para a compreensão do que significou para esses ex-cortadores essa mudança na atividade canavieira.

Entre alguns aspectos podemos salientar a fala do Entrevistado 4, pois ele afirma que as situações dentro da mecanização representaram as piores mudanças possíveis para os trabalhadores, destacando que a mecanização precarizou as condições de serviços e o trabalho desempenhado ficou mais difícil, tendo em vista as condições das canas que sobravam do corte mecanizado:

> *As piores [...] quando surgiu as máquinas tirou muito serviço do trabalhador, aí o que aconteceu... as máquina colhia as cana melhores e o funcionário só ficava com as mais caídas as mais piores que tinha em derrubar, cana quebrada, as piores (Entrevistado 4, 2023).*

Para os autores Fredi e Thomaz Junior (2022), professores e pesquisadores do agrohidronegócio canavieiro, a inovação tecnológica, automação no setor sucroalcooleiro, se, por um lado, se estende em busca de melhor eficiência e maior produção, por outro, acaba por restaurar formas precárias de serviço aos trabalhadores, o que os autores descrevem como formas de trabalho regressivas, tendo em vista que ainda se correlacionam com a atividade realizada manualmente no corte de cana-de-açúcar, pois,

> [...] resultam na inclusão marginal e desvalimento, ocorrendo assim, a coexistência de formas espectrais, pautadas pelo avanço tecnológico (trabalho part time, pejotizado, uberizado, intermitente, sem direitos) e regressivas, haja vista o controle (exploração/subordinação) do trabalho nos canaviais, como resultante dos novos territórios da degradação sistêmica do trabalho, que não são tão ‘novos’ (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2022, p.88 apud THOMAZ JUNIOR, 2017; 2019).

Para ARRIGHI (1997, p. 331), “A automação e as tecnologias com base na ciência, ao contrário, implicam uma redução do poder social do proletariado tal como constituído atualmente.”

Nesse contexto, a classe trabalhadora, e mais especificadamente, o proletariado, estão sujeitos a todas as vicissitudes do mercado e são obrigados, constantemente, às exposições dos fluxos de mercado e das lutas competitivas pelo capital (ARRIGHI,1997 apud MARX, 1967).

Noutro aspecto, a Entrevistada 6 ressaltou que nesse processo de mudança do setor sucroalcooleiro os trabalhadores ficaram perdidos, não sabendo como seriam as condições a partir dessas mudanças e evidencia, novamente, assim como o Entrevistado 10, as mudanças salarias com a alteração de produção para diária:

> *Pra gente mudou muito né [...] quando veio pa gente cortar cana a gente ficou perdido porque se não sabia que jeito que era né, mas depois a gente costumou e foi embora, e depois que parou assim a gente sentia falta o dia que não ia no corte, que no corte a gente ganhava bem né agora na diária se ganhava a diária seca (Entrevistada 6, 2023).*

> *Mudou muito né, que a gente achava bom né... cortar cana, aí agora ficou mais ruim pra nóis, não gostei não, mais fazer o que né, ela pagava pra gente na diária também, uma diária boa, aí que nem eu te falei, acabou a produção, aí nóis era...aí ta bom também, paga certo então é isso que tenho a dizer dela* **(referindo-se a empresa)***. (Entrevistado 10, 2023, com grifo nosso).*

Além das novas condições salarias que desfavoreceram os trabalhadores do corte de cana, por se tratar de diária e não mais produção por metro de cana cortada, alguns cortadores dizem que a vinda da mecanização os empurrou ao plantio da cana-de-açúcar e, posteriormente, para eliminar formigas nas terras em que eram plantadas as canas. O novo modo de trabalhar abrange diversas atuações dentro das terras canavieiras, conforme depoimento a seguir:

> *Aí, nóis parou né, aí nóis só fazia o plantio, que depois mais pra frente também foi mecanizado, e... aí nóis fomo matar formiga na diária, passou pra diária, o salário diminui, porque nóis cortava por metro quanto mais nóis cortava mais ganhava, depois nóis foi pra diária podia fazer o tanto que fosse era aquilo [...] chegava na roça de manhã ele falava : "oh essa cana é tanto metro, se ganhava o que você cortava" (Entrevistada 8, 2023).*

A mudança tecnológica no setor canavieiro possui como principal objetivo a diminuição de custos, o que envolve, entre outros fatores, a redução salarial desses cortadores de cana (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2022).

Segundo Arrighi (1997), uma das alternativas para a redução de custos no processo de produção se dá através da substituição da mão de obra do mais proletário pela força de trabalho científico e intelectual.

Como verificado nas falas acima, da Entrevistada 8, a produção para esses ex-cortadores de cana, segundo os depoimentos obtidos, era mais vantajosa e a

transição para o uso da mecanização reduziu pela metade o ganho desses trabalhadores. No entendimento de Bento e Thomas Junior (2022, p.94):

> Os episódios de adoecimento e descarte destes trabalhadores em meio a transição técnica/tecnológica perfazem o que logramos pontuar como um processo de desenvolvimento destrutivo das forças produtivas no agrohidronegócio canavieiro paulista, eclipsado pelo discurso que se pauta na modernização tecnológica e gerencial que desconsidera as condições salubres de produção, para privilegiar unicamente a redução de custos de produção, o aumento da produção, erradicação da força de trabalho nos canaviais e diminuição dos salários.

Destoando dos prejuízos salariais e das novas condições causadas com essas mudanças na atividade canavieira, os dois ex-cortadores de cana que ainda trabalham em outros setores, em novas funções da empresa, elogiam as mudanças:

> *Então...pra mim foi uma grande coisa, grande mudança, melhora no trabalho, né... melhorou o ganho também, né, melhorou as condições do trabalho, melhorou muita coisa (Entrevistado 1, 2023).*

> *Pra mim ela representou a mudança que eu tive oportunidade, né? Que na época que ela parou que entrou a mecânica, aí aquele pessoal que cortava cana já diminuiu. Diminuiu de um lado e aumentou do outro é logico né... aquele que tinha qualificação que tiveram oportunidades, foi pra outras áreas tudo e eu fiquei e continuei (Entrevistado 5, 2023).*

Além desses, o Entrevistado 3 relata que as mudanças advindas da mecanização puderam lhe fornecer um acerto trabalhista para adquirir alguma “coisinha”, referindo-se a algum bem material, o qual o entrevistado não especificou:

> *Pelo meno pra mim, pra mim mudou um pouco que eu consegui comprar arguma uma coisinha, né, no corte de cana, aí depois disso eu parei e comecei a trabaiá já, mensal né [...] mudei de emprego (Entrevistado 3, 2023).*

Os Entrevistados 2 e 7 ressaltam que a vinda da mecanização pela empresa fez com que houvesse uma grande diminuição no corte de cana manual e que, nas palavras do Entrevistado 7, 70% dos cortadores acabaram sendo retirados dessa atividade:

> *Ah...acabou muito o trabalho né...de trabalhar manual (Entrevistado 2, 2023)*

> *Ah... porque diminui né o trabalho, a matéria prima diminui pra 70% (Entrevistado 7, 2023).*

A Folha de São Paulo publicou em 2018 um dossiê que ressalta a vinda da mecanização para o setor sucroalcooleiro e as consequências para os ex-cortadores e cana-de-açúcar. Intitulado como “órfãos da cana”, a matéria realça pontos importantes em relação aos postos de trabalhados que foram substituídos nessa transição pela máquina:

> A disputa é irreal, pois uma colhedora faz o trabalho de até cem homens. Segundo estudo do IEA (Instituto de Economia Agrícola), vinculado à Secretaria de Estado da Agricultura, a cada 1% de aumento na colheita mecanizada, 702 postos de trabalho eram extintos. Em 2007, a mecanização alcançava 42%, índice que subiu a 85% em 2014 –neste ano, 98% da cana em São Paulo já é colhida sem queimadas. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018, Online).

E, por fim, o Entrevistado 9 comenta que a vinda da mecanização contribuiu para a preservação do meio ambiente, diminuindo a poluição que se tinha antes. Como se sabe, a Lei nº 11.241/2002 trouxe ações eficazes para a diminuição e posterior eliminação total dessas queimadas no corte de cana:

> *Pra mim mudou ... eu achei que foi uma grande coisa, pelo que te falei, o meio ambiente né, a poluição no ar né que atrapaia até a chuva né e as queimada que destruía as mata né, porque queimava a cana, pulava pras mata, queimava as mata, destruía tudo né, então foi uma grande coisa né (Entrevistado 9, 2023).*

No que concerne à saúde desses trabalhadores ele seguiu respondendo e dizendo que houve melhoras na forma de trabalhar:

> *Ah...melhorou muito, melhorou porque ali se respirava muito ar poluído né, cinza né que queimava aquela cana, se andava ali no meio, então aquilo não era bom pra quem tabaiava no meio ali, então achei que o mecanismo foi muito bom (Entrevistado 9, 2023).*

Indagados sobre a diminuição de cortadores de cana com a vinda da mecanização pelo Grupo Tereos obtivemos uma significativa parcela de respostas que corroboram a ideia central da diminuição quase que total desses cortadores no setor sucroalcooleiro.

É clarividente que após a referida Lei nº 11.241/2002, que proíbe a queimada de palha de cana na atividade canavieira, os resultados indicariam esse desfecho, e isso não passa despercebido na visão desses cortadores:

> *Com certeza diminuiu bastante [...] os que trabalhava na roça, nos corte (Entrevistado 4, 2023).*
>
> *Ah...não sei explicar pro senhor não[...] diminui bastante (Entrevistado 7, 2023).*
>
> *Muita gente né? Muita gente que cortava cana ficou desempregado, aí foram pra outros meio né, pedreiro, essas coisas né, cabou o negócio de cana e muita gente ficou sentindo muita falta né? [...] saiu muita gente, muita mesmo, vixe...bastante hein (Entrevistado 10, 2023).*

Entre alguns aspectos cabe salientar que, além da diminuição dos cortadores de cana, os entrevistados demonstram o impacto direto em seus salários,

> *Diminuiu bem, porque muitos nem sabia cortar, pessoa de idade, então pra eles foi muito difícil, aí foi pra diária e foi matar formiga, essas coisas né, aí pois num ônibus para dar serviço pra eles [...] a diária eles faziam um... uma diária assim né, que dá pra pessoa tirar mais ou menos, mas igual o corte tirava dois tanto no corte [...] a diária saia 10, 12 reais [...] tirava mais no corte. [...] eles só mudou assim, mas não mandar embora eles não mandaram não, só se a pessoa quisesse sair por conta, pedia conta né... (Entrevistada 6, 2023).*
>
> *Diminui muito, o corte de cana tinha muito trabalhador aqui dentro né, todo lucro da cidade era o corte de cana (Entrevistado 2, 2023).*
>
> *Diminuiu porque entro as máquina né [...] porque quando era no corte de cana no facão era melhor, pelo meno as pessoas que não tinha leitura ganhava até bem, depois que entrou as máquina só ganha só os rico né, os pobres não ganha (Entrevistado 3, 2023).*

Insta salientar que Estados semiperiféricos, visando lutar contra o processo de exclusão, buscam alternar ou combinar alternativas para frear esse processo. Uma das consequências dessas lutas se dá através de “um envolvimento ativo nas relações de troca desigual, nas quais o Estado semiperiférico fornece mercadorias que incorporam mão de obra mal remunerada para os Estados do núcleo orgânico [...]” (ARRIGHI, 1997, p. 331).

A cessação do corte de cana manual, na visão desses trabalhadores, foi prejudicial aos salários que recebiam por produção; mesmo havendo uma parcela desses trabalhadores que foi realocada para outro setor, como plantio e eliminação de formigas nas terras onde eram plantadas as canas; o novo trabalho, além de difícil e desgastante, impactou de forma negativa, ou seja, na diminuição dos salários desses trabalhadores:

> *Muito, muito mesmo, porque aí eles foram né fazer outras coisa, aí não precisava mais né, era as máquinas, aí nóis ia pra diária, carpir, matar formiga é assim [...] impactou, porque no corte a gente ganhava mais, porque era por metro né? (Entrevistada 8, 2023).*

> *É diminui assim, numa parte, um pouco diminui né, porque a máquina faz quase tudo né [...] é eles ficou assim mais no plantio né, o plantio manual né, limpação de cana, mato na cana né, arvinha, rancar arvinha no meio da cana, limpeza né [...] nóis memo cortava assim a hora que mais precisava né, não era sempre, mais era pra ajudar né, o nosso serviço era outro né, mas nóis cortava também, pra separar cana em viveiro, tinha os viveiro né, então cada tabelinha se tinha que cortar , contar as cana, marrá, era tudo bem organizado né, não podia misturar cana com outra cana (Entrevistado 9, 2023).*

Destaca-se que o corte manual não pode ser analisado de forma sensível e benéfica ao trabalhador; o que se busca verificar de acordo com as observações obtidas através das entrevistas é o cumprimento ou não, de políticas públicas compensatórias pela empresa transnacional aos trabalhadores, após a implantação do corte mecanizado.

Desse modo, é evidente que o trabalhado no corte manual era exaustivo e a fim de receber mais, produzia-se mais, o que levava esses trabalhadores à exaustão diária na atividade desempenhada. Outro ponto a frisar, a partir dessas falas, é a incerteza de que o salário recebido por esses trabalhadores de fato era mais vantajoso, e para chegar a essas observações, caberia uma extensão maior dessas análises a fim de se comparar o poder de compra desses salários nas duas fases, corte manual e mecanizado, pois é importante compreender que incidem conjunturas econômicas e inflações diversas, que mudaram ao longo do tempo.

Frisa-se que na visão dos dois ex-cortadores de cana que mantêm outras funções na empresa não houve a diminuição do cortador de cana pelo fato de terem sidos realocados para outros setores. Os entrevistados não citaram os impactos da mecanização para aqueles que tiveram que permanecer nas terras e exercerem atividades desgastantes com salários reduzidos:

> *Acredito que não cara, muito pouco diminuiu, porque foi realocado para outras áreas né, foi realocado tanto para a parte... é... mecanizada, pra fazer a colheita como dentro da própria indústria da empresa [...] Desde que eu conheço o Grupo Tereos, ali que na época ainda era Gomes de Almeida, era entorno de 2 mil funcionários na unidade aqui, isso ainda permanece mais ou meno bem próximo desse número então a maioria dali foi funcionário realocado, que nem eu to realocado né, meu irmão ta realocado, um outro tava lá até outro*

> *dia e agora que saiu, mas tava realocado também, então a maioria que tão lá bastante foi realocado (Entrevistado 1, 2023).*
>
> *Não diminuiu porque a produção aumentou muito né? Então é o que nem eu disse, ela diminuiu de um lado que era corte manual, mas do outro lado ela aumentou totalmente, porque hoje a empresa produz 10 vezes mais do que produzia antes, então a mecanização ela veio para ajudar em muitas partes (Entrevistado 5, 2023).*

3.4 Recolocação profissional em setores de maior especialização após a implantação da mecanização

Quando questionados sobre a recolocação em outros setores da empresa, alguns ex-cortadores, como as Entrevistadas 6 e 8, ressaltaram que não obtiveram propostas que proporcionassem a elas condições melhores no setor, o que aconteceu foi uma mudança na forma como elas desempenhavam as funções.

O que antes era corte manual, depois tornou-se mecânico, e nesses aspectos, aquilo que era deixado pelas máquinas no canavial, em locais de difícil acesso para as máquinas realizarem o corte, além dos restos de canas não colhidas, bem como outros trabalhos como a eliminação de formigas, ficava a cargo dos funcionários desempenharem essas funções:

> *Não...assim, aí a gente foi pra matar formiga, porque eles achou que nóis era em três mulher, então eles achou que era muito sofrido né, porque naquele tempo as máquina tava...se tinha que fazer canudo no meio daquelas cana pra elas poder entrar, aí eles achou melhor passar a gente pra diária e deixar só as máquina cortar [...] aquele resto que sobrava que as máquina deixava aqueles fundo do brejo a gente ia cortar, então era assim [...] bem dizer a gente não paro, ficou porque a gente ficava fazendo aquele resto de que a máquina deixava, era a gente que fazia, a turma nossa que ia fazer [...] ficava fazendo o serviço aí vinha o caminhão e pegava né, fazia os monte , eles ia pegando (Entrevistada 6, 2023).*
>
> *Não, não propôs não [...] ói, cabou né as máquina chegou aí mandaram nóis pra outra turma, mandou nóis matar formiga, aí era andar e matar as formigas [...] aí passou a diária né, foi na diária [...] (Entrevistada 8, 2023).*

Nessas perspectivas, de acordo com Bento e Thomaz Junior (2022), a vinda da mecanização não evita a precarização dos novos postos de trabalho, seja no corte ou no plantio mecanizado, conforme preconizado pelos autores no excerto a seguir:

> Entretanto, os viúvos da cana não podem ser entendidos somente pelo trabalho manual nos canaviais, mas também o mecanizado, posto o que pudemos apreender, dados os agravos para a saúde física e psíquica desses trabalhadores também existirem no corte e plantio mecanizados, e que nos possibilita refletir que os 'herdeiros' da cana, também podem ser os futuros viúvos da mesma, em razão de que o adoecimento e o descarte de trabalhadores, não ocorre somente nas funções manuais, ocorrendo conjuntamente nas funções caracterizadas pelo trabalho mecanizado. (BENTO; THOMAZ JÚNOR, 2022, p.106).

Esse processo de automação e inovações tecnológicas, por sua vez, acaba por explorar esses trabalhadores em prol dos lucros gerados e remetidos para essas empresas transnacionais. Há um desmonte de toda estrutura produtiva braçal, a fim de se garantir o lucro e reduzir os custos dessa produção.

Nesse sentido, a maioria daqueles trabalhadores que se mantiveram no trabalho, permaneceram em condições precárias, porém garantindo as benesses da empresa. Segundo Arrighi (1997, p. 298), "A concorrência entre membros individuais da burguesia assegura o avanço da indústria, enquanto que a concorrência entre membros individuais do proletariado assegura que os benefícios resultem para a burguesia".

O Entrevistado 4 ressaltou que a falta de estudo não deu espaço para que ele pudesse ser realocado em setores mais especializados da empresa, e que foi proposto a ele apenas a mudança de categoria na carteira nacional de habilitação (CNH) para que ele pudesse ser conduzido à função de motorista durante essa transição do corte manual para o corte mecanizado, contudo, ele relata que a empresa deu um curto tempo para mudar a categoria de sua habilitação, o que o levou a perder o emprego. Ainda, o Entrevistado 3 relata que nunca foi proposto recolocação em outro setor,

> *De jeito nenhum, nunca! [...] eu acho que pelo motivo da gente ter pouco estudo no caso... porque... lá hoje a gente tem que ter... primeiramente a gente que é pobre dificilmente a gente não tem uma carta que pode mexer com trator ou caminhão que seja, lá a gente precisa disso, a gente não tem condições disso.... eu memo fiz o teste lá, passei em todos os testes, o pobrema da carta eu não passei, me deram 30 dias pra mim tirar a carta, quem tira a carta com 30 dia? Não tira a carta com 30 dia...foi aonde eu perdi o serviço [...] a única forma que tentaram ajudar foi dando 30 dia pra tirar a carta e isso não acontece... pode procurar em qualquer lugar que isso não acontece! (Entrevistado 4, 2023).*

> *Pra mim nunca [...] porque nunca chegaram ne mim e falaram pra mim que ia dar uma melhora...uma coisa melhor pra mim (Entrevistado 3, 2023).*

O Entrevistado 9 explica que durante um tempo foi realocado para cuidar de umas casas em um espaço arrendado pela empresa:

> *Eu tive uma mudança do corte de cana e eu fui pruma chácara da usina né, usina não, uma terra que tinha arrendada, uma área grande aqui na vinte e três aqui[...] só que a área era dum fazendeiro, mas ele queria que mantesse ali onde tinha as casa, tudo limpo né, queria que cuidasse das casa, dos pomal que tinha perto das casa, então eu fiquei lá por onze anos [...] eles era obrigado a cuidar daquilo né, mas era pela empresa [...] ali eu plantava as coisa né [...] aí eu cuidava das sede, porque o dono não queria que abandonasse sabe, então até vencer o contrato que tinha, teve que cuidar, aí eu fiquei onze anos ali cuidando (Entrevistado 9, 2023).*

Para os Entrevistados 1, 5 e 10, a recolocação em novos setores ocorreu, principalmente, na área da mecânica; o objetivo dessas recolocações pela empresa era disponibilizar meios para que uma parcela apoucada pudesse fazer a mudança de categoria na carteira de habilitação para dirigirem as máquinas ou ainda as operarem, conforme elucidado pelos depoimentos a seguir:

> *Então, foi eu sai dali direto para operar uma máquina [...] virei operador de máquina no ano de 2003, que aí quando foi 2003 eu já virei operador de máquina né e foi indo e subindo até chegar e cheguei na operação da colheitadora de cana que eu fiz ela em 2006 e 2007, quando foi 2008 houve de novo uma possibilidade, uma a….pra mim mudar onde foi que eu mudei pra mecânico da colheitadora de cana. (Entrevistado 1, 2023).*

> *Muitas pessoas foram para vários setores, pra dentro das indústrias, foi para outros setores, mesmos na mecanização, pessoas que tinha como trabalhar com mecânica eles colocaram, deram várias oportunidades, muita gente ficou [...] sim... eu fui colocado na parte da vinhaça na época, aí depois de 3 ou 4 anos aí voltou a montar turma de novo e eu voltei pro meu setor de novo, aí como houve um incentivo pra mim também que foi muito importante, que na época eles me deram, a empresa me deu a mudança de letra da carta, me deu coletivo, tudo por conta dela, eu tive um incentivo muito grande [...] eu já dirigia né, assim, eu já dirigia carro baixo essas coisa, mas aí como eu tive oportunidade aí eu entrei pra fazer a mudança de letra na autoescola, entrei pra fazer o coletivo e eles me cobriram tudo esses gastos pra mim, para mim poder assumir a turma (Entrevistado 5, 2023).*

> *Não, só o da mecânica né [...] os cursos, o pessoal que queria foi .... eu não fui não, eu não quis sabe, eu achei melhor ficar no campo mesmo, aí venceu o contrato e eu saí (Entrevistado 10, 2023).*

Nesse contexto, também é evidente frisar que uma parcela significativa desses trabalhadores não conseguiu esse feito, por falta de condições financeiras, pela idade, pelo pouco estudo e até mesmo pelo gênero.

É importante ressaltar que as duas mulheres entrevistadas nesta pesquisa não citaram a mesma oportunidade de mudança de categoria na carteira nacional de habilitação como foi proposto para alguns homens, o que evidencia a inviabilização de outras formas de trabalho, pois como já exposto, elas mantiveram seus empregos na área de plantação, realizando o corte não alcançado pelas máquinas e na eliminação de formigas, sem muitas possibilidades de melhoras na condição de vida dessas ex-cortadoras de cana.

Para 80% dos ex-cortadores de cana entrevistados não houve, por parte dos usineiros, qualquer apoio ou ações que os incentivassem a buscarem, até mesmo fora do setor sucroalcooleiro, outras oportunidades.

Entre algumas das falas importantes de evidenciar está a da Entrevistada 6, que afirma a entrega de “pastilha”, referindo-se a algum material disponibilizado pela empresa para o curso de cortador de cana, e ainda denota mais um apoio fraterno do que evidentemente profissional por parte dos usineiros:

> *Não, não tive apoio, a gente saiu de lá né, que a gente trabaiou lá mas os patrão da gente o grandão lá se nem conheceu [...] era os fiscal que nem o (fulano) os outro fiscal, a gente conheceu muito eles, bem dizer, nossa, eles foi um amigão pra gente [...] eu fiz um curso assim de cortadora de cana, tem a pastilha que eles deram, mas só isso mesmo (Entrevistada 6, 2023).*

Esses ex-cortadores de cana comentam sobre um curso de capacitação para cortador de cana-de-açúcar durante a fase que antecedeu a mecanização no setor pela empresa. Essas falas são explícitas tanto no relato acima da Entrevistada 6, quanto no relato abaixo do Entrevistado 2,

> *Não tive nenhum apoio[...] não tive de apoio de nada mais...recebi um acertinho e pronto[...] não deram nada, de curso nada, a gente tem curso de corte de cana...só tem isso mesmo. (Entrevistado 2, 2023).*

O Entrevistado 10 diz que não teve apoio dos usineiros, mas por ele ser um bom profissional o chamaram para voltar a trabalhar. Nota-se que a falta de instrução e a fragilidade a que esses cortadores de cana são submetidos ao longo do tempo, em relação aos seus direitos trabalhistas, além da subordinação enraizada no setor, os silenciam e os fazem crer que trabalhar arduamente nos canaviais, se submetendo

às condições precárias, sem diálogo, sem voz, seja sinônimo de valorização e de bom profissionalismo:

> *Não, tive, é….o pessoal depois queria que eu voltasse né e eu não quis mais voltar então... eu graças a Deus fui um ótimo funcionário, acredito que sim né, nunca mexi com justiça, com nenhuma empresa, nem ela e nem outra sabe, aí é isso... onde que vou sou bem-vindo sabe, graças a Deus (Entrevistado 10, 2023).*

E, por fim, os dois ex-cortadores que mantêm vínculo em outras áreas da empresa destacaram que houve amparo por parte dos usineiros, como novas turmas em outros setores e a não extinção de serviços:

> *Então... me realocaram para outras coisas, não me desampararam, não me mandaram embora, não extinguiu meu serviço, me mudaram de função (Entrevistado 1, 2023).*

> *Sim, tive muito apoio dessa parte aí [...] tipo nosso setor né...que eles deram um apoio pra nóis, pra nóis poder voltar pra nossa parte de novo, montar mais turmas que nóis não tinha mais, entrou a gerência nova e pediu turmas e nóis montamos 4 turmas de uma vez só, da parte da rurícola, de setor manual nosso (Entrevistado 5, 2023).*

Em relação aos motivos que não os levaram a permanecer na empresa, as respostas foram variadas, alguns permaneceram e outros se desligaram da empresa; entre alguns pontos importantes está a fala do Entrevistado 9, que revela ter sido dispensado por causa da pandemia:

> *Não eu não continuei por causo da pandemia né, no fim já tava com setenta e dois anos aí eles afastou nóis, dois anos, e depois mandou embora, dispensou [...] sessenta e poucos anos pra cima mandou embora, tudo embora (Entrevistado 9, 2023).*

Alguns permaneceram até as suas aposentadorias, entre os principais empecilhos estão a falta de estudo e a idade, em que se submeteram às novas condições de salários e de trabalho, pois não tinham outras opções:

> *Eu permaneci, precisava né [...] no setor daqui da Cruz Alta memo né (Entrevistada 6, 2023).*

> *Eu permaneci, aposentei lá, trabaiei dois ano aposentada ainda, depois aí mandou embora, porque os aposentado eles cortou, chegou uma época cortou os aposentado e eu tava, mais trabalhei dois anos lá ainda aposentada (Entrevistada 8, 2023).*

Entre aqueles ex-cortadores que não permaneceram, o tom de revolta do Entrevistado 3 ainda é demonstrado durante as suas falas, o que deixa claro o descontentamento com a forma como era submetido ao trabalho, bem como a relação entre patrão e empregado, onde o Entrevistado reforça a falta de importância e cuidado com o trabalhador:

> *Não, não continuei porque eu tenho que caçar o melhor pra mim né... não tenho que ir pelos outro, tenho que caçar pra mim, porque patrão nenhum da favor ao empregado, o patrão só qué pra ele, então qué dizer que os empregado então...eles não precisa de nóis, eles precisam do serviço nosso, nóis precisa deles, mas eles não precisa de nóis, porque tanto faz nóis ficar doente ou não ficar, se nóis perde um dia de serviço, se nóis ganha 50 eles desconta 80, 100...só arrebenta a corda pro lado mais fraco, nunca arrebenta por lado mais forte (Entrevistado 3, 2023).*

Os descontentamentos do Entrevistado 3 com o trabalho, bem como a sua atitude de sair daquela situação precária em busca de melhores oportunidades possui relação com a exploração do trabalhador pela burguesia, detentora do capital, motivo pelo qual Arrighi (1997), citando Marx e Engels (1967), na obra O Manifesto Comunista, ressalta que:

> [...] A burguesia é incapaz de exercer seu domínio porque não tem competência para assegurar a existência de seu escravo em sua escravidão, porque não consegue impedi-lo de cair num estado tal em que deve nutri-lo, em lugar de ser nutrida por ele. [...]. Por outro lado, O avanço da indústria, cujo agente involuntário é a burguesia, substituiu o isolamento dos trabalhadores, resultado de sua associação. O desenvolvimento da indústria moderna, portanto, abala a própria base sobre a qual a burguesia assenta a sua produção e apropriação [...] (ARRIGHI, 1997, p.295).

A saída, de acordo com o Entrevistado 4, se deve pela diminuição de renda salarial após a utilização da mecanização pela empresa, e esse descontentamento acabou por forçá-lo a buscar melhores condições salariais em outras áreas:

> *Primeiramente o ganho, ah...tipo assim, as máquinas que entrou já trabalhou bastante, a gente já não ganhava como antes, caiu bastante, é.… foi aonde a gente paro, porque não tinha como ter a renda que tinha antigamente (Entrevistado 4, 2023).*

3.5 Perspectivas profissionais e salariais dos ex-cortadores de cana

O corte de cana-de-açúcar é, sem dúvidas, um trabalho penoso, difícil e extremamente desgastante. Trabalhadores viviam em condições precárias e até desumanas em algumas áreas onde desempenhavam as suas funções.

A fim de analisar essa conjuntura muito frequente antes da mecanização, buscou-se indagar para esses ex-cortadores de cana quais são as suas perspectivas sobre o corte de cana e se mudaram ou não de profissão.

Nesse aspecto é importante destacar que dentre todos os ex-cortadores que, em determinado tempo da história, mantiveram vínculo, direto ou indireto, com o Grupo Tereos, ligados à atividade canavieira, apenas um entrevistado mantém a função no corte de cana, mas não vinculado à empresa.

O pesquisador teve a oportunidade de observar o trabalho do Entrevistado 7 pessoalmente, enquanto realizava o corte de cana. O trabalho é sem dúvidas desgastante, foi possível ver no olhar do cortador o descontentamento, o esgotamento físico e a vontade de mudar de profissão; o sol em temperaturas altas, muita poeira e uma intensa sequência de enxadadas no solo fazia parte de toda a atividade.

Ainda conversei com outro cortador de cana na localidade, com o qual não realizei a pesquisa, pois ele nunca obteve vínculo com o Grupo Tereos, e nos mesmos moldes em que o entrevistado 7 se encontrava, também era visível observar nesse outro cortador de cana a vontade de não mais estar desempenhando essa função. Dentre as falas desse cortador com idade mais avançada percebia-se o cansaço do dia trabalhado, bem como da falta de oportunidade e da necessidade de ter que trabalhar naquelas condições por falta de opção, provavelmente pela falta de estudo, a fim de levar o sustento à sua família.

O fato é que a falta de oportunidade, a falta de estudo e a necessidade de gerar renda para o sustento da família, leva grande parte desses cortadores a terem que trabalhar em condições precárias e penosas. Nesse aspecto, reiteram-se as observações das falas da Entrevistada 8, que ressalta que o corte manual se realizava debaixo de chuva ou sol, destacando as fortes dores que sentia pelo corpo devido ao trabalhado desempenhado.

Para o cortador e Entrevistado 7, as falas curtas e cansadas, durante toda a entrevista, demonstram um pouco dessas condições. Para ele é importante buscar outras oportunidades:

Ah...tenho né, procurar uma melhora né (Entrevistado 7, 2023).

Os outros ex-cortadores entrevistados já não realizam mais a atividade canavieira, pois trabalham em outras áreas, como os Entrevistados 2, 3 e 4, que trabalham como granjeiros. Destaca-se a fala do Entrevistado 2:

> *Ah eu agora tou trabalhando numa granja né[...] cuido de franguinho... registrado eu já tenho mais de 1 ano já, só que eu trabaiei quando eu fui afastado eu fiquei trabaiando lá, vai fazer uns 2 anos que trabaio de granjeiro (Entrevistado 2, 2023).*

Em relação aos Entrevistados 3 e 4, é visível como o corte é algo que remete a muito sofrimento, desvalorização e descontentamento. Os Entrevistados exaltam a profissão atual e fazem um comparativo com o corte de cana, em que apontam se sentirem mais acolhidos atualmente do que na época em que realizavam o corte de cana para a empresa:

> *Não... eu já mudei. Enquanto eu tiver na granja só saio daqui se o cara me mandar embora, se ele não me mandar eu não saio dali não, porque aqui nóis tem tudo aqui... aqui nóis tem um gerente bom, nóis tem um patrão bom e churrasquinho eles faiz pra nóis, patrão da pra nóis todo final de mês... então não tenho o que queixar, pra mim tá bom [...] o corte de cana se depender de mim não vorto nunca mais, hoje aqui eu tou bem [...] to mais valorizado do que no corte de cana (Entrevistado 3, 2023).*

> *Eu já mudei [...] essa é uma das melhor que tem, não existe, porque a gente trabalha no sossego, trabalhada na sombra no caso...não tem patrão que dá trabalho, a gente recebe tudo em dia, tem um abono bom e o encarregado que é 100% (Entrevistado 4, 2023).*

O Entrevistado 10 conta que mudou de trabalho e está trabalhando na colheita de laranja:

> *Mudei assim...pra laranja né? To na laranja, na colheita (Entrevistado 10, 2023).*

O Entrevistado 9 reforça que as suas atividades como ruralista atualmente também são cansativas, mas, mesmo assim, ainda é melhor que no corte de cana-de-açúcar:

> *Eu já mudei né [...] para mim o trabalho é os dois e ... que a gente é acostumado com o serviço pesado né...então não mudou né... [...] se for olhar hoje tá melhor né? (Entrevistado 9, 2023).*

Perguntados sobre os salários, seja através dos novos trabalhos ou através da aposentadoria, a maioria ainda é descontente com o que recebem:

> *Ah... dá pra remar né, mas não pode facilitar muito porque senão não dá, só que eu aposentei mais ou meno e eu tenho a pensão do marido também né, aí dá uma ajudinha (Entrevistada 6, 2023).*
>
> *Ah...fazer o que né, dá pra viver (Entrevistado 7, 2023).*
>
> *Acho pouco né, mas vai fazer o que? (Entrevistada 8, 2023).*
>
> *É...a gente ganha 1900 só e tem uma gratificação de 500 conto em cada granjada e uma cestinha pequena [...] eu acho pouco mas não tem jeito de ganhar mais né fazer o que... tem que ficar com esse pouco. (Entrevistado 2)*

Os Entrevistados 3, 4, 5 e 10 dizem estarem satisfeitos com os salários atuais. Para o Entrevistado 10, a produção na colheita de laranja ainda é vantajosa, pois o ganho é por produção, assim como acontecia antes da mecanização, que cessou após as mudanças tecnológicas e acabou se tornando diária:

> *Bom... é produção, é bom também, eu to gostando, tá igual a cana mesmo sabe [...] na colheita né* ***(referente ao novo trabalho),*** *produção também e….paga por quinzena, é bom, tem um ticket também, igual usina mesmo (Entrevistado 10, 2023, com grifo nosso).*

Já o Entrevistado 1 ressalta que gostaria de receber mais, contudo, acha que é uma boa remuneração:

> *Então...contente a gente... eu queria ganhar mais né..., mas é uma remuneração boa (Entrevistado 1, 2023).*

De acordo com Arrighi (1997), Estados semiperiféricos colhem a marginalização de recursos em relação à troca desigual, no que tange aos países desenvolvidos. Nesse sentido, o autor ressalta que a riqueza oligárquica buscada constantemente por países é “um esforço altamente destrutivo que transfere os custos da prosperidade e segurança de uma minoria (não mais, e provavelmente menos, do que um sexto da raça (humana) para a maioria e para as futuras gerações da própria minoria” (ARRIGHI, 1997, p. 292).

Segundo Arrighi (1997, p.235) “[...] tornou-se cada vez mais lucrativo para as empresas capitalistas do núcleo orgânico estabelecer e expandir unidades produtivas

na semiperiferia e/ou recrutar mão de obra na semiperiferia para exploração no próprio núcleo orgânico”

Nesse sentido, os esforços desses trabalhadores, visando melhores condições de vida, melhores condições salariais, sempre serão, para os detentores do capital, inviabilizados, pois a ida desses países desenvolvidos a países semiperiféricos consiste num processo de exploração e exclusão, no qual exploram essas localidades através dos recursos naturais presentes nessas localidades e buscam constantemente cortar os custos de mão de obra, ou seja, a substituição de mão de obra mais cara pela mão de obra mais barata (Arrighi, 1997) a fim de atender as pressões competitivas do mercado internacional, o que inviabiliza, inclusive, melhores condições laborais e salariais para esses trabalhadores.

3.6 Expectativas futuras dos sujeitos entrevistados

Quando perguntados sobre as perspectivas para o futuro, as respostas dos entrevistados ecoam de formas aleatórias e demonstram o sentimento individual de cada um.

Abrir este espaço para ouvi-los e deixá-los confortáveis em responder de forma subjetiva traz uma significativa relevância a esta pesquisa, pois proporciona um reflexo do passado, daquilo que já viveram enquanto cortadores, bem como sujeitos submissos à precariedade já demonstrada por eles na atividade canavieira.

O futuro vem atrelado, certamente, ao passado. Daquilo que viveram, talvez do próprio conformismo com a falta de oportunidades, com a falta de incentivos pela empresa, e das mudanças significativas ocorridas no setor sucroalcooleiro. O que esperam tais cortadores, muitos com 50, 60 e 70 anos? O que para eles restou da luta incansável frente ao trabalho enquanto cortadores de cana? São essas experiências passadas que certamente se alinham às respostas desses indivíduos, que contextualizam as suas perspectivas futuras, enquanto sujeitos pertencentes a essa existência.

Nesse sentido, foi indagado para esses ex-cortadores de cana-de-açúcar como eles se veem daqui há 5 anos.

O Entrevistado 2 conta que gostaria de trabalhar de forma autônoma, com um tom de tristeza e meio descrente da sua própria saúde, devido à idade que terá, busca ainda de forma esperançosa abrir seu próprio negócio:

> *Daqui a 5 anos ta acabado já...Ah eu queria para, arrumar um canto pra mim trabaia por conta, pra mim, eu por conta eu ganho mais de que trabalhar de empregado. Eu mecho com muita coisa, eu não tenho leitura, mas mecho com muita coisa...de negócio (Entrevistado 2, 2023).*

Coadunando com o Entrevistado 2, as falas do Entrevistado 3 demonstram também essa insatisfação com a idade, contudo, ela é mais enfatizada pelo terceiro entrevistado, que diz que não espera mais nada da vida, porém, diz que ainda irá trabalhar na granja até quando a atual empresa o mantiver empregado:

> *Essa é a questão, porque daqui a 5 ano já to morto, eu já tou com 60 ano, daqui 5 ano, o que que eu espero mais? Eu... vo fazer minha parte eu vou trabaia até enquanto eu guentar, e quando eu não guentar mais aí é só o patrão que tem que decidir o que ele vai fazer fazer comigo (Entrevistado 3, 2023).*

Nessa mesma perspectiva, o Entrevistado 4 demostra que sua idade será um percalço para seu futuro e ainda salienta a falta de empatia da sociedade:

> *Velho e sem um futuro pra frente, porque ninguém da ajuda pra ninguém (Entrevistado 4, 2023).*

A Entrevistada 6, aposentada, ressalta as condições de saúde, demonstrando a sua preocupação com os problemas que possui, apontando que as suas preocupações cotidianas acabam por agravar as suas doenças existentes, como a diabete:

> *Só Deus memo né* **(risos)** *[...] pela minha saúde que não é boa né, então só ele que sabe porque eu tenho dia que to assim tão ruim, mais tão ruim, que oia, eu falo meu deus do céu toma conta de mim, porque é muito alta* **(refere-se a diabete)** *tem que tá olhando né daqui e dali, então eu preocupo muito e eu não posso preocupar, agora memo eu to preocupado que meu genro marido da minha filha lá do lanche tá internado, internou ontem a noite, aí eu fico tão preocupada [...] (Entrevistada 6, 2023, com grifo nosso).*

A Entrevistada 8, aposentada, conta que se vê nas mesmas condições, cuidando dos seus netos:

> *Ah... é difícil hein...a mesma coisa né, porque aposentada não sai disso né [...] cuidando dos netos [...] já cuido dos três já faz tempo (Entrevistada 8, 2023).*

O Entrevistado 7, cortador de cana, diz que quer voltar para a sua cidade e tentar novas oportunidades:

> *O futuro a Deus pertence [...] eu queria voltar pra minha terra lá onde eu moro lá (Entrevistado 7, 2023).*

O Entrevistado 9, prestador de serviços gerais, diz pretender continuar trabalhando e enfatiza que se ficar sem trabalhar para ele seria pior, pois se sente bem trabalhando:

> *A minha visão é ainda trabaia mais um pouco [...] porque se eu ficar aqui parado eu acho que é pior, acostumado né? Eu não gosto de ficar aqui* **(na casa dele)** *[...] eu gosto de trabaia, isso é uma terapia né (Entrevistado 9, 2023, com grifo nosso).*

Já o Entrevistado 10, agricultor, diz que se enxerga mais devagar, referindo-se as suas condições físicas por causa da idade, porém não descarta a vontade de abrir seu negócio em parceria com sua mulher, conforme trecho do depoimento a seguir:

> *Daqui há 5 anos eu já to mais devagar né, to mais véio, eu acho que era bom de parar não é? [...] eu queria trabalhar pra mim pessoalmente sabe? A minha mulher trabalha com negócio de pão e bolos e eu queria pegar o ramo sabe? Ta na hora já né? Ta na hora da gente mudar (Entrevistado 10, 2023).*

Para os entrevistados que permaneceram em outros setores da empresa, como o 1 e o 5, ainda se veem trabalhando no mesmo local e alegam que devido à idade não seria benéfico sair do emprego em busca de novas áreas:

> *Então eu pretendo continuar ali, do mesmo jeito, até porque to com 46 ano daqui 5 vo tá com 51 ano né [...] não me vejo ainda parando a atividade, pretendo prorrogar ela mais um pouco e também não pretendo sair dali, to estabilizado na região dentro da minha casa, não vou sair daqui para aventurar...exemplo... se eu falar Mato Grosso, Goiás, das vez tem uma remuneração um pouco melhor, mas você tem que mudar completamente, é uma nova cultura, um novo jeito...por tão pouco eu vou sair daqui com 51 ano pra daqui a pouco hora que eu chegar nos meus 56/58 tá encerrando essa atividade...então acho que não é benéfico mudar [...] eu pretendo exercer essa atividade até os 56/58 ano e depois aí né ... dá uma parada, né (Entrevistado 1, 2023).*

De acordo com o Entrevistado 5, a falta de estudo o inviabiliza para buscar maiores perspectivas dentro da empresa:

> *Continuando trabalhando eu acredito, esse é meu plano entendeu? [...] a gente pretende subir de carreira, mas tem que ter mais estudo, o nosso estudo da gente é meio fraco, então as oportunidades que*

> *chegou já chegou até o topo já [...] a empresa é boa o salário não é ruim (Entrevistado 5, 2023).*

As falas desses ex-cortadores de cana do Grupo Tereos, muitas vezes pessimistas sobre o seu próprio futuro enquanto indivíduos, demonstram que a idade é um fator chave para não buscarem outras oportunidades, com algumas exceções.

É nesse contexto também que as perspectivas para o futuro são poucas, nos quais muitos se veem exercendo as suas funções e outros, já aposentados, se veem auxiliando e cuidando de suas famílias.

3.7 Análise de resultados da pesquisa

A falta de incentivos de qualificação profissional, durante e depois da mecanização pela empresa, além da pouca formação de escolaridade dos entrevistados, os levaram à exclusão de outras oportunidades.

Outro fator são os salários desses ex-cortadores de cana que ainda os empurraram a manter os seus postos de trabalho, pelo fato de não terem maiores perspectivas ou oportunidades; ainda, relatam que independentemente das futuras condições físicas, os entrevistados, boa parte, continuarão a trabalhar, mesmo que a idade seja um fator que os remete à exaustão e desgaste, ocasionados pelo tempo.

À vista disso, é clarividente que as condições no setor a partir da transição do corte manual para o mecanizado trouxeram perspectivas negativas ao trabalhador, pois antes o trabalho exaustivo no corte manual, também se manteve no corte mecanizado, e as promessas de melhorias no setor, através de melhores condições salariais, incentivo à qualificação profissional e mudanças significativas durante as novas atividades desempenhadas, segundo as falas dos entrevistados, não ocorreram.

Buscando definir o que de fato é o desenvolvimento de um país, estados e municípios, ao longo das décadas de 1950 a 2010, os autores Bellingieri, Souza e Miranda (2018), esclarecem que os estudos frequentes puderam observar que é necessário um conjunto de fatores que, atuando em conjunto, buscam dirimir os paradigmas de desenvolvimento, entre eles, o desenvolvimento subjetivo (2000), pautado no bem-estar e felicidade dos sujeitos, o desenvolvimento humano (1990), pautado na liberdade, capacidade e qualidade de vida dos sujeitos; o

ecodesenvolvimento, desenvolvimento sustentável (1970), pautado na natureza, meio ambiente e sustentabilidade; o desenvolvimento socioeconômico(1960), pautado no padrão de vida, atrelado ao nível de consumo, e o desenvolvimento econômico (1950) pautado no desenvolvimento industrial, sinônimo de expansão econômica.

Não podemos nos esquecer de que a industrialização não é um fator crucial para esse progresso econômico, visto que o desenvolvimento surge a partir de um processo de ações integradas, ao longo das décadas de 1950 a 2010, que precisam ser analisadas em conjunto para se chegar a um desenvolvimento de fato, em que os ganhos sociais sejam visíveis e reais a todos os impactados diretamente durante todo o processo desenvolvimentista.

Arrighi (1997) deixa em aberto o bem-estar e produtividade dos habitantes em relação ao núcleo orgânico e se atenta especificadamente à posição de determinado país em relação à hierarquia de riqueza da economia mundial. Consideramos que a posição de riqueza frente à DIT seja um elemento relevante para determinar o nível de desenvolvimento econômico de determinado país; ainda, realçamos que esse desenvolvimento econômico, seguindo o entendimento do autor, não está atrelado à industrialização e sim ao seu valor agregado na economia mundial. Porém, ainda é necessário compreender que isso não é suficiente para definirmos desenvolvimento.

Nesse sentido, compactuamos, além das perspectivas de Arrighi (1997), com o entendimento de Celso Furtado (1992), em que os ganhos sociais, a partir desse crescimento econômico, via automação, resultem no bem-estar e crescente homogeneização[42] econômica dos cidadãos presentes naquela localidade.

Desse modo, Saes (2010, p.92), buscando definir o conceito de desenvolvimento a partir da obra de Celso Furtado, chega à conclusão de que “o desenvolvimento ocorre por meio da inovação técnica, que permite o aumento da produtividade, e da acumulação de capital, conduzindo à homogeneização social.”

Nesse sentido, cabe observar que as novas mudanças tecnológicas no município de Olímpia, principalmente com a vinda da modernização no setor sucroalcooleiro, de acordo com a maioria dos relatos dos entrevistados, elos mais vulneráveis da relação, não aconteceram. O progresso econômico associado aos

[42] “ O conceito de homogeneização social não se refere à uniformização dos padrões de vida, e sim a que os membros de uma sociedade satisfazem de forma apropriada as necessidades de alimentação, vestuário, moradia, acesso à educação e ao lazer e a um mínimo de bens culturais (FURTADO, 1992, p.38).

ganhos sociais, durante essa transição, não foi garantido, visto a vulnerabilidade em que permaneceram a maioria dos entrevistados após a implantação desse novo modelo de produção da agroindústria canavieira.

Desse modo, conclui-se, a partir das análises obtidas, que houve um impacto negativo para esses trabalhadores, vitimados pela mecanização, pois não obtiveram por parte da empresa ou pelo governo brasileiro a efetiva promoção de políticas públicas compensatórias, como era esperado por eles. Ressalta-se que as promessas da empresa transnacional e do poder público, a fim de garantir melhores condições, acabaram ficando apenas no papel, após a transição do corte manual para o mecanizado.

Insta observar que não estamos aqui afirmando que o setor sucroalcooleiro é responsável diretamente por garantir o progresso econômico de Olímpia e/ou Severínia, contudo, é importante frisar que há uma responsabilidade da empresa em garantir uma política social e ambiental adequada, sobretudo aos seus profissionais mais vulneráveis, durante esse processo de transição.

Conclui-se, portanto, que também é dever das empresas propiciar um plano social a fim de permitir uma transição mais serena em relação às pessoas que foram impactadas por esse novo modelo de produção, porém, essas expectativas, de acordo com as entrevistas, não foram alcançadas durante essa nova fase industrial.

Nessa ótica, o progresso econômico, associado aos ganhos sociais, por meio das novas oportunidades de trabalho, salário, qualificação profissional e melhores condições laborais dentro do setor, de acordo com esses trabalhadores, não foi efetivado na prática pela empresa, resultando em impactos negativos para esses trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado possibilita afirmarmos alguns pontos importantes no que tange aos impactos do processo de industrialização, e ainda, as inovações tecnológicas no setor sucroalcooleiro implantadas pela empresa transnacional analisada em Olímpia e Severínia, partindo de um referencial teórico, à luz da obra intitulada: A ilusão do desenvolvimento de Giovanni Arrighi (1997).

A pesquisa possibilitou um local de fala para esses ex-cortadores de cana a fim de que eles contassem, sob as perspectivas deles, os diferentes olhares desse processo de industrialização e inovação tecnológica pela empresa, enquanto sujeitos pertencentes a esse processo histórico.

Nesse sentido, cada entrevistado pode expressar a partir de sua perspectiva política, social, econômica e cultural, os impactos dessa modernização em suas vidas e no setor sucroalcooleiro; essa análise também permite demonstrar, a partir de algumas falas, que não existe uma única forma de vermos esse processo ocorrido no setor sucroalcooleiro, após a implantação da mecanização, na região estudada.

Acordos costumeiros entre Estados, domicílios e empresas, são frequentemente realizados a fim de garantir proteção e existência. Desse modo empresas capitalistas buscam níveis relativos de acumulação, com o objetivo de proteger seus lucros e suas rendas, dispondo de sua própria segurança econômica em meio às intensas lutas competitivas (Arrighi,1997).

As inovações tecnológicas fazem parte dessa armadura, presente no sistema capitalista, para que as empresas possam se manter vivas economicamente e estáveis a fim de garantirem a sua vida/segurança econômica durante as intensas fases de lutas competitivas do sistema capitalista (Arrighi,1997).

Desse modo, corroborando com os autores e pesquisadores Bento e Thomaz Junior (2021), o processo de intensificação das inovações tecnológicas presentes no setor sucroalcooleiro fortalece o processo de maior produtividade, menores custos e mão de obra reduzida, e ainda, uma intensa marginalização das novas condições de trabalho, que impactam diretamente nas vidas desses cortadores de cana, durante esse processo de corte e colheita manual para o mecanizado.

As inovações tecnológicas, bem como a automação, com base na ciência, de acordo com Arrighi (1997), enfraquece e reduz a força do proletariado.

Esse processo produção através da mecanização no setor sucroalcooleiro pode também ser entendido como um movimento de redução de custos pelas empresas do setor; segundo Arrighi (1997), a redução de custos assume três formas, entre elas a substituição, em relação à força exercida pelo trabalhador proletário pela força do trabalho cientifico e tecnológico.

Assim sendo, o processo de automação e inovações tecnológicas do setor sucroalcooleiro não pode ser restringido apenas pelo movimento realizado pelo Estado a fim de proibir as queimas das palhas da cana-de-açúcar, como fez a Lei Estadual nº 11.241/2002, mas num conjunto de mudanças que visaram vantajosos benefícios às empresas do setor sucroalcooleiro. Esse processo de mecanização realizado no século XXI proporciona para essas empresas melhores condições de lucro e aumento da produção em detrimento do esgotamento da força de trabalho, visando à ampliação de capital.

Ainda, o discurso de que a implantação da mecanização traria melhores condições de trabalho, com novas formas e oportunidades de emprego, através de qualificação profissional, melhores condições à saúde dos cortadores de cana, bem como maior atenção às legislações trabalhistas (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2021); nos traz a ideia, de acordo com a maioria dos relatos obtidos, de um discurso falacioso, pois não ocorreram na prática.

Observando um primeiro aspecto, se já era penoso, exaustivo o trabalho no corte manual, a vinda do corte mecanizado também não mudou as condições de vida desses ex-cortadores de cana, em sua grande maioria, ao contrário, ainda impactou diretamente nas questões salarias e laborais, para quem não teve opções de novas oportunidades.

Um segundo aspecto observado está inteiramente ligado ao desenvolvimento dessas empresas transnacionais nessas regiões, em que aumentam a sua produtividade[43] em detrimento da redução do número de trabalhadores, e fazendo cortes expressivos nos salários daqueles que permaneceram após a transição, além do grande investimento na expansão territorial dessas empresas nessas cidades.[44]

[43] “A Tereos Açúcar & Energia Brasil, uma das líderes na produção de açúcar, etanol e energia a partir da biomassa da cana-de açúcar, encerra a safra 22/23 com moagem de 17,3 milhões de toneladas de cana, um aumento de 11% frente ao ano anterior e um crescimento acima do esperado para a região Centro-Sul (3%)” (TEREOS BRASIL, 2022).

[44] “A Tereos, uma das empresas líderes na produção de açúcar, etanol e energia do país, está investindo cerca de R$ 23,5 milhões em um projeto para ampliar a utilização da vinhaça para fertilização

Uma remessa massiva de lucros dessas empresas transnacionais é direcionada às sedes de seus países[45], colocando o país explorado, bem como as regiões exploradas, como afirma Arrighi (1997), num processo de exploração e exclusão, a fim de que permaneçam como países semiperiféricos[46], objetivando manter as posições de riqueza da hierarquia global. Nesse sentido, os impactos de arrecadação nacional, a fim de que haja maiores investimentos em setores sociais, como saúde, saneamento, educação, são pouco relevantes para essas empresas transnacionais, principalmente nas cidades onde estão assentadas.

Figura 26 - Remessas de lucros e dividendos por macrossetor.

TABELA 1
Remessa de lucros e dividendos, distribuição por macrossetor[1]
2006-2013

US$ milhões

Grupos	2006[2/]	%	2007	%	2008	%	2009	%
Total	**11.535**	**100**	**16.706**	**100**	**25.959**	**100**	**18.009**	**100**
Agricultura, pecuária extrativa mineral	277	2,4	406	2,4	598	2,3	470	2,6
Indústria	5.980	51,8	10.204	61,1	17.179	66,2	11.124	61,8
Serviços	5.278	45,8	6.096	36,5	8.182	31,5	6.415	35,6
Anos	**2010**	**%**	**2011**	**%**	**2012**	**%**	**2013**	**%**
Total	**24.479**	**100**	**29.183**	**100**	**21.672**	**100**	**23.854**	**100**
Agricultura, pecuária extrativa mineral	569	2,3	819	2,8	766	3,5	668	2,8
Indústria	14.582	59,6	16.099	55,2	11.505	53,1	13.443	56,4
Serviços	9.327	38,1	12.264	42,0	9.401	43,4	9.743	40,8

Fonte: Banco Central do Brasil – BCB
Elaboração DIEESE
Notas: (1) Conforme Classificação Nacional de Atividade Econômica (CNAE) versão 2.0
(2) Exclui operações, por empresa, de valor inferior a US$1 milhão

Fonte: DIEESE, 2014, p.4.

Entre algumas características importantes sobre a remessa de lucros ao exterior, cabe frisar que, com o aumento de investimentos estrangeiros no país, por

de seus canaviais, aumentando em cerca de 40 mil hectares de aplicação nas áreas da empresa" (ÉRIOPRETO, 2022).

[45] "A remessa de lucros e dividendos tem aumentado de maneira significativa nos últimos anos. O volume de recursos enviado ao exterior totalizou o montante de US$ 23,8 bilhões, em 2013, aumento de 107% em relação a 2006. Esse volume, quando desagregado por setor, apresenta o seguinte perfil: 56,4% da indústria; 40,8% dos serviços e 2,8% referem-se à agricultura, pecuária e atividade extrativa Mineral [...] Entre 2006 e 2013, os recursos transferidos para o exterior a título de remessa de lucros e dividendos, realizados por empresas estrangeiras aqui estabelecidas, mais que dobraram, acumulando crescimento de 107%. Números tão elevados tornam obrigatório um estudo mais aprofundado sobre as razões pelas quais o país remete para o exterior tão expressivo volume de recursos" (DIEESE, 2014, p.2-3).

[46] Não estar no centro da economia mundial, sujeitando-se as regras impostas pelo mercado global e submetendo-se, consequentemente, às regras do capitalismo internacional, a fim de manter a estabilidade desigual desse sistema capitalista mundial.

consequência, aumenta-se, também, a remessa de lucros aos seus países sedes (DIEESE, 2014).

Nesse sentido, ressalta-se que a empresa Tereos Brasil, unidade Cruz Alta, de acordo com o ranking das empresas com os maiores faturamentos do Brasil em 2023, da revista Exame (2023), ocupa a posição 181º (pesquisar por “setor–”), estimando uma receita de R$ 4.416.000,00 em 2023, o que possivelmente a torna grande investidora e certamente promotora de remessas de lucros e dividendos ao seu país sede, a França.

Importante ressaltar ainda, que quando o lucro obtido permanece no país explorado há um movimento econômico em cadeia. No entanto, no Brasil, e em outros países, a remessa dos lucros das empresas multinacionais não é restringido. Logo, mesmo havendo subvenções das regiões onde se localizam as empresas, em especial a cidade de Olímpia e arredores, acabam por obter uma ínfima parcela desse lucro. A circulação desse lucro, portanto, ocorre em regra no país sede, tornando esse movimento de lucratividade negativo para os países e regiões exploradas por essas empresas. Em relação à remessa de lucros e dividendos, o setor da agropecuária lidera essas transações.

A flexibilidade dessas empresas em assentarem-se e “desassestarem-se” dessas localidades é muito grande, impactando centenas ou até milhares de pessoas nessas regiões, a exemplo disso destaca-se a paralisação da unidade da empresa Tereos, em Severínia. Até o momento, não foi realizada nenhuma ação em prol do retorno da atividade na referida unidade. Nesse sentido, aproximadamente setenta trabalhadores perderam seus postos de trabalho direto na unidade, não havendo, até o momento, nenhuma perspectiva de retorno. Ainda, cabe notar que a paralisação da unidade impactou diretamente na arrecadação de impostos do município, ocasionando um efeito cascata que se dá através do desemprego até a prestação de serviços públicos essenciais.

O estudo de caso permitiu elencar observações importantes, a partir do ponto de vista desses ex-cortadores de cana, de como eles veem esse processo de modernização/mecanização e como foram impactados durante e após essas inovações tecnológicas implantadas pela empresa transnacional Tereos Brasil.

Um primeiro ponto a ser observado refere-se à formação escolar desses ex-cortadores de cana-de-açúcar, dentro os quais, muitos não têm ao menos o ensino fundamental completo, o que de fato inviabilizou a esses entrevistados possibilidades

de qualificação profissional em setores que demandam maior especialização. A falta de incentivo à escolarização desses sujeitos entrevistados pela empresa também precariza a possibilidade de buscarem melhores oportunidades. Desse modo, é visível que apenas os dois entrevistados que galgaram novas oportunidades possuíam ensino médio completo, enquanto aqueles que não tiveram a oportunidade de estudo não tiveram as mesmas chances, com exceção do Entrevistado 7, que concluiu o ensino médio.

Promessas de novas oportunidades com a modernização no setor, através de um processo que possibilitasse melhorias ao trabalhador, parece não ter sido efetivado na prática, ao menos quando se analisam as falas dos entrevistados, no que tange à qualificação profissional, enquanto ainda mantinham vínculo com a empresa ou posterior com a perda dos seus trabalhos.[47]

Um segundo ponto a ser observado são as mudanças ocorridas após a mecanização pela empresa. O corte e colheita manual desempenharam uma série de precarização aos trabalhadores, pois se tratava de um trabalho penoso, árduo e muito desgastante, pois a saúde do trabalhador era fragilizada constantemente, seja pelos riscos físicos que o corte ocasionava, pelo excesso de trabalho, pela inalação de fuligem, como relata a Entrevistada 8 em uma de suas falas:

> *[...] era a base de chuva, de sol, o quanto que eu trabalhei de chuva nas costa que até doía, porque as máquina tava atrás, se cortava um monte, a máquina catava, catava outra as máquina catava [...] levava lá pra usina porque a usina não podia parar (Entrevistada 8, 2023).*

Desse modo, é importante destacar que o processo de mecanização a fim de trazer melhores condições de vida aos cortadores de cana, possibilitando maior segurança, melhores condições e oportunidades, de acordo com a maioria dos entrevistados, não aconteceram, tendo em vista, a falta de incentivo à qualificação profissional e de novas oportunidades em outros setores de maior especialização, a permanência de condições precárias nas novas atividades exercidas em que foram realocados e as novas condições salariais.

---

[47]"[...] apesar de as promessas propagandeadas pelo agrohidronegócio canavieiro de qualificação profissional, ofertas de emprego no plantio e colheita mecanizadas, estímulo à busca por vagas de operador de colheitadeira, tratorista, operador de transbordo etc., o que se têm nos canaviais, de fato, é o descarte e a degradação do trabalho em grandes proporções, o advento dos trabalhadores avulsos da cana-de-açúcar, que além de polivalentes, são multiprofissionais, além da fragilização de sua relação de trabalho, e a exigência de silêncio dos mesmos." (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2021, p. 147).

O processo de transição para o plantio e corte mecanizado, impactou outros aspectos na vida desses trabalhadores, após a sua completa transição, os trabalhadores foram realocados para setores que não viabilizaram melhores condições de trabalho. Corroborando com essa análise, busquemos aqui citar a fala do Entrevistado 4:

> *As piores [...] quando surgiu as máquinas tirou muito serviço do trabalhador, aí o que aconteceu... as máquina colhia as cana melhores e o funcionário só ficava com as mais caídas, as mais piores que tinha em derrubar, cana quebrada, as piores (Entrevistado 4, 2023).*

Após a mecanização pela empresa, os maquinários foram implantados e os trabalhadores continuaram ou até mesmo tiveram impactos ainda mais negativos na atividade canavieira, visto que exerciam o seu trabalho de forma mais penosa, retirando os restos de cana, nas quais as máquinas não conseguiam alcançar.

Além disso, alguns entrevistados relataram que exerciam a função de eliminar formigas[48] nas áreas canavieiras; ressaltam-se os riscos da utilização de agrotóxicos para o combate e controle das pragas no campo, que podem causar sérios danos à saúde dos trabalhadores (SANTOS; BATISTA, 2018).

Nesse sentido, fica evidente que a mecanização não beneficiou esses cortadores de cana, pois continuavam exercendo as suas funções nas áreas ocupadas pela cana.

Outro aspecto sobre os impactos da mecanização que precariza o trabalhador está estritamente relacionado ao salário. Durante as entrevistas é visível o descontentamento dos ex-cortadores de cana-de-açúcar com a desvalorização que tiveram após a mecanização ser implantada pela empresa.

O salário, apesar do trabalho penoso no corte manual, era ganho por produção; os entrevistados, em grande parte, relatam que após a transição do corte manual para o mecanizado, o pagamento se deu através de diária, ou seja, independente do tanto que era colhido por esses trabalhadores o valor se tornou fixo, desmotivando, intensificando e precarizando a exploração do trabalho desses cortadores de cana.

[48] "É no chamado segundo ciclo do plantio da cana-de-açúcar, também conhecido como tratos culturais, que os agrotóxicos são aplicados nas lavouras. Onde, se busca preservar as propriedades físicas e químicas do solo, com o intuito de eliminar as ervas daninha e controlar doenças comuns na cultura canavieira. Este é o ciclo marcado por um dos maiores riscos para o trabalhador que é o serviço de controle das pragas" (SANTOS; BATISTA, 2018, p.198).

No que tange esse processo de industrialização pelas inovações tecnológicas no setor sucroalcooleiro, fica evidente que a vinda da mecanização em nada mudou a vida desses trabalhadores, pois aqueles que se mantiveram na empresa, continuaram exercendo funções exaustivas, produzindo a mesma quantidade e recebendo um salário inferior ao que era recebido antes da implantação da mecanização. Além disso, o desemprego também precisa ser considerado.[49]

A pesquisa realizada não se deteve nesse aspecto, visto que o objetivo foi ouvir parte dos ex-cortadores de cana para que eles apresentassem sua visão sobre o processo de mecanização/modernização da empresa, contudo, cabe observar que a "[...]a incorporação de equipamentos tecnológicos ao processo produtivo, aliada à racionalização da organização do trabalho, parece engendrar, como assinalamos, uma situação de desemprego crescente no setor, que não mostra sinais de reversão" (PADRÃO,1997, p.143).

Ainda, de acordo com a maioria dos entrevistados, fica evidente que a mudança não trouxe benefícios aos trabalhadores, ao contrário, prejudicou ainda mais as condições de vida, no que concerne à diminuição de salários e a ausência de qualificação profissional, por exemplo.

A permanência de alguns no setor após a mecanização pode ser explicada exatamente pela idade avançada de alguns, pelo conformismo desses cortadores com a falta de estudo e com a falta de qualificação profissional. A ausência de incentivos pela empresa, através dos dados obtidos nas entrevistas, os impeliu a permanecer submissos às novas condições impostas pelo setor sucroalcooleiro.

De acordo com as entrevistas, poucos cortadores, à época, foram convidados a fazerem curso de operador de máquina e outros a mudarem a categoria da carteira nacional de habilitação a fim de exercerem a função de motorista.[50]

---

[49] "A mecanização alterou o perfil do trabalho no campo e influenciou a diminuição de mão de obra no setor nos últimos 11 anos. De acordo com o Censo Agropecuário 2017, divulgado hoje pelo IBGE, o número de estabelecimentos com tratores aumentou 50% em relação ao último Censo, realizado em 2006. Durante esse mesmo período, o setor agropecuário perdeu cerca de 1,5 milhão de trabalhadores. O pessoal ocupado nos estabelecimentos agrícolas diminuiu 8,8%, indo de 16,6 milhões de pessoas em 2006 para 15,1 milhões em 2017. Esse número inclui a perda de 2,2 milhões de trabalhadores na agricultura familiar e aumento de 703 mil na agricultura não familiar" (IBGE, 2019).

[50] "[...]como se manifesta em uma série de questões como a própria culpabilização deles diante desta situação, além de que não apenas o corte manual é retrato e sinal de trabalho em condições degradantes, pois a utilização das colheitadeiras não significa a humanização do trabalho para aqueles que a utilizam, dadas às incomodações, bem como o adoecimento relacionado ao setor motomecanizado (tratoristas, operadoras e motoristas), tendo em mente não apenas as dificuldades operativas, como também o estresse gerado para com o cumprimento das metas etc." (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2021, p. 148).

Todo o processo de transição do corte manual para o mecanizado não possibilitou mudanças reais a esses trabalhadores. As intenções de melhorar as condições de vida desses sujeitos, ao que tudo indica, falharam, independentemente de se adaptarem às novas condições exigidas pelo Estado brasileiro, através da proibição das queimas das palhas da cana-de-açúcar. As ações pela empresa mantiveram ou até pioraram as condições de vida desses trabalhadores, de acordo com as respostas majoritárias obtidas pelas entrevistas, visto a ausência de qualificação profissional, a permanência do trabalho ainda precário presente nos canaviais, bem como a diminuição salarial, tudo isso faz parte de um conjunto de ações que intensificaram ainda mais a vulnerabilidade desses trabalhadores.

As condições das ex-cortadoras de cana refletem a exclusão dessas em relação às oportunidades de maiores especializações, que não lhes foram propostas, nem mudanças na categoria da CNH nem condições que de fato se equiparassem àquelas oportunidades propostas a uma pequena parcela dos entrevistados do gênero masculino.

Partindo de uma analogia simples a fim de comprovar os impactos desse novo modelo de produção pela agroindústria canavieira na vida desses ex-cortadores de cana, buscando afirmar que a industrialização, de fato, não é sinônimo de desenvolvimento, verificamos que as novas condições do setor sucroalcooleiro, advindas das novas inovações tecnológicas, não trouxeram benefícios para a vida desses trabalhadores.

A ausência de políticas públicas compensatórias pela empresa e pelo governo brasileiro, como a falta de qualificação profissional, ausência de novas oportunidades em outros setores de maior especialização e ausência de melhores condições laborais e salariais impactaram negativamente a vida desses trabalhadores. Ressalta-se que o interesse do capital e a superprodução do corte mecânico em detrimento da vida desses ex-cortadores de cana evidenciam a ausência de ganhos sociais e de maior progresso para a empresa analisada.

A ilusão de que o movimento de especialização científica por meio da industrialização, fomentado pelo próprio processo de mecanização do setor, através de empresas, em especial a empresa transnacional analisada, como relata Arrighi (1997), acaba por inibir e restringir ainda mais as condições de vida desses trabalhadores, que não experimentaram o processo de desenvolvimento. As empresas se interessam apenas por seus lucros e aumento de capital, com o intuito

de manterem constantemente sua posição capitalista, nacional e internacional, estabilizada e extremamente competitiva.

Como se pode observar no quadro abaixo, o corte mecanizado potencializa os lucros, uma vez que a produtividade se eleva significativamente e os riscos diminuem substancialmente.

Quadro 12 - Comparativo: corte manual x corte mecanizado.

	CORTE MANUAL	CORTE MECANIZADO
INVESTIMENTO INICIAL	↓	↑
TAXA DE RISCO	↑	↓
PRODUTIVIDADE	↓	↑
LUCRATIVIDADE	↓	↑

Fonte: Adaptado da Dissertação de Mestrado da autora Rosângela Lima de Vieira (1995).

Esse processo, portanto, impacta a vida desses trabalhadores, os levando a condições mais precárias e até mesmo ao desemprego, nesse viés, o processo de industrialização e implantação da mecanização gera aumento significativo da lucratividade dessas empresas transnacionais, enquanto a região fica à deriva do desemprego e da diminuição de recursos nessas localidades, cita-se ainda, que o aumento dessa industrialização atrelado às reduções de custos via diminuição dos postos de trabalho, por exemplo, expande ainda mais a exploração da empresa transnacional nessas localidades, em que produtores familiares dessas regiões aos poucos vão perdendo espaço territorial, e tornando-se dependentes desse novo sistema desenvolvimentista.

Cabe destacar que a análise realizada não buscou criar uma defesa ao corte manual, pelo contrário, a mecanização no setor se fez necessária a fim de que seja fomentada melhores condições no trabalho, maior atenção aos direitos humanos, bem como ao meio ambiente (ALVES, 2009).

A proibição da queima gradativa das palhas da cana-de-açúcar, além de buscar alternativas mais benéficas exigidas pela sociedade e pela legislação ambiental, buscou, inclusive, viabilizar melhores condições de trabalho aos cortadores de cana, principalmente em relação ao aspecto de saúde[51], física e mental; porém, aos trabalhadores, de acordo com os dados da pesquisa, essas políticas públicas não foram alcançadas a fim de garantir os direitos fundamentais para esses trabalhadores.[52] Pois, a falta de qualificação profissional, de novas oportunidades em setores de maior especialização, a fim de dirimir ao máximo o índice de desemprego nessa transição, e melhores perspectivas salarias e laborais, não foram efetivadas na prática, segundo a maioria dos entrevistados.

Nesse sentido, o que é analisado é que a implantação da mecanização, realizada pela empresa e pelo poder público, não criou condições que se atentassem as políticas públicas compensatórias necessárias para que esses ex-cortadores de cana pudessem ter seus direitos efetivados na prática (SIBIEN, 2013).

Insta considerar que não estamos aqui afirmando que o setor sucroalcooleiro é responsável diretamente por garantir o progresso econômico de Olímpia e/ou Severínia, contudo, é importante frisar que há uma responsabilidade da empresa em garantir uma política social e ambiental adequada, sobretudo aos seus profissionais mais vulneráveis, durante esse processo de transição.

Nesse sentido, o corte manual, extenuante, no que tange à produção, em que se trabalhava mais a fim de se ganhar mais, tal perspectiva com o corte e plantio mecanizado também forçam os trabalhadores a suprirem a utilização das máquinas, pois com um menor número de cortadores na cana, os trabalhadores também são pressionados a aumentarem ainda mais a sua produção em um tempo mais curto (BENTO; THOMAZ JUNIOR, 2021).

Com a implantação da modernização no setor sucroalcooleiro pela empresa estudada se fez necessário ouvir esses ex-cortadores de cana que também devem,

[51] De acordo com o Entrevistado 9, as queimas nas palhas da cana-de-açúcar no corte manual, impactavam agressivamente o meio ambiente, destruindo matas e tudo o que estava aos arredores, além de precarizar a saúde dos cortadores, pois frequentemente inalavam fuligem, o que prejudicava muito a saúde dos trabalhadores (Entrevistado 9, 2023).

[52] “O que tem que se colocar em foco para o estabelecimento de políticas públicas compensatórias é o ritmo da mecanização, que deverá se dar no mesmo ritmo da criação de novos postos de trabalho. A adequação dos ritmos entre a adoção de novas tecnologias e o estabelecimento de políticas públicas compensatórias aos empregos perdidos deve ser um dos resultados fundamentais do processo de negociação” (ALVES, 2009, p.166).

ou ao menos deveriam, estarem evidenciados quando se coloca à baila o progresso na região de Olímpia.

O desenvolvimento propalado e atrelado às novas formas de automação não gera, de acordo com a grande maioria dos entrevistados, progresso para todos, mas como já verificado, apenas uma via de mão única por parte da empresa estudada em detrimento das condições de vida dos trabalhadores, que foram subordinados às novas formas de contratação e sem incentivos profissionais. Isso, portanto, se contrapõe à ideia de que a modernização é sinônimo de progresso nessas localidades, notadamente em Olímpia e Severínia.

À vista disso, o progresso econômico, associado aos ganhos sociais, por meio das novas oportunidades de trabalho, salário, qualificação profissional e melhores condições laborais dentro do setor, de acordo com esses trabalhadores, não foi efetivado na prática pela empresa, resultando em impactos negativos para esses trabalhadores.

Desse modo, pode-se afirmar, através das análises das entrevistas realizadas, que o progresso foi um processo de via de mão única, pois todos os aspectos a fim de aumentarem o capital, aumentarem a produção, reduzir custos em detrimento dos empregos desses trabalhadores, está ligado unicamente as benesses da empresa e não desses ex-cortadores de cana-de-açúcar.

Portanto, é ilusório acreditarmos que o processo de industrialização com a implantação da modernização/mecanização seja uma via de mão dupla, no qual o desenvolvimento alcance de forma igualitária a empresa transnacional e o trabalhador, que efetivamente desempenha as atividades. Por isso, conclui-se que esse movimento capitalista é negativo aos países explorados e aos trabalhadores, sendo esses o elo mais vulnerável da corrente do sistema capitalista global.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Por que morrem os cortadores de cana?** Saúde e Sociedade. v. 15, n.3, p. 90-98, set-dez, 2006.

_____. **Políticas públicas compensatórias para a mecanização do corte de cana crua: indo direto ao ponto**. Revista Ruris, Campinas, v. 3, n. 1, p. 153-178, 2009.

ALVES, G. A. P. **O duplo negativo do capital:** ensaio sobre a crise do capitalismo global. Bauru: Canal 6, 2018.

_____. **O novo (e precário) mundo do trabalho:** reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

ARRIGHI, G. **A ilusão do desenvolvimento**. Tradução de Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. 3. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 1997.

BARROS, T. D. **Etanol**, 2021. Disponível em: < https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/agroenergia/p-d-e-i/etanol>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BECK, U. **O que é Globalização?** Equívocos do globalismo: resposta à globalização. Tradução de André Carone. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BELLINGIERI, J. C. **Desenvolvimento e suas representações em três cidades paulistas.** 2014. 290f. Tese (Doutorado em Geociências e Ciências Exatas) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

BELLINGIERI, J. C.; SOUZA, J. G. de; MIRANDA, C. de S. Percepções do desenvolvimento em três municípios paulistas. **Planejamento e Políticas Públicas**, São Paulo, n.51, jul-dez., p.285-314, 2018.

BENTO, F. S.; THOMAZ JUNIOR, A. **Os "viúvos" da cana:** o fim das migrações sazonais para os canaviais do agrohidronegócio canavieiro na Região Administrativa de Presidente Prudente (SP). Revista da ANPEGE. v. 18.n. 35, 2022.

_____. **Transição tecnológica no polígono do agrohidronegócio canavieiro e os impactos sobre o trabalho**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universitat de Barcelona, vol. 25, n.3,2021.

BOECHAT, C. A. **Região do colonato:** mobilização do trabalho e autonomização do capital na área de Olímpia (1857-1964) do Oeste Paulista. 2009. 311f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BOMTEMPO, D. C. **Dinâmica territorial, atividade industrial e cidade média:** as interações espaciais e os circuitos espaciais da produção das indústrias alimentícias

de consumo final instaladas na cidade de Marília-SP. 2011. 455f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, n. 1(3), janeiro-julho, p. 68-80, 2005.

BOZZA, R. d. F. B. **O direito ao desenvolvimento na era da globalização econômica:** ordem econômica constitucional e as empresas transnacionais. 2012. 153f. Dissertação (Mestrado em Direito). Pontifica Universidade Católica do Paraná, Paraná, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 9 dez. 2022.

_____. **Lei nº 5.452, de maio de 1943.** Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm>. Acesso em: 08 ago. 2022

BRESSER PEREIRA, L.C. **Empresas multinacionais e interesses de classe.** Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, n. 4, 1978.

CABRAL, M. V. **Desenvolvimento e dependência:** nova pesquisa bibliográfica para servir à sociologia histórica do desenvolvimento. Análise Social, Lisboa, v. 46, pp. 371-399, 1976.

CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA. **Fatos Históricos.** Ata de Comissão Especial nos termos do requerimento número 44/78 de fevereiro de 1978-1982.

CAMARGO, J. M. **Análise do Emprego na Agricultura Paulista nos Anos 90**, 2007. Tese de Doutorado em Ciências Econômicas – UNICAMP.

CAMPOS, N. L. **Políticas de Estado no setor sucroenergético.** Revista Geo UERJ, Rio de Janeiro, n.26, 2015.

CARVALHO, G. L. de. **Eficiência da produção agrícola de cana-de-açúcar no estado de São Paulo entre as safras 1990/1991 e 2005/2006.** 2009.118f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Escola Superior de Agricultura “ Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2009.

CHAGAS, R. de S. B. **Análise da estrutura agroindustrial canavieira a partir dos processos de diversificação industrial e inovações verificados no período de 2000 a 2010.** 2014. 147f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento) – Instituto de Economia- IE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, W. C. **O processo de globalização e as relações de trabalho na economia capitalista contemporânea**, 2005. Disponível em: <

https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/117/114>. Acesso em: 23 jan. 2023.

CRETELLA NETO, J. **Curso de direito internacional econômico.** São Paulo: Saraiva, 2012.

DIÁRIO DA REGIÃO. **Tereos paralisa operações em usina de Severínia por um ano.** São José do Rio Preto, 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/economia/agronegocio/tereos-paralisa-operac-es-em-usina-de-severinia-por-um-ano-1.971835>. Acesso em: 9 dez. 2022.

DIÁRIO DE OLÍMPIA. **"Calma e entendimento"**, pede prefeita Gláucia pela paralisação temporária de usina. Olímpia, 25 de maio de 2022. Disponível em: < https://leonardoconcon.com.br/economia/agronegocio/calma-e-entendimento-pede-prefeita-glaucia-pela-paralisacao-temporaria-de-usina/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

DIAS, E. C. **Condições de vida, trabalho, saúde e doença dos trabalhadores rurais no Brasil.** In: PINHEIRO, T. M. M. (Org.). A saúde do trabalhador rural. Brasília: RENAST, 2006. Disponível em: <http://www.medicina.ufmg.br>. Acesso em: 08 ago. 2022.

DIEESE. **Nota técnica - Remessas de lucros e dividendos: setores e a dinâmica econômica brasileira**. São Paulo: DIEESE, número 137, p.1-25, 2014. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiL9-3Pz7yCAxVnHrkGHUj6B_EQFnoECAwQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.dieese.org.br%2Fnotatecnica%2F2014%2FnotaTec137RemessaLucros.pdf&usg=AOvVaw08y4DdmMPgUzajoyBRqXtD&opi=89978449>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ENCONTRA OLÍMPIA. **Sobre Olímpia.** História. Disponível em: < https://www.encontraolimpia.com.br/olimpia/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

ÉRIOPRETO. Tecnologia. **Usina da região investe mais de R$ 20 milhões para ampliar a utilização de vinhaça localizada**. Disponível em: < https://eriopreto.com.br/noticia/usina-da-regiao-investe-mais-de-r-20-milhoes-para-ampliar-a-utilizacao-de-vinhaca-localizada/6330>. Acesso em: 14 jul. 2023.

EXAME. **As maiores empresas.** Os maiores faturamentos de 2023. Disponível em: < https://exame.com/mm/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FERNANDES, S. R. F. **Impactos dos preços e do crédito rural sobre a produção de cana-de-açúcar no estado de São Paulo.** Revista de Economia e Sociologia Rural, 58(4), e 186266. https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.186266, 2020, p.3.

FERRACINI, M. J. F. **Certificações de qualidade em usinas de cana-de-açúcar.** 2018. 66f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Brasil, Fernandópolis, 2018.

FILGUEIRAS, I. **Como a proposta de redução do ICMS nos combustíveis impacta seu bolso?** Valor investe. Globo, 2022. Disponível em: <

https://valorinveste.globo.com/objetivo/organize-as-contas/noticia/2022/06/08/como-a-proposta-de-reducao-do-icms-nos-combustiveis-impacta-seu-bolso.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Órfãos da cana**, domingo, 31 de agosto de 2018. Disponível em: < http://temas.folha.uol.com.br/orfaos-da-cana/orfaos-da-cana/fim-da-queima-expulsa-trabalhadores-dos-canaviais-e-trava-migracao-para-sp.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2023.

FREDO, C. E.; BAPTISTELLA, C. da S. L.; CASER, D. V. **Encerramento da Série Histórica de Empreita na Cana-de-açúcar (1971-2022):** reflexos da colheita mecanizada. Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, v. 17, n. 9, p. 1-9, set. 2022. Disponível em:< http://www.iea.agricultura.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=16077>. Acesso em: 05 fev. 2023.

FREDO, C. E.; SALLES-FILHO, S. L. M. **Tecnologia x Emprego no Setor Sucroalcooleiro de São Paulo**. Rev. de Economia Agrícola, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 7, jan./jun. 2012. Disponível em: < ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/rea/2012/rea1-1-12.pdf.>. Acesso em: 29 nov. 2022.

FURTADO, C. **Brasil, a construção interrompida**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo: abril cultural, 1983.

GALLÃO, A. F. B. **A estância turística de Olímpia:** Histórico e aspectos de sustentabilidade do plano de turismo. 2020. 158f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente) - Universidade de Araraquara, Araraquara, 2020.

GALVÃO, C. A.; PEREIRA, V. de F. **Empresas transnacionais (ETNs) e os países pobres:reflexões sobre a governança global.** GEOSUL (UFSC), v. 32, p. 7-48, 2017.

GIESBRESHT, R. M. **Estações ferroviárias do Brasil.** Atualização: 24 de novembro de 2021. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/o/olimpia.htm>. Acesso em: 23 nov. 2022.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado. **Região Metropolitana de São José do Rio Preto (RMSJRP).** Disponível em: < https://rmsjrp.pdui.sp.gov.br/?page_id=127>. Acesso em: 25 dez. 2022.

GREIDER, W. **O mundo na corda bamba: como entender o crash global.** Tradução de Lauro Machado Coelho. São Paulo: Geração Editorial, 1997.

HALLIDAY, F. **Repensando as Relações Internacionais.** Porto Alegre: UFRGS, 1999.

HIGUCHI, C. A. P.; BUENO, O. de C. **Requalificação dos trabalhadores do corte de cana-de-açúcar da região central/sudoeste do Estado de São Paulo frente às novas demandas socioambientais.** Cadernos CERU, série 2, v.24, n.2, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.186266. >. Acesso em: 23 nov. 2022.

IBGE, A. Notícias. **Com aumento da mecanização, agropecuária perde 1,5 milhão de trabalhadores.** 2019. Disponível em: < https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25791-com-aumento-da-mecanizacao-agropecuaria-perde-1-5-milhao-de-trabalhadores>. Acesso em: 20 jul. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo brasileiro de 2010.** Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/olimpia/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 24 nov. 2022.

_____. **Histórias & fotos.** Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/severinia/historico >. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **Panorama.** Olímpia-SP. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/olimpia/pesquisa/14/10193?tipo=ranking&indicador=10248>. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **Panorama.** Severínia-SP. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/severinia/panorama >. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **Pesquisas**. Olímpia. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/olimpia/pesquisa/14/10193?tipo=grafico&indicador=10249>. Acesso em: 18 dez. 2022.

_____. **Pesquisas.** Severínia. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/severinia/pesquisa/14/0?tipo=grafico&indicador=10247 >. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **Produção agrícola –** lavoura temporária. Disponível em: < https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/olimpia/pesquisa/14/10193>. Acesso em 20 dez. 2022.

_____. **Produção de Cana-de-açúcar.** Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/cana-de-acucar/br >. Acesso em: 25 dez. 2022.

IEA. **Distribuição dos municípios por CATI Regional, Região Administrativa (RA) e Polo Regional do estado de São Paulo, 2022**. Disponível em: < https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZmUxYjM0NDktYmZiNy00MTFmLTkxZWEtMTNmMDI0MDY5MGQ5IiwidCI6IjZlZmU4MzFjLTA1MTItNDE5NS04ZWZkLTU5ODI2Y2M1YTkyMiJ9 >. Acesso em: 05 fev. 2023.

IFOLHA. **Severínia pode ter que escolher entre prestar serviços à população e pagar funcionários.** Olímpia, 29 de maio de 2022. Disponível em: <

https://ifolha.com.br/noticias/severinia-pode-ter-que-escolher-entre-prestar-servicos-e-pagar-funcionarios/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

INVESTSP. Olímpia tem dois dos parques aquáticos mais visitados da América Latina. Disponível em: < https://www.investe.sp.gov.br/noticia/olimpia-tem-dois-dos-parques-aquaticos-mais-visitados-da-america-latina/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

LADU, L. **Análise política, econômica e ambiental da nova política energética europeia:** um enfoque sobre a indústria brasileira de bioetanol. Salvador-BA. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MARANGONI, J. M. de J. **Olímpia –** cidade menina-moça. vol. 1 (1857-1941). Centrograf, Olímpia, 2001.

MARCHETTO, P. B.; ROCHA, W. A. **O preço da economia global:** reflexões sobre o trabalho análogo à escravidão e o hiperconsumismo. In: Silvio Carvalho Neto; Marinês Santana Justo Smith; Paulo de Tarso Oliveira. (Org.). XIX Encontro de Pesquisadores: Desenvolvimento em tempos de oportunidades. 1ed.Franca: Uni - FACEF, 2018.

MARTINELLE JUNIOR, O. **A globalização e a indústria alimentar:** um estudo a partir das grandes empresas. Marília-UNESP- Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999.

MARX, K. **O capital.** Livro Primeiro, vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. **O capital –** crítica da Economia Política. Livro 3. São Paulo, Nova Cultural (Série “Os economistas”), t.5, III, cap.47. 1986.

_____. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MELO, A. de S.; SAMPAIO, Y. de S. B. **Uma Nota Sobre o Impacto do Preço do Açúcar, do Etanol e da Gasolina na Produção do Setor Sucroalcooleiro.** Revista Brasileira de Economia, v. 70, n.1, Rio de Janeiro, 2016.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital.** São Paulo, Boitempo, 2002.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo, Hucitec, Polis, 1998.

MORAES, M. A. F. D. de. **O mercado de trabalho da agroindústria canavieira:** desafios e oportunidades. Economia Aplicada, V. II, N.4, p.605-619, out-dez, São Paulo, 2007.

MORGENTHAU, H. **A Política entre as Nações:** a Luta pelo Poder e pela Paz. Brasília: ed. Universidade de Brasília, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais, 2003.

OLÍMPIA ESTÂNCIA TURÍSTICA. **A cidade**. Disponível em: < https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/servicos/1001/a-cidade>. Acesso em: 25 ago. 2022.

_____. **Capital Nacional do Folclore, Olímpia realiza 54ª Festival do Folclore em agosto**. Disponível em: <https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/2570/capital-nacional-do-folclore-olimpia-realiza-54-festival-do-folclore-em-agosto>. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **Como chegar em Olímpia**. Disponível em: < https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/servicos/1008/localizacao/#gallery1>. Acesso em: 24 nov. 2022.

_____. **História de Olímpia**. Disponível em: < https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/servicos/1007/historia-de-olimpia/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

_____. **Olímpia é umas das 30 cidades do Estado que mais geraram empregos no último mês.** Disponível em: < https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/noticias/0/3/1065/olimpia-e-umas-das-30-cidades-do-estado-que-mais-geraram-empregos-no-ultimo-mes>. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **O nome de Olímpia**. Disponível em: https://www.olimpia.sp.gov.br/portal/servicos/1010/o-nome-olimpia>. Acesso em: 23 nov. 2022.

OLIVEIRA, O. M. de; GIACHIN, I. S. **Atores Não Estatais e a Transnacionalidade:** o protagonismo das empresas transnacionais em rede. In: OLIVEIRA, Odete Maria de (Org.). Relações Internacionais, Direito e Poder: atores não estatais na era da rede global. Ijuí: Unijuí, v.3, 2016.

ORIGENS DAS MARCAS. **Tereos (Guarani).** Disponível em: < https://origemdasmarcas.blogspot.com/2018/06/tereos-guarani.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

PADRÃO, L. N. **O trabalho na cana-de-açúcar:** reestruturação produtiva e novas práticas gerenciais. Revista São Paulo em Perspectiva, v.11, n.1, jan-mar. Flexibilidade, empregabilidade e direitos.1997.

PAMPLONA, N. **Redução de imposto da gasolina derruba resultados de usinas de etanol.** Folha de São Paulo: Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/02/reducao-de-imposto-da-gasolina-derruba-resultados-de-usinas-de-etanol.shtml>. Acesso em: 23 jul. 2023.

PETRONE, P. **A cidade de São Paulo no século XX –** São Paulo transforma-se em metrópole industrial. In: Revista de História. Ano VI, n. 21, e 22, 1955, p.128, 1955.

PREFEITURA DE SEVERÍNIA. **História da cidade.** Disponível em: < https://www.severinia.sp.gov.br/cidade/historia/3>. Acesso em: 05 dez. 2022.

_____. **Localização.** Disponível em: <https://www.severinia.sp.gov.br/cidade/localizacao/6>. Acesso em: 3 dez. 2022.

RÁPIDO HISTÓRICO SOBRE A FUNDAÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA. **Relatos da história de Olímpia,** 1960.

RELATÓRIO DA TEA**. Themed Entertainment Association**. Disponível em: < https://www.teaconnect.org/images/files/TEA_408_458601_210924.pdf> . Acesso em: 28 nov. 2022.

RESEARCH FOUNDATION OF STATE UNIVERSITY OF NEW YORK. Review (Fernand Braudel Center). **Social Science Concepts**, vol. 19, No. 3, 1996.

ROCHA, F. L. R. **Análise dos fatores de risco do corte manual e mecanizado da cana-de-açúcar no Brasil segundo o referencial da Promoção da Saúde.** 2007. 183f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

RODRIGUES, M. UOL. **Procuravam petróleo, acharam só agua quente e fizeram parque que atrai 2 mi, 2017.** Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2017/08/10/parque-aquatico-olimpia.htm>. Acesso em: 29 nov. 2022.

ROSA, J. G. **Manuelzão e Miguilim:** (Corpo de baile). 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, (Coleção Sagarana, v. 12), 1972.

SAES, F. A. M. **Subdesenvolvimento e desenvolvimento na obra de Celso Furtado**. In: Francisco Luiz Corsi; José Marangoni Camargo. (Org.). Celso Furtado: os desafios do desenvolvimento. 1ed., 2010, v. 1, p. 81-100.

SANTOS, H. F. dos. **Oligopolização e financeirização do setor sucroenergético brasileiro no século XXI.** Revista de geografia (Recife), V. 35, n. 2, 2018.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. (2001) **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 13° ed. São Paulo: Record, 2010.

SANTOS, T. M. dos; BATISTA, R. de O. S. **Agrotóxicos, uma violência silenciosa:** a saúde dos cortadores de cana-de-açúcar em Laranjeiras/Sergipe. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 13, n.29, abr., 2018.

SÃO PAULO. **Lei nº 11.241, de setembro de 2002.** Dispõe sobre a eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar e dá providências correlatas. Disponível em: < https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2002/lei-11241-19.09.2002.html>. Acesso em: 05 fev. 2023.

_____. **Lei Complementar nº 1.359.** Cria a região metropolitana de São José do Rio Preto e dá outras providências correlatas. Disponível em: <

Https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2021/lei.complementar-1359-24.08.2021.html > . Acesso em: 16 nov. 2018.

SEADE. **Caracterização do território:** divisão, posição e extensão. Mapa 1. Divisão Político-Administrativa. Regiões Administrativas, Regiões de Governo e Regiões Metropolitanas. Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, 2003. Disponível em: < http://produtos.seade.gov.br/produtos/anuario/2003/car/car2003_m01.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2023.

_____. **Economia.** O Seade Municípios traz informações sobre diferentes aspectos dos municípios paulistas. As informações podem ser acessadas por meio de painéis temáticos e de bases de dados disponíveis no repositório. Disponível em: < https://municipios.seade.gov.br/economia/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

_____. **Emprego**. O Seade Municípios traz informações sobre diferentes aspectos dos municípios paulistas. As informações podem ser acessadas por meio de painéis temáticos e de bases de dados disponíveis no repositório. Disponível em: < https://municipios.seade.gov.br/emprego/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

SIBIEN, J. M. **Mecanização do Corte da Cana-de-Açúcar e Desemprego:** Políticas Públicas na Região de Catanduva/Sp. Aurora, Marília, v. 6, n. 2, p. 71-84, Jan.-Jul., 2013.

SILVA, L. C. M. da S. **Mecanismo de Desenvolvimento Limpo em Termoelétrica:** os limites da produção de Energia Elétrica Sustentável. 2016. 86F. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Extas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

SUFIA, M. U. **Constructing Bangladesh:** Religion, Ethnicity, and Language in an Islamic Nation. Muslim Civilization and Muslim Networks. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.

TEREOS BRASIL. **História:** Presença mundial. Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/sobreatereos/presenca-mundial/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

_____. **Matérias-primas.** Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/atividades-e-produtos/materias-primas/cana-de-acucar/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

_____. **Relatório 2020/2021:** sustentabilidade. Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/sustentabilidade/relatorio-2021/ />. Acesso em: 15 dez. 2022.

_____. **Relatório 2022:** Consolidated Financial Statements: Tereos Açúcar e Energia Brasil S.A, 2022. Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/sobreatereos/financas/annual-report/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

_____. **Tereos Açúcar & Energia:** Nossas notícias. Documento datado em 7 de novembro de 2022. Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/nossas-noticias/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

_____. **Tereos fecha safra com 17,3 mi toneladas de cana e leva etanol brasileiro à Europa.** Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/press-releases/tereos-anuncia-fim-da-safra-22-23-com-moagem-de-173-milhoes-de-toneladas-de-cana-de-acucar-11-acima-do-ano-anterior/ >. Acesso em: 14 jul. 2023.

_____. **Sobre a Tereos.** Disponível em: < https://br.tereos.com/pt-pt/sobreatereos/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

THERMAS DOS LARANJAIS. **Sobre nós.** Disponível em: <https://www.termas.com.br/sobre-nos>. Acesso em: 30 nov. 2022.

THOMAZ JUNIOR, A. **Degradação Sistêmica do Trabalho no Agrohidronegócio.** Mercator (Fortaleza. Online), v. 16, p. 1-20, 2017.

TORQUATO, S. A.; MARTINS, R.; RAMOS, S. de F. **Cana-de-açúcar no Estado de São Paulo:** eficiência econômica das regionais novas e tradicionais de produção. Informações Econômicas, vol. 39, n.5, 2009. Disponível em: < http://www.iea.agricultura.sp.gov.br/ftpiea/publicacoes/IE/2009/tec8-0509.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2023

VIEGAS, T. **A solução para a crise do etanol:** Incentivos, subsídios, regulação ou defesa da concorrência? Grupo de economia da energia. Blog Infopetro. 20 junho, 2011. Disponível em: < https://infopetro.wordpress.com/2011/06/20/a-solucao-para-a-crise-do-etanol-incentivos-subsidios-regulacao-ou-defesa-da-concorrencia/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

VIEIRA, A. C. **Integração Vertical, Concentração e Exclusão na Citricultura Paulista.** 2003, 171f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

VIEIRA, R. de L. **O corte da esperança: o cotidiano dos cortadores de cana frente às ameaças da entressafra e da mecanização.** 1995. Dissertação (Mestrado em Projeto, Arte e Sociedade) – Universidade Estadual Paulista, 1995.

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. **Localização de Estância Turística de Olímpia em São Paulo.** Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Ol%C3%ADmpia_(S%C3%A3o_Paulo)#/media/Ficheiro:SaoPaulo_Municip_Olimpia.svg >. Acesso em: 15 dez. 2022.

_____. A enciclopédia livre. **Localização de Severínia.** Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Sever%C3%ADnia#/media/File:SaoPaulo_Municip_Severinia.svg>. Acesso em: 3 dez. 2022.

_____. **Breves relatos sobre a usina Guarani**. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Guarani_S/A>. Acesso em: 19 dez. 2022.

WINTER, L. A. C.; NASSIF, R. C. **A atuação das empresas transnacionais nos Países Emergentes:** desenvolvimento nacional à luz da ordem econômica constitucional. Revista Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRGS, v. 11, p. 170-186, 2016.

APÊNDICE A

Roteiro para entrevistas

Identificação dos entrevistados

Nome:
Idade:
Gênero:
Escolaridade:
Profissão:
Cidade de Origem:
Filhos:
Anos/meses trabalhados na empresa:

Questões relativas ao trabalho desempenhado pelos ex-cortadores de cana-de-açúcar

1. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?
2. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?
3. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?
4. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?
5. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?
6. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?
7. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?
8. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?
9. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?
10. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?
11. Como você se vê daqui há 5 anos?

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Comitê de Ética em Pesquisa FFC

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de Doutorado intitulada: ASSENTAMENTO DE EMPRESA TRANSNACIONAL NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM OLÍMPIA E REGIÃO: progresso para quem? Que será desenvolvida sob a responsabilidade de **William Albano Rocha, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" – Campus de Marilia, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela de Lima Vieira**, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

O trabalho, em síntese, tem o objetivo de analisar especificadamente os impactos do assentamento da Empresa Transnacional Tereos na cidade de Olímpia e região, e quais foram as consequências da utilização da mecanização para o setor sucroalcooleiro, por parte da empresa, em relação aos cortadores de cana-de-açúcar nessas localidades.

Apenas com sua autorização realizaremos a coleta dos dados. Para que seja possível atingir os nossos objetivos na pesquisa, é necessário sua participação, visto a necessidade de analisarmos a experiência profissional de ex-cortadores de cana-de-açúcar que trabalharam na empresa transnacional Tereos.

A abordagem de pesquisa é qualitativa, através de entrevista semiestruturada, estabelecendo perguntas abertas e fechadas, sendo baseada tanto na coleta quanto na análise de dados.

A pesquisa será realizada a partir de encontros individuais com os voluntários que se interessarem em participar deste estudo. Estes encontros terão aproximadamente 30 minutos de duração, para que as informações sejam colhidas através de um roteiro com perguntas que guiará a entrevista. As conversas serão gravadas e, na sequência, transcritas pelo pesquisador. Nesta etapa, as falas dos entrevistados serão analisadas para serem incluídas na tese de doutorado. Ressalta-se que não haverá qualquer registro de imagens dos entrevistados para este estudo, sendo realizada apenas a gravação em áudio das perguntas e respostas ocorridas entre o pesquisador e entrevistado.

Os dados colhidos nas entrevistas serão mantidos na sua integralidade apenas no computador do pesquisador e de sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos cinco anos, conforme

Resoluções do CNS nº 466/12 e nº 510/16 e, com o fim deste prazo, será descartado.

Sua participação nessa pesquisa é uma opção totalmente voluntária, o que implica em sua liberdade participar ou não, podendo desistir a qualquer momento. A autorização para a participação do mesmo se efetivará mediante assinatura do presente termo. Assim, ao assiná-lo o participante declara ter recebido todas as informações necessárias sendo capaz de compreender todos os procedimentos que serão realizados durante o questionário e entrevista.

Vale ressaltar que os resultados de pesquisa estarão explicitados na Tese de Doutorado em Ciências Sociais do pesquisador e poderá ser divulgado em eventos acadêmicos, artigos científicos, entre outros. **Destacamos que será resguardada a identificação dos participantes dessa pesquisa, não comprometendo a sua integridade pessoal.**

Certos de poder contar com sua autorização e colaboração com esse estudo, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos e maiores informações. O participante poderá entrar em contato com o pesquisador William Albano Rocha pelo seguinte e-mail: williamtruce@hotmail.com ou pelo celular (17) 981885559.

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado (a) sobre a finalidade da pesquisa, verbalmente e por escrito, intitulada: " ASSENTAMENTO DE EMPRESA TRANSNACIONAL NO SETOR SUCROALCOOLEIRO EM OLÍMPIA E REGIÃO: progresso para quem? ", e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

Eu _____, inscrito sob o Tipo de Documento _____ n._____, Celular ( ) _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

_____, _____de _____de _____.

_____
Assinatura do Participante

_____
Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE C

Transcrições das Entrevistas

Entrevistado 1

1. Idade

R: *46*

2. Gênero

R: *Masculino*

3. Escolaridade:

R: *Ensino Médio Completo*

4. Profissão

R: *Mecânico*

5. Cidade de origem

R: *Porecatu-PR*

6. Você possui filhos?

R: *1 filha.*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *2 anos no corte de cana.*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Sim, na época eles me incentivaram a adquirir uma habilitação para tá exercendo a operação de máquinas e já saindo do corte da cana.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Então era um serviço braçal, né, manual, onde era árduo, pesado né, sujo, né... era bem sofrido [..] questão de se ta respirando muita fuligem por causa da queima da palha e neh... sol árduo no corpo ali o dia inteiro, era bem precário.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Então...pra mim foi uma grande coisa, grande mudança, melhora no trabalho, né... melhorou o ganho também, né, melhorou as condições do trabalho, melhorou muita coisa.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Acredito que não cara, muito pouco diminuiu, porque foi realocado para outras áreas né, foi realocado tanto para a parte... é... mecanizada, pra fazer a colheita como dentro da própria indústria da empresa [...] Desde que eu conheço o Grupo Tereos, ali que na época ainda era Gomes de Almeida, era entorno de 2 mil funcionários na unidade aqui, isso ainda permanece mais ou meno bem próximo desse número então a maioria dali foi funcionário realocado, que nem eu to realocado né, meu irmão ta realocado, um outro tava la até outro dia e agora que saiu, mas tava realocado também, então a maioria que tão la bastante foi realocado.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Permaneci*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Então, foi eu sai dali direto para operar uma máquina [...] virei operador de máquina no ano de 2003, que aí quando foi 2003 eu já virei operador de máquina né e foi indo*

e subindo até chegar e cheguei na operação da colheitadora de cana que eu fiz ela em 2006 e 2007, quando foi 2008 houve de novo uma possibilidade, uma a... pra mim mudar onde foi que eu mudei pra mecânico da colheitadora de cana.

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Então... me realocaram pra outras coisas, não me desampararam, não me mandaram embora, não extinguiu meu serviço, me mudaram de função.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Todos nós tivemos, muitos, só quem não quis não foi mesmo, todo mundo la teve oportunidade, pelo menos 80% mudou de setor.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Então cara... o duro é a idade agora né...que nem eu já to com 33 anos de contribuição, já to pensando em pedir uma aposentadoria [...] desde de novembro que sou contribuinte sem encerrar, sempre contribui então...já tive oportunidade [...] para suceder porque não quis eu não sei mandar os outros fazer alguma coisa, eu faço mas não mando, mas eu tive a oportunidade até de ter um cargo de chefia lá dentro e não quis cara, isso me ofertou dentro da empresa né, hoje o meu supervisor no caso o (fulano) quando foi ofertado a proposta pra ele na época, antes de ofertar pra ele ofertou pra mim eu falei não, não quero, ai ofertou pra ele e hoje ele é o supervisor [...] não subi porque não tenho vocação pra mandar em ninguém, mas a emprese sempre me deu essa oportunidade.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Então...contente a gente... eu queria ganhar mais né... mas é uma remuneração boa.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Então eu pretendo continuar ali, do mesmo jeito, até porque to com 46 ano daqui 5 vo tá com 51 ano né [...] não me vejo ainda parando a atividade, pretendo prorrogar ela mais um pouco e também não pretendo sair dali, to estabilizado na região dentro da minha casa, não vou sair daqui para aventurar...exemplo... se eu falar Mato Grosso, Goiás, das vez tem uma remuneração um pouco melhor, mas você tem que mudar completamente, é uma nova cultura, um novo jeito...por tão pouco eu vou sair daqui com 51 ano pra daqui a pouco hora que eu chegar nos meus 56/58 tá encerrando essa atividade...então acho que não é benéfico mudar [...] eu pretendo exercer essa atividade até os 56/58 ano e depois aí né ... dá uma parada, né.*

Entrevistado 2

1. Idade.

R: *65 anos*

2. Gênero.

R: *Masculino*

3. Escolaridade.

R: *Fundamental Incompleto*

4. Profissão.

R: *Serviço Geral* (Granjeiro)

5. Cidade de origem.

R: *Juazeiro-BA*

6. Você possui filhos?

R: *10*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *8 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Não tive nada.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Cortava cana, plantava, arrancava o capim, é...serviço geral, tudo. Até dentro da usina fazia limpeza, tudo isso a gente fazia.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Ah... acabou muito o trabalho né... de trabalhar manual.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Diminui muito, o corte de cana tinha muito trabalhador aqui dentro né, todo lucro da cidade era o corte de cana.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Eu voltei a trabalhar de novo, fiquei trabalhando um bocado de tempo, trabalhando mensal, serviço geral, tudo o que fazia [...] na planta e limpa de colonhão dentro da cana [...] a gente ficou pra diária, pra fazer diária, então produção quando ia cortar cana pra plantar manual...era três mês.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Ah eu tive uma promessa lá pra trabaia de ajudante de mecânico, mas num tempo eu tava com minha carteira registrado e era logo aí e não tive a oportunidade de pegar [...] eu fui chamado, mas não fui, porque minha carteira tava registrada em outra firma e perderam minha carteira e era rápido e não deu pra eu ir.*

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não tive nenhum apoio[...] não tive de apoio de nada mais...recebi um acertinho e pronto[...] não deram nada, de curso nada, a gente tem curso de corte de cana...só tem isso mesmo.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não...nenhum...ah eu não sei não viu, se é porque não tenho leitura né.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Ah eu agora tou trabalhando numa granja né[...] cuido de franguinho... registrado eu já tenho mais de 1 ano já, só que eu trabaiei quando eu fui afastado eu fiquei trabaiando lá, vai fazer uns 2 anos que trabaio de granjeiro.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *É... a gente ganha 1900 só e tem uma gratificação de 500 conto em cada granjada e uma cestinha pequena [...] eu acho pouco mas não tem jeito de ganhar mais né fazer o que... tem que ficar com esse pouco.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Daqui a 5 anos ta acabado já...Ah eu queria para, arrumar um canto pra mim trabaia por conta, pra mim, eu por conta eu ganho mais de que trabalhar de empregado. Eu mecho com muita coisa, eu não tenho leitura, mas mecho com muita coisa...de negócio.*

<u>Entrevistado 3</u>

1. Idade.

R: *62*

2. Gênero.

R: *Masculino*

3. Escolaridade.

R: *Ensino Fundamental Incompleto*

4. Profissão.

R: *Granjeiro*

5. Cidade de origem.

R: *Guapiaçu*

6. Você possui filhos?

R: *Não*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *6 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Não, não.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Era até bom, que a gente ganhava até bem, depois que entrou as máquina daí caiu bastante, né...porque tirou muito emprego né... as máquina tirou muito emprego.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Pelo meno pra mim, pra mim mudou um pouco que eu consegui comprar arguma uma coisinha, né, no corte de cana, aí depois disso eu parei e comecei a trabaia já, mensal né [...] mudei de emprego.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Diminuiu porque entro as máquina né [...] porque quando era no corte de cana no facão era melhor, pelo meno as pessoas que não tinha leitura ganhava até bem, depois que entrou as máquina só ganha só os rico né, os pobres não ganha.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Não, não continuei porque eu tenho que caçar o melhor pra mim né... não tenho que ir pelos outro, tenho que caçar pra mim, porque patrão nenhum da favor ao empregado, o patrão só qué pra ele, então qué dizer que os empregado então...eles não precisa de nóis, eles precisam do serviço nosso, nóis precisa deles, mas eles não precisa de nóis, porque tanto faz nóis ficar doente ou não ficar, se nóis perde um dia de serviço, se nóis ganha 50 eles desconta 80, 100...só arrebenta a corda pro lado mais fraco, nunca arrebenta por lado mais forte.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Pra mim nunca [...] porque nunca chegaram ne mim e falaram pra mim que ia dar uma melhora...uma coisa melhor pra mim.*

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não, nenhum [...] eu sou uma pessoa que não procuro, eu sou uma pessoa que não gosto de levar firma em justiça não...então eu tento fazer a minha parte, eles pra lá e eu pra cá.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Pra mim não.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Não... eu já mudei. Enquanto eu tiver na granja só saio daqui se o cara me mandar embora, se ele não me mandar eu não saio dali não, porque aqui nóis tem tudo aqui... aqui nóis tem um gerente bom, nóis tem um patrão bom e churrasquinho eles faiz pra nóis, patrão da pra nóis todo final de mês... então não tenho o que queixar, pra mim tá bom [...] o corte de cana se depender de mim não vorto nunca mais, hoje aqui eu tou bem [...] to mais valorizado do que no corte de cana.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Eu acho*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Essa é a questão, porque daqui a 5 ano já to morto, eu já tou com 60 ano, daqui 5 ano, o que que eu espero mais? Eu... vo fazer minha parte eu vou trabaia até enquanto eu guentar, e quando eu não guentar mais aí é só o patrão que tem que decidir o que ele vai fazer fazer comigo.*

Entrevistado 4

1. Idade.

R:*50*

2. Gênero.

R: *Masculino*

3. Escolaridade

R: *Ensino Fundamental Incompleto*

4. Profissão

R: *Granjeiro*

5. Cidade de origem

R: *Apucarana-PR*

6. Você possui filhos?

R: *Não*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *10 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Não*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *É devagar, não tinha muito desempenho lá não, trabalhava no corte de cana, era muito cansativo e pouco ganho.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *As piores [...] quando surgiu as máquinas tirou muito serviço do trabalhador, aí o que aconteceu... as máquina colhia as cana melhores e o funcionário só ficava com as mais caídas as mais piores que tinha em derrubar, cana quebrada, as piores.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Com certeza diminuiu bastante [...] os que trabalhava na roça, nos corte.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Primeiramente o ganho, ah...tipo assim, as máquinas que entrou já trabalhou bastante, a gente já não ganhava como antes, caiu bastante, é... foi aonde a gente paro, porque não tinha como ter a renda que tinha antigamente.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *De jeito nenhum, nunca! [...] eu acho que pelo motivo da gente ter pouco estudo no caso... porque... lá hoje a gente tem que ter... primeiramente a gente que é pobre dificilmente a gente não tem uma carta que pode mexer com trator ou caminhão que seja, lá a gente precisa disso, a gente não tem condições disso.... eu memo fiz o teste lá, passei em todos os testes, o pobrema da carta eu não passei, me deram 30 dias pra mim tirar a carta, quem tira a carta com 30 dia? Não tira a carta com 30 dia...foi aonde eu perdi o serviço [...] a única forma que tentaram ajudar foi dando 30dia pra tirar a carta e isso não acontece... pode procurar em qualquer lugar que isso não acontece!*

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não, de jeito nenhum.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não teve não.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Eu já mudei [...] essa é uma das melhor que tem, não existe, porque a gente trabalha no sossego, trabalhada na sombra no caso...não tem patrão que dá trabalho, a gente recebe tudo em dia, tem um abono bom e o encarregado que é 100%.*

O entrevistado disse que se sente mais acolhido nesse serviço do que na época do corte de cana:

R: *Hoje claro [...] sem dúvida nenhuma é hoje.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Graças a Deus, sim.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Velho e sem um futuro pra frente, porque ninguém da ajuda pra ninguém.*

Entrevistado 5

1. Idade

R: *56 anos*

2. Gênero

R: *Masculino*

3. Escolaridade

R: *Ensino Médio Completo*

4. Profissão

R: *Líder e motorista*

5. Cidade de origem

R: *Janiópolis-PR*

6. Você possui filhos?

R: *3*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *14 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Sim, tive [...] conheço várias pessoas.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Era cana queimada na época né? Aí não tinha coletora não tinha nada, era... cortava cana queimada depois tinha carregadeira, era uma porção muito gigante entendeu... aí veio a mecanização, veio a proibição da queima, aí a mecânica teve que entrar.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Pra mim ela representou a mudança que eu tive oportunidade, né? Que na época que ela parou que entrou a mecânica, aí aquele pessoal que cortava cana já diminuiu. Diminuiu de um lado e aumentou do outro é logico né... aquele que tinha qualificação que tiveram oportunidades, foi pra outras áreas tudo e eu fiquei e continuei.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Não diminuiu porque a produção aumentou muito né? Então é o que nem eu disse, ela diminuiu de um lado que era corte manual, mas do outro lado ela aumentou totalmente, porque hoje a empresa produz 10 vezes mais do que produzia antes, então a mecanização ela veio para ajudar em muitas partes.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Permaneci.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Muitas pessoas foram para vários setores, pra dentro das indústrias, foi para outros setores, mesmos na mecanização, pessoas que tinha como trabalhar com mecânica eles colocaram, deram várias oportunidades, muita gente ficou [...] sim... eu fui colocado na parte da vinhaça na época, aí depois de 3 ou 4 anos aí voltou a montar turma de novo e eu voltei pro meu setor de novo, aí como houve um incentivo pra mim também que foi muito importante, que na época eles me deram, a empresa me deu a mudança de letra da carta, me deu coletivo, tudo por conta dela, eu tive um incentivo muito grande [...] eu já dirigia né, assim, eu já dirigia carro baixo essas coisa, mas aí*

como eu tive oportunidade aí eu entrei pra fazer a mudança de letra na autoescola, entrei pra fazer o coletivo e eles me cobriram tudo esses gastos pra mim, para mim poder assumir a turma.

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Sim, tive muito apoio dessa parte aí [...] tipo nosso setor né...que eles deram um apoio pra nóis, pra nóis poder voltar pra nossa parte de novo, montar mais turmas que nóis não tinha mais, entrou a gerência nova e pediu turmas e nóis montamos 4 turmas de uma vez só, da parte da rurícola, de setor manual nosso.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Sim, teve [...] a mudança de setor meu que eu não tinha qualificação como motorista, não tinha qualificação no coletivo e essas partes aí me deram tudo na época, pra mim foi muito bom.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Já mudei nessa época e to até hoje.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Sim.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Continuando trabalhando eu acredito, esse é meu plano entendeu? [...] a gente pretende subir de carreira, mas tem que ter mais estudo, o nosso estudo da gente é meio fraco, então as oportunidades que chegou já chegou até o topo já [...] a empresa é boa o salário não é ruim.*

Entrevistada 6

1. Idade

R:*73 anos*

2. Gênero

R: *Feminino*

3. Escolaridade

R: Ensino *Fundamental Incompleto*

4. Profissão

R: *Aposentada*

5. Cidade de origem

R: *Talhados-SP*

6. Você possui filhos?

R: *3 filhos*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *25 anos, no corte mais de 10 anos.*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Eu tive muito incentivo que eu ganhei até premiação de lá da firma né, porque a gente fazia o serviço tudo bem feito e eu cortava bem cana.*

Reformulei a pergunta sobre a qualificação e a resposta da entrevistada foi:

R: *Não, nunca teve.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Era um trabalho diário, de inchada, de carpir [...] fazia serviço geral, onde que mandava a gente ia, tinha que fazer [...] A gente cortava e fazia fileira e o guincho vinha e pegava né, assim, mas aí quando era corte pra trabaia assim era na inchada, a gente carpia o dia que não ia pro corte, era assim.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Pra gente mudou muito né [...] quando veio pa gente cortar cana a gente ficou perdido porque se não sabia que jeito que era né, mas depois a gente costumou e foi embora, e depois que parou assim a gente sentia falta o dia que não ia no corte, que no corte a gente ganhava bem né agora na diária se ganhava a diária seca.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Diminuiu bem, porque muitos nem sabia cortar, pessoa de idade, então pra eles foi muito difícil, aí foi pra diária e foi matar formiga, essas coisas né, aí pois num ônibus para dar serviço pra eles [...] a diária eles faziam um... uma diária assim né, que dá pra pessoa tirar mais ou menos, mas igual o corte tirava dois tanto no corte [...] a diária saia 10, 12 reais [...] tirava mais no corte. [...] eles só mudou assim, mas não mandar embora eles não mandaram não, só se a pessoa quisesse sair por conta, pedia conta né...*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Eu permaneci, precisava né [...] no setor daqui da Cruz Alta memo né.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Não...assim, aí a gente foi pra matar formiga, porque eles achou que nóis era em três mulher, então eles achou que era muito sofrido né, porque naquele tempo as máquina tava...se tinha que fazer canudo no meio daquelas cana pra elas poder entrar, aí eles achou melhor passar a gente pra diária e deixar só as máquina cortar [...] aquele resto que sobrava que as máquina deixava aqueles fundo do brejo a gente*

ia cortar, então era assim [...] bem dizer a gente não paro, ficou porque a gente ficava fazendo aquele resto de que a máquina deixava, era a gente que fazia, a turma nossa que ia fazer [...] ficava fazendo o serviço aí vinha o caminhão e pegava né, fazia os monte , eles ia pegando.

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não, não tive apoio, a gente saiu de lá né, que a gente trabaiou lá mas os patrão da gente o grandão lá se nem conheceu [...] era os fiscal que nem o (fulano) os outro fiscal, a gente conheceu muito eles, bem dizer, nossa, eles foi um amigão pra gente [...] não ... até eles também (fiscais) que comandava lá né, aí depois mandou eles embora que esses maquinário tudo, aí mandaram eles embora [...] mas só que eles vai no lanche da minha filha lá, eles pergunta de mim, tem muito incentivo pra gente.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não, eu aposentei. [...] eu fiz um curso assim de cortadora de cana, tem a pastilha que eles deram, mas só isso mesmo.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Aposentei e agora só curtir a aposentadoria (risadas) [..] eu criei meus filhos bem dizer lá, quando eu entrei nessa firma eu anda quatorze quilômetro pra pegar o caminhão de boia fria na rodovia [...] nóis saia de casa quatro hora pra pegar o caminhão seis e meia na rodovia[...] tinha que tá lá até às sete hora e ficava até as quatro e vinte, cinco horas.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Ah... dá pra remar né, mas não pode facilitar muito porque senão não dá, só que eu aposentei mais ou meno e eu tenho a pensão do marido também né, aí dá uma ajudinha.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Só Deus memo né (risos) [...] pela minha saúde que não é boa né, então só ele que sabe porque eu tenho dia que to assim tão ruim, mais tão ruim, que oia, eu falo meu deus do céu toma conta de mim, porque é muito alta (refere-se a diabete) tem que tá olhando né daqui e dali, então eu preocupo muito e eu não posso preocupar, agora memo eu to preocupado que meu genro marido da minha filha lá do lanche tá internado, internou ontem a noite, aí eu fico tão preocupada [...].*

Entrevistado 7

1. Idade

R: *32 anos*

2. Gênero

R: *Masculino*

3. Escolaridade

R: *Ensino Médio Completo*

4. Profissão

R: *Cortador de cana*

5. Cidade de origem

R: *Tavares - PB*

6. Você possui filhos?

R: *Não.*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *3 meses.*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Não, não.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Eu não sei te explicar não, sobre isso não, só sei que diminui bastante depois do mecanismo.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Ah... porque diminui né o trabalho, a matéria prima diminui pra 70%.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Ah...não sei explicar pro senhor não[...] diminui bastante.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Eu prestava serviço pra ela.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Eu nunca registrei nela mesmo, trabaiava pra terceiro e prestava serviço pra ela [..]* (nunca teve proposta para trabalhar lá.)

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Ah...tenho né, procurar uma melhora né.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Ah...fazer o que né, dá pra viver.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *O futuro a Deus pertence [...] eu queria voltar pra minha terra lá onde eu moro lá.*

Entrevistada 8

1. Idade

R: *67 anos*

2. Gênero

R: *Feminino*

3. Escolaridade

R: *Ensino Fundamental Incompleto*

4. Profissão

R: *Aposentada*

5. Cidade de origem

R: Olímpia

6. Você possui filhos?

R: *3*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R:*19 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Sim, tive [...] assim, quem cortava mais no fim do mês eles somava né aí dava um prêmio, ganhei muito prêmio, ganhei bicicleta, liquidificador.*

Pesquisador reforça a pergunta sobre a qualificação profissional, e a resposta foi:

R: " não, capacitação não".

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Corte manual né, era no facão [...] eu saia de casa cinco e meia né pra pegar o ônibus, sete hora começava e ia até três e vinte, era o horário normal, mas aí das vez passava, se queria caba porque tinha cana pra puxar a noite e aí nóis ... mas era pago [...] era a base de chuva, de sol, o quanto que eu trabalhei de chuva nas costa que até doía, porque as máquina tava atrás, se cortava um monte, a máquina catava, catava outra as máquina catava [...] levava lá pra usina porque a usina não podia parar.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Aí, nóis parou né, aí nóis só fazia o plantio, que depois mais pra frente também foi mecanizado, e... aí nóis fomo matar formiga na diária, passou pra diária, o salário diminui, porque nóis cortava por metro quanto mais nóis cortava mais ganhava, depois nóis foi pra diária podia fazer o tanto que fosse era aquilo [...] chegava na roça de manhã ele falava : "oh essa cana é tanto metro, se ganhava o que você cortava."*

Referente a diária a entrevistada falou que:

R: *Podia andar o dia inteiro que nem camelo véio, mas era aquilo que ganhava.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Muito, muito mesmo, porque aí eles foram né fazer outras coisa, aí não precisava mais né, era as máquinas, aí nóis ia pra diária, carpir, matar formiga é assim [...] impactou, porque no corte a gente ganhava mais, porque era por metro né?*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Eu permaneci, aposentei lá, trabaiei dois ano aposentada ainda, depois aí mandou embora, porque os aposentado eles cortou, chegou uma época cortou os aposentado e eu tava, mais trabalhei dois anos lá ainda aposentada.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Não, não propôs não [...] ói, cabou né as máquina chegou aí mandaram nóis pra outra turma, mandou nóis matar formiga, aí era andar e matar as formigas [...] aí passou a diária né, foi na diária [...] quem quis ficar ficou ... todo mundo ficou, só foi mandado dispensado foi quem aposentou.*

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não, não tive não.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Agora só fico em casa [...] aposentei, só em casa.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

Sobre a aposentadoria:

R: *“acho pouco né, mas vai fazer o que? ”*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Ah... é difícil hein...a mesma coisa né, porque aposentada não sai disso né [...] cuidando dos netos [...] já cuido dos três já faz tempo.*

Entrevistado 9

1. Idade

R: *62*

2. Gênero

R: *Masculino*

3. Escolaridade

R: *Ensino Fundamental Incompleto*

4. Profissão

R: *Rurícola e prestador de serviços gerais*

5. Cidade de origem

R: *Cedral*

6. Você possui filhos?

R: *2 filhos*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *17 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Não, teve, mas nóis não fizemos [...] teve um que fez, mas até ele já faleceu né [...] ele era pra tratorista né, pra trabalhar nas máquina, trator né.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Era queima né, primeiro né, e….carpia só carreador né, rancava arvinha no meio da cana, plantio era manual né, era cercado ca máquina e depois cortado com o facão e o povo plantava manual [...] era das sete às cinco né [...] plantava, limpava carreador, limpava o reflorestamento, cortava cana pra plantio [...] na região de Olímpia, né.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Pra mim mudou ... eu achei que foi uma grande coisa, pelo que te falei, o meio ambiente né, a poluição no ar né que atrapaia até a chuva né e as queimada que destruía as mata né, porque queimava a cana, pulava pras mata, queimava as mata, destruía tudo né, então foi uma grande coisa né.*

Reitero a pergunta:

R: *Eu pra mim achei bom, porque o serviço continuou né?*

Sobre a questão da saúde citada pelo entrevistado ele responde:

R: *Ah...melhorou muito, melhorou porque ali se respirava muito ar poluído né, cinza né que queimava aquela cana, se andava ali no meio, então aquilo não era bom pra quem tabaiava no meio ali, então achei que o mecanismo foi muito bom.*

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *É diminui assim, numa parte, um pouco diminui né, porque a máquina faz quase tudo né [...] é eles ficou assim mais no plantio né, o plantio manual né, limpação de cana, mato na cana né, arvinha, rancar arvinha no meio da cana, limpeza né [...] nóis memo cortava assim a hora que mais precisava né, não era sempre, mais era pra ajudar né, o nosso serviço era outro né, mas nóis cortava também, pra separar cana em viveiro, tinha os viveiro né, então cada tabelinha se tinha que cortar , contar as cana, marrá, era tudo bem organizado né, não podia misturar cana com outra cana.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Não eu não continuei por causo da pandemia né, no fim já tava com setenta e dois anos aí eles afastou nóis, dois anos, e depois mandou embora, dispensou [...] sessenta e poucos anos pra cima mandou embora, tudo embora.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Eu tive uma mudança do corte de cana e eu fui pruma chácara da usina né, usina não, uma terra que tinha arrendada, uma área grande aqui na vinte e três aqui[...] só que a área era dum fazendeiro, mas ele queria que mantesse ali onde tinha as casa, tudo limpo né, queria que cuidasse das casa, dos pomal que tinha perto das casa, então eu fiquei lá por onze anos [...] eles era obrigado a cuidar daquilo né, mas era pela empresa [...] ali eu plantava as coisa né [...] aí eu cuidava das sede, porque o dono não queria que abandonasse sabe, então até vencer o contrato que tinha, teve que cuidar, aí eu fiquei onze anos ali cuidando.*

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não deram.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Eu já mudei né.*

O pesquisador questionou como o entrevistado vê o trabalho de antes com o de hoje e obteve a seguinte resposta:

R: *Para mim o trabalho é os dois e ... que a gente é acostumado com o serviço pesado né... então não mudou né... [...] se for olhar hoje tá melhor né?*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Não*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *A minha visão é ainda trabaia mais um pouco [...] porque se eu ficar aqui parado eu acho que é pior, acostumado né? Eu não gosto de ficar aqui (na casa dele) [...] eu gosto de trabaia, isso é uma terapia né.*

Entrevistado 10

1. Idade

R: *43 anos*

2. Gênero

R: *Masculino*

3. Escolaridade

R: *Ensino Fundamental Completo*

4. Profissão

R: *Agricultor*

5. Cidade de origem

R: *Itabira - PE*

6. Você possui filhos?

R: *4 filhos*

7. Há quantos anos trabalhou no corte de cana-de-açúcar pelo Grupo Tereos?

R: *4 anos*

8. Teve incentivo dos usineiros em relação à sua qualificação profissional? Se sim, quais eles disponibilizaram? Você fez ou conhece alguém que fez?

R: *Sim teve, mas eu não aceitei não, porque meu estudo é pouco né, eu não quis não, acho melhor o corte memo [...] o pessoal que queria fazer o curso de mecânico, dava o nome sabe, se inscrevia e ia pra frente, eu não quis não.*

9. Como era desempenhado o trabalho na empresa antes da mecanização?

R: *Eu cortava cana queimada, aí ... 2013 aí acabou a cana né, entrou diária sabe e plantio, acabou cana queimada [...] eu cortava cana né, aí ... cana queimada e era aquilo, ganhava por mês, pagamento ótimo né [...] aí agora a gente fica rancando colonhão na roça sabe, e é isso.*

10. A vinda da mecanização pela empresa no corte de cana-de-açúcar representou quais mudanças para você?

R: *Mudou muito né, que a gente achava bom né... cortar cana, aí agora ficou mais ruim pra nóis, não gostei não, mais fazer o que né, ela pagava pra gente na diária também, uma diária boa, aí que nem eu te falei, acabou a produção, aí nóis era...aí ta bom também, paga certo então é isso que tenho a dizer dela* (referindo-se a empresa).

11. Você acredita que a mecanização do corte de cana-de-açúcar diminui o trabalho desempenhado pelos cortadores de cana? Se sim, quais?

R: *Muita gente né? Muita gente que cortava cana ficou desempregado, aí foram pra outros meio né, pedreiro, essas coisas né, cabou o négocio de cana e muita gente ficou sentindo muita falta né? [...] saiu muita gente, muita mesmo, vixe...bastante hein.*

12. Quais os motivos que não o levaram a permanecer na empresa após a utilização da mecanização?

R: *Eu saí por contrato né, meu contrato venceu aí eles queria me deixar efetivo, eu não quis sabe, eu saí, peguei meu acerto, aí eu sai.*

13. Foi proposto a você a recolocação em outro setor da empresa? Se sim, qual? Se não, quais os motivos que impediram essa recolocação?

R: *Não, só o da mecânica né [...] os cursos, o pessoal que queria foi .... eu não fui não, eu não quis sabe, eu achei melhor ficar no campo mesmo, aí venceu o contrato e eu saí.*

14. Você teve algum apoio dos usineiros após a perda do seu trabalho na empresa?

R: *Não, tive, é.…o pessoal depois queria que eu voltasse né e eu não quis mais voltar então... eu graças a Deus fui um ótimo funcionário, acredito que sim né, nunca mexi com justiça, com nenhuma empresa, nem ela e nem outra sabe, aí é isso... onde que vou sou bem-vindo sabe, graças a Deus.*

15. Depois da rescisão, teve algum incentivo de qualificação profissional pela empresa?

R: *Não, não.*

16. Tem a intenção de algum dia mudar de profissão ou já mudou?

R: *Mudei assim...pra laranja né? To na laranja, na colheita.*

17. Acha suficiente o salário que recebe pelo seu trabalho?

R: *Bom... é produção, é bom também, eu to gostando, tá igual a cana mesmo sabe [...] na colheita né (referente ao novo trabalho), produção também e.…paga por quinzena, é bom, tem um ticket também, igual usina mesmo.*

18. Como você se vê daqui há 5 anos?

R: *Daqui há 5 anos eu já to mais devagar né, to mais véio, eu acho que era bom de parar não é? [...] eu queria trabalhar pra mim pessoalmente sabe? A minha mulher trabalha com negócio de pão e bolos e eu queria pegar o ramo sabe? Ta na hora já né? Ta na hora da gente mudar.*